

Instituto Brasileiro de Ciências Criminais
Instituto Brasileiro de Ciências Criminais

SIRLEI FÁTIMA TAVARES ALVES

EFEITOS DA INTERNAÇÃO SOBRE A
PSICODINÂMICA DE ADOLESCENTES
AUTORES DE ATO INFRACIONAL



3500



SÃO PAULO
2005

© Desta edição – IBCCRIM

Produção Gráfica: Método Editoração e Editora Ltda.

Fone: (11) 3289-1366 – Fax: (11) 3262-4729

Capa: Lili Lungarezi – lililungarezi@uol.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Alves, Sirlei Fátima Tavares

Efeitos da internação sobre a psicodinâmica de adolescentes
autores de ato infracional / Sirlei Fátima Tavares Alves. – São Paulo :
Método, 2005

224p. : il. – (Monografias IBCCRIM ; 36)

Bibliografia

1. Delinqüentes juvenis – Psicologia. 2. Delinqüentes juvenis –
Assistência em instituição – Brasil. 3. Delinqüentes juvenis – Educação –
Brasil. 4. Delinqüentes juvenis – Reabilitação – Brasil. I. Título. II. Série.

05-3732. CDD 364.360981

CDU 364.27-053.6-058.56(81)

ISBN 85-99216-04-X

INSTITUTO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS CRIMINAIS (IBCCRIM)

Rua 11 de agosto, 52, 2.º andar

CEP 01018-010 – São Paulo, SP, Brasil

Tel.: (xx 55 11) 3105-4607 (tronco-chave)

<http://www.ibccrim.org.br> — e-mail: monografia@ibccrim.org.br

Tiragem: 5.000

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

2005

IBCCRIM – Diretoria para o biênio 2005/2006

Diretoria executiva

Presidente

Maurício Zanoide de Moraes

1.º Vice-Presidente

Maria Thereza Rocha de Assis Moura

2.º Vice-Presidente

Sérgio Mazina Martins

1.º Secretário

Tatiana Viggiani Bicudo

2.º Secretário

Theodomiro Dias Neto

1.º Tesoureiro

Roberto Maurício Genofre

2.º Tesoureiro

Ivan Martins Motta

Comissões especiais – Presidentes

Convênios

Mariângela Lopes Neistein

Estudos e Debates

Carmen Silvia de Moraes Barros

História

Rafael Mafei Rabelo Queiroz

Monografias

Angélica de Maria Mello de Almeida

Seminário Internacional

Theodomiro Dias Neto

Coordenadores – chefes dos Departamentos

Biblioteca

Cleunice Valentim Bastos Pitombo

Boletim

Mariângela Gama de Magalhães Gomes

Cursos

Carlos Alberto Pires Mendes

Estudos e Projetos Legislativos

Maria Elizabeth Queijo

Internet

Luís Fernando Camargo de Barros Vidal

Relações Internacionais

Marina Pinhão Coelho

Revista Brasileira de Ciências Criminais

Paula Bajer Fernandes Martins da Costa

Iniciação Científica

Marta Cristina Cury Saad Gimenes

Pós-Graduação

Alvino Augusto de Sá

Redes Internacionais

Flávia D'Ursi

Núcleo de Pesquisas

Renato Sérgio de Lima

Coordenadores Estaduais

Adeildo Nunes (PE), Adelino Marcon (PR), Ana Beatriz Baraúna Lopes (AM), Carmen da Costa Barros (DF), Daniela Carvalho Almeida da Costa (SE), Edmundo Oliveira (PA), Elmir Duclerc (BA), Fábio Roberto D'Ávila (RS), Fábio Trad (MS), Fabioli Monteconrado Ghidalevich (AM), Felipe Augusto Forte Negreiros Deodato (PB), Fernando Luiz Ximenes Rocha (CE), Flávio Augusto F. de Lima (PE), Franciele Silva Cardoso (GO), Felipe Cardoso M. de Oliveira (SC), Guilherme Costa Câmara (PB), Heloisa Estellita (DF), João Guilherme Lages Mendes (AP), Lena Rocha (RN), Liliane Cristina de Oliveira (MG), Luiz Antonio Bogo Chies (RS), Marcelo Leonardo (MG), Maria de Salete da Costa Maia (AC), Maria Lúcia Karam (RJ), Maurício Kuehne (PR), Nizardo Carneiro Leão (PE), Osvaldo Trigueiro Filho (PB), Paulo Vinícius Sportleder de Souza (RS), Selma P. de Santana (BA), Themis Maria Pacheco de Carvalho (MA), Vinícius de Toledo Piza Peluso (Belizada Santista)-(Regional), Walter B. Bittar (PR).

Comissão de Monografias Jurídicas – 2005

monografia@ibccrim.org.br – www.ibccrim.org.br

Presidente

Angélica de Maria Mello de Almeida

Membros da Comissão de Monografias

Alexandra Lebelson Szafir

Ana Lúcia Menezes Vieira

Andrei Koerner

Cláudio do Prado Amaral

Flávia Schilling

Flávio Américo Frassetto

Rafael Ramia Muneratti

Wânia Pasinato Izumino

9.º Concurso de Monografias Jurídicas – 2005

Presidente

Andrei Koerner

Membros da Comissão do Concurso de Monografias

Aury Lopes Jr.

Benedito Roberto Garcia Pozzer

Eduardo Reale Ferrari

Ela Wiecko Volkmer de Castilho

José Henrique Rodrigues Torres

Luís Antonio Francisco de Souza

Tadeu Antonio Dix Silva

Vinícius de Toledo Piza Peluso

Suplentes

Angélica de Maria Mello de Almeida

David Teixeira de Azevedo

Maria Thereza Rocha de Assis Moura

*Às crianças excluídas
e àqueles que lutam por seus direitos.
Aos meus pais, irmãos e sobrinhos.*

AGRADECIMENTOS

Ao publicar este livro, apresento minha dissertação de mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano que defendi no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 2001. Utilizo como instrumentos a observação de campo, entrevistas e técnicas projetivas: Procedimento de Desenhos-Estórias e Entrevista Psicodiagnóstica com os adolescentes e pais; diferentes profissionais da FEBEM-SP também foram entrevistados. Mantive o formato do trabalho acadêmico, com pequenas modificações, pois deixo ao leitor a proposta de uma interlocução com esses adolescentes por meio da linguagem expressiva de seus desenhos-estórias.

Compartilho também com o leitor muitas das questões suscitadas na minha prática profissional como psicóloga durante o tempo em que trabalhei na FEBEM-SP.

Ressalto a importância da Universidade na construção de uma sociedade mais justa, que possa oferecer por meio de suas produções acadêmicas, ações sociais reparadoras e preventivas das situações de exclusão social e de desnecessário sofrimento humano.

Quero agradecer a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

A Walkiria Helena Grant, minha orientadora, por auxiliar-me nesta construção.

Ao Prof. Sr. Walter Trinca, Ana Clara e Ruth, que me ensinaram a decifrar as mensagens e os afetos presentes na vida dos adolescentes internos da FEBEM-SP.

À Profa. Dra. Walquiria Helena Fonseca, que com sua energia de vida me ensinou a importância de um psicodiagnóstico.

Aos adolescentes internos da FEBEM-SP e a seus familiares que aceitaram participar da pesquisa.

À FEBEM-SP, que possibilitou a realização da pesquisa em suas unidade.

Aos meus colegas de orientação, por suas críticas construtivas e afeto.

Aos "Religiosos Terciários Capuchinos" e demais profissionais da Colômbia, que me acolheram para que eu pudesse coletar parte dos dados desta pesquisa nas cidades de Bogotá e Medellín.

E, finalmente, à CAPES, que forneceu o apoio financeiro, sem o qual eu não teria tido condições de realizar este trabalho.

PREFÁCIO ■

O livro de Sirlei Fátima Tavares Alves, que foi Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Psicologia da USP e que agora vem a lume, lança um olhar indagativo sobre os resultados de alguns projetos institucionais ditos reeducativos que se aplicam aos adolescentes privados de liberdade devido a práticas julgadas delituosas. O que nos informa esse olhar? Logo de início, os adolescentes que estão em grandes dificuldades com os pais, com a família, com o ambiente proximal e distal continuam a ter dificuldades com os dirigentes, com os técnicos e com os cuidadores institucionais. Mal preparada, a instituição recebe os impactos da tarefa em função do tipo de mente que ela se propõe a abrigar, mas reage, também, em função dos princípios, atitudes e valores da coletividade que ela representa. Ainda que haja boas intenções, a privação de liberdade nas condições observadas pela autora faz piorar a vida emocional desses adolescentes. Em vez de melhorá-la, desencadeia o que há neles de pior, constatação que questiona francamente a ideologia dominante na instituição total e que foi expressa pela autora nos seguintes termos: os métodos corretivos empregados suprimem parte da identidade pessoal dos adolescentes. A reclusão é por eles considerada uma punição, e não uma oportunidade para a reestruturação de vida e para o reequilíbrio emocional. Se os adolescentes não são vistos e não se vêem como sujeitos, tornam-se objetos no interior de um sistema. Nesse caso, o delito não chega a ser mentalmente elaborado, sendo incrementados os sentimentos de ódio e os desejos de vingança, com perigo de se enredarem ainda mais no processo anti-social. Esses resultados conduzem ao aumento dos níveis de tensão, à revolta e à rebelião.

O presente livro de Sirlei Alves vem recolocar a magna questão do significado de um programa reeducativo para esses adolescentes. Se a estrutura educacional vigente é inadequada, se há falta de projetos pedagógicos consistentes, se a privação de liberdade é no mínimo discutível, por onde se deveriam procurar as soluções? Seguramente, pendo a favor daqueles que acreditam que se deve começar pela vida mental. Interrogo-me sobre o que a Psicanálise tem a oferecer em relação a essa situação especial. Sem ser um truísmo, acredito sinceramente que a Psicanálise tem a oferecer, justamente, a compreensão do que se passa na mente.

Sabe-se que as crianças que passaram por privações precoces e por faltas básicas tendem a continuar pela vida afora marcadas por adversidades, sentimentos de solidão e de desamparo. No caso do comportamento anti-social, ao abandono afetivo da criança seguem-se sentimentos de humilhação, vergonha e perda de auto-estima. São mobilizados desprezo e hostilidade, inicialmente voltados contra ela própria como pessoa. Consciente ou inconscientemente, a criança considera-se inutilizada, invalidada e excluída. Sendo vítima de ataques que internamente a auto-invalidam, já não é senhora de seu próprio ser. No fundo, está distante de seu ser profundo, alijada de contato consigo. Há uma interrupção do fluxo no diálogo interior e uma perda no sentimento de existência própria. Se cresce o distanciamento de contato, poderá conduzir ao colapso das funções psíquicas. Por isso, essa criança faz alguma coisa para dissipar a angústia de auto-invalidação. O passo seguinte consiste em dirigir o ódio acumulado, que se volta contra as figuras primordiais, compondo uma interioridade explosiva. Mais tarde, na adolescência, o ódio e a revolta redirecionam-se para o mundo externo. A hostilidade e o desprezo dirigidos contra a própria pessoa passam a dirigir-se diretamente ao exterior, sendo endereçados aos demais como forma de vingança e de punição pelo que ela antes sofreu. Com a emergência desse redirecionamento, cria-se uma sensorialidade de preenchimento substitutivo ao vazio decorrente do distanciamento de contato com o *ser interior*. Em vez do contato com esse ser, temos uma sensorialidade que se nutre de ódio, de revolta e de desejos de vingança. Uma sensorialidade a que a pessoa recorre e que a poupa da experiência de grande fragilidade. Em estado de insegurança e de desamparo, o adoles-

cente lança mão de preenchimentos dos vazios existenciais por meio de distúrbios anti-sociais para não se afundar na angústia. Esses preenchimentos têm a ver com transformações em atos concretos dos desejos originais projetados nas vítimas das ações anti-sociais. O envolvimento com esse tipo de sensorialidade promove sentimentos de poder que se colocam no lugar do distanciamento de contato. No vazio de verdadeiro contato, sentir-se poderoso equivale ao preenchimento da falta de ser ele próprio. Muitas vezes, ser “alguém” corresponde ao emprego desse poder para fins cruéis, aliando o poder com a vingança — isso, porém, necessita de reconhecimento pelo grupo. Fato importante a ressaltar é que o *self* se repleta desses produtos, vindo a ser verdadeira cidadela ocupada pelo ódio. Formam-se estratos mentais baseados nessa sensorialidade específica que se deposita no *self*, tornando-o um núcleo saturado. Instala-se nele um novo modo de se caracterizar e de se afirmar baseado na destrutividade anti-social. Assim, para essa pessoa, as privações, faltas e dificuldades anteriores já não existem ou não fazem diferença, porque ela busca ser reconhecida de outro modo. Mas jamais é um modo vincular. Ao contrário, quando as noções de si mesmo são eclipsadas, o outro tem também sua existência diminuída como ser humano. Por isso, as relações tendem a ser frias e desumanas. Em graus, as forças obscuras que se opõem à vida encontram ocasião de prosperar.

Desse modo, podemos compreender o que Sirlei Alves descreve no presente livro: o ato infracional como preenchimento de um buraco deixado pelo distanciamento de contato do adolescente com seu próprio ser. Ao mesmo tempo em que ele se envolve com o ódio e a destrutividade, vinga no outro sua falta básica e privação afetiva. Algo que originalmente lhe foi indispensável, mas que hoje reluta em reconhecer. Na realidade, o adolescente que comete atos anti-sociais está sempre chorando a verdadeira vida que poderia ter vivido e que um dia veio a perder, sem saber como reencontrá-la. Esse é, contudo, o ponto de partida para qualquer tipo de aproximação psicoterapêutica que lhe seja dirigida. No atendimento psicológico, o profissional necessita partir da identificação do núcleo fundamental: *o ser interior*, que se distingue do *self* sensorial. O psicoterapeuta reconhece e clarifica aquele núcleo que, por dificuldades pregressas, a mãe ou quem cuidou

da criança não foi capaz de identificar ou o fez insuficientemente. Também assume a condição do olhar da mãe, que efetivamente reconhece o ser da criança, fazendo-a sentir-se viva, real e verdadeira. Quem mais poderia identificar o ser profundo desse adolescente, em vez de olhá-lo sob o prisma da delinquência? Todos aqueles que participam do processo: juízes, educadores, responsáveis pelas instituições, assistentes sociais, funcionários administrativos etc. O principal engano institucional costuma se centralizar no fato de que, ao internar o adolescente, ele esteja de posse do contato com seu ser. Na verdade, essa é uma conquista a ser alcançada; por causa disso, os vínculos lhe são precários e difíceis. Para que passe a ter um lugar na comunidade dos seres humanos, é preciso que cada pessoa que dele se aproxime e dele cuide reconheça-o pelo ser que ele é. Mas, para isso, é indispensável que esses participantes se considerem, também, com base no *ser interior* que intrinsecamente possuem. Tal como consigo ler, esse é o cerne do excelente livro escrito por Sirlei Alves, cuja discussão se torna obrigatória pela atualidade e relevância do assunto.

São Paulo (SP), outubro de 2005.

Walter Trinca

Professor Titular do Instituto de Psicologia da USP e
Psicanalista (Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de São Paulo).

SUMÁRIO ■

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	19
1. NOSSA EXPERIÊNCIA ANTERIOR	23
1.1 Os Adolescentes do Interior	31
1.2 Relato de um atendimento de adolescente na medida socioeducativa de Liberdade Assistida – L.A.	36
1.3 Estudo de caso de um adolescente com medida socioeducativa de Internação	40
1.4 As Mães	43
1.5 O trabalho com educadores	44
2. ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A DELINQUÊNCIA	45
2.1 A Incidência da Delinquência	45
2.2 Compreendendo a Delinquência	47
2.2.1 Pensando a Delinquência com Lacan	52
2.2.2 Pensando a Delinquência com Melman	53
2.2.3 Pensando a Delinquência com Winnicott	56
2.3 As instituições totais	60
3. FEBEM – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	65
3.1 A Cristalização de Ações no Interior da FEBEM-SP	72
3.2 Perfil do Sistema Institucional de Atendimento ao Adolescente Infrator na Colômbia	75

3.2.1 As Instituições	75
4. INSTRUMENTOS E MÉTODOS	81
4.1 Instrumentos	81
4.1.1 Prontuário do adolescente	84
4.1.2 Entrevistas com adolescentes e profissionais	84
4.1.3 Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca	85
4.1.4 Avaliação	87
4.1.5 Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD)	88
4.1.6 Entrevista de Anamnese	90
4.1.7 Devolutiva	90
4.1.8 Estabelecimento do <i>Setting</i>	90
4.2 Sujeitos	91
4.3 Operacionalização da Pesquisa	92
4.4 As Unidades da Pesquisa	96
4.5 Aplicação do Material	97
4.6 Análises dos Dados	97
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	187
5.1. O uso do Procedimento Desenhos-Estórias (D-E) com os adolescentes reclusos	199
5.2. Entrevista Familiar Diagnóstica	201
6. CONCLUSÕES	203
BIBLIOGRAFIA	217
RELAÇÃO DAS MONOGRAFIAS PUBLICADAS	221

APRESENTAÇÃO ■

O tema do menor infrator tem tomado espaço entre os profissionais de saúde e educação, além de ser um dos maiores problemas de segurança pública que o país enfrenta atualmente.

Sirlei Fátima Tavares Alves reuniu sua experiência como psicóloga e pesquisadora para apresentar as narrativas de três adolescentes, que cometeram um primeiro delito, recém-chegados à FEBEM – Fundação do Bem-Estar do Menor de São Paulo.

Os leitores irão acompanhar nas páginas desta obra o histórico da FEBEM, algumas reflexões sobre a instituição e o olhar de uma psicóloga na escuta de um grupo de adolescentes internos utilizando como referencial o diagnóstico psicológico do tipo compreensivo de Walter Trinca.

Sirlei desenvolveu esta obra a partir de sua Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Psicologia da USP de São Paulo, intitulada *Efeitos da internação sobre a psicodinâmica de adolescentes autores de ato infracional*. Procedeu a um estudo exaustivo de análise e interpretação de Desenhos Temáticos feitos por esses adolescentes, acrescido de entrevistas com os jovens e seus familiares. Na Dissertação, a Autora selecionou três casos para a apresentação dos resultados, mostrando as alterações psíquicas nos adolescentes pesquisados durante um período de seis meses de internação.

A Autora contribui assim, com sua visão de psicóloga clínica, para o estudo de um tema sobre o qual existe pouca ou nenhuma bibliografia disponível na literatura. Sirlei teve o cuidado de supervisionar cada elemento dos desenhos e histórias coletados, analisá-los sob o ponto de vista da vida da instituição e desses

adolescentes, para posteriormente proceder à análise e interpretação técnicas dos resultados obtidos.

Sirlei teve desde o primeiro momento a coragem de enfrentar o desafio da tarefa a que se propôs, e soube manter com equilíbrio e rigor o diálogo e a aplicação dos instrumentos técnicos utilizados, conferindo à obra o cunho de cientificidade necessário a um livro dessa natureza.

Os dados apresentados se expandem além dos prontuários individuais dos internos. A Autora nos mostra que a primeira internação do adolescente na instituição é o melhor momento para investir em sua recuperação e que, após esse período, há uma adaptação ao ambiente prisional e uma perda do referencial familiar. Após o período de seis meses, os adolescentes já apresentavam experiências vividas num contexto de agressividade e uma identificação com seus agressores no novo ambiente. Esses resultados estão claramente representados nos Desenhos Temáticos realizados pelos internos estudados.

Ampliando os limites de uma nosologia tradicional, Sirlei mostra que as características do próprio contexto da instituição promovem e potencializam as alterações psíquicas nesses adolescentes, facilitando o desencadeamento e o envolvimento em comportamentos agressivos e anti-sociais. Ou seja, nem todo adolescente infrator é inerentemente um psicopata.

Apesar de alguns esforços dos agentes institucionais, não há práticas pedagógicas e socioeducativas suficientes para uma alteração nos resultados apresentados. Sirlei mostra os esforços pontuais de profissionais como ela, que investem nos estudos e na elaboração de programas articulados com os objetivos institucionais, para a criação de medidas de intervenção em consonância com as premissas legais e pedagógicas.

As demandas da sociedade civil por mais segurança, aliadas aos resultados apresentados e sistematizados por Sirlei com seu olhar atento e responsável de psicóloga e pesquisadora, instigam ainda mais a criação e implementação urgente de modelos que atendam, no mínimo, aos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Enquanto psicóloga, apresento com satisfação uma obra em que a Autora insere com consistência o profissional de Psicologia como agente de humanização e de inclusão, cumprindo também o papel de transformador no contexto institucional apresentado.

Walquiria Fonseca Duarte

Psicóloga.

Docente do Instituto de Psicologia da USP-SP.

Diretora da Faculdade de Psicologia da Universidade de
Santo Amaro (UNISA).

INTRODUÇÃO ■

Nossa experiência profissional com adolescentes autores de ato infracional motivou-nos a investigar uma das medidas socio-educativas: a internação. A escolha por esse tema foi decorrente de uma interrogação, a de que a internação – determinada pelo sistema judiciário – de adolescentes de nossa sociedade é um fato e acreditamos que produza conseqüências na vida desses sujeitos.

Dessa forma, propomo-nos a investigar e compreender alguns aspectos da dinâmica intrapsíquica durante o período de privação de liberdade, com a finalidade de levantar informações desse processo pouco conhecido e suas implicações na subjetividade do adolescente.

Nossa primeira hipótese de trabalho é de que a internação contribui para um agravamento de aspectos emocionais presentes no início da internação.

A realização de um psicodiagnóstico no início e após seis meses de internação nos possibilitará conhecer como esse adolescente, a partir de seu ponto de vista e não da instituição, vivencia essa experiência de internação na FEBEM-SP e quais as conseqüências na subjetividade do adolescente.

A constatação do que consiste a eficácia ou ineficácia desse atendimento poderá auxiliar o adolescente na transposição de seu conflito com a lei.

Atribuímos uma importância além do discurso da pobreza como único determinante a indicar as causas da prática de delitos, como apontam as pesquisas sociológicas de cunho marxista, pois concebemos esse adolescente também como agente de violência,

como sujeito de direito, sujeito de sua própria história e, portanto, capaz de responsabilizar-se pelo próprio inconsciente.

Além disso, na revisão bibliográfica referente às pesquisas sobre a instituição FEBEM-SP e a população por ela atendida, encontramos estudos referentes às causas da delinquência, centralizados em uma abordagem sociológica e, em outra, interacionista. No entanto, na psicanálise, diversos autores pesquisaram a questão da conduta anti-social.

A escassez de pesquisas empíricas com essa população da FEBEM-SP contribui para o desconhecimento tanto da subjetividade dos adolescentes autores de ato infracional, como das consequências da internação.

A deficiência de psicodiagnóstico e prognóstico, na fase inicial da institucionalização, faz com que um elevado número de adolescentes seja encaminhado para internação pela instância judiciária, como forma de reeducação e correção de suas condutas anti-sociais, desconsiderando-se outras possibilidades de reeducação em meio aberto, ou seja, diante do ato infracional não se questiona quem é o sujeito que o realiza.

Elaboramos este estudo com o objetivo de investigar as alterações na psicodinâmica durante seis meses de internação, em três adolescentes do sexo masculino autores de ato infracional, sem o cometimento de homicídio, sem déficit mental ou comprometimento psiquiátrico, primários, com idades de 14, 15 e 17 anos.

Para tanto, realizamos o psicodiagnóstico no início e término desse período de seis meses, com a finalidade de levantar informações deste processo pouco conhecido e suas implicações no desenvolvimento da personalidade. Tem-se a expectativa de que o processo de internação seja equivalente e corresponda a uma ressocialização, que permita ao sujeito sair da vida delitiva, encontrar novos ideais e outra forma de conviver em sociedade.

Hipotetizamos que a partir do psicodiagnóstico é possível verificarmos se há alteração na dinâmica psíquica dos internos, analisando os pontos mais vulneráveis às mudanças e aqueles mais resistentes a alterações.

No Capítulo 1, item 1.1 descreveremos nossa experiência com os adolescentes autores de ato infracional, e no Capítulo 2 apresentaremos os aspectos teóricos sobre a delinquência e instituições totais, a partir da concepção de alguns autores. Incluiremos alguns pensadores da escola francesa de psicanálise, que discursam sobre sintoma social e sintoma do indivíduo.

No Capítulo 3, apresentaremos uma breve contextualização histórica da FEBEM-SP. Como contraponto às instituições brasileiras, apresentamos um perfil das instituições da Colômbia que também se ocupam de delinquência juvenil.

No Capítulo 4, abordaremos a questão da Metodologia utilizada, apresentando o material de pesquisa, as entrevistas com três adolescentes, seus familiares, corpo de profissionais da FEBEM-SP, Procedimento Desenhos-Estórias e seus resultados.

Nos Capítulos 5 e 6, apresentaremos nossa conclusão baseada no estudo dos casos, observações no ambiente e relações institucionais.

Os resultados desse estudo podem trazer algumas reflexões e maior fundamentação em trabalhos desenvolvidos por profissionais de Psicologia que atuam junto à área da instância jurídica e do Direito, instituições envolvidas na questão da infância e adolescência, escolas e família; um estudo que não se esgota em si mesmo, mas que relança novas discussões e pesquisas.

NOSSA EXPERIÊNCIA ANTERIOR

SUMÁRIO: 1.1 Os Adolescentes do Interior – 1.2 Relato de um atendimento de adolescente na medida socioeducativa de Liberdade Assistida – L.A. – 1.3 Estudo de caso de um adolescente com medida socioeducativa de Internação – 1.4 As Mães – 1.5 O trabalho com educadores.

Anteriormente ao ano de 1996, nossa experiência profissional estava limitada a duas populações atendidas pela instituição: bebês e grupos de irmãos, que seriam colocados em adoção ou retornariam à família de origem, e adolescentes autores de ato infracional em medida socioeducativa de Liberdade Assistida.

O interesse por essa temática reafirmou-se em 1996, quando passamos a trabalhar por sete meses com adolescentes internados na Unidade de Internação Y (UIY) – Complexo Tatuapé, Circuito Grave, da FEBEM-SP –, locais para onde vão os adolescentes, por ordem judicial, e onde se dá uma intervenção socioeducativa em decorrência do conflito deles com a Lei. O adolescente perde sua liberdade de ir e vir num intervalo de seis meses a três anos, a qual não é determinada *a priori* pelo Juiz e sim pelo resultado das avaliações feitas pelos profissionais que atendem à essa população.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, são previstas as seguintes medidas socioeducativas para os adolescentes autores de ato infracional: Advertência; Obrigação de Reparar o Dano; Prestação de Serviços à Comunidade; Liberdade Assistida; Inserção em Regime de Semiliberdade e Internação em

Estabelecimento Educacional. No ECA os delitos são denominados de ato infracional.

Na UIY além de nos depararmos com uma outra estrutura institucional, funcionalmente diferente da estrutura e organização do programa de Liberdade Assistida, constatamos nos adolescentes a presença de conflitos afetivos com figuras parentais, com perdas afetivas, dificuldades neurológicas e fonoaudiológicas, dificuldades de aprendizagem escolar, e no contato consigo mesmos pudemos constatar um empobrecimento. A partir das verbalizações dos adolescentes, fomos percebendo que, em muitos casos, não era a estrutura de personalidade o principal imperativo no cometimento de delitos, mas, sim, outros fatores que poderiam estar ligados às relações objetais desde a infância, quer na família, quer na escola, na atenção à sua saúde e outros, mas que foram suficientemente marcantes na constituição da subjetividade da criança. As figuras que acabam marcando a subjetividade, acabam por se incorporar à estrutura de personalidade.

As relações da instituição com os adolescentes sob seus cuidados transpareciam estar fortemente inseridas no registro da repressão e do autoritarismo com uma desconsideração para com o adolescente e sua família, o que nos levou a questionar a categoria atribuída a eles como grave e a indagar sobre a ausência de um psicodiagnóstico processual¹ na instituição como um todo, no qual pudesse auxiliá-los em seu percurso de vida. As relações institucionais estabelecidas nos parâmetros da repressão e do autoritarismo, em nossa percepção, foram mais uma sobreposição aos aspectos afetivos com que os adolescentes tinham de se deparar, impedindo o *timing* e a reorganização psicológica deles, para que pudessem dar novos sentidos para suas vidas.

Constatamos que quando os adolescentes ingressavam na instituição, não conseguiam compreender o que os tinha levado a infracionar, embora conseguissem discernir que o ato praticado

¹ No diagnóstico processual a preocupação central não é a classificação dentro de uma determinada categoria diagnóstica e teste psicológico, mas sim a consideração de todos os dados presentes em um estudo de caso, como as entrevistas clínicas, anamnese, testes, observações e procedimentos de investigação clínica da personalidade.

era uma transgressão. A resposta a tal questão era um “não sei”. Alguns respondiam que era devido às más companhias, atribuindo seu ato a causas externas e alheias a si. Outros contavam que era para comprar drogas, roupas de grife, ir a bailes ou pagar despesas para os colegas, ter garotas, ou por não conseguir viver com a falta de objetos que lhes podiam dar algum *status*.

Do lado das famílias, muitas só tomavam conhecimento do envolvimento do filho em situações conflitivas com a Lei quando ele já se encontrava apreendido e eram convocadas a comparecer aos órgãos institucionais. Havia entre pais e filhos um descompasso, algo da ordem de um desconhecimento entre o que o filho dizia em casa e o que ele fazia fora.

Por isso, acreditamos que a inclusão da família, enquanto outra instituição significativa, como aquela que produz as matrizes de referenciais, de identificação e de relações intersubjetivas, desempenha um papel estruturante na formação da personalidade a partir das relações pais-filhos.

Em entrevistas, para as quais eram convocados os pais, a mãe era a figura mais presente. Muitas negavam o envolvimento do filho em situação de delito, atribuindo à influência de más companhias, pois o adolescente sempre era um bom filho, obediente, tendo trabalhado em diversos lugares. É a imagem que construiu do filho, não aceitando outra.

As mães faziam queixas da dificuldade de colocar limites e da não aceitação dos conselhos por parte dos filhos, por exemplo: para não se envolverem com más companhias. Percebiam que suas falas não tinham efeito, não produziam interditos.

No momento da apreensão, a figura da mãe revelava ser de grande importância na vida desses adolescentes. Era a ela e não ao pai que se dirigiam. Sobre ela sabiam: sua data de nascimento, local de trabalho etc. Do pai pouco sabiam, mesmo quando a família tinha a configuração nuclear, ou seja, composta por pai e mãe.

Observamos serem freqüentes, como algumas das causas dos envolvimento em delitos, as brigas familiares, envolvimento com grupos em atividades ilegais, situação econômica precária, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, exclusão escolar e falta

de participação comunitária. Não era raro o envolvimento em delito começar logo após a morte de uma figura significativa para o adolescente, ou medo de que a figura parental ou significativa para si, amada e de quem depende, viesse a morrer antes de se sentir preparado para enfrentar a vida. Esses fatores, do contexto externo do sujeito, podiam se aliar a fatores psíquicos, ligados a necessidades narcísicas, como a necessidade de ser valorizado, pertencer a uma coletividade, a partir, por exemplo, do uso de um tênis de marca.

Muitos desses adolescentes apresentavam dificuldades de adaptação escolar e nas interações com as demais crianças, sendo suas relações marcadas por conflitos de heteroagressão. Geralmente procuravam se impor ao outro por meio da ameaça e do medo. Também os conflitos com as figuras de autoridade escolar estavam presentes, culminando em expulsão devido à indisciplina e às brigas com os colegas. A exclusão do meio formal de educação contribuiu para a baixa escolaridade verificada nessa população e o ingresso na delinquência.

Nossas instituições – a escolar, a médica, a familiar, a jurídica e o Estado, como aquele que garante os direitos individuais e coletivos – de algum modo falharam na continência ao sujeito, na medida em que não puderam oferecer um significante que pusesse limite a um gozo em excesso.

Encontramos, assim, dentro da delinquência, dois discursos: um subjetivo e outro coletivo, compondo, na temporalidade, uma articulação entre si, nem sempre fácil de deslindar e cujo resultado é tornar o sujeito um estrangeiro de seu desejo e de seu lugar na coletividade.

A avaliação pela qual os adolescentes eram submetidos, quando de seu ingresso, baseava-se em uma “impressão diagnóstica” realizada por meio de entrevistas. A ausência de uma avaliação diagnóstica, por meio de testes psicológicos² ou outros procedimentos de investigação clínica da personalidade, redundava em menor fidedignidade dos pareceres técnicos. Sabemos da importância que uma entrevista bem conduzida possa ter na obtenção

² Anastasi (1997, p. 24) define um teste psicológico como sendo “...fundamentalmente, uma medida objetiva e padronizada do comportamento”.

de dados, mas são inúmeros os profissionais dentro da instituição, suas formações são distintas e nem sempre pudemos ter controle do fator “relação transferencial”, entre o psicólogo e o adolescente.

Ao sairmos do Programa de Liberdade Assistida, fomos trabalhar com a medida socioeducativa de Internação em uma unidade de internação situada no Complexo Imigrantes. Essa unidade atendia 100 adolescentes primários médios e alguns graves, divididos em quatro casas: Alfa, Beta, Caminhar e Arco-Íris. Esse número de adolescentes era respeitado.

Cada casa servia de progressão para a seguinte, pois cada uma possuía um programa que o adolescente deveria cumprir. Os adolescentes chegavam na 1.^a casa e, após cumprirem o programa pedagógico, passavam para a 2.^a e assim sucessivamente até a 4.^a e última casa, onde aguardavam a decisão judicial para a desinternação.

Cada casa possuía um corpo técnico que era formado por um assistente social ou um psicólogo. Fomos designados para ficar como técnica da 3.^a e 4.^a casas. Na 3.^a casa era o momento em que se fazia o relatório conclusivo. Para a conclusão do relatório era necessário colocar todos os dados da família e do adolescente trabalhados pelos profissionais dos programas anteriores. Essa tarefa era dificultada pela quase ausência de registro de informações qualitativas sobre o adolescente e sua família, nos relatórios técnicos anteriores, não existiam indicadores dos trabalhos realizados. Além disso, muitos adolescentes não tinham relatórios técnicos em seus prontuários, mesmo já estando há mais de seis meses na casa. O total de casos era sessenta, que se foram somando a outros, na medida em que um adolescente ia sendo liberado.

O ECA prevê a avaliação da medida socioeducativa a cada seis meses. Entretanto, alguns juízes pediam relatórios mensais, bimestrais, quadrimestrais e semestrais. O semestral é instituído por lei. Os demais representam uma forma variante dessa lei, e permitem a avaliação do caso antes do período de seis meses, possibilitando ao técnico apresentar, mediante um estudo de caso, relatório técnico com sugestões, por exemplo, para uma desinternação.

A sala do técnico ficava dentro das casas, ou seja não ficava separada das demais salas e dos quartos dos adolescentes. O que não acontecia nas demais unidades da FEBEM-SP.

A situação de ansiedade dos adolescentes era extrema. Era tão alta e desagregadora, que mesmo um adolescente recebendo a mesma informação várias vezes não conseguia retê-la.

Mesmo estando dentro da casa, o profissional devia manter sua função técnica, trabalhando o adolescente em conflito com a lei e sua relação com o ato anti-social, sua família e coletividade, não podendo esquecer que como o adolescente estava *sub judice* era muito difícil ele se abrir e confiar, ficando no discurso o que a instituição queria ouvir. Um discurso encobridor de questões mais profundas de sua vida e das motivações de sua vivência infracional.

Neste momento de chegada na instituição tudo parecia um caos. Além disso, fomos designados para cumprir dois papéis nas duas casas: um papel de psicólogo e um papel de assistente social, já que nas duas últimas casas não contavam com esses técnicos.

Para ordenar os trabalhos foi necessário organizar cada tarefa. Fazer reuniões com os adolescentes e funcionários, fazer reuniões grupais com os pais, fazer leitura de cada prontuário para saber em que situação estava. Elaborar uma agenda de atendimento, por meio de um quadro, onde constava o nome dos adolescentes e as providências técnicas tomadas no caso, dia a dia, até o final do mês. Começamos pelos adolescentes que estavam há mais tempo na instituição e na última casa, prestes a serem desinternados.

Dentre outros fatores, para fundamentar os relatórios psicológicos, começamos a utilizar o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) e visitas domiciliares.

Consideramos, nas entrevistas clínicas, a relação do adolescente com seus vínculos familiares, projetos de vida, agressividade, impulsividade, impulsos destrutivos e impulsos amorosos, aspectos saudáveis presentes em sua personalidade, reações à internação do ponto de vista do adolescente, já que as expectativas da instituição podem ser muito discrepantes com as necessidades do adolescente.

Ali também se confirmou, para nós, que a delinquência é um traço e não uma estrutura de personalidade, e que a conduta anti-social nos diz algo. As indisciplinas apresentadas pelos adolescentes muitas vezes eram reações às incongruências e ambigüidades presentes no campo relacional e na dinâmica do contexto institucional, que, por vezes, em sua ação ia além da sentença proferida

pelo Poder Judiciário. Não bastava a alguns exercer seu papel de educador, mas também ter a posse total do outro, uma subjugação e submissão a um tipo de poder que se propõe totalitário, aplicado através da figura de alguns profissionais.

Muitas vezes os trabalhadores impunham medidas disciplinares rígidas, por exemplo: os adolescentes ficarem até trinta dias no “quarto de reflexão”, por fatos não tão graves, que poderiam ser trabalhados de outra maneira.

A forma de disciplina mudava de acordo com os “peixinhos” e com a visão dos profissionais sobre o adolescente. Quando o adolescente era nomeado pelos profissionais como “estruturado”, quer dizer que possuía vivência no mundo infracional, com predisposição voltada para essas ações, com vulgo, gangue e tudo mais, sofria mais severidade, ou não, dependendo do temor que inspirava aos outros. Muitas vezes era suficiente o número de Boletins de Ocorrência (BO) para ser nomeado como “estruturado”, “bandidão”. Adolescentes com vários BOs eram passíveis de serem incluídos nessa categoria.

Era na primeira casa, a de ingresso na Unidade, que as tentativas de fuga ocorriam mais. Os adolescentes que tentavam a fuga eram aqueles recém-encaminhados pelas UAP's. Os adolescentes alegavam que fugiam porque queriam voltar para suas casas, seus familiares e por querer “liberdade”.

Nos casos de fugas e agressões graves, o adolescente ficava isolado em um cômodo, o “quarto de reflexão”, construído para essa finalidade.

Para receber tal sanção, o adolescente passava por um Conselho de Disciplina, em que participavam o diretor, o encarregado técnico, o coordenador do módulo, o técnico e a monitoria. Todos teriam que chegar a um consenso e ouvir a versão do adolescente. Chegada a uma conclusão, o resultado era informado ao adolescente, bem como o tempo que duraria a sanção.

Para a disciplinarização dos adolescentes e para a progressão de um programa para outro existia uma grade de pontuação, uma tabela com o nome do adolescente e suas notas em quatro áreas, nas quais o adolescente teria que corresponder com a nota acima de sete.

Na Unidade, uma das suas diretrizes era proporcionar ao adolescente a participação em atividades externas à instituição, com autorização da instância judiciária. Como atividades externas os adolescentes participavam de seminários, competições esportivas e de música, cursos profissionalizantes, escolarização formal, lazer como ida a parques, exposições, cinemas, museus e teatros, atividades em outras entidades.

A fase de espera da definição do Poder Judiciário, em face do relatório conclusivo, é um dos períodos mais críticos, além de um período prolongado de internação. Cheios de angústias, os adolescentes dessa Unidade apresentavam condutas em que demonstravam não suportar mais a internação, alguns tentavam suicídio, brigavam com os outros, apresentavam quadros de depressão. Outros adolescentes, após a ida de seu relatório conclusivo, apresentavam uma revolta consciente ou inconsciente por estarem ali tanto tempo, longe de seus familiares. Tentavam anular as aquisições recebidas por meio das atividades pedagógicas e cursos profissionalizantes. Apresentavam comportamentos que atacavam a instituição, como não querer limpar seus quartos, não ir à escola, confrontar educadores, voltarem a comer na "quentinha" em vez do prato, a ir contra as normas estabelecidas. Do ponto de vista mental os adolescentes apresentavam uma revolta pelas privações sofridas.

Esse momento impunha um atendimento individualizado constante, a fim de oferecer-lhes suporte emocional, pois é o momento de separação com os vínculos estabelecidos naquele ambiente e preparação para o retorno para sua família e comunidade.

O medo de enfrentarem o novo e de voltar a infracionar quando em liberdade era um discurso presente na maioria dos adolescentes. Era, pois, um momento de tomarem posse de sua vivência, de validar para si os potenciais construtivos. Um momento de confronto consigo mesmo e, ao mesmo tempo, de ampliar sua consciência de que em suas vidas existem outras possibilidades que não somente a via do ato infracional.

Nesta última casa, apesar da espera, raramente depredavam a Unidade, pois quem cuidava da preservação e manutenção eram eles próprios.

Acrescentamos que essa Unidade sobreviveu a duas grandes rebeliões, sem sofrer sequer uma quebra de vidro de uma de suas

janelas, quer pelos adolescentes que nela estavam ou os demais do Complexo Imigrantes. É um dos poucos prédios que permanecem, após a destruição do Complexo Imigrantes por tratores, conforme apresentado pela televisão.

1.1 OS ADOLESCENTES DO INTERIOR

Os adolescentes, oriundos das Comarcas do Interior de São Paulo, consistiam na grande maioria da população internada.

Para eles a angústia era ainda maior. Sem visitas por meses, devido à dificuldade econômica das famílias e à distância, apenas com contato telefônico semanal. Em seus prontuários muitos Boletins de Ocorrência de sua própria cidade ou de outras Comarcas. O índice de roubo ao patrimônio era alto, indicador de uma situação social: a pauperização.

Em um dos prontuários constava pelo menos trinta passagens por delegacias, devido a roubos a supermercados, arrombamento de casa e outros. Nenhum com agressão à vítima. Não raro nos relatórios técnicos do Judiciário constavam temas da família e uma avaliação psicológica, que em sua maioria demonstravam não haver avaliação da dinâmica subjetiva dos adolescentes, indícios de patologias graves. O relatório social apontava para uma exclusão social e pauperização. A dinâmica familiar era entendida como “desestruturada”. A mãe era representada como sendo uma “pessoa pouco disponível para as orientações, não presente na educação dos filhos”.

A história de grande parte desses adolescentes e de suas famílias demonstrava que já haviam trabalhado na lavoura como bóias-frias em colheitas, recebendo um salário mínimo por mês ou menos, e, não raro, as crianças começavam a trabalhar a partir dos sete anos e, às vezes, antes, não tendo acesso à escola.

Para os adolescentes do Interior de São Paulo introduzimos, por meio de um ofício enviado aos postos de Liberdade Assistida das cidades do Interior, a solicitação de visita familiar a essas famílias, bem como inseri-las em algum tipo de ajuda financeira ou das Prefeituras, que facilitasse as visitas, pelo menos bimestrais, para seus filhos em São Paulo. Depois de dois a três meses as famílias começaram a chegar, com a ajuda da DAMC – Divisão de Apoio ao Menor na Comunidade, uma divisão da FEBEM-SP,

responsável pela execução da medida socioeducativa de Liberdade Assistida na Capital e no Interior. Graças aos trabalhos desses profissionais, muitos jovens puderam receber a visita de suas famílias, e estas por sua vez foram inseridas dentro dos poucos recursos comunitários de sua região.

A não aceitação por parte de algumas cidades do Interior, de construção de Unidades da FEBEM-SP, fez com que nesse período um número significativo de adolescentes cumprissem sua medida de internação na Capital, fator que contribuiu para o afastamento e fragilização do vínculo familiar.

Algumas cidades possuíam três adolescentes internados na FEBEM-SP, sem homicídio, mas muitas passagens pelo sistema judiciário, cujos BOs demonstravam um crescente envolvimento com a prática delitiva. Entretanto, os documentos do Judiciário da Comarca desses adolescentes expunham tão-somente a aplicação de medidas socioeducativas e alguns relatórios técnicos superficiais que não davam um diagnóstico que auxiliasse na leitura e compreensão da psicodinâmica para fins de tratamento e prevenção.

O medo de perder algum familiar durante o período de internação era um sentimento de todos. Para os adolescentes da Capital ainda era possível comparecer ao enterro, realizar seu ritual de despedida para com aquele ente querido, mas para os adolescentes do Interior era uma impossibilidade. Quando isso acontecia, todos os adolescentes da casa sofriam e eram extremamente solidários para com o adolescente enlutado.

Todas as pessoas compreendem um mapa e a ele recorrem quando estão em um local e querem chegar a outro. Primeiro, olhamos o mapa e nos localizamos. Dizemos estamos aqui e queremos ir para lá. Para isso temos que fazer um percurso.

Trabalhar com o adolescente e suas famílias é construir e olhar o "mapa" em que eles se encontram, perceber os fatores facilitadores e os impeditivos do crescimento de seus membros e saber, junto com eles, aonde queremos chegar. Em todas as famílias que conhecemos nesse sistema de trabalho institucional, quer estivessem sob condições financeiras prejudiciais ou não, num maior ou menor grau de fantasias patológicas, sempre estiveram presentes os impulsos construtivos, a pulsão de vida e a busca de suplantar suas dificuldades.

Compreendemos que o “mapa” da família nos permite transitar por diversas vias, em seus ajustamentos criativos, disfuncionais ou funcionais. Nossa intervenção é uma ajuda valiosa para auxiliar a família a dar partida para novos rumos, em vez de estar ali naquele ponto, por vezes confuso, e sem saber exatamente onde está. De que adiantaria olharmos de longe para esse nó paralisante e dizermos “a culpa é da família”. Dizer isso não nos auxilia a construir um primeiro diagnóstico desta família e, em especial, do sujeito em questão e seus conflitos com ela. Ao contrário, quando se culpa a família, mantém-se a dinâmica como algo estanque, cristalizando uma figura para seus membros, da ordem: “somos impotentes, não somos capazes, sou isso que o outro diz que sou”.

Todos nós sabemos o que é ter momentos em que estamos confusos em nossos sentimentos, não entendermos direito as coisas, nossa realidade parecer ter-se tornado irreal, nada faz sentido, ficarmos no desalento, mais “perdidos” do que “convictos”, e sabemos o quão desconfortante é o contato com esses aspectos. Em outros momentos, temos o sentimento e a crença de que temos certeza das coisas, então nossas dúvidas dissipam-se e sentimo-nos confiantes, tranquilos e revigorados. Algumas pessoas têm dificuldades para chegar a essa segunda fase, e elas podem recorrer ao padre, à comadre, ao pai-de-santo, ao amigo, aos jogos de adivinhação, ao psicólogo ou parar na justiça, que conta com profissionais para auxiliá-las.

Considerar o fato de que nossos recursos são precários e encaminhar o caso para outros profissionais mais instrumentalizados, sempre tendo a consciência do “porquê” estamos tomando essa atitude é algo importante para que a família seja auxiliada. Essa clareza do motivo do encaminhamento é importante para a família e para o profissional, para que ambos discriminem a realidade. Principalmente porque dessa forma a família sente-se considerada, acolhida, escutada e levada a sério, pois é alguém externo, fora de seu núcleo que a valoriza, mesmo que o sentimento de valorização de si mesmos e de suas conquistas seja um objeto pouco confiável, algo frágil e deletério em seus membros.

Os adolescentes e as famílias também sentem conforto e gratidão, quando encontram no outro o interesse genuíno por seus problemas, esperanças, expectativas, acolhimento e a reflexão

conjunta na busca de saídas e alternativas para seus impasses. É o que eles recebem enquanto ajuda profissional, durante o período da medida socioeducativa que marcará suas vidas, por meio da re-significação³ de seus conflitos.

Se pôde encontrar auxílio para reconfigurar sua dinâmica, encontrou ajuda necessária. Se não pôde, talvez tenha ocorrido que o instrumental certo foi utilizado na hora errada, ou não condiz com a questão apresentada. Pode ser que nenhuma ferramenta tenha sido utilizada, porque o profissional não a possui em seu repertório técnico. Se não olhamos nem as ferramentas nem os fenômenos apresentados, esquecemos de olhar o “mapa”, para nossa localização. Sabemos o quanto é difícil para algumas famílias, sozinhas, apreender o conjunto de forças e a complexidade de jogos decorrentes dessas forças, em sua dinâmica, sejam elas forças psicopatogênicas ou de ajustamentos saudáveis. Um mapa que, muitas vezes, a família não consegue decifrar.

Trabalhar essas dificuldades junto com o adolescente e a família é um percurso que exige astúcia, perseverança, disponibilidade, sensibilidade e jamais a perda da esperança e da confiança no crescimento mental do outro. Nesse sentido, a psicanálise demonstrou que as afecções mentais, como a neurose e a psicose, são resultantes, fundamentalmente, de uma perturbação primária da relação libidinal com a realidade, na qual os sintomas manifestos são operações secundárias na busca da restauração do laço objetual. Freud (1924), no texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, demonstra os modos de restauração desse laço objetual. Na reação neurótica uma parte da realidade é ignorada, e existindo a repressão de uma exigência instintual; na psicose há uma reparação da perda da realidade pela substituição da realidade anterior. “Chamamos um comportamento de ‘normal’ ou ‘sadio’ se ele combina certas características de ambas as reações – se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade.” (p. 231). Qualquer uma dessas posições implica na busca de saúde e de um ajustamento a uma realidade que é sentida pelo sujeito como causadora de imenso desprazer.

³ Re-significar: dar novos sentidos.

No contexto institucional, os elementos que valem na entrevista clínica, sua prática e teoria, também estão configurando a relação constituída durante as entrevistas com esse sujeito e sua família. A transferência e contratransferência são elementos estruturantes que estão presentes e sabemos que adolescentes com conduta anti-social realizam transferência massivamente, por vezes tão vorazes, gerando no profissional um sentimento de que tudo que ofereceu foi insuficiente, parecendo haver um "saco sem fundo" para o aplacamento de suas demandas. E demanda, como aponta Lacan, é em última instância a demanda de amor.

A transferência refere-se àqueles sentimentos, atitudes e comportamentos inconscientes, presentes na entrevista, e que refletem a história do sujeito, suas relações interpessoais ocorridas no decurso de seu desenvolvimento, as quais ali na relação atual expressam atitudes vividas para com seus modelos anteriores e com suas figuras parentais.

Bleger (1980) alude dois tipos de transferência: a positiva e a negativa. Ambas coexistem, estáveis ou alternando-se. Elas "integram a parte racional ou inconsciente da conduta e constituem aspectos da mesma não controlados pelo sujeito" (p. 23). Para esse autor, esses aspectos constituem uma das dimensões para o conhecimento da estrutura de personalidade e seus conflitos. No contato com esses sujeitos temos que considerar que muitos deles desconhecem conscientemente as motivações de seus atos.

A contratransferência reporta-se aos fenômenos experimentados pelo entrevistador e que emergem durante a entrevista, que são sentimentos, sensações, evocações de imagens, analogias, impressões, fantasias, pensamentos etc. As reações que o entrevistador experimenta são indícios para orientar seu estudo e levantamento de hipóteses, e que têm como função auxiliar o sujeito na assunção de papéis desatualizados, levando a atualização de seus sentimentos de acordo com o aqui e agora de sua realidade.

As reações do profissional são objeto de seu estudo. Quando o profissional reage com negatividade ante a transferência de determinado comportamento, sem a instrumentalização do papel projetado, indica que a contratransferência está perturbada, e não consegue mais auxiliar o sujeito no manejo de aspectos que quer modificar em si. Por exemplo, quando o sujeito causa a sensação

de impotência no profissional. A instrumentalização da “impotência” pelo profissional implica em o profissional perceber que isso talvez seja a problemática na vida daquele sujeito e em auxiliá-lo no contato com esse aspecto e suas implicações na relação do sujeito com os demais. Sair da “impotência” talvez seja o pedido de ajuda que o sujeito quer comunicar ao profissional.

A partir do exemplo acima, instrumentalizar a contratransferência implica na assunção de uma habilidade no profissional: a da escuta e o discernimento refinado e assertivo do dito e o não-dito no diálogo com o adolescente e sua família.

Os aspectos transferenciais e os sentimentos manifestados por adolescentes autores de atos infracionais, em sua grande maioria, são aquelas emoções consideradas negativas e desvalorizadas dentro de nossa cultura, como a agressividade. Emoções que a criança teve que reprimir no percurso de sua educação, dificultando seu manejo e, em razão da não expressão adequada, muitas vezes retornam em forma de explosões violentas devidas ao longo tempo de recalçamento. É importante que o profissional considere uma obviedade nessa questão, que a travessia para os impulsos amorosos passa pelo desfiladeiro dos impulsos destrutivos presentes em qualquer pessoa.

1.2 RELATO DE UM ATENDIMENTO DE ADOLESCENTE NA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE LIBERDADE ASSISTIDA – L.A.

Trata-se da história de *Carlos*, um adolescente de treze anos, que recebeu a medida socioeducativa de Liberdade Assistida por ter agredido um outro adolescente com uma faca de mesa em uma festa junina. Era miúdo de corpo, magro, não apresentando as modificações físicas próprias da puberdade. Seus olhos transmitiam um brilho vivaz, intercalado com uma opacidade que assustava. Transmitia meiguice misturada com uma frieza cortante.

A mãe, sua responsável, não compareceu no primeiro atendimento. Seus pais eram separados. Residia com a mãe, padrasto e irmão mais velho.

Ao fazer alusão ao delito cometido, narrou que fora à festa junina, sendo jogado ao chão e humilhado por um adolescente mais velho. Para se vingar da injúria sofrida, foi até sua casa e pegou a faca, atacando-o. Não questionava seu ato, sentia-se com a razão, já que se sentia humilhado.

Carlos não faltou aos atendimentos. Ao falar sobre sua vida, verbalizava que não queria crescer, não queria ficar adulto. Nos atendimentos subsequentes, continuamos com o tema “crescer x não crescer”, e introduzimos um livro de histórias, *A Sementinha*, de Rubens Alves, que ele ouvia atento, e, como sempre, olhava a orientadora em todos os seus gestos. Embora estivéssemos tratando desse tema, tínhamos a impressão de que ele era apenas a superfície. Tínhamos a sensação de haver algo mais profundo que não aparecia ali.

No quinto mês a mãe, Sra. Maria, compareceu atendendo às nossas insistentes convocações: “Vim aqui porque quero conhecer a mulher que meu filho diz querer como mãe, porque ela é paciente, amorosa e ele quer uma mãe como ela, que converse com ele. Disse a ele que poderia pegar suas coisas e ir para a casa dela. Por isso vim aqui”.

Então, tivemos acesso à história de vida de *Carlos* e de sua mãe. Ele sofria maus-tratos físicos desde sua infância. Com a idade de cinco anos, pegou um relógio da genitora e trocou por doces. Para corrigi-lo, a genitora colocou a mão da criança sobre a mesa e com uma faca cortou a pele. A genitora expressa que batia no filho e, no entanto, era o filho que mais gostava. Não queria ter filhas mulheres, pois se as tivesse doaria. Se tivesse filhos homens criaria.

Engravidou pela segunda vez para fazer laqueadura em hospitais públicos.

Na história de vida da genitora, ela própria relatou possuir sete irmãs. Seu pai não queria filhas, somente filhos homens. Por esse motivo não permitiu que as filhas estudassem e nunca conversava com elas ou as abraçava. Casou-se cedo para sair daquele lar, separando-se quando já tinha os dois filhos. Trabalhou muito e sente que não fez nada na vida. Era proprietária de uma pequena loja de roupas e economicamente não passava por dificuldades.

No entanto, queria que *Carlos* fosse morar com o pai, pois o filho não lhe obedecia, saía de casa sem avisar para onde ia e sem horário de retorno.

Depois de expor cenas de maus-tratos físicos, como socar a cabeça do filho na parede, perguntou-nos olhando nos olhos: “A senhora acha que eu sou um monstro? Todos acham que eu sou um monstro”. Respondi: “A senhora está aqui para falarmos da vida de *Carlos* e entendo que é o amor que a mobilizou para vir aqui falar comigo sobre ele. A Sra. Maria explode num choro, que só depois pudemos entender a multiplicidade de afetos envolvidos. A psicóloga, naquele momento, era alguém que a ouvia sem emitir julgamento, e ainda pontuava seu amor, uma polaridade que ela sabia existir em si, mas contra a qual lutava, evitando entrar em contato; o outro confirmara para si algo que já sabia.

Percebemos que um vínculo já se iniciara antes de seu comparecimento, por meio da transferência do filho para a psicóloga, o qual era relatado à mãe nos momentos de briga com ela.

Esse episódio demonstrou que o adolescente, em atendimento, produziu um movimento dentro da estrutura familiar.

Com a mãe trabalhou-se a questão da recusa paterna, sua sexualidade, ser mulher, ser mãe, possuir um mundo de afetos em relação aos filhos e não tomar posse, ser *Carlos* o depositário dos sentimentos negativos que nutria pelo pai e por si mesma. O pai da mãe a tinha como “morta”, não a via. *Carlos* é visto por sua mãe, é espancado. E seu nascimento é marcado por interromper a cadeia de filhos. Ele nasceu para parar uma cadeia de geração de vida em sua mãe. Um filho que a desobedecia, para testá-la em seu amor por ele.

No decorrer da medida socioeducativa, não queria mais enviar o filho para a casa do pai, não brigava mais com ele, que já não saía sem avisá-la.

Na história de vida de *Carlos* encontramos uma questão intergeracional, a repetição de mãe para filho de uma violência denominada na literatura internacional como “violência doméstica”, com duplo aspecto: o pai da Sra. Maria tentava ignorá-la, caracterizando uma violência de ordem dos maus-tratos psíquicos, e a Sra. Maria apresentava para com o filho *Carlos* uma violência

caracterizada por maus-tratos físicos, a qual também traz consequências psicológicas, uma das quais a identificação com o agressor.

Pouco antes de terminar a medida socioeducativa, a genitora compareceu com os filhos e o padrasto de *Carlos*, que era uma pessoa carinhosa com os filhos dela. Pudemos observá-los sentados na sala de espera no mesmo banco: os pais nas extremidades e os filhos no centro.

No caso de *Carlos*, ele não é um adolescente que pode ser considerado estruturado da vida delitiva, todos os seus pensamentos e atos voltados para o roubo, a situação de agressão e violência apresentados foi um episódio, que pôde ser transposto pelo adolescente, quando recebeu ajuda que veio em direção ao seu problema. Seu ato, a vingança por ter sido humilhado, pôde ser resignificado naquele instante: tudo o que queria era corrigir um ato violento com outro ato violento, afinal aprendera isso quando estava com quase cinco anos, quando sua mãe quis corrigi-lo cortando-lhe a pele da mão.

Passaram-se quatro anos desde que *Carlos* foi acompanhado em L.A., e até o final do ano 2000 não constava nova passagem pela instância judiciária e FEBEM-SP.

Sempre solicitamos para os genitores do adolescente contar a sua história pessoal, um tema que aprendemos a não desprezar, pois o caráter da relação estabelecida entre seus próprios pais marca a relação com seus filhos. É o “mesmo”, mas com diferentes roupagens, que vai sendo transmitido de geração em geração.

Embora o ato seja comum em muitos adolescentes, o significado para cada um não o é. O ato, por exemplo, de tentar matar outra pessoa com uma faca torna-se pleno de sentido quando integrado com a história de vida desse sujeito. Também concebemos o homem como sujeito de suas ações, antes de ter um conflito com a lei, não haveria ali um conflito consigo mesmo a ser decifrado? Mais do que uma busca de causalidade do ato infracional, importa conhecer o sentido deste ato.

Outro cuidado importante refere-se ao que se confirma ou não para o sujeito, pois a confirmação implica numa nomeação e na assunção naquela pessoa de sua nomeação.

Em Liberdade Assistida, no primeiro contato com o adolescente e sua família, de maneira geral, selecionamos o fator “risco de vida” como prioritário. Caso esse fator passe despercebido pelo orientador, no próximo retorno, a família poderá comparecer com o atestado de óbito do filho. As mortes nessa população geralmente ocorrem em seu próprio bairro, são violentas e por extermínio. Quando detectamos que o adolescente se encontra em situação de risco de vida ante a sua comunidade, a orientação à família é primordial, e ações imediatas para retirá-lo desse ambiente devem ser tomadas para a sua segurança física.

1.3 ESTUDO DE CASO DE UM ADOLESCENTE COM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

Alonso é um adolescente da cidade de Itatiba, interior de São Paulo. Poucas vezes recebia a visita da mãe, a única a visitá-lo, apesar de possuir duas irmãs e avós maternos. Desconhecia o pai. Raramente saía para as atividades externas, mesmo apresentando condições para isso. Às vezes abandonava-se, não cuidava de sua aparência e ficava grande parte do tempo quieto, sentado. Não tinha muitos amigos próximos e se dava bem com todos os adolescentes.

Estava há dez meses na instituição quando veio para a terceira casa e em seu prontuário não encontramos nenhum relatório técnico, apenas os dados de entrada e algumas perguntas sobre sua família. Então, teríamos que começar do zero. Difícil de ter que fazer um relatório conclusivo sem ter acompanhado o caso desde o início. Além disso, esse caso tinha poucas informações e começar uma *anamnese* do caso na fase final de internação poderia abrir temas que poderiam ficar sem serem trabalhados e em aberto para a pessoa, reverberando em sua vida. Tínhamos duas saídas: ou adentrávamos de imediato nas situações que a nosso ver pareciam nodais, quebrando o *timing* e dando minimamente um suporte ao adolescente, ou ficaríamos em dados mais circunstanciais de seu delito. Optamos pelas duas alternativas, por necessidade de cumprir as obrigações de atendimento e relatório ao Poder Judiciário.

No primeiro contato, o adolescente confirmou o histórico familiar, e como motivo de seu delito verbalizou ser usuário de

crack e maconha e por esse motivo roubava. Residia com a mãe, a qual trabalhava por longos períodos em um hospital em São Paulo como enfermeira. Quando a mãe estava em seu trabalho, ele saía para a rua, encontrava os amigos e só retornava à noite.

Perguntamos a ele por que usava drogas? Respondeu não saber. Continuamos as perguntas sobre sua história de vida e após alguns questionamentos *Alonso* referiu que queria morrer porque “só tenho minha mãe, se ela morrer eu não tenho ninguém. Eu quero morrer antes dela, pois tenho medo que ela morra antes de mim. E eu não sei cuidar de mim, por isso tenho que morrer antes dela”.

A partir de sua fala, trabalhamos junto com ele, as coisas que sabia fazer, suas potencialidades pessoais, com o objetivo de ampliar a consciência que tinha de si. Nos atendimentos que se sucederam, continuamos com ele focando essa temática. Procuramos agora ampliar para o campo de suas relações interpessoais. Quem são as pessoas significativas e presentes em sua vida.

Também incluímos o tema da morte como uma finitude inerente à vida, de uma maneira que possibilitasse a ele interrogar-se em sua convicção de querer morrer, sem esperança em outras possibilidades, e sem conquistar seu lugar no mundo.

Percebemos que para *Alonso*, como para a maioria dos demais adolescentes, faltava-lhe informações sobre a vida e o conhecimento de que muitos sentimentos que experienciava em si também faziam parte dos sentimentos constitutivos dos seres humanos. Parecia que para ele, em algum percurso de sua trajetória, esse diálogo havia sido interrompido e em seu lugar instaurou-se a solidão.

Após três semanas, em uma sexta-feira com programação para a ida de alguns adolescentes ao teatro, às 20:00 horas da noite, ouvimos uma leve batida na porta. *Alonso* abriu a porta. Estava bem vestido, com roupas de passeio que emprestou de seus colegas de módulo. No cabelo, cuidadosamente arrumado, gel. Perguntou-nos: “Senhora, estou lindo?”. Respondemos: “Lindíssimo”. Saiu, sem dirigir-me nenhuma palavra.

Mas, para nossa surpresa, os demais adolescentes que estavam do lado de fora da sala, um a um, também fizeram a mesma pergunta e receberam a mesma resposta. Por vezes uma palavra basta.

Na próxima sexta-feira, novamente todos arrumados e *Alonso* entre eles, para um novo passeio. No cabelo de todos os adolescentes, o gel. Então, perguntamos por que estavam todos com gel no cabelo. Obtivemos a seguinte resposta: "A Senhora também vem trabalhar de gel no cabelo, então resolvemos incluir gel em nossos kits de beleza".

A mãe de *Alonso* compareceu para entrevista técnica, atendendo nossa convocação. A respeito de sua história de vida pessoal, a Sra. Tereza verbalizou que *Alonso* é filho de um companheiro de cor negra, com o qual não convive mais. Por ser negro, sua família era contra o relacionamento. Dessa união nasceu *Alonso*, com cor parda. Devido a sua cor de pele, os avós também não o aceitavam, bem como suas irmãs que eram loiras e claras, como a mãe e os avós maternos. Com a separação do companheiro, ficou com a responsabilidade de criar os filhos. Para prover sua educação, trabalhava como enfermeira em dois hospitais da Capital. Para aumentar seu rendimento financeiro realizava plantões extras. Em decorrência disso, passava longo tempo longe dos filhos. As filhas recebiam o cuidado dos avós maternos, mas *Alonso* ficava em casa sozinho. Não queria que ele usasse drogas e ficasse em grupo na praça de sua cidade. Lamentava-se de não poder passar mais tempo com ele. Reconheceu que ele é um bom filho e carinhoso.

Foi comunicado a ela que durante as entrevista, *Alonso* manifestou o seu desejo de morrer e a necessidade que sentia de diálogo com as pessoas que lhe são próximas. A Sra. Tereza chorou muito. Explicamos a ela que estaríamos providenciando o relatório conclusivo de seu filho, e tão logo ele fosse liberado voltaria para seu convívio.

Portanto, haveria a necessidade de se pensar em seu retorno e em que condições, uma vez que ele não poderia voltar para as ruas e utilizar drogas.

Para o retorno do adolescente para sua família é importante pensarmos na questão da continência, pois é o momento em que os pais voltam a ser continentes para os filhos, sendo uma função técnica auxiliá-los por meio de orientações para o desempenho dessa função.

Dentre outras orientações, orientamos a mãe para dialogar com os demais membros da família sobre a situação de *Alonso* e seu retorno para o lar.

Uma modificação apresentada pela Sra. Tereza foi sua presença nos dias de visitas ao filho na Unidade. *Alonso* é um adolescente que não retornou para a Fundação, desde 1998.

1.4 AS MÃES

As mães, para esses adolescentes, pertencem à ordem do “sagrado”. São elas que estão presentes nas visitas, e em sua grande maioria mantém seus lares.

Trabalhar com mães ou pais exige atendimento individual, em um primeiro momento, para só depois incluí-los em grupos temáticos. Nesses atendimentos individuais é importante obter dados sobre a vida do filho, sua gestação, desenvolvimento, a história da constituição da família, a história dos genitores com seus próprios genitores, pois a inserção simbólica do adolescente nas linhagens paterna e materna depende de como esses fatores estão organizados naquele grupo familiar.

No trabalho em grupo temático, os temas desenvolvidos com a família focaram aspectos de orientação sobre as medidas socio-educativas, instância judiciária, recursos comunitários que podem utilizar, a colocação de limites, a presença por meio do diálogo e participação na vida do filho.

O reconhecimento de que existem falhas na educação de seus filhos, por parte dos pais, é um dado difícil de eles aceitarem, pois construíram uma imagem narcísica a respeito de si mesmos. Admitir que cometeram ações educativas incorretas afeta o seu próprio narcisismo. Ser pai ou ser mãe é uma construção com que cada sujeito tem que se defrontar.

É comum os pais dizerem: “Eu não quis saber quem eram as companhias de meu filho, pois ele já tinha onze anos, era um homem e tem que se virar sozinho”, deixando-o dessa forma no abandono. Em muitos casos, o delito do filho está respondendo à alguma expectativa inconsciente de suas figuras parentais.

E para o adolescente, com conflitos inconscientes para com a figura materna, é um trabalho que exige tempo, principalmente, quando a mãe está ocupando um lugar "sagrado", ficando dessa forma vetado o contato com esses aspectos.

Quando percebemos uma limitação em nossa formação profissional, por não termos especialização em terapia familiar, orientamos a família para buscar um atendimento específico dentro de sua comunidade.

1.5 O TRABALHO COM EDUCADORES

O trabalho com adolescentes foi uma prática que procuramos sistematizar semanalmente por meio de reuniões envolvendo o coordenador da casa e os monitores. A participação conjunta desses profissionais teve a pretensão de evitar uma comunicação dupla, criadora de contradições que são de difícil manejo e geradoras de conflitos entre educador/adolescentes e adolescente/adolescente. Não raro, os adolescentes utilizam-se dessas contradições, instigando um profissional contra o outro.

Os educadores necessitam constantemente de informações sobre a família e fatos significativos que ocorrem na vida familiar. Por exemplo, quando na família alguém morre, é importante que a informação não fique somente com os técnicos e o adolescente, pois este poderá expressar seus sentimentos por meio da raiva, e o monitor, não sabendo o que está acontecendo, entenderá o comportamento apresentado de outra maneira, como desacato à sua autoridade.

Uma temática desenvolvida nesses encontros com os coordenadores e monitores foi a expressão de sentimentos por parte dos adolescentes durante a internação. Ter conhecimento dessas emoções presentes possibilita aos monitores uma escuta do adolescente facilitando sua identificação com o papel de educador. Com o tempo, eles puderam perceber que com a escuta e o acolhimento, o adolescente sai da crise em que se encontra.

Em nossa experiência percebemos que quando o adolescente não é nomeado pelo nome de "ladrão" e é considerado em sua subjetividade, ele não responde a esse nome.

ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A DELINQUÊNCIA

"Ser capaz de tolerar tudo o que podemos encontrar em nossa realidade interior é uma das grandes dificuldades humanas, e um dos importantes objetivos humanos consiste em estabelecer relações harmoniosas entre as realidades pessoais internas e as realidades exteriores."

WINNICOTT

SUMÁRIO: 2.1 A Incidência da Delinquência – 2.2 Compreendendo a Delinquência: 2 2.1 Pensando a Delinquência com Lacan; 2.2.2 Pensando a Delinquência com Melman; 2.2.3 Pensando a Delinquência com Winnicott – 2.3 As instituições totais.

2.1 A INCIDÊNCIA DA DELINQUÊNCIA

Universalmente, a delinquência é considerada como a transgressão às leis normativas da sociedade, por uma pessoa com idade determinada de acordo com a legislação local. No Brasil essa faixa etária é compreendida entre 12 a 18 anos.

Em torno do tema delinquência existem duas concepções: uma legalista e outra psicopatológica. Essas concepções não apresentam similitudes entre si, pois um ato que pode ser considerado pela instância judiciária como delinquencial, na clínica psicológica poderia ter outro diagnóstico.

A delinquência juvenil¹ na sociedade brasileira deixou de ter seu *locus* nas denominadas classes populares. Ela é um fenômeno crescente, nesse final de milênio, em todas as sociedades do mundo. O saber advindo da clínica do social revela a penetração da delinquência em todo o corpo social. Se considerarmos a ótica da clínica do social, percebemos que não há um segmento específico que demarque seu campo inaugural, como apontam as leituras marxistas que atribuem sua origem como decorrência da pobreza e da luta de classes existentes no interior da sociedade capitalista.

A delinquência juvenil está inscrita e representada no imaginário social como atributo específico de determinados grupos – os grupos minoritários, pobres e excluídos, que passaram a ser também os depositários da periculosidade e da violência.

Acreditamos ser importante ir além do discurso da pobreza como único determinante da prática de delitos, pois concebemos esse adolescente também como agente de violência, como sujeito de direito, sujeito de sua história e, portanto, capaz de “responsabilizar-se pelo próprio inconsciente”.

A delinquência sempre esteve presente na história do homem, mas é a partir dos séculos XIX e XX que registramos um progressivo domínio pela instância judiciária, a tal ponto que a mesma atravessa todo o corpo social para a regularização das individualidades.

O sistema judiciário, dentro do corpo social, tem sido a instância que se ocupa, por meio de leis da normatização e regularização, daqueles que cometem delitos. O ECA utiliza-se do termo “atos infracionais” para designar os delitos cometidos por adolescentes e possibilita compreender a prática do delito como um momento transitório dentro da adolescência. Para a regulação de suas condutas é aplicada uma medida socioeducativa de acordo com a gravidade do ato cometido, das circunstâncias e da capacidade do adolescente para cumpri-la. Entretanto, verifica-se a ausência de um saber constituído e competente no nível da compreensão e conhecimento sobre as modificações na psicodinâmica, no período da internação de adolescentes.

¹A nomenclatura delinquência juvenil será utilizada, neste trabalho, por ser o termo empregado na bibliografia especializada internacional.

A partir da metade do século XX, a temática da delinquência tem sido abordada sob um enfoque compreensivo dentro da literatura especializada. Esse enfoque busca identificar os fatores de risco e de prevenção para a delinquência juvenil.

Por um lado, estaremos considerando o conceito de “sintoma social” e, nessa perspectiva, situaremos a delinquência na sociedade contemporânea, uma vez que a delinquência implica na transgressão às normas sociais e tem constituído e estruturado diversas formas de relação do sujeito com seu laço social. Por outro lado, constata-se a transgressão dentro das estruturas sociais como uma forma de controle dos sujeitos e manutenção de uma ordem social com características perversas.

A Psicanálise, ao abordar as questões do social, parte do enfoque no individual e estende para questionar a especificidade dos seus laços sociais. O homem é ser de relação com o seu mundo interno e externo, sendo seu aparelho mental regulado por dois princípios: prazer e realidade. Do interjogo, eu e o mundo externo, resulta a construção da realidade concreta.

Entendemos que a causa da delinquência pode ser multifocal, com elementos componentes de diversos fatores: socioeconômico, político, familiar e individual. Esses fatores relacionam-se dialeticamente e de forma diferenciada em cada indivíduo.

2.2 COMPREENDENDO A DELINQUÊNCIA

No que se refere ao corpo teórico psicanalítico, encontramos diversos autores que pesquisaram sobre o tema da delinquência e conduta anti-social.

Esses autores fazem alusão de que a etiologia da delinquência deve ser buscada na própria criança, pois ela apresenta diferentes motivações para seu ato, bem como nos fatores decorrentes de falhas ambientais.

Na Classificação Internacional das Doenças, dentro do quadro de Personalidade Dissocial, encontramos a seguinte definição:

“transtorno de personalidade caracterizado por um desprezo das obrigações sociais, falta de empatia para com os

outros. Há um desvio considerável entre o comportamento e as normas estabelecidas. O comportamento não é facilmente modificado pelas experiências adversas, inclusive as punições. Existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga da agressividade, inclusive da violência. Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade. Personalidade (transtorno da): amoral, anti-social, associal, psicopática, e sociopática" (CID, F60.2, p. 353).

A definição de personalidade dissocial em muito se assemelha aos comportamentos manifestos pelos adolescentes que chegam à instância judiciária em razão do cometimento de delitos.

A "perversão" e o "roubo", nas sociedades atuais, apresentam-se na forma de um sintoma inscrito no discurso social e no discurso individual. O comportamento delinquente representa um sintoma social quando está "inscrito no discurso dominante de uma sociedade em uma época dada" (Melman, 1992, p. 42). Por exemplo, em nossa contemporaneidade, sintomas como bulimia, anorexia e toxicomanias estão cada vez mais presentes. Esses sintomas sempre existiram, mas em cada época apresentaram-se de uma forma, cada patologia implicando numa clínica e numa subjetivação específica.

Como exemplo de comportamento delinquente inscrito nas estruturas sociais, poderíamos citar o homem político envolvido em corrupções, as empresas que vendem uma imagem de seus produtos, ocultando possíveis danos à saúde, à vida, não respeitando seus consumidores, objetivando sempre altos lucros, enquanto seus funcionários recebem baixos salários e não possuem as garantias de seus direitos.

Poderíamos citar o próprio Sistema de Justiça, que, apesar de estar apoiado no ideal de igualdade, fraternidade e solidariedade, pune os indivíduos de acordo com uma ideologia de classes sociais, interpondo entre a Lei e a ação da Lei, uma assimetria de direitos. Todas essas formas descritas são formas que estão legalizadas dentro das estruturas sociais.

Pouco sabemos, ainda, sobre a subjetividade do sujeito enredado na delinquência e de seu sofrimento psíquico. Assim

como as toxicomanias mudam de configuração, poderíamos falar em “delinquências” em diferentes momentos históricos. Isso porque, ao estarem inscritas como sintoma social e individual, haveria diferentes formas de significação para o sujeito, conjugadas a um contexto e a uma conjuntura inscritos na realidade histórica de um dado momento.

Ao abordar a delinquência como um sintoma social, a Psicanálise alude a um paralelismo entre o que acontece com o indivíduo e a coletividade. Souza (1995) afirma que, por ser “a coletividade formada por indivíduos, nela estariam presentes certas propriedades inerentes à relação do sujeito com seu desejo” (p. 91). Disso resulta que para a compreensão do que ocorre no social é necessário passar pela compreensão daquilo que ocorre no âmbito individual.

A clínica do social demonstra que a delinquência tem sido a forma privilegiada de relações sociais, na medida em que não há respeito às tradições e à Lei.

A primazia da instância judiciária sobrepondo e ordenando as demais instituições, para a *regulação* das condutas, tem demonstrado a existência cada vez mais crescente da delinquência em diferentes âmbitos do social. Todos conhecemos a famosa frase: “leve vantagem você também”, que ao ser a forma privilegiada de relações sociais, dentro das estruturas sociais, configura-se como um sintoma social.

Como sintoma do sujeito, a escola francesa concebe a delinquência como algo concernente e circunscrito ao laço do “sujeito com a coletividade”.

A clínica do social concebe a delinquência como um traço de personalidade. A delinquência, como traço, é algo que perpassa as diversas estruturas clínicas: a neurose, a psicose e a perversão. Sua manifestação depende de como cada indivíduo lida com sua subjetividade. A delinquência pode até mesmo vir a constituir-se em uma forma transitória dentro do funcionamento do aparelho psíquico, a serviço, por exemplo, da separação do sujeito, com suas imagens parentais.

Freud (1926), em *Inibição, sintoma e angústia*, comenta que “os sintomas têm sentido e se relacionam com as experiências

do paciente". Os sintomas expressam algo da vida inconsciente de quem os produz. A presença de algum sintoma é o registro de algum processo patológico. Existe sintoma quando alguma função passou por alguma modificação ou ainda quando novas manifestações ocorrem como derivados da primeira, ou seja, o sintoma pode alterar um de seus significados ou seu sentido principal. Para Freud, o sintoma "é um sinal e um substituto de uma satisfação instintual que permaneceu em estado jacente: é uma consequência do processo de repressão".² A repressão é um mecanismo de defesa do ego, que tem como função evitar que um determinado impulso ou idéia que representa um instinto chegue à consciência. Na repressão, o ego – por ordem do superego – pode recusar uma catexia instintual (impulso) provocada pelo id. Entretanto, a idéia associada ao impulso repressível persiste como formação inconsciente.

Nos escritos de Souza (1995), o sintoma é produzido por processos inconscientes. O sintoma é uma formação do inconsciente que permite a realização de um desejo. Sendo o desejo a força motriz do inconsciente, o desejo só se mantém porque se encontra sustentado por uma fantasia. Compreender a fantasia inconsciente que mantém o desejo possibilita o acesso ao sintoma e ao seu sentido. O autor distingue sintoma particular do sintoma social. Para esse autor "o sujeito sofre de seu sintoma por não poder alterar a posição face ao Outro à qual o obriga sua fantasia". Nesta

² Repressão: é um mecanismo de defesa, que se manifesta quando ocorre uma cisão entre a atividade mental consciente e inconsciente. Sua essência consiste em manter fora da consciência determinado impulso intolerável pelo ego. Entretanto, a repressão não tem força para impedir que o representante instintual continue a existir no inconsciente, que ele se organize e dê origem a derivados e estabeleça ligações. A única forma de interferência possível seria através da consciência. Para evitar que o representante instintual chegue à consciência, cria-se uma formação substituta, por exemplo, a neurose obsessiva que tem por base uma regressão devido à repressão inicial de uma tendência sádica por uma afetiva. O que se reprime é o impulso hostil contra alguém que é amado. No início a repressão é eficiente, fazendo com que o conteúdo ideacional seja rejeitado da consciência e o afeto desapareça.

posição, o “sujeito estaria preso ao desejo do Outro.³ A alternância de lugar implicaria em mudança de sintoma” (op. cit., p. 81).

Na formação de um sintoma social, “os sujeitos não ocupariam todos a mesma posição, podendo alterná-la entre si sem que o sintoma se altere” (Souza, p. 81). Entretanto, ambos os sintomas, social e individual, estariam sustentados por uma fantasia, que por sua vez dá sustentação ao desejo. A fantasia, ou um segmento da fantasia, determina o lugar que os sujeitos ocupam na estrutura de um sintoma social.

A Psicanálise, ao aludir o sintoma como formação do inconsciente e de realização de desejos, sustentados por uma fantasia, revela algo do individual, que aparece como um componente organizador das estruturas sociais. Revela que todo sujeito é sujeito de desejo. Dessa forma, a Psicanálise permite desmistificar a delinquência como um atributo específico de determinados grupos sociais, cuja causa principal não é só a pobreza, recolocando a questão em outro lugar, no plano individual, do homem com seu desejo e a ética que regula esse desejo. A ética reguladora é “ética da castração simbólica” (Souza, 1995, p. 81), ao defrontar-se com limites impostos pelo Outro e pelo reconhecimento simbólico do Nome-do-Pai. Castração com que cada ser falante tem que se confrontar, para instituir seus próprios limites. A ética da castração refere-se ao questionamento realizado pelo indivíduo na busca de limites e de sua verdade.

O conceito de castração, em psicanálise, designa uma experiência psíquica completa, simbólica, vivida de forma inconsciente pela criança, durante o declínio do Complexo de Édipo e decisiva para a instauração da identidade sexual. Ao experimentar o Complexo de Castração, a criança perde a ilusão de onipotência e adquire a percepção da diferença anatômica entre os sexos, o que permite a assunção ao seu próprio sexo.

A castração é uma experiência normativa, inscrita no inconsciente, que capacita a criança a reconhecer e instituir seus próprios limites. A desordem na simbolização dessa experiência poderia

³ Outro: aquele que é portador de objetos de desejo, de olhar e de voz, modelos de identificação.

levar a manifestações clínicas perenes ou episódicas de distúrbios como: alucinação, delírio agudo, uma atuação ou doenças psicossomáticas.

A falta de inscrição, no inconsciente, da castração, recebe o nome na escola francesa de psicanálise de *foraclusão*. A *foraclusão* é um mecanismo psíquico encontrado na origem da PSICOSE, cujas manifestações clínicas e sintomáticas são a ausência de simbolização da castração, incerteza da identidade sexual e perda do sentido de realidade. Na PERVERSÃO, a resposta à castração é o desmentido e na NEUROSE é o recalque. A Psicose, a Perversão e a Neurose, em Lacan, são estruturas básicas decorrentes do Édipo e da particularidade da inscrição, ou não, no inconsciente, da castração.

2.2.1 Pensando a Delinquência com Lacan

Como afirma Lacan, a delinquência, como um *sintoma social*, é uma falta do reconhecimento simbólico do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai designando a função paterna, internalizada e inscrita na criança. Uma expressão simbólica, representando uma instância terceira, paterna, transmissora da interdição e da lei da proibição do incesto. Um pai simbólico, responsável pela transmissão de uma insígnia, sem o que o sujeito não pode fundar-se em sua pertinência e identidade sexual.

Esse autor nomeia a eclosão da delinquência contemporânea, como “declínio do Nome-do-Pai” nas estruturas sociais (Melman, 1996, p. 34).

Enuncia Lacan que para esses sujeitos enredados na delinquência,

“as estruturas sociais só terão valor na medida em que são estruturas reais. Quando as estruturas sociais se tornam simbólicas o poder é, então, figurado na sua representação real e inclusive policial. O objeto mesmo, o objeto que conta, cessa de ser simbólico para tornar-se nada mais que um objeto real. O pai vai assim estar privado de todas as incidências simbólicas para valer-se somente em sua rea-

lidade. Portanto, vai se encontrar desfigurado por representações que serão asseguradas pelas instâncias educativas correcionais, policiais ou judiciárias” (Ibid. p. 43).

As estruturas sociais reais seriam aquelas representadas pelo poder em sua forma concreta e encarnadas pela polícia, justiça e prisão.

As estruturas sociais simbólicas correspondem àquelas estruturas nas quais o poder está internalizado dentro do sujeito, sem a necessidade de um controle por um agente externo. Nessas estruturas o poder tem caráter simbólico, sendo regido pela ética da castração simbólica. A ética da castração refere-se ao questionamento realizado pelo indivíduo na busca de limites e de sua verdade.

Lacan, em seu trabalho sobre a criminologia (Ibid. p. 44-45), observa que “o ato delinquente não é feito de um sujeito, pois se executa em um estado crepuscular, de obnubilação da consciência. Como se o sujeito estivesse ausente durante o seu ato, voltando a um momento de *ex-sistência*, com a posse do objeto que nunca lhe é satisfatória. Por esse motivo, lança o sujeito em novos atos, aumentando o risco”. Essa obnubilação da consciência muitas vezes está presente no discurso dos adolescentes como “um não sei o que me levou a fazer isso!”. Alguns adolescentes conseguem dizer que foi para fazer algo como comprar roupas, mas dizem que “parece que eu não estava ali, naquele momento”, não querem assumir os motivos mais profundos que os levaram ao cometimento de delito.

2.2.2 Pensando a Delinquência com Melman

Para Melman (1992, p. 45), as “condutas do delinquente seriam simbólicas de uma falta de inscrição da ordem simbólica, a do Nome-do-Pai. O sujeito encontra-se forcluído, da função do Nome-do-Pai, posição que não pode ser reconhecida, valer-se de sua filiação e de sua autoridade”. Essa falta pode ser decorrente de diversas origens: pode ser da ordem da recusa, do social, da cultura e da família.

No Brasil, um dos discursos dominantes é a prática de atos infracionais, quer por adultos, quer por nossos adolescentes. Esses atos infracionais ocupam o lugar de um significante, a partir do qual inscreve-se dentro de nossa estrutura social. A delinquência pode também se inscrever nas estruturas sociais, como assinalamos no caso de nossa sociedade, mesmo que o sujeito não esteja submetido à miséria.

Em *Filhos do paraíso*, de Majid Majidi (1998), um filme iraquiano, o diretor procura narrar, através de cenas que vão cada vez mais se caracterizando como poéticas, o universo infantil de um irmão e uma irmã, em seus afetos e condições de vida. O filme retrata a vida dessas crianças em um ambiente de extrema miséria. Em nenhum momento do filme aparece o roubo entre as crianças, ou algum tipo de violência praticada entre elas, ou relações constituídas pela intermediação da perversão. A figura paterna desses irmãos é retratada como aquela que respeita as leis e tradições, institui os limites e a castração simbólica. Há um respeito pela lei e pelas tradições transmitido pela figura paterna real. Em condições tão precárias de vida, o fator miserabilidade poderia vir a ser o desencadeante da delinquência, da quebra aos valores colocados pela tradição e interdição, mas isso não acontece. Os laços construídos entre os adultos e as crianças e destas para com seus grupos de pares são de outra natureza. Há um respeito aos limites e às diferenças de cada um. Há uma ética da troca. O valor maior que prima sobre o objeto ainda é a pessoa humana e suas necessidades.

Em contraste com a cultura oriental, na cultura ocidental é comum a prática de transgressões não somente entre os adultos, mas também entre as crianças como um comportamento que reflete a identificação com o adulto e suas condutas. O Nome-do-Pai já não está posto para o adulto, que o transmitirá à criança em sua socialização. Na transmissão intergeracional do Nome-do-Pai, outras derivações podem ocorrer que vão deixando buracos, vazios, trazendo a morte de ideais e moldando novos sintomas sociais.

Em nossa cultura, uma criança ao perder um objeto sabe que não poderá reavê-lo. Quem o achar dificilmente o devolverá. Já é comum entre as nossas crianças que na escola deve-se guardar todo o material escolar para que não desapareça, pois o furto se

tornou uma atividade corriqueira. Na escola ninguém vê seu autor, não se pondo a descoberto, só ele sabe o momento em que poderá tomar posse do objeto. Um saber substituto ao saber escolar, que se coloca em oposição a essa outra modalidade de socialização. Deixa de ser a oportunidade para a construção de um laço social não marcado pela transgressão e violação.

O furto parece estar no lugar de algo que falta. Cada um nomeará a sua falta a partir do confronto consigo mesmo, com seu inconsciente. Cada sujeito doará um sentido qualquer que seja seu ato, seja ele aceito ou não por uma determinada sociedade.

A delinquência como sintoma do sujeito, afirma Melman (1992), concerne a várias questões: uma delas diz respeito ao laço determinante do sujeito com sua coletividade e a outra a relação que estabelece com o objeto. Citando Lacan, "o sujeito não se constitui sem a relação com o semelhante. Não havendo subjetividade que não se organizar fora do laço social... ao mesmo tempo que ela o articula" (Ob. cit. p. 42-43). Na coletividade circulará a intersubjetividade e a determinação do sujeito. A relação com o objeto é marcada pela apreensão, pela violação, diferentemente do neurótico, cuja relação é organizada pelo símbolo.

Esse é um ponto importante para pensarmos a respeito da subjetividade que se delineia durante o período de internação dos adolescentes, com a anulação das diferenças individuais, como mais um local para a ocasião da transgressão (Guirado, 1987). Como poderá o adolescente interno articular sua subjetividade e ao mesmo tempo ampliar seu laço social de forma construtiva?

Entendemos que o processo socioeducativo inclui uma questão mais ampla que não somente o aspecto pedagógico. A educação inclui em uma de suas interfaces o campo simbólico e deve considerar a maleabilidade das estruturas psíquicas e seus afetos. A educação tem como um dos objetivos auxiliar o sujeito no desenvolvimento de sua capacidade de ajustamento e adaptação, sem prejudicar a sintetização e a organização das funções do ego.

Para a Psicanálise o afeto exprime um estado penoso ou agradável, representado sob a forma de uma descarga energética. Nos registros do afeto e de sua representação, encontramos a expressão qualitativa e quantitativa de energias derivadas da pulsão de vida e da pulsão de morte. A ressocialização implica um desafio

ao adolescente interno para que seja o sujeito de seu processo educativo por meio do manejo e destino de suas pulsões e desejos. Essa é uma das funções e desafios da educação, sem o que o tempo de internação com o objetivo de ressocialização insere-se na ordem do apagamento das possibilidades de sublimação e da instauração dos demais Nomes-do-Pai. Restando ao sujeito o não estabelecimento de uma *suplência*, que é uma função que tem por objetivo paliar o deflagramento de um defeito, ou seja, possibilitar que uma estrutura possa mudar o rumo de sua definição.

2.2.3 Pensando a Delinquência com Winnicott

Winnicott (1987) pesquisou a tendência anti-social que pode ser encontrada em todos os sujeitos. Os fatores facilitadores para o aparecimento da conduta anti-social estariam ligados ao ambiente e suas relações objetais priveras. Especialmente, relaciona a delinquência com a privação da vida familiar (fator externo), sendo o comportamento anti-social uma forma encontrada pela criança para expressar suas reações às perdas significativas de pessoas amadas e do sentimento de segurança. E ao fator interno, situa sua origem em conflitos inconscientes. Esses fatores externos e internos configuram um jogo entre si, um fundo e uma figura indissociáveis para o conhecimento do mundo interno da criança.

Ao relacionar a problemática do delinquente à privação da vida familiar, este autor concebe a *Unidade Familiar*, como o principal eixo sustentador para a saúde da criança: “Proporciona uma segurança indispensável à criança pequena. A ausência dessa segurança terá efeitos sobre o desenvolvimento emocional e acarretará danos à personalidade e ao caráter” (Ibid. p. 21).

É dentro da unidade familiar que a criança encontrará um ambiente seguro e estável, que lhe possibilitará “desenvolver sua capacidade de controlar seus impulsos e descobrir um bom meio (meio interno)” (Ibid. p. 21).

A figura da mãe assume um papel preponderante na construção do apoio à criança e de seu meio interno, na medida em que é aquela que identificará as suas necessidades e sua satisfação. A essa falta de apoio, Winnicott denomina de falha ambiental, ou

seja, a sociedade não proporciona condições ao desenvolvimento psíquico.

O “meio interno”, também chamado de realidade interior por Winnicott (1987), refere-se à capacidade que a criança adquiriu em dar continência ao seu mundo interior, no controle de seus impulsos e de sua destrutividade, sem a necessidade de um controle externo. A criança já aprendeu a confiar em seus objetos amorosos internos, encontrando um quadro de referência com o auxílio de seus pais, para tolerar seus instintos. Essa realidade interior é o inconsciente, cuja dinâmica apresenta um jogo de forças boas (pulsão de vida) e más (pulsão de morte), requerendo da criança uma habilidade para lidar e controlar suas expressões instintivas.

Para a criança o controle é sempre externo. Sem esse controle a criança não poderá brincar e trabalhar, porque ela precisa de um ambiente acolhedor. O brincar e trabalhar é vivido de modo espontâneo, é algo próprio da criança, é um sinal de sua saúde, uma atividade séria, dentro da qual desenvolverá sua capacidade de simbolizar e sublimar. Ao brincar e fazer uso de símbolos, a criança aprende a lidar e a conter sua destrutividade. As crianças com condutas anti-sociais tendem a dramatizar na realidade, sua destrutividade interna, passando ao *acting out*.⁴

⁴ *Acting out* ou *Angieren* em alemão. “Termo criado por Freud em 1914 para designar o mecanismo pelo qual um sujeito coloca em prática ou em ato, pulsões, fantasias e desejos. Lacan, 1962-1963, define *acting out* como sendo uma demanda de simbolização dirigida ao outro, para evitar a angústia. O ato é sempre um ato significante, que permite ao sujeito transformar-se *a posteriori*. Passagem ao ato é o ‘agir inconsciente’, de um ato não simbolizável pelo qual o sujeito descamba para uma situação de ruptura integral, de alienação radical. Ele se identifica com o objeto (pequeno a), isto é, com um objeto excluído ou rejeitado de qualquer quadro simbólico. O *acting out* é uma mensagem para ser decifrada por aquele a quem é dirigida. Dá a ouvir a outro tornado surdo. Também pode ser definido como um ato inconsciente realizado por um sujeito fora de si. O sujeito que age, no *acting out*, não fala em seu nome. Não sabe o que está mostrando, nem tampouco, pode reconhecer o sentido de que desvela. É ao outro que é confiado o trabalho de decifrar, de interpretar os argumentos (...) o *acting out* é, precisamente, um acesso de loucura, destinado a evitar uma angústia

Na concepção desse autor, a conduta anti-social não é concebida como uma psicopatologia, pois a criança expressa através do furtar um sentimento de esperança. A esperança de voltar a encontrar algo de bom que se perdeu.

Na fase da esperança, o furto e a destrutividade podem se manifestar, a criança procuraria alguma coisa, em algum lugar, e não a encontrando buscaria em outro. A destrutividade apresentada pela criança, nesse período, corresponde à procura da estabilidade ambiental que suporte a tensão resultante do comportamento compulsivo. O objeto desejado não é o roubado, mas a mãe, que a criança criou, durante a fase dual com ela.

Ao procurarmos compreender o adolescente que pratica delitos, temos que considerar que nem todos apresentarão em sua psique *a falta*, como ausência da castração simbólica, durante o declínio do Complexo de Édipo, ou da diferença anatômica entre os sexos. *A falta* pode representar a perda desse algo bom, dessa mãe que a criança procura e seu amor.

Para Winnicott “a personalidade é um produto do mundo de relações internas que a criança está construindo o tempo todo,

demasiado violenta. Ele é a encenação tanto da rejeição daquilo que poderia ser o dizer angustiante do outro, como o desvelamento daquilo que o outro não ouve. Ele é o sinal feito a alguém, de que um fato real está no lugar de um impossível dizer. A passagem ao ato é, portanto, um agir impulsivo, inconsciente, e não um ato. A passagem ao ato é demanda de amor, de reconhecimento simbólico, sobre um fundo de desespero, demanda feita por um sujeito que ‘só consegue vivenciar com um desejo a evacuar’. A passagem ao ato está situada ao lado do irrecuperável, do irreversível. É sempre a ultrapassagem da cena, além do real, ação impulsiva da qual a mais típica consiste na *defenestração*. É jogo cego e negação de si mesmo. Constitui a única possibilidade pontual para que um sujeito se inscreva simbolicamente no real desumanizante. É com frequência, a repulsa a uma escolha consciente e aceita, entre a castração e a morte. Uma revolta apaixonada contra a incontornável divisão do sujeito. É a vitória da pulsão de morte, o triunfo do ódio e do sadismo. (...) é o preço muito caro, sempre pago para sustentar inconscientemente uma posição de domínio, na alienação mais radical, pois o sujeito está até mesmo prestes a pagá-la com a vida” (*Dicionário de Psicanálise La Rousse*, 1995, p. 8).

através do dar e receber psíquico” (p. 93). A troca entre a criança e seu meio, o dar e o receber, é possível graças à capacidade para envolver-se adquirida pela criança. A internação do adolescente em uma instituição com características ambientais adversas ao crescimento psíquico prejudica ainda mais a habilidade do adolescente em realizar trocas com o meio e ampliar um sentimento de envolvimento amoroso com a coletividade, com a vida e consigo mesmo.

Winnicott (1983), em *O ambiente e os processos de maturação*, expõe que na conduta anti-social, quer em crianças quer em adultos, há influência do ambiente e seus efeitos sobre a perda e a recuperação da capacidade para o sentimento de culpa. A perda do sentimento de culpa influi na recidiva da delinquência. Caracteriza o comportamento anti-social em dois tipos.

O primeiro seria ligado à rebeldia, por meio do roubo, da mentira, da destrutividade e da enurese noturna, atos que têm a finalidade inconsciente de gerar mais sentimento de culpa, para encobrir um sentimento de culpa intolerável anterior, o qual o sujeito não consegue explicar, causando-lhe uma sensação de loucura. Essa culpa estaria ligada a uma fantasia reprimida, que faz parte do Édipo original. Para aliviar a culpa envolve-se em atos de natureza criminosa. Estes atos têm seus efeitos a partir da repetição compulsiva, gerando ganhos secundários e aceitáveis para o eu da pessoa.

O outro tipo de comportamento anti-social é aquele em que a capacidade de culpa foi perdida e como consequência o sujeito envolve-se em episódios mais sérios, como o crime.

Winnicott denomina de *holding*, a provisão ambiental realizada pela mãe durante a dependência infantil, através de uma maternagem satisfatória, propulsora da separação dual mãe-bebê, onde a criança percebe os objetos como externos a ele próprio, ou seja, a criança passa do processo primário onde domina o princípio do prazer, do auto-erotismo e do narcisismo, ao processo secundário, acedendo ao princípio da realidade e da função simbólica.

O *holding* sustenta o sentimento de continuidade de ser, fonte de força do ego. A falha de cuidado leva a sensação de interrupção dessa continuidade de ser e o ego fica enfraquecido. Essas interrupções são sentidas como aniquilamento.

A psicopatia, para esse autor, é “uma condição do adulto que é a delinqüência não curada” (p. 123). É uma criança que cresceu privada de algo bom que teve em um determinado momento e depois perdeu. Essa privação real foi percebida pela criança e vivida como traumática. Winnicott, faz uma alusão de que no psicopata, no delinqüente e na criança anti-social suas atitudes refletem uma reivindicação: “o ambiente me deve algo”.

2.3 AS INSTITUIÇÕES TOTAIS

A palavra infrator, segundo a definição do Dicionário Aurélio, significa: “aquele que infringe”, que viola a lei. Arendt (1983), ao se pronunciar sobre a aplicação da lei para esses sujeitos, enuncia que: “o foco de cada julgamento recai sobre a pessoa do réu, o homem de carne e osso, com uma história individual e com um conjunto único de qualidades, peculiaridades, atitudes típicas e circunstanciais” (p. 293). Porém, a aplicação da lei como uma punição à infração cometida é necessária “para defender a honra ou a autoridade daquele que foi ferido pela ofensa, a fim de que a falta da punição não possa causar sua degradação” (p. 294).

Freud, em *Totem e tabu*, reconhece que “os primeiros sistemas penais humanos podem ser remontados ao Tabu”. A base para que algo se transforme em tabu é a realização de uma ação proibida, em cuja realização existe forte inclinação no inconsciente. A passagem ao ato, dessa inclinação inconsciente, levaria à dissolução da sociedade, uma vez que o respeito à Lei e aos limites colocados seria transgredido, podendo levar ao rompimento do laço social. Portanto, o Tabu é da ordem da colocação de limites, da tradição e da Lei.

Para os comportamentos que escapam às normas, a coletividade criou mecanismos de isolamento por meio da reclusão dos sujeitos em instituições totais: prisões e manicômios. Essas instituições sociais são “reais”, encarnam a expressão da lei em sua forma concreta, o poder é exercido pela retirada da liberdade de ir e vir, como uma forma de punição.

Para os adolescentes autores de ato infracional, mediante um processo socioeducativo, tem-se a expectativa que pode ser um

engodo ou uma esperança de que o “simbólico” venha a se instaurar pela internalização da lei, através de um processo de “ortopedia”.

O simbólico⁵ como sabemos decorre da ordem do Édipo e da metáfora paterna enquanto instauradora da lei, do sujeito do desejo e do acesso ao tributo fálico e da sexuação. De que maneira a internação pode ser reparadora ou um processo socioeducativo? O que se passa na vida intrapsíquica de sujeitos adolescentes, como, por exemplo, os efeitos da reclusão em ambos os sexos, pouco sabemos, pois faltam estudos a respeito.

Como aceder à ordem do simbólico dentro de uma estrutura que representa o poder “real”? Disso decorre que, para os adolescentes de ambos os sexos, a reclusão e os efeitos psíquicos dela emanados podem ter percursos diferentes. Em que registro essa diferença ocuparia seu lugar? Se haveria uma diferença é uma questão, que não é nosso objetivo investigar neste momento.

Entendemos que, enquanto lugar, as instituições podem concorrer para o nascimento do sujeito do desejo e não da morte do sujeito desejante, das diferenças e da subjetividade, através de um conformismo com a cultura instituída.

Para falar de instituição total, recorremos a Goffman (1974), que a define como:

“Um lugar de resistência e de trabalho onde um grande número de indivíduos, colocados na mesma situação, isolados do mundo exterior por um período relativamente longo, levam juntos uma vida reclusa, cujas modalidades são explicitamente e minuciosamente reguladas” (p. 11).

Ao estudar as instituições totalitárias e suas características, esse autor enuncia que existem características comuns a todas elas:

⁵ Lacan (1936) utiliza o conceito de simbólico para designar um sistema de representação baseado na linguagem, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia. Permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização.

“O aspecto central das instituições totais pode ser descrito como a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida: dormir, brincar e trabalhar. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase de atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva um tempo predeterminado à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras normais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição” (Idem, p. 18).

Qualquer que seja a definição, o objetivo das instituições totais será sempre direcionado para o controle e correção dos sujeitos.

Na Instituição FEBEM-SP constatamos em seu cotidiano, em alguns aspectos, ações semelhantes às descritas por Goffman. A Instituição propõe desenvolver dentro dos Complexos, Unidades e Internatos, um projeto pedagógico. Um grande número de adolescentes realiza as atividades de acordo com o projeto pedagógico, elaborado por uma equipe e sancionado pelo Estado, no entanto, percebemos que existem sérias dificuldades para executá-los.

A Instituição FEBEM-SP não gere a si mesma. Sua vida é criada a partir das interfaces e do entrecruzamento de demandas instituídas por outras instituições: as instâncias judiciária, legislativa e executiva, médica, educacional, religiosa, familiar etc., as quais historicamente detêm um poder na normatização das condutas humanas.

Não se pode negar a existência de algum tipo de gerência onde circula o poder, o qual se poderá configurar como onipotente e arbitrário. Raramente, dentro das instituições totais, os sujeitos ocupam o mesmo nível de poder. Existe uma hierarquia que os

distribui quanto ao nível de participação nas decisões. Sobretudo, o Estado apresenta sua face por meio dessa gerência, instituindo uma autoridade que se encarregará do cumprimento do plano proposto.

Apesar das décadas já transcorridas desde o início de sua criação, a Instituição FEBEM-SP sofreu pouca modificação em seu interior e na forma de tratamento aos internos que dela fazem parte, tornando-se um dispositivo cristalizado e arcaico.

Em instituições do tipo total, o fato de os sujeitos encontrarem-se todos sob uma única e mesma autoridade, quer seja um juiz, diretor ou educador, merece ser destacado. Quando a instituição trabalha com sujeitos em conflito com a lei, a figura de autoridade tem um significado específico como representante da lei: encarnará a representação do Nome-do-Pai.

Essa figura ocupa um lugar que é simbólico. Ela intermediará o sujeito com seu laço social. Essa autoridade será aquela que demarcará os limites da castração. Nem sempre essa figura consegue instituir a castração, pois muitas vezes ela mesma não quer se submeter a tal ética.

Esse lugar, ocupado pela autoridade, pode ser configurado como o lugar para a ocasião da transgressão, assim a colocação dos limites novamente fica deslocada. Quando a autoridade quer ocupar o lugar do “pai privero”, não castrado, os sujeitos a ele submetidos não encontram no Outro a mediação necessária à insígnia da castração. Quando muitas violações ocorrem dentro das instituições totais, o limite delas é dado pelos sujeitos detidos por meio de rebeliões.

O filme “Um Sonho de Liberdade”, do Diretor Frank Darabont (1994), demonstra como o diretor da prisão vai se envolvendo em corrupções e violações de direitos dos detentos. Ele passa a ocupar o lugar do “pai privero”, não castrado. O filme também mostra que toda a dinâmica da prisão concorre para a morte do sujeito desejante, para sua dessubjetivação. Aos poucos o sujeito passa a vivenciar a vida institucional como única possibilidade de ser, pois a instituição total quer determinar ao sujeito um modo de existir fundada em sua ideologia. A ideologia das instituições totais de caráter prisional é sempre a correção dos sujeitos por meio da perda de sua identidade, e nessa correção não há espaço para o

sujeito além de uma moldagem a que se aspira chegar. O ponto de inserção dessa moldagem visa a subjetividade do sujeito recluso. Ao sair em liberdade, para além dos muros da prisão, o sujeito não consegue saber de si, está morto para seu desejo, pois introjetou algo alheio à sua verdadeira subjetividade.

As alterações na dinâmica psíquica durante o período da internação, em adolescentes autores de ato infracional na FEBEM-SP, nos apontam para qual maneira a figura "real" do Juiz, em sua função de representante da lei, ao aplicar uma medida socioeducativa de internação, bem como dos profissionais que executam essa medida socioeducativa, pode interceder na criação de interditos, como um produto resultante desse processo e estabelecimento das regras sociais.

FEBEM – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

SUMÁRIO: 3.1 A Cristalização de Ações no Interior da FEBEM-SP – 3.2 Perfil do Sistema Institucional de Atendimento ao Adolescente Infrator na Colômbia: 3.2.1 As Instituições.

Buscaremos situar sucintamente, neste Capítulo, a FEBEM-SP, uma rede institucional, as políticas sociais envolvidas na assistência e proteção à infância e algumas pesquisas sobre a FEBEM-SP.

A FEBEM-SP caracteriza-se como uma rede institucional, dentro das políticas sociais envolvidas na assistência e proteção à Infância e Juventude do Brasil. As políticas de atendimento à infância sofrem a influência de contextos sociopolíticos e períodos históricos, determinando e construindo a história da infância da Nação brasileira.

No século XX, a questão da criança e do adolescente esteve intrinsecamente ligada à instância judiciária e às instituições, lugar de políticas sociais. A instância judiciária e seus dispositivos, como as instituições totais, são instituições de caráter público, interligadas entre si, dentro das estruturas sociais.

As instituições públicas ocupam um lugar no corpo social, de reprodução das normas do Estado, de manutenção da ordem e do enquadramento às leis, para o nivelamento das condutas humanas. A instância judiciária é um dos principais dispositivos mediadores

e normalizadores dessas condutas. Esses dispositivos atravessam todo o cotidiano: vida social, educacional, econômica, cultural e política. O objeto da instância judiciária é a lei. A subjetividade do sujeito, a compreensão de suas necessidades, não é levada em consideração, uma vez que a retórica judicial é o enquadramento às normas sociais.

O atendimento à infância pobre e tutelada em nosso país originou-se no Brasil Colônia. Com o propósito de educá-las, foram os jesuítas os primeiros a cuidarem dos “Órphãos da Terra” e crianças indígenas abandonadas, “Curumins”, que eram levados para a “Casa dos Muchachos”, um lugar de recolhimento dessas crianças.

Em 1861 foi criado o “Instituto de Menores”, na “Casa de Correção da Corte”, criado por D. Pedro II, com o objetivo de tutelar crianças “abandonadas” e “infratoras”, na cidade do Rio de Janeiro, onde funcionava a Corte Real. Atualmente, nesse mesmo prédio funciona a Penitenciária Lemos de Brito, para a população adulta.

No fim do Império e início da República (1889), o crescimento urbano nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo acelerou-se pela imigração e abolição dos escravos, aumentando o contingente de crianças que viviam nas ruas, como um dos meios para sua sobrevivência. Essa população tornou-se excluída do mercado de trabalho, exposta à pobreza, à insalubridade, epidemias e mortalidade infantil.

As crianças que viviam nas ruas eram levadas para as “Casas de Correção”, misturadas com os adultos e afastadas de seu meio sociofamiliar.

Com a criação dos Juizados de Menores, em 1923, surgem duas categorias para designar as crianças pobres: “Menor Abandonado” e “Menor Delinqüente”, que pratica atos “criminosos” ou “contravenções”. Em 1927, o Código de Menores passou a ser a legislação vigente. E, em 1964, dá-se início no Brasil à ditadura militar. O Governo Militar vigente cria a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM, estabelecida no modelo da Escola Superior de Guerra. A FUNABEM estabelece a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM), baseada em um conjunto de normas e diretrizes para todos os Estados da Federação em que a avaliação do “comportamento, meio sociocultural, con-

duta e antecedentes familiares, tinham como propósito encaminhar para Colônias Correcionais para reabilitação “os menores viciosos” (Lima, 1996).

No período da FUNABEM, a criança pobre era internada nas casas correcionais, para que um dia não viesse a cometer delitos.

É somente em 1990, com a redemocratização e a Constituição de 1988, que novas diretrizes são formuladas por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, o qual institui que toda criança e adolescente é sujeito de direito, rompendo com a dualidade *infância rica e infância pobre*. Propõe a doutrina da proteção integral, sem distinção de classe social, preconizando mudanças na estrutura social brasileira, abordando o problema da infância no Brasil, como consequência da exclusão e das desigualdades sociais.

Passaram-se cinco séculos, as leis mudaram, mas o Estado como interventor ainda não assegurou a implementação efetiva do ECA, ampliando a cisão entre o disposto na Lei e suas ações.

O Estado não é uma abstração. É composto por instituições, que por sua vez são sustentadas em seu esqueleto por sujeitos, que são os sujeitos da ação histórica, sujeitos singulares que recebem e exercem influência sobre outros sujeitos históricos, num jogo de forças e poder, de visões de mundo e intencionalidades por vezes distintas, conflitivas, complementares, contraditórias ou harmônicas.

Apesar das inovações da Lei e da busca de uma linha socioeducativa para os adolescentes que cometem delitos, menos punitiva e mais reeducativa, o passado persiste em se apresentar na forma de aplicação da Lei e no tipo de ações educativas a que são submetidos os adolescentes *sub judice*. Por parte da instância do Judiciário ainda persiste a decisão de internação de adolescentes empobrecidos para “recuperação”.

Essa prática pode ser observada pelo crescente número de adolescentes que são internados, sem uma avaliação das reais condições em que se encontram as instituições de internação e da subjetividade do adolescente, em poder cumpri-las.

A preferência pela internação é visível até pela lentidão em implementar outras medidas socioeducativas alternativas em meio aberto, previstas pelo ECA.

Em 1.º de janeiro de 1996, a FEBEM-SP atendia 1.955 adolescentes com medida de internação. Em 1.º de abril de 1999, houve um aumento para 4.042 adolescentes, representando um crescimento de 107%, gerando defasagem entre o número de adolescentes e vagas existentes. Essa clientela é composta de um percentual de 34,8% de adolescentes oriundos do Interior, 19,7% da Região Metropolitana de São Paulo e os restantes 45,5% da Capital.

A FEBEM-SP, no início da pesquisa, caracterizava-se por aglomerados de unidades de internação, que são chamados de "Complexos". No início da pesquisa, havia dois Complexos: o da Imigrantes e o do Tatuapé, além de três unidades chamadas de Internato. Além da execução da medida socioeducativa de internação, executa as medidas em meio aberto como a Semi-liberdade e a Liberdade Assistida, que é regionalizada por todo o Estado de São Paulo.

A privação de liberdade é uma atividade exclusiva do Estado. O Estado histórica e estruturalmente tem mantido a tradição com a forma punitiva, por meio de dispositivos cristalizados, cuja origem remonta ao Governo Militar. A FEBEM-SP apresentou nos anos 1999 e início de 2000, como demonstrado nos meios de comunicação, um quadro de total incompatibilidade com as necessidades atuais dos adolescentes internados e com o ECA, como: superlotação, rebeliões constantes, punições físicas, mortes de funcionários e adolescentes, transferências de adolescentes de um lugar para o outro, a utilização de cadeiões, presídios, utilizados como espaços socioeducativos.

Entretanto, esses fatos têm gerado a necessidade de implementação de ações que levem a instituição a sair da crise história nos aspectos estruturais e funcionais em que se encontra.

Para isso a instituição vem, desde 1999, empreendendo a revisão de seus métodos e de suas diretrizes por meio de um projeto pedagógico que prevê a implantação de Núcleos de Atendimento Integrado¹ regionalizados.

¹ "É a integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Segurança Pública e Assistência Social, visando praticar

Tem realizado convênio com parcerias, supervisão técnica nos seus Complexos, capacitação de educadores e a regionalização do atendimento a essa população, pela construção de pequenas unidades, principalmente nas cidades do Interior do Estado, origem da maioria da população atendida pela Fundação.

No final do ano 2000 não havia mais adolescentes da FEBEM-SP nos cadeiões de Santo André e de Pinheiros, prevendo-se a retirada dos adolescentes do Presídio de Parelheiros e Franco da Rocha até o meio do ano de 2001 (*sic*).

No Interior, em cidades onde está prevista a construção de pequenas unidades da FEBEM-SP, foi criada uma equipe incluindo corpo dirigente e assessoria técnica, especificamente, para organizar junto a sociedade civil local a implantação dessas unidades, procurando envolver a comunidade nas discussões e na problemática do adolescente em conflito com a lei, sem o que fica inviabilizado um trabalho em conjunto que auxilie o adolescente na inserção de sua coletividade.

A não aceitação da construção de unidades em cidades do interior do Estado pela comunidade local é um dos fatores que gera o deslocamento do adolescente de sua cidade de origem, dificultando a manutenção dos vínculos familiares e sua inserção social.

Para executar as medidas socioeducativas previstas no ECA, a FEBEM-SP está estruturada em diversas gerências, as quais se responsabilizam pelos atendimentos em meio aberto e em meio fechado. O meio aberto corresponde às medidas que não requerem a internação do adolescente. O meio fechado corresponde à internação, a qual é executada em diferentes unidades situadas em algumas regiões da Capital e do Interior. Quando várias unidades estão aglomeradas em um mesmo espaço, esse local é chamado de Complexo. Os internatos correspondem a uma unidade pequena, situada fora desses Complexos.

o novo olhar; mobilizar familiares e outros recursos da comunidade, buscando até o limite manter o adolescente em seu meio de pertencimento. Na regionalização o NAI caracteriza-se em “um equipamento básico onde iniciam-se e encerram-se os procedimentos jurídico-processuais” (p. 11-12).

A FEBEM-SP apresenta, em sua nova diretriz para os adolescentes autores de ato infracional, um projeto pedagógico em que “o adolescente será o centro de uma ação educativa exigente e humana”.

Com as constantes rebeliões ocorridas dentro da Instituição em várias Unidades, criaram-se, no ano 2000, Internatos e novos Complexos como: Parelheiros, situado no ex-presídio, reformado para atender adolescentes do “circuito grave, rebelados e outros” e que, mesmo reformado, continua a manter as características de presídio para segurança máxima; Complexo Franco da Rocha, construído nos moldes de presídio para segurança máxima, para atender adolescentes do “circuito grave, rebelados e outros”; Complexo Brás: unidades de recepção e de internação provisória (prédios reformados, ganhando grades e portas de aço em seus andares, assemelhando-se à instituição de segurança máxima); Complexo Raposo Tavares e Internatos para atender adolescentes do “circuito médio”. Os internatos atendem a uma população específica, já os complexos atendem diferentes perfis de adolescentes, por isso as unidades que integram esses complexos estão divididas entre os circuitos “médio” e “grave”.

Essas categorias “médio” e “grave” correspondem a uma denominação das Varas Especiais e da FEBEM-SP, quando da aplicação de uma medida socioeducativa de acordo com o tipo de delito cometido pelo adolescente. Como “grave” entende-se homicídio, latrocínio, estupro, seqüestro etc., e como “médio” entende-se: roubo, furto etc.

Como prática na instituição, o relatório interdisciplinar ocupa um lugar central. É a partir dele que o destino da infância empobrecida é inserido em registros alheios ao próprio sujeito. A demanda do sujeito não importa à instância judiciária, e, comumente, medidas jurídicas são aplicadas em dissonância com a subjetividade daqueles que passam a ser objeto e estão apreendidos pela retórica jurídica.

Constatamos a ausência de psicodiagnóstico como prática no atendimento inicial do adolescente, tanto pela instância judiciária como pela FEBEM-SP. Em outros países mais desenvolvidos ou mesmo com Leis mais severas é comum a realização de um psicodiagnóstico, não somente para a aplicação de uma medida, mas também como forma de levantar indicadores para a realização de um trabalho junto ao adolescente e sua família.

Na França, segundo Rassial (2000, palestra dada no IPUSP), o diagnóstico realizado leva em consideração o adolescente em seu devir, por isso o diagnóstico não é algo definitivo. Ele expressa um momento vivencial do adolescente.

O diagnóstico, quando mal utilizado, implica numa nomeação do adolescente, situando-o dentro em uma posição e a desconsideração da dinâmica da vida psíquica, procurando inseri-la pela nomeação do outro, no registro da estagnação e numa posição subjetiva pela qual passa a responder na sociedade, por exemplo: como “ladrão”.

Por considerar a privação de liberdade causadora de efeitos deletérios à subjetividade do adolescente, a França utiliza esse recurso para a punição, correção e prevenção da delinquência entre os jovens somente em casos extremos. Procuram evitar o sistema prisional, implementando as penas alternativas em meio aberto, principalmente a “prestação de serviços à comunidade”.

Para isso, o sistema de justiça francês tem realizado uma injunção com a Psicologia. Ao adolescente que está em conflito consigo mesmo e com a lei é oferecido, *a priori*, a possibilidade de um trabalho em nível psicológico. Caso o adolescente não aceite, ele pode vir a ser privado de sua liberdade, num período máximo de dois meses.

A curta permanência dos adolescentes em regime fechado, na França, tem o propósito de evitar a assimilação pelo ego da hierarquia das prisões, como forma de adaptação a esse contexto. Como hierarquia das prisões, os franceses entendem a estrutura funcional das prisões, que impele o sujeito na disputa do poder dentro dessas instituições, na assunção de posições menos submissas, o envolvimento com bancas, a formação de grupos, de desafetos, tráfico e outros.

Rassial (2000, palestra realizada no IPUSP) entende a adolescência como uma idade de construção do sintoma, da passagem do singular do Nome-do-Pai para o plural do Nomes-do-Pai, ou seja, das diversas possibilidades de o sujeito poder se nomear. É o verdadeiro momento da decisão da estrutura.

Esse autor caracteriza a adolescência como um período de instabilidade da estrutura, mas a mudança de estrutura é rara. É um

momento em que há instabilidade das diversas dimensões psíquicas, em que não há nenhuma certeza simbólica, imaginária ou real.

Com isso Rassial quer dizer que existe uma agitação permanente e isso torna difícil o diagnóstico da estrutura, pois o que auxilia a fazer diagnóstico é a forma do sintoma. Para os adolescentes, o diagnóstico tem o efeito de veredicto.

Esse veredicto corresponde a um Nome-do-Pai. Se for um Nome-do-Pai sob uma patologia, o outro passará a procurar esse nome no sujeito, colando-o a uma patologia, por exemplo: "Você é um ladrão". Se o sujeito é desde a infância inseguro em relação ao seu nome, então ele vai enredar pela via indicada por esse nome.

Na enunciação de Rassial, a violência apresentada pelo sujeito delinqüente apresenta uma dimensão de auto-agressão. Quando o sujeito faz mal ao outro, matando-o, isso ocorre por meio do que se pode chamar de projeção paranóica e não psicótica. Um adolescente sabe que sua violência provoca a do outro, o que caracteriza no ato violento uma posição auto-agressiva.

3.1 A CRISTALIZAÇÃO DE AÇÕES NO INTERIOR DA FEBEM-SP

Para compreendermos as ações antagônicas entre o disposto na Lei e o executado na prática no atendimento ao adolescente autor de ato infracional, temos que nos reportar ao contexto sociopolítico da criação da FEBEM-SP e de sua montagem. Ou seja, durante o período do Governo Militar, quando foi estabelecida seguindo o modelo da Escola Superior de Guerra, e a infância empobrecida passou a ser denominada "menor como objeto de segurança nacional".

Concebidas nessa ideologia, as "casas correccionais" para essa população, em sua montagem, quer arquitetônica, funcional e estrutural, adquiriram características das prisões dos adultos. Perpetuando o ciclo de reclusões de crianças e adolescentes em instituições totais, quer sob o discurso de "proteção" ou "correção", nos moldes prisionais da Europa, como uma prática comum de prevenir a delinqüência desde o Brasil Colônia, em vez de pensar em como assegurar a elas sua inserção na Nação.

A partir desse histórico, podemos entender a montagem da FEBEM-SP, que é caracterizada por um discurso cristalizado que pede atualização.

A história da FEBEM-SP é marcada por uma ideologia militar, dentro da qual o lugar do adolescente, seja ele autor de ato infracional ou não, passou a ser objeto de “segurança nacional”. Para os adolescentes que fazem a passagem ao ato pelo delito, este foi inserido na posição fixa de “infrator, bandido, ladrão”. Não é à toa que muitas ações da instituição e da instância judiciária ainda hoje refletem essa ideologia, mantendo um discurso cristalizado.

A origem da FEBEM-SP, dentro de um contexto sociopolítico, determinou sua montagem e seu discurso.

A própria origem da instituição na sua montagem é atravessada pelo discurso cristalizado de uma outra instituição “a Escola Superior de Guerra”, que já lia esse adolescente como “infrator, bandido, ladrão”.

Um discurso cristalizado que atravessa, marca, inscreve e vai mantendo as ações de muitos de seus profissionais, não possibilitando a eles sua identificação e a assunção do papel de educador.

Talvez se esses profissionais tivessem um espaço em grupo para discussão, onde se identificassem com o papel de educador, poderiam oferecer alternativas e a proposição de um novo circuito de socialização dentro de suas ações, em vez de insistir que o adolescente é “ladrão, bandido”.

Nessas alternativas há que se considerar que, diferentemente do interno adulto, estão trabalhando com internos que estão dentro do desenvolvimento humano, no tempo da adolescência e reclusos por um determinado período, dentro do tempo cronológico de suas existências.

O tempo da adolescência é marcado pelo recrudescimento do Édipo, da sexualidade e do estabelecimento da identidade. É o momento de se resgatar o que foi perdido ou não adquirido durante o processo evolutivo. Nesse sentido, o tempo da adolescência caracteriza-se por uma nova oportunidade para as ascensões de condições destrutivas ou construtivas ao desenvolvimento da personalidade. É na interação com a sociedade e com os modelos identificatórios que o adolescente retira suas mensagens para sua autodeterminação.

Os modelos oferecidos aos jovens, quando são modelos caóticos e idealizados de identificação, podem afetar a capacidade criativa e a discriminação da realidade, isso porque os adolescentes, em busca de sua identidade, tendem a reproduzir e a imitar os modelos oferecidos pela sociedade.

Uma instituição que não permite que o próprio profissional construa uma reflexão sobre sua práxis, o que sobra para esse profissional, por exemplo, o monitor, é o lugar de algoz e não o de educador.

Se é um lugar que se propõe a realizar um trabalho pedagógico, esse lugar deveria estar fundado e marcado desde o início de sua montagem, na escuta e consideração da singularidade dos sujeitos para sua integração na Nação.

Percebemos que quando o adolescente é ouvido como sujeito, ele tem a possibilidade de sair dessa nomeação de "infrator, ladrão".

Como efeito, para um adolescente que está nesse lugar de "ladrão", há duas conseqüências paradoxais possíveis: a fuga ou a identificação e, ainda, não é uma coisa ou outra, mas as duas.

As fugas podem indicar que os adolescentes não sentem que ali é um local que os acolhe, ou, ainda, levá-lo a assumir de vez esse lugar de "infrator, ladrão, bandido". Se é um lugar que o coloca nessa posição de "ladrão", ele se vê no imperativo de agir de acordo com essa nomeação, e como infrator o que resta é a fuga, as rebeliões.

A fuga pode ser uma tentativa de se livrar dessa nomeação. Fugir daquilo a que estão tentando reduzi-lo: a um nome.

Como paradoxo desse enredo em que se encontra inserido, pode identificar-se com esse lugar, passando a assumir de vez essa posição de "infrator, ladrão, bandido". Então, vai ser o que um infrator faz, tentando se adaptar às regras do ambiente. Mas pode ser um rebelde, como tentativa de escapar desse outro que o nomeia em ato que é um "ladrão". A rebeldia pode ser uma resistência por estar nesse lugar.

A montagem da FEBEM-SP, resulta em uma fixação do adolescente nessa nomeação, não possibilitando, dizer sobre seu delito, resignificar e responsabilizar-se pelo seu ato infracional.

3.2 PERFIL DO SISTEMA INSTITUCIONAL DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE INFRATOR NA COLÔMBIA

Com o objetivo de comparar os sistemas institucionais da FEBEM-SP com os da Colômbia, realizamos um estágio de vinte dias, entre os meses de julho e agosto/2000, nas cidades de Santa Fé de Bogotá e Medellín. Estagiamos nas instituições administradas pelos “Religiosos Terciarios Capuchinos”.

As instituições da Colômbia apresentam pedagogia e estrutura organizadas, com ausência de conflitos, como rebeliões. Diante dessas condições, tínhamos a pretensão de conhecer os aspectos emocionais dos adolescentes internados por meio do Procedimento de Desenhos-Estórias e levantar aspectos que se assemelham ou diferem da população adolescente brasileira.

Como país, a Colômbia possui diversos problemas internos, como a ausência de indústrias, alto nível de desemprego, tráfico de drogas, guerrilhas, grupos paramilitares. Seu povo é voltado para as tradições de suas culturas. Foi povoado por diferentes povos pré-colombianos, daí suas diferentes tradições.

Para compreender esse momento histórico, as universidades colombianas voltam-se para o estudo e pesquisa de sua própria realidade. Com relação ao mundo da infância e juventude, existem universidades especializadas para essas áreas. Elas têm como objetivo a formação do “educador social”, um educador especializado que cursou a universidade por um período de quatro anos, e que deve produzir conhecimentos que auxiliem o trabalho com seus jovens. Entretanto, as leis para a área da infância e juventude baseiam-se em um código antigo, repressivo e autoritário. Os delitos cometidos em sua maioria são: guerrilha, tráfico de drogas, porte de armas, roubo, homicídio e outros.

3.2.1 As Instituições

A Colômbia, no trato ao adolescente infrator, também adota o dispositivo institucional de instituições totais. Entretanto, a forma como atende o adolescente apresenta características que se contrapõem ao modelo da FEBEM-SP.

O trabalho com o adolescente infrator encontra-se terceirizado. Com o repasse de verbas do Estado, são os “Religiosos Terciarios Capuchinos”, que desenvolvem a “pedagogia reeducativa”. Procuram associar nessa pedagogia a filosofia, a pedagogia, a psicologia, a história, os direitos humanos, o trabalho com o meio social, o sistema judiciário, a família, a pesquisa e as Universidades.

Em Santa Fé de Bogotá, a entrada do adolescente se dá num equipamento chamado Centro Especializado de Recepção para Adolescentes – “CER”. Nesse centro é realizado um relatório técnico chamado de “Informe de Prediagnostico” em oito dias, para a instância judiciária. Caso seja necessário o aprofundamento do estudo de caso, o adolescente permanece nesse espaço por mais dois meses. Será avaliado por uma equipe interdisciplinar: médico (clínico e psiquiatra), psicólogo, assistente social, pedagogo, dentista, nutricionista. Essa equipe, em conjunto, realiza um relatório chamado “Informe Interdisciplinário”, o qual contém dados de desenvolvimento do adolescente, seus dados potenciais, limitações, dados de sua família e meio social. Caso seja necessária a reclusão do adolescente, ele é transferido para outro local chamado de “Cerrado”, que são os locais onde ficará internado vinte e quatro horas. As instalações no CER são compostas por dormitórios, salas de oficinas, refeitório, salas de atendimento privativo para a equipe técnica, salas para reunião em grupo com os adolescentes e com famílias, e espaço para lazer, de tal forma que o adolescente execute diariamente diversas atividades. Diferentemente da prática executada em São Paulo, os juízes comparecem a esse espaço diariamente para realizar audiência com o adolescente. Há um limite colocado pela instituição, no que diz respeito ao número de vagas. Nenhum adolescente a mais – além daquilo que comporta a instituição. O limite se faz limite inscrito. Do CER, o adolescente pode ser encaminhado para medidas em meio aberto ou semi-aberto. O CER atende cento e vinte adolescentes, com quinze para cada educador.

El Redentor é uma instituição que executa a medida nos “Cerrados”, os adolescentes ficam em casas modernas com dois andares, não existem muros separando, apenas belos jardins. A beleza e a estética são valorizadas pelos internos e pelos trabalhadores. As casas apresentam uma arquitetura uniforme, porém

jamais lembram os formatos das prisões. Em cada casa há vagas para somente vinte adolescentes. Cada quarto, com dez adolescentes. Atende duzentos adolescentes entre quatorze e dezoito anos, com quinze adolescentes para cada educador. Ao redor de todas as casas existe um muro de tijolos, com policiais armados do lado de fora. Dentro dos “Cerrados” residem também os dirigentes. Porém, os educadores e pessoal da área técnica residem fora da Instituição, em seus lares. Os adolescentes já sabem quanto tempo irão ficar nesse espaço, pois consta em sua medida. Sabem também que participarão de diversas atividades diariamente, como: acordar cedo, arrumar seu dormitório, tomar café da manhã, fazer sua higiene, freqüentar escola, freqüentar os cursos profissionalizantes, participar dos grupos, praticar seu lazer diário.

Ao chegar em “El Redentor”, o adolescente não é reavaliado, pois o estudo de caso já foi realizado pela equipe do CER. Os educadores e a equipe técnica sabem que não é necessária essa reavaliação, pois foi realizada por outros profissionais de tal forma que os indicadores para a realização de um trabalho com os adolescentes já estão presentes no corpo do relatório. Não se perde mais tempo. A função do CER é fazer o diagnóstico das necessidades do adolescente, para que, no “Cerrado”, os profissionais voltem suas ações a partir do diagnóstico realizado como a participação em cursos profissionalizantes.

No dizer de uma psicóloga: “novos diagnósticos por outros técnicos desmotivam o adolescente que não se sente percebido em suas necessidades, pois terá que repetir suas histórias para várias pessoas novamente, o que não é produtivo para ele. Ele pode virar para nós e dizer: “mas isso eu já falei, novamente ou só me perguntam isso”.

Todo o trabalho é exercido dentro de uma abordagem sistêmica. Cada educador sabe que seu papel é fundamental para o trabalho evoluir e que está ligado ao de outro profissional. Se sua parte falha, todo o resto é comprometido. Atualmente, a instituição adota o modelo de Comunidade Terapêutica, em todas as medidas reeducativas, para a população atendida, como o DayTop (EUA), Projeto Uomo (Itália) e Hombre (Espanha). Também realizam um trabalho grupal de orientação às famílias, com temas voltados para a educação dos filhos. Diariamente, os educadores se reúnem para

discutir seu módulo de trabalho. Em conjunto planejam as atividades da semana, do mês e algumas fixas para o ano todo, bem como a vida diária dos adolescentes que estão sob sua responsabilidade. A instituição funciona de maneira tal, que cada funcionário sabe o que está acontecendo com cada adolescente, isso para evitar atitudes contraditórias.

Os adolescentes do “Cerrado” estão separados por compleição física, não importa o tipo de delito. A instituição, por ser dirigida por religioso, adota a filosofia de que “aos olhos de Deus, somos todos iguais”. Os adolescentes têm a liberdade de circular entre um módulo e outro.

A história das instituições para menores na Colômbia mudou seus rumos com os “Terciários”, pois antes era dirigida pelo Estado. Rebeliões, maus-tratos, superlotações e condições mais adversas estavam presentes. Com os “Terciários”, os dados revelam que esses conflitos são raros.

A instituição possui suas normas de disciplina, e, quando um interno quebra algumas delas, ele é separado do grupo, recebe a tarefa de, em um determinado horário do dia, sentar-se em uma cadeira, que pode estar no jardim, e fazer uma reflexão sobre sua atitude e escrevê-la em uma redação.

Em “El Redentor” funciona uma Comunidade Terapêutica (CT), para tratamento dos adolescentes que utilizam drogas. Esses adolescentes não são obrigados a freqüentá-la, permanecendo nesse espaço por vontade própria.

Uma unidade feminina “Hogar Feminino”, funciona ao lado de El Redentor, e atende a meninas a partir dos quatorze até dezoito anos. Nesse espaço estão sessenta meninas. Cada casa com vaga para quinze.

Empreendemos visita a “Cajica” uma unidade de semiliberdade, próxima à Bogotá. Essa unidade também trabalha nos modelos de Comunidade Terapêutica. Ela é dirigida por um Frei Espanhol e situa-se ao sopé de uma das montanhas da Cordilheira dos Andes. É um lugar extremamente belo e sua arquitetura lembra padrões modernos. Cada casa tem um formato de cruz. São nove casas em cinquenta mil alqueires. Cada casa abriga somente vinte adolescentes. Nesse espaço existe uma CT e estão, ainda, as oficinas,

a biblioteca, a sauna, as piscinas, o refeitório, a sala dos técnicos. Cada técnico tem a sua. Nota-se na área externa, jardins, um lago e animais. Não há cerca e nem guardas. Os adolescentes dormem no local e também seus educadores, do período noturno. Nos finais de semana o adolescente vai para a família. Realizam durante a semana cursos profissionalizantes, escola e a participação em atividades culturais e de lazer.

Nessas instituições de Bogotá, os adolescentes se abraçam, abraçam seus educadores e se sentem seguros, bem como seus educadores.

Em Medellín, o CER e o equipamento do “Cerrado” (La Pola) apresentam uma arquitetura fechada, com grades nas portas e nas oficinas e muros altos. Em um dos bairros de Medellín funciona o “Lar San José”, um equipamento conjugando várias medidas jurídicas: “Abrigo” para crianças pequenas, cujo trabalho tem parceria com a Universidade de Oslo; uma Semiliberdade e Liberdade Assistida. Esse equipamento possui uma arquitetura sem grades e aberto. Na Liberdade Assistida, os adolescentes passam o dia nesse equipamento se profissionalizando ou estudando, retornando para suas casas após as atividades.

Todos esses trabalhos são supervisionados pela Universidade Luiz Amigó, especificamente voltada para essa atividade. Todos os meses, os profissionais de todos esses equipamentos se reúnem para reflexão da prática e todos fazem cursos semanais para reciclagem. Nos meses de julho e agosto/2000, e de forma continuada, os profissionais participaram de *workshops*, para trabalhar seus próprios estados afetivos por meio de dinâmicas grupais.

Esses equipamentos e os profissionais que neles trabalham encontram respaldo dos “Juízes de Menores”, que não exigem o aumento de adolescentes, além do número de vagas. Esses Juízes confiam no trabalho técnico e nos seus relatórios, sentenciando de acordo com as sugestões oferecidas. Também realizam as audiências diariamente nesses equipamentos.

As atividades de lazer e culturais envolvem a cultura colombiana e suas tradições.

Todos os profissionais dessas instituições respeitam as regras estabelecidas e seu contrato de trabalho. O horário de trabalho de

cada profissional não excede a oito horas diárias para evitar o estresse.

Em Bogotá e Medellín, entrevistamos adolescentes em grupo e individualmente. Os jovens que contatamos demonstraram grande interesse em saber da situação dos adolescentes brasileiros. Queriam saber se aqui no Brasil eles se sentiam bem por estar nas instituições, pois lá se sentiam seguros, se iam para a escola, se faziam cursos profissionalizantes, se a droga era liberada, se eles recebiam visitas íntimas, se a comida era boa, se a família vinha visitá-los, quanto tempo ficavam nas instituições, se havia muitas indústrias no país, emprego, guerrilhas e magia negra (o candomblé é visto por eles como sendo magia negra), e outras questões ligadas ao momento e ao mundo da adolescência. Em suas perguntas, também questionavam sua instituição, na medida em que procuravam balizá-la com as instituições brasileiras. Esses adolescentes apresentavam nível de escolaridade elevado e forte contato com sua realidade.

Nas Instituições da Colômbia, observamos contrapontos em relação a FEBEM-SP: todos os profissionais respeitam a pedagogia proposta e evitam quebrar regras, estando, pois, submetidos à "castração simbólica". A instrumentalização dos profissionais é ininterrupta, contribuindo assim para melhor capacitação profissional. O índice da violência dentro das Instituições da Colômbia é baixo comparado com a FEBEM-SP. Entretanto, o índice de reincidência nos adolescentes de Medellín – La Pola é alto, com uma taxa em volta de 50%, assemelhando-se, nesse aspecto, à realidade brasileira. No entanto, em La Pola, a arquitetura prisional assemelha-se às instituições brasileiras e às instituições descritas como "totais". Esses índices indicam que a questão da delinquência envolve outros instrumentais que não somente os do registro da pedagogia; é necessário, tanto lá como aqui, que o adolescente tenha acesso na construção dos bens da cultura. É importante a consideração da subjetividade do adolescente para que ele possa instituir sua auto-regulação a partir de referenciais internos e da sua relação com a coletividade.

INSTRUMENTOS E MÉTODOS

SUMÁRIO: 4.1 Instrumentos: 4.1.1 Prontuário do adolescente; 4.1.2 Entrevistas com adolescentes e profissionais; 4.1.3 Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca; 4.1.4 Avaliação; 4.1.5 Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD); 4.1.6 Entrevista de Anamnese; 4.1.7 Devolutiva; 4.1.8. Estabelecimento do *Setting* – 4.2 Sujeitos – 4.3 Operacionalização da Pesquisa – 4.4 As Unidades da Pesquisa – 4.5 Aplicação do Material – 4.6 Análises dos Dados.

4.1 INSTRUMENTOS

Essa pesquisa qualitativa foi realizada tendo como base o estudo de caso, junto aos adolescentes e suas famílias. Para tanto, utilizamos o diagnóstico do tipo compreensivo, o qual “procura abarcar uma multiplicidade de fatores em jogo na realidade de estudos de caso” (Trinca *et al.*, 1984, p. 15), além de obter dentro do conjunto de informações disponíveis os aspectos significativos e relevantes na personalidade.

O estudo de caso foi realizado em dois tempos: uma 1.^a fase no início da internação e a 2.^a fase após um período de aproximadamente cinco e seis meses de internação.

Para esse fim, realizamos, com os adolescentes e suas famílias, entrevistas e técnicas projetivas. Utilizamos um roteiro semi-

estruturado (Mazzaro, 1984) e (Gabarino & Bedard, 1996); Observações; Prontuário do Adolescente; Entrevista de Anamnese (Grüspun, 1982); Entrevistas com familiares; Entrevista Familiar Diagnóstica; Entrevista Devolutiva (Bleger, 1980); Entrevistas com os diferentes profissionais da FEBEM-SP. As técnicas projetivas de investigação da personalidade como o Procedimento de Desenhos-Estórias (Trinca, 1984). Caracterizamos também o ambiente institucional, dentro do qual se circunscreve o contexto de uma ação sociopedagógica. A avaliação dos dados foi realizada com análise no referencial psicanalítico.

Considerando-se os objetivos desta pesquisa:

- levantar e investigar os estados afetivo-emocionais dos sujeitos durante a internação em dois tempos: no início e após seis meses de internação;
- detectar as alterações psicodinâmicas nos adolescentes internos.

Escolhemos o diagnóstico do tipo compreensivo por acreditarmos que ele possibilita o conhecimento do mundo psíquico em suas interações com os aspectos dinâmicos, intrafamiliares e socioculturais. Dessa forma, possibilita uma compreensão holística de cada caso individualmente. Diferentemente, do modelo psicométrico que se utiliza de testes para determinar e detectar características genéricas do comportamento humano pela mensuração e classificação.

Em nossa concepção, o diagnóstico não é algo que tenha como função colocar uma “classificação” ao sujeito, nomeando-o nessa ou naquela categoria. O homem está sempre construindo seu devir e sua ação no mundo, por isso o psicodiagnóstico, por mais abrangente que seja, constitui uma hipótese diagnóstica, pois expressa um determinado momento vivido pelo sujeito. As informações derivadas do psicodiagnóstico servem como recursos para serem trabalhados e podem auxiliar as pessoas em seu autoconhecimento e desenvolvimento.

Em nossa experiência, um diagnóstico estritamente do “tipo psicométrico” pouco auxiliaria os adolescentes internos na FEBEM-SP e suas famílias. Esse tipo de diagnóstico pode favorecer

a cristalização de uma percepção sobre esse sujeito, a partir de uma de suas características, inculcando um novo “rótulo” e estigma, dentre tantos outros colocados pela instituição e sociedade.

Por questões de ordem prática, faz-se necessário explicitar que esse estudo terá um recorte, pois as alterações psíquicas durante a internação referem-se ao período compreendido entre o ingresso do adolescente em Unidade de Internação (UI), até seis meses de internação. O período anterior – compreendido por sua apreensão, entrada na Unidade de Atendimento Inicial (UAI), encaminhamento para a Unidade de Internação Provisória (UIP), até sua transferência para UI – são locais onde se propõe uma curta permanência. Portanto, os sujeitos a serem estudados já trazem consigo as marcas destes diferentes lugares anteriores à internação na UI.

Nossa opção por essa etapa tem um sentido na medida em que esta tem como objetivos da instituição:

- conhecimento técnico e educacional do adolescente;
- conhecimento do núcleo familiar do adolescente;
- atendimento psicossociopedagógico, visando a ressocialização do adolescente;
- realização de trabalhos incidindo nos estados afetivos do adolescente e sua família;
- a conscientização do adolescente quanto a sua vida pregressa e a tentativa de uma recuperação e socialização.

Observamos que, durante o período de internação, o adolescente passa por diferentes momentos e estados afetivos que se configuram, por vezes, em confusionais, ansiógenos, regressivos, agressivos e violentos.

Durante o período de internação, por meio do acompanhamento, o adolescente vai explicitando seu histórico de vida. Fala da falta do pai ou de seu desafeto em relação a ele, da mãe, da família, do grupo, das drogas, do horror das mortes por extermínio e dos projetos futuros.

Utilizamos o mesmo *setting* para todos os adolescentes e suas famílias. Foram ainda esclarecidos os papéis, os objetivos, lugar e tempo da tarefa e atitude técnica.

A sociologia e a história serão outras interfaces conjugadas a esse estudo, para delimitarmos o campo das relações entre as instituições, a infância e a Lei específica – Estatuto da Criança e do Adolescente –, isso porque a questão da delinquência e sua circunscrição está inserida em diferentes campos de complexidade, inscritos nos diversos registros teórico, social, educacional, familiar, clínico, político, econômico, judiciário e ético. Entendemos que a causa da delinquência pode ser multifocal, com elementos de diversos fatores. Esses fatores relacionam-se dialeticamente e de forma diferenciada em cada indivíduo.

Embora o contexto da Instituição FEBEM-SP seja diferente do contexto clínico, entendemos que o psicodiagnóstico é factível de ser utilizado para o conhecimento dessa população e possibilita uma leitura mais fidedigna do sujeito adolescente autor de ato infracional e sua realidade psíquica.

Os instrumentais utilizados foram:

4.1.1 Prontuário do adolescente

Trata-se de um conjunto de documentos referentes a um adolescente desde sua apreensão pela polícia, apresentação e Decisão Judicial (Sentença) e demais relatórios da UAI e UIP, juntados em uma pasta. Nesse prontuário constam dados referentes ao delito, Boletim de Ocorrência, Exame de Corpo de Delito, Relatórios Técnicos, Sentença Judicial, Avaliação Médica, Registro de Atendimentos realizados pelos técnicos, Registro de Atendimento, com dados da história vivencial do adolescente extra e intra-instituição. Esse prontuário foi utilizado para a seleção da amostra e obtenção de dados sobre o adolescente durante a internação.

4.1.2 Entrevistas com adolescentes e profissionais

Integram a categoria de profissionais: Diretores, Assistentes Técnicos, Encarregados Técnicos, Assistentes Sociais, Psicólogos, Médicos, Psiquiatras, Coordenadores de Turno, Encarregados Administrativos, Monitores e Educadores. Esses profissionais foram contatados com o objetivo de: a) esclarecer a proposta da pesquisa;

b) escolher a mostra; e c) colher informações com relação aos dados fornecidos pelos pais, dados decorrentes do estudo psicológico efetuado e comportamento do adolescente na Unidade Educacional durante sua permanência.

Colhemos os dados que possibilitassem conhecer a dinâmica da Instituição FEBEM-SP, durante o período da pesquisa, não nos atendo somente aos fatos ocorridos na UI onde o adolescente encontrava-se internado. Compreendemos que a instituição funciona como um sistema em que cada parte influencia na dinâmica do todo. Dessa forma, o que ocorre em uma Unidade influencia na dinâmica dos demais. Considerou-se, para a compreensão das alterações psíquicas durante o período de reclusão, o tipo de vínculo estabelecido entre a FEBEM-SP e sua clientela.

Nesse estudo, as entrevistas com os adolescentes, famílias, profissionais da instituição, tanto as semidirigidas como as abertas, foram consideradas dentro dos referenciais (Ocampo *et al.*, 1981, e Bleger, 1980), como uma técnica “na qual se buscam objetivos psicológicos” (Bleger, 1980, p. 9), priorizando-se os objetivos de “investigação e diagnóstico”.

Por se tratar de uma pesquisa acadêmica, manteve-se a técnica da entrevista “como um campo configurado pela estrutura psicológica do entrevistando” (Bleger, 1980, p. 9), de tal maneira que o entrevistando e seus conteúdos psicológicos possibilitem uma certa leitura sobre a qual se debruçará o psicólogo, para compreender as vivências dos adolescentes em determinado momento de sua trajetória pessoal, tendo em vista que as manifestações do entrevistando devem “ser compreendidas como um segmento da sua vida” (Bleger, 1980, p. 9), que se dá a conhecer, não esgotando a dimensão toda de sua personalidade, pois o humano é fundado em infinitas possibilidades do ser. Nesse estudo, a instituição total compõe o contexto da entrevista psicológica.

4.1.3 Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca

No primeiro contato com o adolescente realizamos a aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias, o qual estaremos denomi-

nando de D-E, por considerá-lo uma forma de investigação da personalidade, por inserir-se dentro do método clínico e no modelo diagnóstico do tipo compreensivo.

O D-E foi criado em 1972 por Walter Trinca, como técnica de investigação clínica. Conforme seu criador: "o desenho livre, associado a estórias em que ele figura como estímulo para essas estórias, constitui instrumento com características próprias para obtenção de informações sobre a personalidade em aspectos que não são facilmente detectáveis pela entrevista psicológica direta" (Trinca, 1972, p. 28).

Os fatores presentes no estudo de caso são: a) *elucidação do significado das perturbações*; suas funções e os motivos inconscientes que as mantêm; b) *ênfase nos fenômenos inconscientes*, como a dinâmica dos conflitos, sua estrutura e a organização latente da personalidade; c) o conteúdo do *material clínico é considerado como um conjunto de informações*, ou seja, um dado não é considerado dissociado dos demais, incluindo-se as observações, entrevistas, testes psicológicos e outras técnicas de investigação, fatores da personalidade do psicólogo, como as impressões, sentimentos, sensações, fantasias e as teorias; d) *compreensão psicológica globalizada*, os aspectos psicológicos presentes na personalidade são considerados dentro de uma abordagem holística, em interação com as forças intrapsíquicas, intrafamiliares e socioculturais; e) *seleção de aspectos centrais e nodais*; e f) *predomínio do julgamento clínico*, que são os recursos do profissional.

Esses conceitos citados acima formam uma abordagem sistêmica que acreditamos ser fundamental como recurso de coleta de dados, para o conhecimento do sujeito enquanto subjetividade e de seu fazer social, durante o período de privação de liberdade. Social, tecido e amarrado no cotidiano institucional pelos sujeitos históricos que dele fazem parte.

O D-E, em seus aspectos gráficos e verbais, forma um objeto unificado, em que o desenho livre serve como estímulo de percepção temática (processos expressivos motores) e o contar estórias para a associação livre (processos aperceptivos dinâmicos).

Gonçalves (1997, p. 91) avalia que cada unidade de produção possui um sentido inerente e uma função dentro do D-E. Assim

sendo, a 1.^a unidade representa a *auto-representação do sujeito*, dentro da qual ele reflete sua preocupação com a crítica externa. A 2.^a unidade configura-se pelo *encaminhamento para o conflito*. Nessa unidade o sujeito apresenta uma produção mais original devido à queda de suas defesas. A 3.^a unidade, *desenho do conflito*, explicita a representação de conflitos inconscientes e mais significativos. As 4.^a e 5.^a unidades demonstram as *possibilidades de resolução dos conflitos*. Também podem aparecer nas unidades de produção, alternativas prognósticas para o caso.

Aplicamos o D-E por considerá-lo como uma forma de expressão da vida psíquica, e por possibilitar o *follow-up* de aspectos afetivo-emocionais e o conhecimento de aspectos psicodinâmicos presentes na personalidade submetida a situações específicas, como a internação de adolescentes em instituições do tipo total.

Pretendemos a exploração e o conhecimento da subjetividade do adolescente autor de ato infracional, marcada pelo processo de internação, como as identificações projetivas do sujeito, as defesas, a elaboração de seu conflito com a lei, a reestruturação de sua personalidade e as inscrições na psique, configuradas no início e no final do período de internação.

Como objetivos específicos, focamos:

- A verificação de aspectos psicológicos que emergem nas produções individuais no início e final do período de internação.
- A verificação de aspectos comuns ou que se contrapõem nos três sujeitos.

4.1.4 Avaliação

A análise foi realizada segundo o referencial concebido por Trinca (1976, p. 57): “análise por simples inspeção de material” a partir das teorias psicanalíticas. Esse tipo de análise possibilita uma avaliação global dos dados. Como técnica permite “... a possibilidade de entrar em contato com o material sem referencial anterior algum” (Ibid., p. 57).

Cada caso foi analisado separadamente, e uma síntese de cada sujeito foi realizada por meio dos dados interpretativos (resposta), estória por estória.

Consideramos na avaliação do D-E o contexto institucional FEBEM-SP, dentro do qual funciona como fundo em que emergem as figuras, para interpretações mais significativas e seu sentido dentro do todo: adolescentes e FEBEM-SP. Para isso, foram relacionados o material obtido no D-E e os demais dados do processo diagnóstico.

Para a análise de conteúdo, Trinca (1972 e 1978) propôs um referencial de análise composto por dez categorias, que servem como norteadores auxiliares para a interpretação clínica, a saber: I – Atitude Básica; II – Figuras Significativas; III – Sentimentos Expressos; IV – Tendências e Desejos; V – Impulsos; VI – Ansiedades; VII – Mecanismos de Defesa; VIII – Sintomas Expressos; IX – Simbolismos Apresentados; e X – Outras áreas de experiência. Dessas categorias utilizamos sete.

O material clínico resultante das representações e a verificação de aspectos psicológicos que emergem nas produções individuais no início e final do período de internação poderiam servir de base para estudar as modificações possíveis neste período.

As avaliações das produções dos adolescentes no D-E foram realizadas por psicólogos com ampla experiência clínica, dentro do referencial psicanalítico e com familiaridade em psicodiagnóstico.

4.1.5 Entrevista Familiar Diagnóstica (EFD)

O uso da EFD, como técnica dentro do processo psicodiagnóstico, foi selecionado com a finalidade de obter dados sobre a dinâmica da vida familiar. Escolhemos essa técnica por auxiliar na compreensão de conflitos intrapsíquicos, como também de conflitos derivados da intersubjetividade dentro do campo familiar. Ela possibilita a expressão da estrutura familiar inconsciente, cujo sintoma expõe o não visível das relações familiares conscientes (Souza, p. 68).

De acordo com Soler e Montagna, Amores *et al.*, citados por Souza (1995, p. 68) foram valorizados os seguintes fatores:

- as relações familiares dos pais entre si, dos pais com os filhos, dos filhos com cada pai e dos irmãos entre si;
- a plasticidade dos vínculos familiares e a possibilidade de estabelecer relações com o psicólogo;
- a configuração realizada pela família sobre o espaço, o tempo, a comunicação e o significado do sintoma;
- a resistência do grupo familiar, as frustrações e situações de conflito, capacidade dos pais de *holding* para conter as ansiedades dos filhos;
- capacidade dos filhos de brincar simbolicamente e a compreensão de suas mensagens pré-verbais pelos pais.

O papel do pesquisador se resumiu ao de observador participante.

Buscou-se investigar a estrutura familiar inconsciente e o significado do sintoma "roubo", a partir das configurações familiares.

Na EFD não foi possível a participação de toda a família. Entretanto, realizamos essa entrevista com a participação dos membros familiares presentes nos dias de visita. Em dois estudos de caso, a família participou apenas na 1.^a fase. Em apenas um estudo de caso não foi possível realizá-la, pois a família não quis participar e também devido às constantes transferências do adolescente.

Dessa forma, a reaplicação da EFD para detectar diferenças significativas nos modos de funcionamento do sujeito e do grupo familiar, no início e após seis meses de internação, não pôde ser realizada, ficando prejudicado o levantamento de hipóteses a respeito dessa questão. Entretanto, sugerimos que no futuro outros estudos possam ser realizados.

Delimitamos o tempo em uma sessão de uma hora cada. Foram utilizados os materiais: casa vazada com diferentes ambientes, mobiliário, utensílios de cozinha, família de bonecos, carinhos e animais.

4.1.6 Entrevista de Anamnese

A entrevista de anamnese teve como finalidade o levantamento e a obtenção de dados, a partir do relato dos familiares do adolescente, de dados sobre a sua vida, a psicodinâmica familiar e o meio social.

Priorizou-se a história da criança, enfocando-se aspectos de concepção, desenvolvimento, sexualidade, sociabilidade, ambiente familiar e social, separação entre o casal, interação, tipo de vínculos estabelecidos com suas figuras parentais e vice-versa, cuidados e expectativas dos pais para com a criança e seu lugar na vida familiar.

Para a explicitação de estados emocionais, referentes à reclusão do filho, incluímos duas questões: "Como os pais sentem a reclusão do filho?" e "Como se sentem os demais familiares e irmãos?".

As entrevistas com os adolescentes foram realizadas individualmente. Algumas delas foram acrescentadas, na medida em que eram necessárias para esclarecimentos de dados do D-E. As entrevistas de anamnese foram realizadas com os responsáveis e com a presença do adolescente. Todas as entrevistas ocorreram após a realização do D-E.

4.1.7 Devolutiva

Não foi possível a realização da devolutiva em todos os três estudos de caso. Em dois casos, os resultados foram discutidos somente com o adolescente, devido ao não comparecimento dos pais. Em um caso, tanto o adolescente como sua genitora não quiseram saber dos resultados. Quanto aos encaminhamentos que se fizerem necessários, com a autorização do adolescente e família, discutimos o caso e apresentamos sugestões para a equipe técnica da UI, que tem a responsabilidade perante a instância judiciária do caso.

4.1.8 Estabelecimento do *Setting*

Utilizamos o mesmo *setting* para os três adolescentes e seus familiares, para facilitar o controle de variáveis e discrepâncias entre os dados.

O *setting* é caracterizado pela colocação de condições que permitam manter constantes certas variáveis, como: o esclarecimento de papéis, dos objetivos, lugar e tempo de realização da tarefa, atitude técnica.

4.2 SUJEITOS

Foram realizados oito estudos de caso, com sujeitos selecionados entre as diferentes Unidades Educacionais da FEBEM-SP, do Complexo Tatuapé, entretanto para fins dessa dissertação, elegemos três estudos de casos, os quais apresentaram dados significativos sobre a personalidade e a dinâmica afetiva durante o período de internação. Os sujeitos pertenceram a duas UIs do Complexo Tatuapé. Porém, foi necessário incluir o Cadeião de Pinheiros e o Complexo Franco da Rocha, em razão das transferências dos adolescentes para esses espaços.

Os sujeitos são três adolescentes primários na internação, sem homicídio, sem comprometimento psiquiátrico, neurológico, déficit mental e sem medida socioeducativa anterior, do sexo masculino, com idades de 14, 15 e 17 anos, com escolaridade de 5.^a a 8.^a série do 1.^o Grau, cumprindo medida socioeducativa de internação, bem como suas famílias.

As questões socioeconômicas dos adolescentes da amostra são similares entre si, correspondendo à classe empobrecida economicamente e moradora das periferias de São Paulo. A ausência de adolescentes de classe média ou alta na composição da amostra se deve ao fato de durante sua seleção não termos encontrado um único sujeito dessa camada social internado na instituição, pois, em sua grande parte, esses sujeitos são inseridos em medidas socioeducativas em meio aberto. A instância judiciária entende que possuem uma "família estruturada".

A não inclusão de adolescentes do Interior do Estado se deu em razão de que os contatos com as famílias são mais esporádicos, uma vez que nem todo mês ocorrem visitas.

Os reincidentes foram excluídos da amostra, pois já passaram por medida socioeducativa anterior, no entanto, acreditamos ser importante que no futuro pesquisas possam ser desenvolvidas para maior conhecimento dessa população.

Por existir uma pesquisa com adolescentes homicidas internados na FEBEM-SP (Mazarro, 1985), esse perfil não foi selecionado.

As famílias foram incluídas, para conhecermos a história de vida dos sujeitos, constituição de seus vínculos e dinâmica familiar.

Os sujeitos e suas UIs serão apresentados com nomes fictícios.

Quadro I

Nome	Idade	Escolaridade	Tempo de Permanência na UI
ALEX	17 anos	7. ^a Série A	9 meses e 23 dias
MIKE	14 anos	6. ^a Série B	1 ano, 4 meses e 21 dias
DAVID	15 anos	5. ^a Série B	6 meses

Os adolescentes que compõem a amostra, no início da pesquisa, encontravam-se em sua maioria cumprindo medida socioeducativa de internação, nas UIs do “circuito médio”, do Complexo Tatuapé, por cometimento de roubo e/ou furto. Entretanto, os três adolescentes já estavam com dois a três meses de institucionalização. O período anterior, entre 2 a 3 meses, refere-se ao tempo de entrada na UAI, tempo da medida de internação provisória e tempo aguardando vaga para as UIs.

Dois adolescentes passaram pelas UIPs-Imigrantes, ficando pouco tempo naquele espaço devido às grandes rebeliões ocorridas nos meses de outubro e novembro/1999, as quais levaram à desativação daquele Complexo. Um dos adolescentes havia estado em uma das UIPs situadas no Complexo Brás.

4.3 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa iniciou-se em outubro/1999, quando algumas reuniões foram realizadas no Complexo Tatuapé, com diretores e encarregados técnicos, que antecederam a coleta de

dados, para elucidarmos a proposta da pesquisa e sua operacionalização nas UIs.

A coleta de dados iniciou-se em novembro/1999. Além dos adolescentes foram entrevistados os profissionais da instituição, como diretores, encarregados técnicos, técnicos (assistente social e psicólogo), encarregado de turno, educadores em todas as unidades pelas quais os adolescentes passaram.

Para compor a amostra foram verificados os prontuários dos adolescentes primários, internados e as entradas dos adolescentes em cinco UIs, de novembro/1999 a julho/2000, totalizando um universo de aproximadamente 1.000 adolescentes.

A dificuldade para selecionar a amostra deveu-se a vários fatores:

- a) As rebeliões nos Complexos Imigrantes e Tatuapé, causaram um remanejo dos adolescentes das unidades, gerando a colocação deles em espaços de contenção para adultos como os Cadeiões de Santo André e Pinheiros, ambos cedidos pela Secretaria da Segurança Pública de São Paulo; Centro de Observação Criminológica (COC), da Secretaria da Administração Penitenciária;
- b) adolescentes que adentravam a instituição, com mandado judicial após evasão ou entrega à família e, após trinta dias, recebiam sentença de internação;
- c) adolescentes com medida socioeducativa em meio aberto (Liberdade Assistida) e, após o cometimento de outros delitos, foram internados;
- d) a não autorização por parte da Divisão e de Diretores de algumas Unidades Educacionais e Internatos para a realização da pesquisa;
- e) espaço para aplicação dos procedimentos. Algumas unidades não tinham lugares privativos de atendimento;
- f) em muitas unidades não havia como utilizar as salas de atendimento técnico; às vezes, até três técnicos ocupavam uma sala;

- g) em algumas unidades foram utilizadas as salas de técnicos após o período de trabalho, o que gerou momento de atraso;
- h) às vezes, as salas de entrevista estavam ocupadas por adolescentes no seguro; e
- i) durante a aplicação dos instrumentais de coleta ocorreram interrupções por parte dos educadores, técnicos, pedagogos e outros, mesmo havendo orientação para não fazê-las.

A clientela citada nos itens a, b e c, não preenchia as necessidades da pesquisa e, portanto, não foi incluída.

A demora da FEBEM-SP em responder à solicitação de autorização para a pesquisa foi uma das causas da exclusão dos Internatos para a coleta de dados. Cinco presidentes assumiram a direção da Instituição no período da pesquisa. A não participação de adolescentes do sexo feminino deve-se ao fato de não termos obtido autorização pela Divisão responsável por esse setor, sob alegação de que o "circuito feminino" encontrava-se em reformulação de seus trabalhos.

A coleta de dados ocorreu em um dos períodos mais difíceis da instituição, com grandes rebeliões, depredações, agressões, fugas, mortes etc. Esses acontecimentos foram considerados como parte da dinâmica do contexto institucional.

Para compreendermos as alterações psíquicas foi necessário considerar o sujeito e sua relação com o meio no qual está inserido. A história vivencial do adolescente, durante o período de privação de liberdade, é a história da FEBEM-SP, lugar que durante um período substituiu a família.

Ao realizarmos a pesquisa, pudemos receber apoio de alguns profissionais do corpo diretor, técnico e educadores de algumas unidades, que muito auxiliaram na seleção da amostra e na obtenção dos dados.

As famílias desses adolescentes fizeram parte da amostra, e, como eles, foram submetidas a técnicas que implementassem a discussão dos resultados.

O contato com as famílias foi realizado durante os horários de visita familiar aos sábados e/ou domingos na Instituição. O

horário autorizado pela Instituição de visita familiar consistia no período das 8:00 às 12:00 horas, em algumas unidades. Embora os familiares chegassem cedo na portaria da Instituição, passavam um tempo significativo na fila para a revista e autorização pelo serviço de vigilância, até a entrada na Unidade onde seus filhos estavam, restando pouco tempo para as entrevistas. Algumas famílias não compareciam para visita ao filho em todos os finais de semana, devido à distância, falta de dinheiro e/ou doenças, o que gerou a necessidade de um número maior de entrevistas do que o previsto. Algumas direções autorizaram a permanência da família para além do horário de visita para que a entrevista pudesse ser realizada.

Vários adolescentes, que estavam internados, solicitaram sua participação na pesquisa, mas não correspondiam ao perfil proposto.

Para os adolescentes internados, explicou-se o motivo da pesquisa da seguinte forma:

“Sou uma psicóloga e sou estudante. Estou fazendo um estudo, ao longo do tempo, com adolescentes primários na medida socioeducativa de internação e seus familiares, com o objetivo de conhecer melhor vocês durante o período de internação. Para isso, vou conversar um pouco com você e sua família. Se estiverem de acordo, você e seus familiares farão algumas atividades. Em alguns momentos, você fará atividades individuais e, em um outro momento, em conjunto com sua família. As atividades serão feitas por meio de desenhos e jogos. Faremos algumas atividades no momento presente e daqui a aproximadamente seis meses. A sua identificação e de sua família será mantida em sigilo. Sua entrevista e de seus familiares, bem como o material decorrente das atividades propostas, não farão parte de seu prontuário. Você terá a liberdade de prosseguir ou não com as atividades propostas”.

Há de se considerar o fato de fazermos parte do quadro técnico da Instituição, questão que nos levou ao afastamento de nossas funções durante o período de coleta de dados, não realizando coleta de dados na unidade na qual prestava serviço.

Esclareceu-se ao adolescente e a sua família que sua participação seria uma contribuição para o presente estudo. Além disso, os resultados obtidos não seriam anexados aos seus prontuários ou ao Processo Jurídico, com fins de avaliação para permanecer internado ou ser desinternado.

A coleta de dados foi realizada pela psicóloga autora da pesquisa.

Colhemos os dados que nos possibilitassem conhecer a dinâmica da Instituição FEBEM-SP como um todo, durante o período da pesquisa, não nos atendo somente aos dados obtidos nas UIs, onde o adolescente se encontrava internado. Compreendemos que a instituição funciona como um sistema, em que cada parte influencia na dinâmica do todo; dessa forma o que ocorre em uma Unidade influencia na dinâmica das demais.

Considerou-se para a compreensão das alterações psíquicas, durante o período de reclusão, o tipo de vínculo estabelecido entre a FEBEM-SP e a sua clientela.

As mortes ocorridas no Complexo Imigrantes geraram nos adolescentes medo extremo e o temor por suas vidas. Fato também observado nas falas dos educadores da Fundação. O clima no Complexo Tatuapé, no início da pesquisa, era de tensão e ansiedade, como se algo de repente fugisse ao controle e tomasse conta de todos, numa explosão imprevista de comportamentos violentos e consequências catastróficas. A ansiedade era real e não persecutória, pois a face da morte estava presente nos corpos mutilados, levando adolescentes e funcionários ao temor de seu próprio aniquilamento; o horror exposto e vivido em toda a sua dimensão de real.

4.4 AS UNIDADES DA PESQUISA

Se considerarmos o fator “ambiente” como um dos propulsores do desenvolvimento humano, a caracterização das unidades do sistema FEBEM-SP é um fator importante para a compreensão do contexto, percurso institucional do adolescente, suas vivências e sua ressocialização.

4.5 APLICAÇÃO DO MATERIAL

As entrevistas com os adolescentes foram realizadas individualmente. Algumas foram acrescentadas, na medida em que eram necessárias para esclarecimento de dados do D-E. As entrevistas de anamnese foram realizadas com os responsáveis em presença do adolescente. Todas as entrevistas ocorreram após a realização do D-E.

O D-E foi aplicado, individualmente, em sessões distintas. Foi realizado no primeiro contato com o adolescente para evitar sentimentos de persecutoriedade.

As leituras dos prontuários dos adolescentes foram realizadas sistematicamente mês a mês, para obtenção de novos dados.

A observação de campo foi semanal nas várias Unidades Educacionais integrantes da pesquisa, as quais foram visitadas para a caracterização do local.

Para compor a amostra não foi possível selecionar adolescentes de diferentes Unidades para que não houvesse comunicação entre eles ou qualquer interferência no material obtido. A maior parte dos sujeitos concentrou-se em uma única Unidade, a qual atende ao perfil proposto na pesquisa. No entanto, constatamos que os adolescentes respeitaram a privacidade das atividades desenvolvidas.

4.6 ANÁLISES DOS DADOS

O conjunto dos dados compostos pelos instrumentais referidos foi avaliado com base no referencial psicanalítico.

Esses instrumentais foram avaliados individualmente e depois relacionados entre si, em dois tempos: 1.^a fase (início da reclusão) e 2.^a fase (entre cinco e seis meses de reclusão). Para garantir uma maior precisão dos resultados os instrumentais foram submetidos à supervisão.

Com o material advindo da análise de cada caso, procurou-se integrá-lo em uma síntese de resultado. A partir dessa síntese dos resultados individuais, buscaram-se os pontos de similaridade e diferenças entre os demais casos.

Priorizamos a verificação das similaridades entre os casos, e se essas similaridades forneciam elementos suficientes que permitissem uma análise diagnóstica das alterações psíquicas durante o período da internação, por meio dos indicadores da psicodinâmica dos adolescentes nos dois tempos propostos.

Em conformidade com esses dados, poderíamos levantar hipóteses sobre as reinscrições na psique durante o período de internação dos adolescentes.

Apresentamos, a seguir, os dados obtidos nos psicodiagnósticos de cada sujeito, relacionando-os ao contexto institucional e sua influência nas alterações psicodinâmicas durante a internação.

SUJEITO 1

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Alex

Idade: 16 anos

Nascimento: Junho/1983

Escolaridade: 7.^a série

Pai: Adir – falecido

Mãe: Odelia

Idade: 53 anos

Escolaridade: 2.^o ano do 1.^o grau

Profissão: Comerciante

Unidade de internação: UIA

Tempo de internação: 8 meses e 25 dias

Apresentação

Alex encontrava-se, em 16.12.1999, no início da pesquisa, há dois meses na FEBEM-SP, sendo um mês cumprindo medida socioeducativa de internação na UIA. Sua entrada na Instituição FEBEM-SP ocorreu no mês de outubro/1999, na UAI-Brás. Foi, então, transferido em vinte e quatro horas para uma das UIPs – Imigrantes, e essa entrada coincide com o início da rebelião ocorrida nesse mês, que resultou em quatro mortes de adolescentes e a desativação do Complexo. Foi transferido, no início da rebelião,

para a UIG no Complexo Tatuapé. Essa UIG também aderiu à rebelião. Foi então transferido no mesmo dia em que chegou para a UIA, permanecendo até maio/2000, quando nova rebelião no Complexo Tatuapé resultou em destruição de sua Unidade. Com a transferência dos internos de algumas unidades do Circuito Grave do Complexo Tatuapé, devido a essa rebelião, sua Unidade mudou de nomenclatura, passando a ser UIE e a integrar o Circuito Grave, ocupando o espaço de uma das Unidades, cujos adolescentes haviam sido transferidos para o Cadeião de Santo André, Paraleiros e Complexo de Franco da Rocha. No mês de junho/2000, uma nova rebelião ocorreu no Complexo Tatuapé, ficando destruídas as Unidades que ainda estavam no Circuito Grave. Dessa vez, os adolescentes foram transferidos da UIE para o Cadeião de Pinheiros, sofrendo punições físicas quando de sua chegada naquele espaço (*sic*). Ao final de sua internação, quando ainda estava no Circuito Grave do Complexo Tatuapé, agrediu em grupo um adolescente que ficou com traumatismo craniano. Durante sua medida socioeducativa de internação passou por seis lugares. Somente dentro de sua UIE passou por três diferentes diretores. No início de julho/2000, *Alex* foi desinternado e inserido em Liberdade Assistida.

1.^a FASE DA PESQUISA (realizada na UIA circuito médio)

Foi necessária a realização de diversas entrevistas, além das previstas, para obtermos informações sobre sua vida e dinâmica familiar.

Histórico de vida: *Alex* é filho único e reside com a família desde pequeno. O pai morreu e *Alex* evita falar sobre esse assunto. O pai foi morto há dois anos em seu bar, e a família desconhece o motivo da morte.

Segundo *Alex*, ele passou a se envolver em delitos após a morte do pai, ingressando na instituição por roubo com arma de fogo. Logo que o pai faleceu, foi para o Nordeste, ficando quatro meses. Verbaliza: "Quando meu pai era vivo eu não tinha convivência com o crime, não sabia nem pegar em armas, mas eu queria ter boa convivência com o crime, queria ser bom ladrão. Era novo,

meio bobão, não tinha atitude, aí voltei mais esperto. Voltei a estudar de novo e fui ajudar a mãe. Estava planejando um roubo a um cofre em uma casa que um amigo meu trabalhou. Mas fui fazer um roubo antes e a 'casa caiu' (foi pego). Fui roubar porque queria dinheiro. O dinheiro não era importante. A única coisa importante na minha vida é minha mãe. Gastava com bebida, mulher, só. O mais importante era me divertir. Esquecer as mágoas, esquecer o passado, esquecer totalmente não, achar um jeito de se distrair. Não usei drogas. Queria esquecer várias coisas, exemplo tudo isso que aconteceu. Com a morte senti ódio e vingança. Não estava preparado para perder ele, meu pai ainda não queria perdê-lo de jeito nenhum, mais, fazer o quê, é o destino. Meu pai era uma pessoa importante para mim. Precisava dele, era moleque ainda. Dava toda importância para ele. Não via qualidades nele, o jeito que ele tinha. Ele era muito alegre, não sei explicar. Não queria ser igual a ele, queria ter meu jeito de ser mesmo. Não sei dizer em que poderia ter me ajudado. Talvez em educação. Tive alteração com a morte de meu pai, senti ódio e vingança. Tenho alguns amigos que começaram a fazer infração comigo. A FEBEM é uma coisa que não resolve nada. Hoje não me sinto muito bem, porque estou preso. Sofri maus-tratos físicos da polícia, do choque, dos guardas (vigilância da FEBEM) que fica aí, quando eu tentei fuga. Na UIP Imigrantes, tinha 'pastelão' (tapa nas costas), 'joelhada' (chute no estômago). Lá apanhei porque estava conversando no 'barraco' (quarto). Na UIA, apanhei no dia que teve rebelião, da polícia do choque e dos guardas, mas dos educadores não, nessa Unidade não tem espancamentos. Como lições aprendi a valorizar a vida, não gastar, não roubar. Roubar tem duas opções: morrer ou ir preso. No futuro, espero ter minha casa, mulher, filhos, carro. Eu quero ter uma vida boa. Sair da FEBEM e recomeçar tudo de novo" (não se envolver em delitos).

Na entrevista de anamnese, realizada com a mãe, obtivemos os seguintes dados: *Alex* é filho único. Nasceu após cinco anos de tratamento da mãe para engravidar, porém teve um aborto natural antes. Tomou remédios por quatro meses para não abortar, por isso acha que o filho é assim. Queria ser mãe, tinha vontade de ter um filho. Desejava que o filho servisse de companhia para ela. Quando a criança nasceu, ficou aos cuidados da avó materna, pois a mãe ficou internada por seis dias. Não mamou no seio. Usou

mamadeira até um ano. Quando forçado a comer, vomitava. O controle dos esfíncteres ocorreu por volta de um ano, apanhando da mãe em um episódio em que, ainda pequeno, cobriu o corpo com suas fezes. Usou chupeta até os sete anos. Rói unhas, como a mãe. Dorme no quarto da mãe até hoje. Tem pesadelos à noite. Quando pequeno não teve companheiros para brincar. Brincava pouco porque a mãe não deixava. Às vezes a genitora reclamava das amizades dele. Em casa ele mexia nas coisas, e, quando a genitora aparecia, ele escondia. A genitora relata durante a entrevista de anamnese uma cena da vida familiar: "lá em casa ele mexia nas coisas e quando eu aparecia escondia. Tomou um litro e meio de vinho, mas nem aparecia, foi para o bar e os amigos dele, chamou ele. Disse estar com dor de ouvido, mandei para o médico. Quando foi de noite me disse: mãe vou à festa de aniversário de um colega, no meio da semana. Chegou uma manhã, falei que às onze horas deveria estar em casa. Aí nem me lembrei que ele tava com dor de ouvido".

Perdeu três anos de escola, pois não sabia ler. Depois passou todos os anos sem recuperação escolar. Apresentou problema de disciplina, ficando difícil matriculá-lo na mesma escola. A mãe tenta eximir o filho, responsabilizando a escola: "a professora mandava bilhetes, tinha bronca dele".

A mãe é pessoa nervosa na família. Um tio-avô paterno tem deficiência mental, um irmão da mãe fugiu de casa, uma irmã possui alergia e um irmão "ataque". Nega suicídio, homicídio, roubo e alcoolismo na família.

Durante a realização da entrevista de anamnese, várias vezes a mãe fez menção de estar com problemas de saúde. Chorava dizendo sentir a falta do filho e do marido morto, dando a impressão de estar deprimida e se importar muito com o filho. A anamnese não foi concluída, pois a mãe não quis continuar, mas concordou que a pesquisa continuasse com seu filho. A mãe faz queixas físicas, no sentido de estar com dor de cabeça e com gastrite.

Deixa transparecer suas dificuldades em contatar com as necessidades do filho, quer quando criança ou adolescente. Quanto ao filho estar na FEBEM, relata que: "a FEBEM é a faculdade de gerar mais bandido. Juiz só fica enganando, o Juiz falou que o menino com quatorze dias ia para casa, ficou quarenta e cinco

dias. O mesmo fica esperando para ir embora. Pra que dar esperança ao menino, qual o lucro dele. Um monte de gente na rua com arma pesada, não acontece nada. Para *Alex* foi um momento de fraqueza. Não estuda aqui, não aparece nada, só promete. Em casa tem o que fazer. Em casa o menino contribui mais. Já tem serviço arrumado. Fica na ansiedade, agonia, não vê chegar a hora. Tempo indeterminado! O Juiz não dá um prazo e não manda para casa. Eu sou sozinha. Aqui não vão formar nenhum não. Agora eu tenho que vir para cá, chova ou faça sol! O Juiz devia pôr o tempo certo, não enganar o moleque, a mãe do moleque, pois isso perturba a gente. Discordo do relatório da assistente social, meu filho não bebia diariamente, lá diz que ele roubou várias vezes, não é verdade”.

Para analisarmos alguns dados no D-E da 1.^a fase, voltamos a procurar a mãe. A respeito da vida familiar relata que a dinâmica do casal foi marcada por brigas, pois o marido bebia e batia na esposa: “Mas não queria relembrar isso, pois ele já estava morto, e não queria sujar sua memória”. Conheceu o atual namorado quando seu marido ainda era vivo, foi fazer sua aposentadoria e o conheceu. O marido era “mulherengo” e saiu com a mulher de outro homem, por isso foi morto.

Procedimento de desenhos-estórias (1.^a fase)

Entre parênteses () = aplicador

Entre aspas “ ” = examinador

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

1.^a Sessão (Vide Fig. 1.1)

“Iche... não sei desenhar! Pode ser qualquer coisa?” (O que você preferir.) “A aula que menos gostava era de desenho. Não sei o que fazer. Qualquer coisa... não sei o que fazer. Só fazer isso ou mais alguma coisa?” (Como você preferir.)

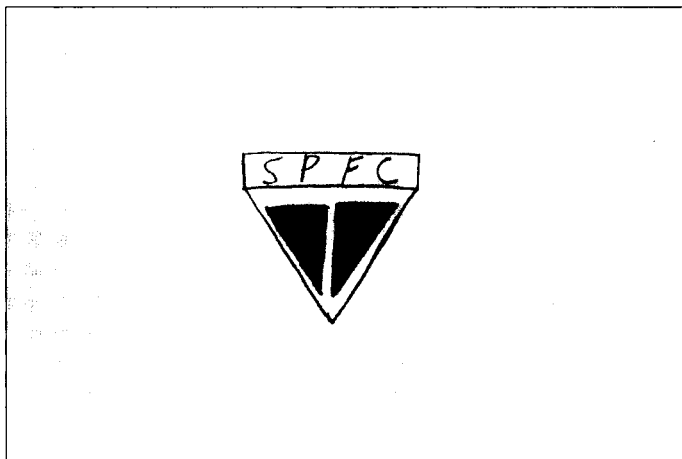


Fig. 1.1

Verbalização: “Sobre o desenho que eu fiz, nada. A única coisa que fiz foi torcida do São Paulo, mas ele perde direto. Uma estória qualquer. É para escrever? Contar história!... tá meio difícil. Era uma vez... um time. Esse time era bom. O título passou a cair de repente. Precisa ser muito longa essa estória?... hum... deixa eu ver, o que vou falar!... Tudo o que vou falar você vai escrever.” (Virou a folha escondendo o desenho.) “Deixa eu ver mais... mais nada a contar desse time.” (O que aconteceu antes para esse time?) “Era um time bom, de repente passou a perder direto, caiu o título que ele tinha.” (Como se sentem os jogadores?) “Bem, eles estão ganhando o dinheiro deles. Está se preocupando com o título do time. Querem o título vital.” (O que precisa para isso?) “Jogar bem e fazer as coisas certas na hora certa!”

Título: A história de um time. (Desenho virado para baixo) “Precisa falar mais alguma coisa”. (Quer falar mais alguma coisa? Balança a cabeça que não).

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2 (Vide Fig. 1.2)

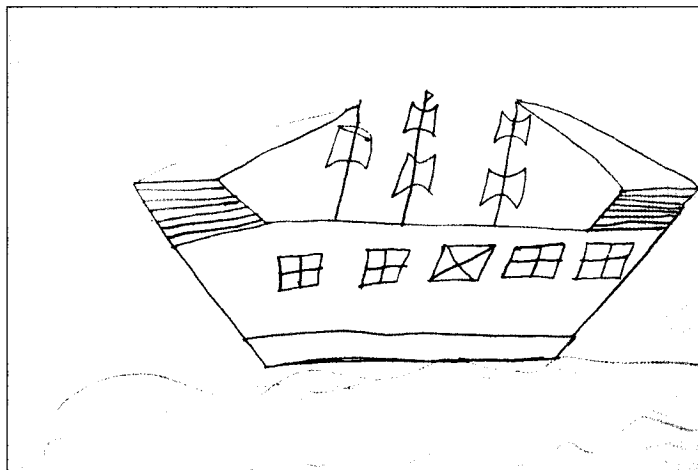


Fig. 1.2

Verbalização: “Esse desenho é... deixa eu ver... Um navio sem destino a procura de um lugar (belisca a mão)... de uma ilha.... os escravos... vou começar de novo... um navio com escravos através de uma ilha onde eles possam viver livres. Tá bom a história ou precisa mais?” (Você quer falar mais sobre esse navio?)... “Precisa falar mais?” (Como se sentem os escravos?) “Tristes por estarem sendo dominados por alguém. Eles foram comprados e... botaram eles para trabalhar... sem direito a viver a vida... desejam encontrar a liberdade.” (O que vai acontecer com eles?) “Se eles chegarem ao destino deles é viver a vida livres. Precisam viver a vida.” (Do que mais sentem falta?) “Da sua família.” (Como é a família desses escravos?) “Uma família triste. A família sente falta deles. Só.”

Título: A liberdade.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3 (Vide Fig. 1.3)

“Qualquer desenho?” (Como você preferir!) “Pronto!”



Fig. 1.3

Verbalização: “Uma paisagem linda e bela... com árvores e flores e um sol maravilhoso... deixa eu ver... um campo maravilhoso para se curtir a paisagem. (suspiro) onde tem muitas crianças para se curtir, só isso!” (O que as crianças foram fazer lá?) “Procurar a paz... se sentem bem, pensam em viver feliz, para isso, precisam de paz.” (Está acontecendo mais alguma coisa com essas crianças?) “Não.” (Como era a vida delas antes de irem para esse campo?) “Era bem mais não encontravam o que precisavam, de liberdade para brincar.” (Como é a vida delas agora?) “Vivem bem no campo. Não acontecerá nada.” (O que foram procurar no campo?) “Liberdade para poder curtir. Gostam de viver no campo brincando.” (Esconde o desenho, virando a folha para baixo.)

Título: (não foi perguntado o título nessa estória)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4 (Vide Fig. 1.4)

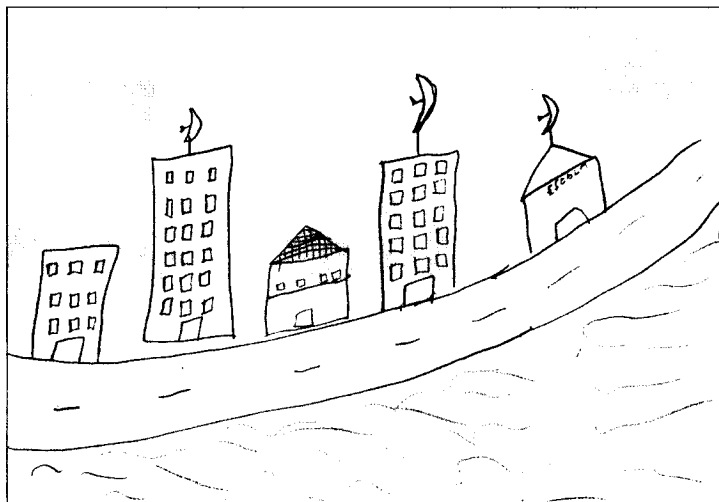


Fig. 1.4

Verbalização: “A cidade linda e bela de frente para o mar. Com o tempo as pessoas vão se desacostumando... passaram a viajar e morar em outros lugares... o que eles precisavam não tinham, não tinha... com o tempo a cidade foi ficando abandonada... sem ninguém para poder curtir o mar...” (O que as pessoas precisavam?) “Alegria... Não tinha alegria na cidade... ninguém tinha mais alegria por causa da violência”. (Como era essa violência?) “As autoridades não passaram mais a dominar eles mesmos. As autoridades, hoje em dia que espanca as pessoas, que passaram a transmitir a violência, vendem armas aos menores”. (Como eles se sentem?) “Não se sentem mais dominados pelas autoridades”. (O que eles gostariam?) “Quem os menores? Que acabasse o desemprego, a fome, só”. (O que acontecerá com eles?) “Por aí, aonde começa a violência, a matar, a roubar e leva a fazer loucuras”. (Por que começam a roubar?) “Não tem emprego, começa a passar fome e necessidades. Necessidades em casa”. (Como eles se relacionam entre si?) “Bem”. (E com as autoridades?) “É diferente. É diferente já é mais violento. Geralmente os adolescentes não têm amizade com as autoridades. Mais alguma

coisa?”. (Como acabará a estória?) “A de violência. Se depender de mim acabaria tudo bem”.

Título: A violência.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 5 (Vide Fig. 1.5)

“Esse é o último desenho! Agora para saber o que desenhar vai ser difícil. A estória da FEBEM. Acabou!”.

Verbalização: “Uma estória. É um lugar ruim e ao mesmo tempo bom. O ruim é estar preso. E o bom é que este lugar é para refrescar a cabeça. Fazer como não se fazer mais alguma coisa. Lugar onde os menores aprendem algo de valor e passaram a freqüentar a vida com as outras pessoas. Só isso”. (Pausa. O que tem de ruim?) “É você estar preso”. (Pegou desenho na mão.) (Do que sentem falta os menores?) “Da família e das pessoas que convive, mais alguma coisa?” (Como é estar na FEBEM?) “Muito ruim”. (Virou o desenho para baixo).

Título: A estória da FEBEM.

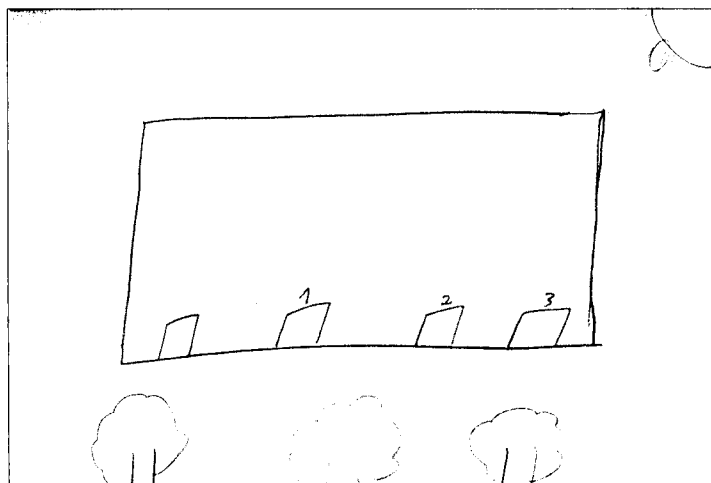


Fig. 1.5

Impressões da Psicóloga: Um desprezo, uma aversão, uma frieza, por parte do adolescente. O adolescente dava a impressão de estar com sentimento de ódio. A psicóloga teve o sentimento de impotência, de estar colocada em um lugar que não tem saída, uma sensação de dominação pelo adolescente, em que ele procura controlar as atitudes da psicóloga. Isso gerou na psicóloga sentimentos de aversão e desprezo, os quais podem ser compreendidos dentro do processo de diagnóstico como partes dissociadas da psicodinâmica do adolescente.

Na contratransferência, os sentimentos da psicóloga foram de medo, angústia, ansiedade, de ausência de possibilidades, uma coisa sem saída, difusa, sem caminhos, tomada por uma situação.

Interpretação:

Na Unidade de Produção 1, apresenta uma preocupação em se expor (virar o desenho). Existe desconfiança e ansiedade persecutória. Gostaria de ser ajudado, mas falta a confiança de que a psicóloga possa ajudá-lo. Isso pode ser situacional porque está trancado, ou pode ser algo anterior à entrada na instituição. Tudo o que falar pode se virar contra ele. Ele perdeu a confiança em seus objetos internos de amor. A identificação é com o time. "Perdeu o título" é uma perda. O que ele perdeu é algo na ordem da auto-estima e do conceito de *self* (si mesmo). A primeira vivência de perda não pode ser exposta. Demonstra estar se sentindo um perdedor. Ele perdeu o processo de sua subjetivação. Deixa transparecer a necessidade de fazer tudo na hora certa. Procura se corrigir a partir de uma referência que é externa como se tivesse que se adaptar a uma visão da sociedade, por estar ali internado. Ele pede ajuda para ser auxiliado. Projeta uma figura estereotipada de simbolismo de futebol, que caracteriza com o declínio e derrota, após uma etapa de sucesso "bom". A temática então fala de uma situação repentina de perda, que pode ser equiparada simbolicamente ao afastamento do convívio social e do ingresso na instituição. No final da estória coloca o desejo de recuperar o sucesso. Há uma reinscrição de perdas antigas e atuais. As duas coisas estão juntas na instituição. O objeto interno de amor não é confiável.

Na Unidade de Produção 2, projeta-se como um navio, “sem destino e escravizado”, que busca um lugar onde consiga liberdade, não se sentindo sujeito de seu próprio destino. Esse navio, sem porto e sem destino, afeta a consciência que tem de si mesmo. A temática é da liberdade. Quando se “belisca” quer se reencontrar. A internação está afetando a noção de *self* dele. Não se sente sujeito e dono de sua vida, perde a noção fundamental do sujeito que ele é. Perde parte da pessoa que ele é pelo menos ali, enquanto estiver internado. A família é colocada como podendo resgatar a liberdade perdida. Esse aprisionamento ocorreu em função da internação e, diante dela, *Alex* se coloca de forma passiva e subjugada.

Na Unidade de Produção 3, vai para o extremo. Projeta “Uma paisagem bela”, algo desconectado com a produção anterior. Não se aprofunda, fica no convencional e tudo passa a ser “belo”, “bonito”, projetando-se em uma situação idealizada, em que a liberdade da estória anterior é aqui ratificada por “paz”. Representa um movimento de sentir-se ameaçado, acuado e acossado. Ele sente de fato que tem donos, não pode mesmo ser sujeito, é escravo e tem que adotar o modo de pensar de seus donos. Há uma reinscrição em relação ao sujeito como aquele que não pode ser sujeito. No segundo desenho apresentou um movimento genuíno. Costumamos pensar no aprofundamento, mas não! Nesse voltou para a superfície e abdica de seu *eu*. Há uma reinscrição: ele já estava com uma deficiência em ser ele mesmo, para se sentir alguém antes da internação. Assalta para se sentir alguém. Entrou em um lugar onde está se sentindo mais ameaçado, sente que não há espaço para se mostrar. Quando retoma o contato com o ser dele, isso serve para um maior esvaziamento. Na situação retratada há uma ausência de conflito compensatório ao “navio de escravo”, sem dúvida gerador de muita angústia.

Do ponto de vista gráfico, destaca a linha de base, que é indicatória de uma necessidade de segurança e apoio.

Na Unidade de Produção 4, a temática é a perda. Por perda esse *ser* não está presente, surgindo um preenchimento que ficou no lugar dele. Ele escolhe o que colocar. Dependendo do nível de privação afetiva, alimenta o *self* com alguma coisa muito excitante que substitui o ser interior, a ausência. No fundo tem uma ausência de contato com o ser. Ele não fica no vazio, pois

o preenche de alguma coisa. A perda mais próxima serve como um elo de encadeamento de perdas anteriores. Ele teve uma experiência com o objeto bom e o perdeu, ficando uma lembrança inconsciente desse objeto, que ele tenta recuperar por meio do roubo. Houve uma mãe ou pai, mas não foram suficientemente bons. Pelo roubo, procura um objeto, uma mãe, que tenha *holding*. Ele está falando da perda de uma figura amorosa. O esvaziamento do *self* aparece na “cidade abandonada”, que deixou de ter um encanto com o objeto amoroso. Passou a ser abandonada. Dentro dele vai perdendo essa relação com o objeto amoroso que é uma coisa bem mais antiga. Nesse caso, uma cidade linda, bela. O que era lindo foi abandonado e esvaziado. Há esvaziamento no mundo interno. Ele vai perdendo a relação com o objeto amoroso. Perde a confiança nas figuras de identificação como objetos bons. A autoridade poderia ser um objeto de identificação. Mas a autoridade na instituição é percebida como um objeto que não é bom. Essa perda refere-se à experiência com um objeto inteiro e tenta recuperá-lo com outros métodos. Projeta uma situação de violência em que, de um lado, “as autoridades” agridem, e de outro as “pessoas transgridem a lei”. A parte que transgredir não se sente oprimida pelas “autoridades” e enfatiza que as carências são geradoras de violência. Portanto, quando ele é autoridade, é forte e opressor, e quando é o transgressor, ele também é investido de força e poder. Ele se entrega à violência, em parte para recuperar algo dessa figura amorosa. Essa violência é um estado em que ele está abandonado, e a vida interior sem figura amorosa deixa de ter o fundamental para conter. Se não há contenção, irrompe à violência. Nós somos seres sociais, porque temos um suprimimento interno que é o amor. Quando falta irrompe a violência. Não fica no vazio, pois ele preenche esse vazio com alguma coisa. Tem baixo nível de contato consigo mesmo, pois há fragmento; teve um dia a noção de uma pessoa inteira. Na ação concreta de Alex, seria então esperada uma atitude que sempre refletiria a violência diante da dissociação apontada. A falta de “alegria na cidade” exprime uma tendência depressiva no fundo do psiquismo. A cidade dominada pela violência, no lugar de alguma coisa boa, fica a violência. No mundo interno, o superego é colocado de lado, ficando sem controle interno – “as autoridades foram afastadas” –, e os impulsos violentos tomam conta, porque

não há controle externo. Estamos falando de controle interno, o qual vem do contato com o mundo psíquico, obscurecido por outra coisa que é o sentimento de perda que afetou o reconhecimento do bom, que é a figura amorosa significativa. Não mantém contato com a fonte interior, a figura amorosa. Fica impossibilitado de ter contato com o ser interior e núcleo de vida. Nas relações primárias, a figura significativa amorosa propicia o contato do ser da própria pessoa. São juntos. Não é indissociável. Na medida em que perde sofre uma frustração muito violenta. Delito é uma manifestação forte desse processo. Num momento de muita angústia o comportamento anti-social aparece. Ele planejava um assalto, mas sem saber por que, cometeu um antes do planejado e foi preso. O contato consigo mesmo está obscurecido pela alta sensoriedade da mente. No sentido profundo, a vida dele não é a autenticidade. Monta uma vida sobre algum tipo de preenchimento. "Quer ser ladrão bem-sucedido." Isso passa a ser importante, pois fica no lugar que deveria estar o seu verdadeiro ser. Quando se preenche é de violência.

Encontra-se em estado oclusivo da mente. Quando a mente não está oclusiva, há um alto nível de contato. Tem uma grande dificuldade de contato com o mundo interno, pois há fragmento. Tem um baixo nível de contato com o *self*.

O contato com o mundo psíquico é obscurecido pela alta sensoriedade (concretude). Tudo passa a não ter sentido. A vida dele no sentido profundo não é o verdadeiro do ser.

Na Unidade de Produção 5, passa a sensação de ter feito o desenho por fazer; "lugar ruim", está se sentindo ameaçado e encontra-se identificado com o agressor. Identifica-se com aquilo que o ameaça (Instituição). Se for uma autoridade violenta, ele repetirá esse comportamento. Quando diz "mais alguma coisa?", se bloqueou, pois tinha ido muito longe; surgiu uma angústia. Projeta o contexto atual de internação. O lugar tem um lado "bom" e "ruim". O lado negativo novamente é a sua parte interna que se sente escravizada. A outra parte, de forma compensatória, sente-se desprezada de obrigações e regras. Do ponto de vista psíquico, novamente traz a dissociação, em que de forma ambivalente caminha de um lado para outro. Em qualquer um dos lados: como escravo ou como autoridade, ele se coloca numa posição de dominação.

Essa sensoriedade interfere no contato, que pode oscilar para mais ou para menos. Quanto menos contato, mais o núcleo primitivo da personalidade dita as normas. Tudo fica absolutizado. Cria-se um mundo sensorial que se volta para o próprio indivíduo. Em grupo, dentro de uma perspectiva, a mente cria uma realidade interior de acordo com a realidade exterior. O mundo é aquilo naquele momento. Não é outra coisa, só aquilo que está na mente. A realidade se torna concreta. A FEBEM-SP, quando junta vários adolescentes, no mesmo estágio de sensoriedade, no mesmo nó, influencia tudo, ou seja, os demais passam a fazer parte do mesmo nó. As rebeliões podem ser um vértice de determinado ponto do *continuum* sensorial. Até a polícia de choque entra na situação e não discrimina nada, e acaba batendo em tudo. Tudo passa a ser a mesma coisa.

Entre o período da 1.^a e da 2.^a etapa, no mês de março/2000, o adolescente tentou fugir. Verbaliza que agiu sem pensar e teve medo da rebelião no Circuito Grave.

É um sujeito em que a internação afeta a noção de si mesmo.. Perde a noção fundamental do sujeito que ele é. A morte do pai veio comprometer os aspectos de identificação com essa figura. Procura no roubo um jeito de ser alguém, de ter um lugar perante si mesmo.. Com a morte do pai, para aplacar a dor da perda, procura um meio de se divertir. Ao expressar esses sentimentos já está havendo um contato com consigo mesmo. Ele usa meios artificiais, como o roubo, para se sentir alguém.

No plano mental existe a aglutinação de uma energia sensorial, que toma conta da mente de tal forma que, durante o planejamento de um assalto, acabou roubando um carro. Ele não tem domínio sobre a mente, mas a mente tem o domínio sobre ele. Essa onda sensorial é mais primitiva, tem menos contenção. Essa sensoriedade pode levá-lo a funcionar pelas leis no impulso, fazendo com que oscile entre ter mais e menos contato. A mente fica oclusiva e tudo passa a ser a mesma coisa. Uma parte da mente toma conta da personalidade e tudo fica absolutizado. Na perspectiva da mente, cria-se uma realidade interior de acordo com a realidade exterior. O mundo é aquilo naquele momento. A realidade torna-se concreta. No caso de *Alex*, ele queria ser um grande ladrão após a morte do pai. Qual é a vantagem disso para ele? Ele tem um ideal. Qual

a relação com a morte do pai? Como fica o jogo de identificações? Quais são os sentimentos de modo que possam ser desencadeantes e se tornarem importantes nessa hora? Quais são os ideais de Ego? Na transferência para com a psicóloga, ele a vê como alguém onipotente, uma figura de poder, que pode auxiliá-lo.

2.^a FASE DA PESQUISA **(realizada no Circuito Grave)**

Essa segunda fase iniciou-se em maio/2000, ou seja, cinco meses após a 1.^a fase. Foi realizada em um novo espaço. Sua UI participou da rebelião ocorrida no Complexo Tatuapé no mês de maio/2000 e foi transferida para o Circuito Grave, bem como todos os internos de sua Unidade. Houve nova rebelião em junho/2000 e foram transferidos para o Cadeião de Pinheiros. Os educadores suspeitavam da participação de *Alex* nas rebeliões, articulando na retaguarda. Durante o período em que o adolescente permaneceu na nova Unidade no Circuito Grave, ficou em um quarto com os dois adolescentes mais agressivos. Sua Unidade tinha sido o foco que desencadeava as demais rebeliões no Complexo Tatuapé. Houve várias tentativas de rebeliões, em quase todos os finais de semana; algumas foram controladas e outras explodiram. Houve agressões graves entre os adolescentes em grupo, como furar o olho de um adolescente agredido, lesões cerebrais e agressões a funcionários. Cada agressão deixava um clima pesado em todas as demais Unidades, pois tanto os internos, como os demais profissionais, temiam por suas vidas. Aproximadamente duas semanas após a aplicação do D-E – 2.^a Fase, no Circuito Grave – Complexo Tatuapé, *Alex* agrediu, em grupo, um adolescente que ficou em estado grave, com seqüela de lesão cerebral. Os profissionais que trabalhavam com *Alex* acreditam que a agressão a outro adolescente se deve a um papel que *Alex* teve que desempenhar, para dar início às rebeliões: “Difícil entender seu comportamento, pois encontrava-se com relatório conclusivo, pedindo sua liberação. É comum, nessa situação, os adolescentes com relatórios conclusivos não se envolverem em conflitos”.

Também obtivemos as seguintes informações: “os pais de *Alex* já haviam se separado antes, por traição do pai. Teriam se separado

por dois ou três anos, época em que alegou que sua genitora já saía para se divertir, continuando por não suportar a morte do marido. *Alex* compreendia sua mãe, porque ela trabalhava demais. Às vezes ela saía tarde e voltava no outro dia pela manhã e na maioria das vezes estava bêbada. Certa vez ela saiu tarde na sexta-feira e só voltou na segunda-feira, dizendo para o filho: 'Você ainda está aqui'. Não gostava de vê-la alcoolizada. Algumas vezes ficava trancado em casa, e os pais saíam para se divertir. A tia do jovem foi buscá-lo, penalizada com sua situação. Morou dois anos com ela. A genitora não ia vê-lo. No início da internação, mostrava-se afetuosa com o filho, com o passar do tempo foi se distanciando, ficava com outras pessoas durante a visita enquanto o adolescente ficava no módulo, vendo TV. No início da internação, o adolescente se mostrava animado com comportamento adequado. Para escolher um curso, pedia a aprovação da genitora. Com o distanciamento dela, foi ficando fechado, sem alegria e com pouco interesse nas coisas.

Antes a genitora mostrava-se triste pela morte do marido, parecendo estar em depressão. Agora comparece alegre, pois irá casar de novo, causando perplexidade devido à tão rápida alteração de humor. *Alex* sabe quem é, mas não o conhece. Não quer que o atual namorado bata em sua mãe, não quer vê-la sofrer. É fechado, responde monossilabicamente, faz interjeições faciais de desagrado. Disse não ter tido grande possibilidade de conviver e conhecer o pai, sendo que quando este voltou a morar com a mãe também retornava a seu lar vindo da casa da tia. Logo, entretanto, ocorreu o fato do assassinato do pai do jovem. A genitora já compareceu alcoolizada para visita".

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (2.^a fase)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

1.^a Sessão (*vide* fig. 1.1.a)

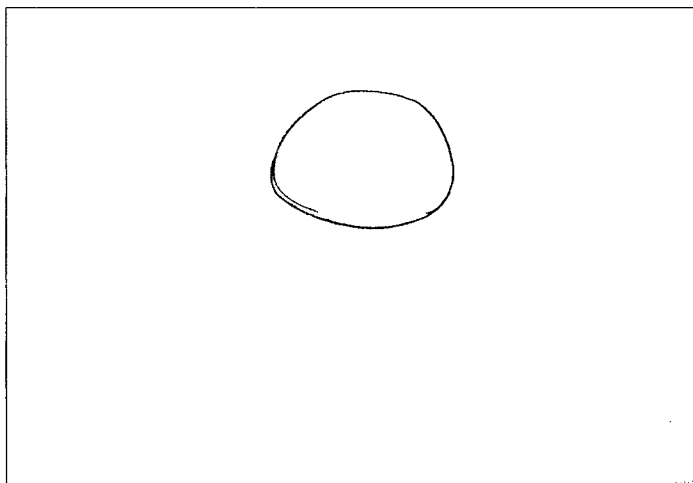


Fig. 1.1.A

(Veio para a atividade, mas quando a psicóloga falou dos desenhos, mostrou-se resistente.) Comenta: “que não ia embora da FEBEM/SP, estava demorando para sair... não sei, nem fazer desenho... não sei nem que desenho fazer... É que hoje está embaçado para fazer alguma coisa. Vou fazer qualquer desenho aqui”. (Faz um círculo no meio.) “Queria saber se poderia voltar outro dia. Hoje não dá para nada, pois acordei nervoso, pois o relatório não subiu. O que vou fazer aqui... hoje não consigo nada não.” Parou-se a atividade retomando-a no dia seguinte.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

2.^a Sessão (*vide* fig. 1.2.A)

“Vou fazer qualquer desenho? Tem borracha, aí?” (R: Não).
“Iche... não sei desenhar muito bem, feito aqui. Não sei desenhar direito” (Joga a folha na mesa).

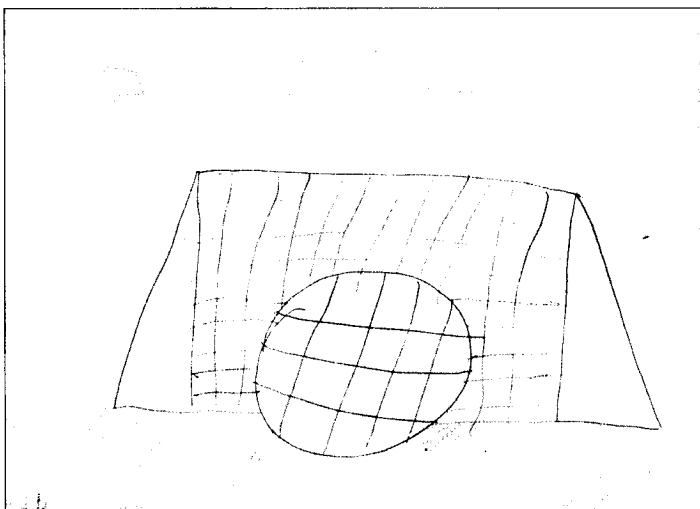


Fig. 1.2.A

Verbalização: “Iche, contar estória. Não sei estória nenhuma para desenhar fiz um desenho”. (Fale para mim o que é seu desenho.) “É um campo, tem uma bola no meio, está esperando alguém bater o pênalti”. (Que mais?) “Só. Inventar estória é meio difícil”. (Tem alguém esperando para bater o pênalti, quem poderia ser?) “O jogador”. (O que ele mais quer?) “Iche, balance a cabeça. Não sei o que ele quer... bater o pênalti. O que ele mais deseja... é... fazer o gol”. (Ele conseguirá fazer o gol ou não?) “Depende do goleiro”. (Como é o goleiro da estória?) “É igual aos outros, é normal”. (Como acabará essa estória?) “Terminar o tempo. Aí acaba. Acabará... não sei como acaba isso aí”. (Há gol, ou não há gol?) “Há gol”.

Título: ah, não sei não.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2 (Vide Fig.1.3.A)

“Meu relatório ainda não foi para o Juiz. De novo! É essa a atividade. Ah, não sei desenhar, não. É embaçado. Quantos desenhos têm que fazer? Iche, não sei se vou fazer nem esse. Não sei desenhar... Ah, não sei que desenho fazer não! Não vem nenhum desenho na minha imaginação, não... tem menino que entra de um jeito na FEBEM e sai pior”. Vai riscando e diz: “vou fazer um desenho qualquer”.

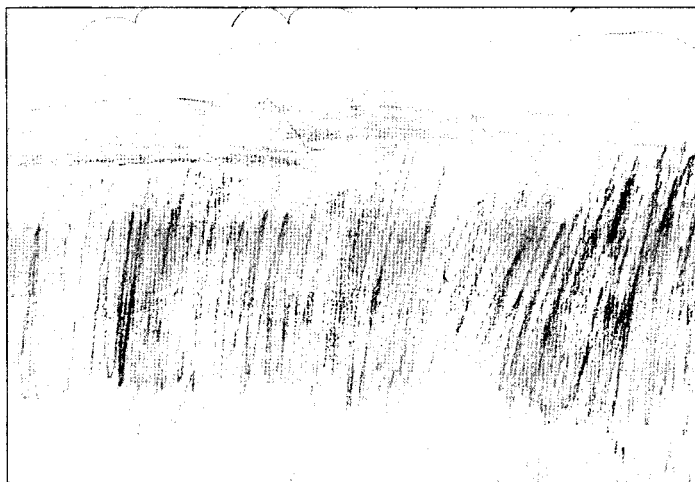


Fig. 1.3.A

Verbalização: “Iche, estória de novo. Todos os desenhos têm que contar estória” (Sim.) “Não tem estória não”. (O que é isso que desenhou?) “Mar, rochas, pássaros, sol e areia... tem gente... se sentem alegres”. (Essas aves aqui de que tipo são?) “Ah, não sei o nome”. (Quem cuida delas?) “De quem? Das aves?”. (É.) “Elas mesmas”. (Como se sentem?) “Livres”. (O que acontecerá com as pessoas?) “Não sei. Ah, elas vão embora. Irão para suas casas”.

Título: não sei dizer não.

Alex: “Só tem mais um né? Tô a pampa (gíria) pra desenho. Não quero fazer desenho. Não gosto de desenho. Ah, tenho bode de fazer desenho! Tenho preguiça de fazer desenho. Tô fora!”. (A psicóloga percebe a preocupação do adolescente com seu relatório. Então, diz a ele que voltaria depois que seu relatório estivesse pronto, caso ele quisesse continuar. Ele diz que sim.)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3

3.^a Sessão (Vide Fig. 1.4.A)

A psicóloga pergunta como ele está. O adolescente responde “que só estaria bem quando estivesse em casa”.

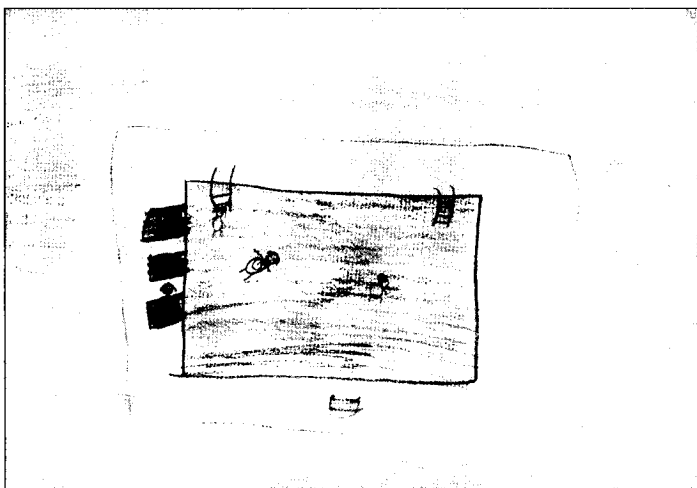


Fig. 1.4.A

Verbalização: “Ah, não tem estória não. Uma piscina, num sítio, com os meninos nadando. Tem banco, escada, só.” (O que está acontecendo entre os meninos?) “Nadando. Se sentem alegres, por que estão se divertindo.” (Quem cuida deles?) “Eles mesmos. Já são maiores.” (Precisam de alguma coisa?) “Não.” (O que pensam de si próprios?) “Que são alegres.” (O que eles mais querem?) “Se divertir, porque é uma coisa boa, assim e distrai e para passar o tempo.” (Está acontecendo alguma situação especí-

fica com eles?) “Não.” (Como acabará a estória?) “Quando eles forem embora, para suas casas.”

Título: não tenho nenhum em mente.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4 (Vide Fig.1.5.A)

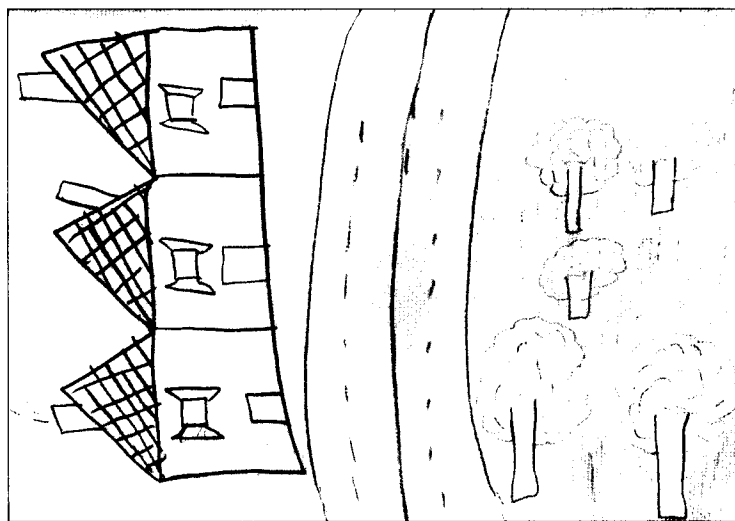


Fig. 1.5.A

Verbalização: “Ah, não vou contar estória não. Não sei nenhuma estória”. (Quer que eu comece?) “Comece.” (Era uma vez uma estrada...) “Uma estrada que o quê? (pega o desenho na mão e olha) O que tá escrito aí? Passava em frente umas casas mal-assombradas e a casa era de frente para a linda chácara. Ah, pronto.” (Como é a casa mal-assombrada?) “Não tinha ninguém. Os donos morreram. Aí suas almas assustaram as pessoas que passaram por ali. As pessoas tinham medo de passar por aquela estrada. Só!” (Por que faziam isso, assustar as pessoas?) “Porque elas queriam. Nada. Acabou a estória.” (O que as pessoas pensam dessas almas?) “São assombradas.” (Por que essas almas se

tornaram assombradas?) “Não sei dizer.” (O que essas almas assombradas pensam umas das outras?) “Nada.” (O que essas almas assombradas sentem?) “Não sei dizer.” (E as pessoas?) “Medo. Da casa mal-assombrada.” (O que pode acontecer com essas pessoas que sentem medo da casa assombrada?) “Ah, não sei.” (Como acabará essa estória?) “Acabará assim mesmo, assombrada.”

Título: A casa mal-assombrada.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 5 (Vide Fig. 1.6.A)

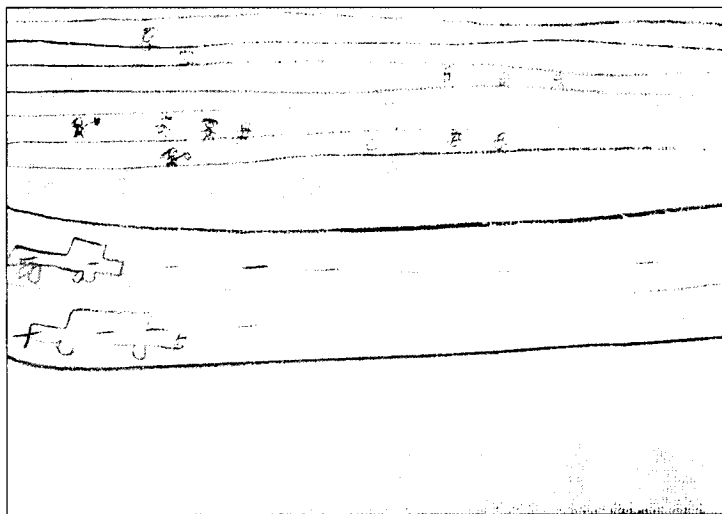


Fig. 1.6.A

Verbalização: “Não sei... estória de racha”. (O que é isso aqui?) “É arquibancada.” (E isso que está no meio?) “Lixo.” (A partir do racha conte-me uma estória.) “São dois carros, tirando racha, em rua sem movimento. As pessoas vêm. Só isso.” (Por que estão tirando racha?) “É uma maneira de se divertir.” (Elas são amigas?) “São.” (As pessoas que estão na arquibancada...) “Olham e aplaudem.” (Como se sentem as pessoas que estão no racha?) “Alegres.” (Por que foram fazer o racha?) “Porque um chamou o outro, já

sei vamos! É um racha normal.” (O que acontecerá com elas?) “Nada. Acabará o racha e elas vão embora.”

Título: o racha. “Pronto!”

Ao término da realização do D-E, realizamos as perguntas abaixo: (Como vê seu período na FEBEM?) “É ruim, né”. (E os meninos do seguro?) “Ah, eles devem, têm que pagar.” (E as rebeliões?) “Tem que quebrar tudo. Porque um pobre vem preso e o Pitta que rouba não.”

Interpretação:

Na Unidade de Produção 1 participou ativamente das rebeliões. Para ele o que não pode aparecer é o sentimento. Há uma perda de esperança. A “bola” desenhada representa um fechamento total, no sentido de restrição. Na “bola” da 1.^a fase, tenta vencer alguma coisa. A relação que estabelece entre o relatório e o trabalho de pesquisa também faz parte de uma ameaça que paira sobre ele.

Está paralisado em seus afetos. Durante esse período, os adolescentes se uniram entre si, fazendo parcerias com os membros da instituição, em grupos pró e contra, dentro da própria Unidade ou com as demais Unidades. A sensação de ameaça cresce cada vez mais. Qualquer movimento ali faz parte do perigo de perder a liberdade para sempre. Seu estado é de irritação, raiva, frustração, como se não fosse responsável pelo fato de estar ainda preso.

O conteúdo “pênalti” é uma situação limite. O “pênalti” é por natureza uma situação de falta ou punição extrema. A situação é de ameaça tal, que renuncia ao jogo com a psicologia: “Eu tô fora”.

Nas Unidades de Produção 2 e 3 sente ameaça em relação à pesquisa, ao relatório, à instituição e a ele próprio. Se sente diferente, mais cruel, até pelos seus impulsos. Tenta manter-se na superficialidade.

Nas Unidades de Produção 4 e 5 o que está vindo de dentro dele é a “casa mal-assombrada”, que assusta as pessoas e ele próprio. Está surpreso com o ódio que vem de dentro dele. O ódio tem uma descarga; “racha” é uma atividade anti-social. É um desafio homicida e suicida ao mesmo tempo.

Tem uma sentença de morte sobre ele e os outros. O "racha" tem um significado de despedaçar os outros ou a si próprio, na verdade ele faz os dois. Considera-se um super-homem. É onipotente; o "lixo" nos diz que perdeu a condição humana, vai para o lixo, pode-se dizer que é o túmulo onde se enterra.

A ameaça que vem de fora e de dentro é tão grande que ele tem que disfarçar tudo isso. Como ele não consegue fazer isso, ele tem que disfarçar "tudo bem". Tenta evitar a tarefa da pesquisa. Ele não consegue entrar em contato com essa casa mal-assombrada terrível. A violência, nesse contexto institucional, já está com conotação de "diversão".

As defesas do ego são defesas maníacas, com a desconsideração do outro, da necessidade do outro. Aparece a onipotência. "Alegre, piscina, praia de divertimento", tudo isso é um faz-de-conta. Ele apresenta uma perda do contato com ele, uma contra-reação a tudo, a sua impulsividade, a seus sentimentos, a tudo o que faria ser mais humano. Há um desenfoque em relação ao ser dele, substituído por ingrediente de ódio, que são os impulsos violentos. Não se torna um fóbico, pois não cai no vazio. No comportamento anti-social se agarra à própria delinquência, utilizando-a como um substituto vicariante.

Outras observações realizadas por um dos supervisores dos casos: "ofensa à dignidade, à honra, ao amor próprio do filho, por parte da mãe. Vergonha, orgulho, ferida narcísica, por parte do filho. Humilhações pelas quais passou: pais ausentes, imaturos, bêbados e, eventualmente, promíscuos. Uma vida emocional dura; sofrimentos de que ele quer se esquecer. Reveses afetivos, privações, incompreensões.

Parece que não teve sustentação, suporte familiar suficiente para fortalecer-se. Teve de fazê-lo de outro modo, sentir-se alguém por negação das dificuldades, pondo-se acima dos sentimentos de fragilidade.

O caminho do crime promove uma transformação de alguém que se sente humilhado e desprezível em alguém que se sente poderoso e respeitado. A pessoa não se preocupa com a maldade, com a ética etc., e sim com a evitação de sua dor. Nesse caso, o grupo e as ações anti-sociais oferecem a oportunidade de essa

pessoa nutrir sentimentos de ser muito poderosa e respeitada. De um zero à esquerda passa a se sentir um verdadeiro super-homem.

Ele sofre de uma ferida narcísica: passou por humilhações, pais ausentes, imaturos, bêbados. Durante o período de internação na FEBEM, a mãe não mudou sua atitude afetiva para com o filho. Ao contrário, pode tê-lo ferido ainda mais, ao mostrar-se bêbada, ao se afastar do filho, ao reatar com o amante, que existia quando o pai ainda vivia. O filho, ao se sentir ferido, vai se fechando cada vez mais. Aumentam seu ódio e seu ressentimento. Não se contém. Os impulsos não são contidos, e, quando o ego é frágil e a violência recalcada – fruto do ressentimento e da humilhação –, essa violência se torna poderosa.

A resistência que a psicóloga encontrou nesse atendimento se referiu em grande parte, além de outros fatores, ao fato de que nem a mãe nem o filho podiam se enxergar sob a ótica do mundo interno, repleto de desencontros, abandonos, sofrimentos, humilhações, incompreensões etc.

Se houvesse a possibilidade, nesse momento crucial de internação na FEBEM, de o examinando reencontrar sua dignidade perdida, por meio de um apoio grupal sadio, de uma valorização humana e de uma separação mental relativamente às figuras parentais obstrutivas, talvez sua escolha fosse outra. Precisaria passar por um processo de auto-reconhecimento como pessoa e como cidadão, proporcionado pela psicoterapia.

A internação não ajudou e sim veio complicar a vida emocional do interno, ao colocá-lo em uma situação turbulenta, truculenta, facilitadora da incontinência dos impulsos violentos. A internação coincidiu com um dos períodos mais conturbados e violentos da história da FEBEM-SP. Além disso, o interno ficou em um quarto com os dois adolescentes mais violentos da Unidade. O que se poderia esperar dele nessas condições?

A psicóloga teve muita dificuldade para perceber alguma coisa. A destruição apresentada no início da pesquisa, por meio do roubo, foi canalizada para o que era interno, na Instituição, que são as rebeliões densas de violência.”

Entrevista familiar diagnóstica

Avaliação: A família parece muito aflitiva. Causa angústia, incômodo. Apresenta uma atitude de não querer saber de seus problemas. A ameaça sentida pelo grupo familiar é muito grande. Para essa família, a posição da psicóloga é guindada a uma outra posição: a uma figura real de autoridade que irá trabalhar questões processuais. O que for escrever vai pesar a favor da libertação ou não do adolescente. O contexto da Instituição é percebido pela família, como um contexto pavoroso. Os bichos não podem pular a cerca, pois o que é comprometimento pode aparecer. É uma família muito comprometida mentalmente. Existe a fantasia de que através do procedimento consiga ir a fundo e descobrir alguma coisa a respeito de coisas graves que não podem ser faladas, no momento em que *Alex* está preso. O medo é de que sofram algo do ponto de vista legal.

A defesa: "Vamos acabar com isso. É um desastre como funcionamos". São pessoas lutando contra a emergência de conteúdos. Aparecem forças poderosas de oposição a qualquer tipo de emergência mais inconsciente, emocionais e de funcionamento. A família parece desencontrada.

Observações finais: O adolescente, ao ingressar para a Instituição, já apresentava um contato tênue consigo mesmo, uma deficiência em ser ele mesmo. Apresenta um sentimento de desconfiança nos objetos de amor. A instituição confirma e reinscreve para o adolescente que não há em que confiar e que deve abdicar-se de si próprio.

Os significantes oferecidos pela Instituição são da ordem da violência, do rompimento constante de possíveis laços amorosos entre seus integrantes. Esse adolescente não se sente existente e sujeito. Sem as figuras parentais que o confirmem vai perdendo a noção fundamental do sujeito que ele é. A busca pelo ato infracional é uma busca para encontrar-se.

Sem o contato consigo mesmo, os comportamentos passam a ser do tipo sensorial (concreto). Ser ladrão "bem-sucedido" passa a ser ideal de ego, passa a funcionar como uma marca da identidade, no lugar de seu nome, a partir do qual passa a ser reconhecido. Essa substituição fica no lugar de um traço "um nome".

Winnicott afirma que na privação a criança teve uma experiência boa que perdeu, ficando um registro no inconsciente desse objeto bom que a criança tenta recuperar por meio do roubo. Os pais de *Alex* não foram suficientemente bons que pudessem oferecer a ele um *holding*. Ele nos diz em seus desenhos de uma perda fundamental que á de uma figura amorosa em sua psique, sem essa figura o que irrompe é a violência, pois o *eu* está esvaziado.

A mãe verbalizou não querer realizar a entrevista devolutiva, mesmo a psicóloga tendo procurado conscientizá-la de sua importância. A mãe deixa transparecer não se importar em conhecer dados que possam auxiliar seu filho e a ela, parecendo haver algo da ordem de recusa em entrar em contato com ele e sua vida.

SUJEITO 2

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Mike

Idade: 14 anos

Nascimento: Dezembro/1984

Escolaridade: 6.^a série do 1.^o grau

Pai: Alaor (não tem contato com o filho)

Padastro: Sr. Dino

Mãe: Judite

Idade: 35 anos

Profissão: Doméstica

Irmãos: José (16 anos), Bia (5 anos), Tina (4 anos), Carlos (bebê)

Unidade de internação: UIB

Tempo de internação: 1 ano e três meses

Apresentação

Ao iniciar a pesquisa com *Mike*, em 16.12.1999, ele se encontrava na UIB – Circuito Médio, desde 7.12.1999. A entrada na FEBEM-SP ocorreu em 3.11.1999, pela da UAI-Brás, sendo transferido para a UIP-Brás, em 15.11.1999, depois para a UIH,

em 3.12.1999, e para a UIB em 7.12.1999, para cumprir sentença judicial de internação por tempo indeterminado.

Constatamos passagem anterior pela FEBEM-SP, na área de Carentes em 1992, quando tinha dez anos de idade, com duas irmãs e um irmão, mais novos, os quais foram para adoção. Nessa época, Mike foi transferido para um educandário em sua região de origem.

Em 3.5.2000, foi transferido para a UID-Circuito Grave. Devido à rebelião no Complexo Tatuapé, foi transferido para o Cadeião de Pinheiros, em 16.6.2000. Segundo informações, nesse novo espaço sofreu maus-tratos físicos devido à rebelião no Complexo Tatuapé (*sic*). O adolescente tenta ocultar esse fato da psicóloga.

Em 26.6.2000, foi transferido para uma das unidades que integram o Complexo Franco da Rocha, ficando internado na recém-criada UIF. No entanto, a Instituição possui um Complexo de Unidades, na região de moradia do adolescente. Durante sua permanência na FEBEM-SP passou por sete Unidades.

1.^a FASE DA PESQUISA (realizada na UIB Circuito Médio)

Histórico de Vida: *Mike* é um adolescente que não tem histórico de atos infracionais anteriores, ingressando na Instituição por roubo. O adolescente possui oito irmãos. Três foram para adoção quando ele estava com dez anos. O motivo da adoção foi decorrente das dificuldades socioeconômicas da família.

Possui um irmão de quatorze anos, que reside com a avó materna em outro Estado; uma irmã chamada Bia, de cinco anos, que possui marcas de queimadura do pescoço para baixo; uma irmã Tina, de quatro anos, e um irmão bebê, Carlos, que nasceu enquanto *Mike* estava internado.

Reside com a sua mãe em barraco de um cômodo, em uma favela da zona oeste de São Paulo. Esteve na FEBEM-SP, com a idade de dez anos na área de carentes, sendo depois transferido para um educandário junto com os irmãos que foram para adoção. *Mike* não foi para adoção, pois fugia do educandário para ficar em casa com a mãe. Não conhece seu pai, pois a mãe o registrou

somente em nome dela. Os pais se separaram quando o adolescente tinha três anos de idade. Moravam em Brasília. Após a separação dos pais, a família mudou-se para São Paulo.

Possui padrasto, o qual não reside com a mãe de *Mike*, mas com outra família. Entretanto, esse senhor procura auxiliar economicamente a Sra. Judite, mãe de *Mike*.

O adolescente percebe sua família como sendo boa, sossegada. Quanto ao pai, *Mike* diz: "Não conheço meu pai, mas não quero ele com minha mãe. É melhor ele lá. É ruim ficar com um pai dentro de casa, muita briga eu acho que dá. Com minha entrada na FEBEM, meu relacionamento com minha família continuou normal, só ficamos um pouco distantes, pois tem vez que nós não se vê. Meu padrasto dá conselho e eu confio em minha mãe e mais ninguém.

Parei de estudar a 6.^a série com a internação. Comecei a fazer alguns cursos lá na UDM, mas por causa desse negócio de rebelião não tenho ido para a escola. A escola foi boa, fiz amigos lá, não repeti de ano. Gostava da escola e não fui expulso. Já trabalhei em depósito, banca de cigarro e também trabalhava no Educandário.

Agora, aqui na FEBEM comecei a fazer curso de cavaco, violão e participo do Projeto Água. Dá para passar o tempo e eu aprendo. É bom, pode ajudar, o que aprendo, quando sair daqui, pode até mudar de vida. É bom né! Pra mim é bom. Só vou uma vez por semana. Não sei o que é esse negócio de rebelião, nunca participei de uma. Já trabalhei em depósito de construção, banca de cigarro.

Quando fui roubar, não sei o que aconteceu. Foi a primeira infração. Sei lá virou a cabeça. Minha cabeça virou. Via os outros arrumados, eu queria para mim também. Minha mãe podia comprar, não queria que ela comprasse, aí eu tentei roubar. Na hora nem pensei na família, pensei na vítima. Senti dó, pois ela tentou reagir.

Não sei explicar o que me levou a fazer isso. Foi a primeira infração. Queria comprar roupa, andar bonito como os outros. Os outros têm a liberdade que eu não tenho. Acho que eles tinha mais dinheiro do que eu.

Estar na FEBEM é ruim. Fico pensando na família lá fora, fico pensando na cadeia. Fico meio triste, arrependido, nervoso. Não quero escutar nada. Só ficar no seu canto sem ninguém encher o

seu saco. Faço trampo: tapete, casinha, cesta. Escuto música. É ruim e ao mesmo tempo é bom. Ruim porque não está do lado da família, não tem liberdade, não pode sair como lá fora. Tem que ficar naquele lugar só ali. É bom porque faz curso. Acaba de estudar. Sai daqui formado.

Agora? Agora me vejo, tipo perdido, me vejo dentro de um buraco sem fundo só. Também! Ah, minha vida acabou agora. Com a monitoria o relacionamento foi bom. Ninguém faz nada de errado. A casa ficou na paz. Nunca discuti com nenhum monitor, até hoje. Quando tem briga entre os adolescentes e/ou monitor, não há maus-tratos. Vai para a caneta ou seja vai para o relatório. É como se fosse a minha família, meu pai e minha mãe. É bom, nunca desacerto com eles". (Desacerto?) "Briga, faltei com respeito. Não ser humilhado. Não ser xingado, ser passado para trás. Exemplo: falar com uma pessoa, deixa você sozinho e sai. Só desse jeito.

Com os outros internos da casa, o relacionamento para mim é bom, né. Nunca nós tivemos desentendimento, desde que cheguei com ninguém, não sou de arrumar 'criaca' (briga). Sou sossegado, fico na minha".

Dois meses depois, a psicóloga voltou a entrevistá-lo, e ele responde: "Me dou bem, mas nem com todos. Porque têm uns que quer dar uma de bandidão, levar a casa no peito. Levar a casa sozinho, ele falar e os outros escutar. Com as assistentes, nem sei, é difícil conversar com a assistente. Com a prisão, não sofri violência policial. Na UAI-Brás, sofri maus-tratos, apanhava direto. Quando eu cheguei, apanhei. Era novato. Eles pensava que era fugitivo da Imigrantes. Batiam de mão. Do rosto para baixo. De vez em quando dava tapa na cara. Sentia fraco, não podia nem me defender". (E do futuro o que espera?) "Sair daqui, trabalhar, né. Se tiver um emprego, se não tiver tudo bem. Abrigo eu tenho.

Desejo trabalhar, estudar, só. Ver se arrumo um emprego do curso que eu fiz. Se eu não arrumar, ficar estudando, aprendi muita coisa, não ir pela cabeça dos outros. Não fazer mal ao outros, né. É eu não confiar em ninguém, só na minha mãe, e me contentar com o que eu tenho.

Essas são as lições que aprendi em ter vindo para a FEBEM. Ah, minha vida e minha estória é uma merda para mim". (Por quê?)

“Porque sim, tenho que estar na FEBEM, longe da minha família. Quando lá fora, tava trabalhando, tava com minha mãe, era outra estória. Já trabalhei em banca de cigarro e depósito”.

Na entrevista de anamnese realizada com a genitora, obtivemos os seguintes dados: fala dormindo na adolescência, rói unha como a mãe. Controle dos esfíncteres: aos quatro anos. Mãe é nervosa.

Possui padrasto e o trata como pai, embora esse não vá visitá-lo na Unidade. O padrasto reside com outra família, mas auxilia sua mãe nas despesas com os filhos.

Experimentou maconha, mas não gostou, não sendo usuário de drogas. A família não frequenta a casa de amigos e não fazem festa de aniversário. *Mike* tem um primo que desde pequenos brincavam juntos e são apegados.

Na escola era um pouco irrequieto. Gostava das professoras. A mãe tem a expectativa de que ele possa estudar até a universidade. A autoridade no lar é colocada pela mãe e pelo padrasto.

Durante a entrevista, a Sra. Judite, observamos que ela beliscava e dava tapas em Bia, não tinha noção de seu ato, como um comportamento alienado. Bia é uma criança agitada, não pára quieta e mexe em tudo.

No contato com o adolescente percebemos que ele deixa transparecer ser apegado à família.

Registramos aqui, como dado, o fato de que o adolescente na primeira fase, após três a cinco meses de internação, começou a se envolver em confronto com funcionários, com agressões verbais e não físicas, bem como a participar de “bancas” (grupos) de adolescentes em sua Unidade.

A Entrevista Familiar Diagnóstica não foi realizada pois a mãe não quis participar, devido a não obtenção de autorização para o sobrinho entrar na Unidade.

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (1.^a fase)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

1.^a Sessão (Vide Fig. 2.1)



Fig. 2.1

Verbalização: “Desenho... ah estranho... não consigo fazer estória do desenho”. (Empurra com a mão o desenho.) “Era uma vez um menino solitário, sem amigo, sem nada. Só tinha uma rede, uma árvore para viver... aqui já não consigo mais. Só isso só.” (O que aconteceu para o menino?) “O que aconteceu com ele?... Nada! Deseja ter amigos, liberdade... só. Não sente mais nada.” (O que acontece com ele agora?) “Agora! Fica nervoso a toda hora.” (Por quê?) “Pensando na sua família. Pensando na escola... Ele deveria estar do lado da família dele em vez de estar aqui deitado numa rede.” (Por que não está do lado da família dele em vez de estar aqui deitado numa rede?) “Porque ele errou. Porque ele fez um crime hediondo. Ele se sente arrependido. É ruim estar longe da família dele.” (Como se sente estando na rede?) “Como ele se sente estando na rede!? Se sente mal, não acredita que ele

está aqui na rede deitado. Pra ele é um sonho só que acordar só.” (O que é isso?) “Errei. Pensei em fazer isso aqui.” (Cobre a árvore com a mão.) “Isso: rosa. O que fazem aqui: não sei pus ela aqui para o desenho ficar mais bonito um pouco.” (O que esse menino mais deseja?) “Sair do lado da rede e ir para o lado da família dele.” (O que levou o menino a fazer o crime hediondo?) “Amizade, dinheiro.” (Algo mais?) “Nhummm.”

Título:... sei lá um arrependimento.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2 (Vide Fig. 2.2)

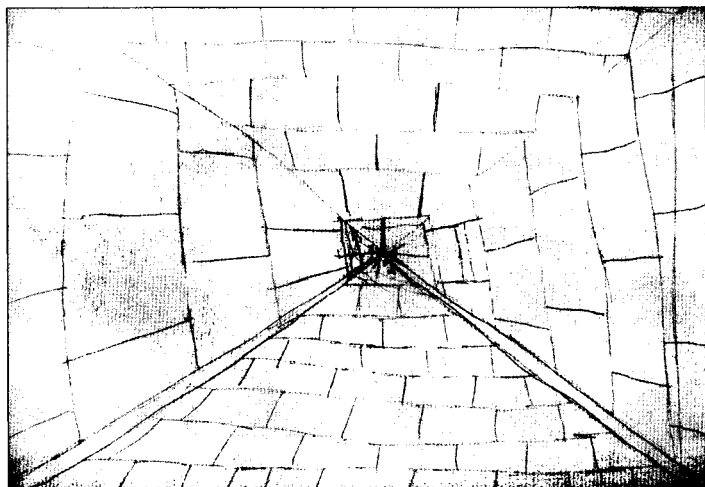


Fig. 2.2

Verbalização: “Aqui não tem estória. Esse desenho não tem estória”. (Por que ele não tem estória?) “Porque não.” Pegou o desenho, olhou e disse: “não tem”. (Você poderia inventar uma!) (Olhou o desenho de longe).

“... Era uma vez um poço sem fundo... caiu um menino lá dentro.” (O que acontece?) “O menino vai caindo, caindo... nunca chega ao lugar certo daonde parar... mais nada. Gostaria de chegar na sua casa... só.” (Mais alguma coisa?) “Tem muitas... gostaria

de ir para escola... sua liberdade... só! Se sente muito ansioso para chegar até o fim do poço, aonde ele vai parar... porque lá ele tem duas opções para escolher, só. Uma é ele morrer, a outra ele parar. Sim, se ele continuar nessa vida ele morre.” (Entre as duas opções qual o maior desejo dele?) “Parar.” (O que ele precisa para isso?) “Só a liberdade.” (Por que ele se colocou nessa situação?) “Porque sim, se colocou numa situação de desacerto e pode até morrer.” (O que os outros pensam dele?) “Como assim, amigos?! As outras pessoas só pensam um dia ele sair daqui, chegar até o fundo do poço, escolher a opção certa e levar a vida em frente.” (O que ele mais queria?) “Ficar do lado da família.” (O que irá acontecer com ele?) “Como assim... Vai chegar no fundo do poço, escolher a opção certa e seguir sua vida em frente.” (Mais alguma coisa?) “Só.”

Título: O fundo do poço.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3 (Vide Fig. 2.3.)

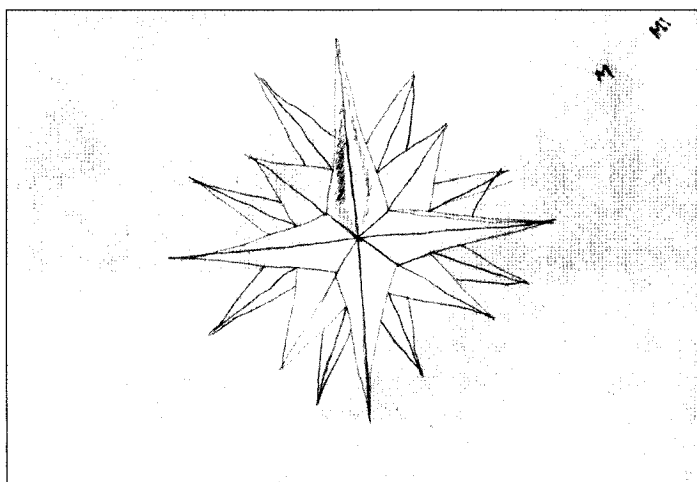


Fig. 2.3

Verbalização: “Sobre ela!... Ela não tem estória de nenhum jeito. Ela não tem estória nem rezando para ela”. (Por que não tem

estória nem rezando?) “Porque não”... (O que ela precisa para ter estória?) “Não precisa de nada.” (Está acontecendo alguma coisa com ela?) “Tá! Tá!” (Como ela se sente?) “A estrela!? Ah, não sei. Acho que ela se sente mal ou bem.” (O que aconteceu antes com ela?) “Com ela não aconteceu nada.” (Entrou alguém na sala e interrompeu, avisando que ia pegar um material e sair. Fez escurecimento na estrela. Acrescentou pontos. Perguntamos o que era?) “Uma quina” (O que significa uma quina?) “Aqui aonde estou. O lugar que eu tô. Quatro!” (Você quer falar sobre isso?) “Três ladrão e um polícia, pode significar formação de quadrilha, pode se transformar em um M de mãe. Só.”

Título: não sei.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4 (Vide Fig. 2.4)

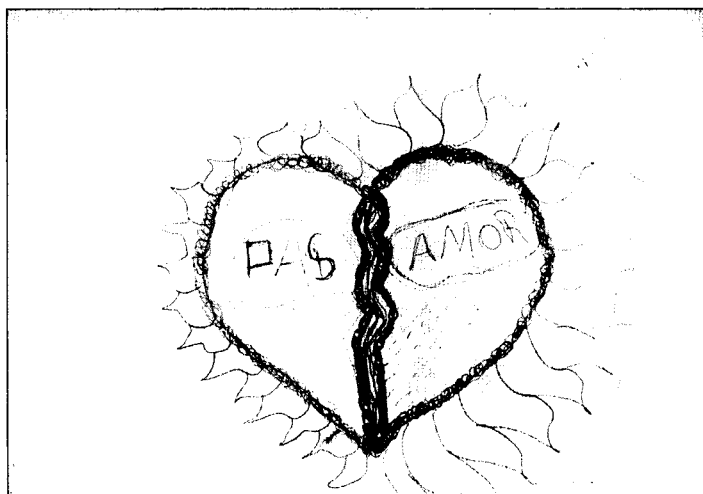


Fig. 2.4

Verbalização: “Uma estória, ele não tem. Ele tem um significado”. (Como é esse significado?) “Significado é paz de um lado, do outro ter amor ao próximo. Um coração... cheio de maldade... só pensava fazer coisa errada, o que ele queria é só maldade. Faz

um... (Interrupção de um coordenador avisando que era hora de jantar). O *Mike* acrescenta um círculo em volta e diz: "só". (Vamos recomeçar... Era uma vez um coração...) "Cheio de maldade, só pensava em fazer coisa errada. Só olhava o lado dele, só." (Por que ele era assim?) "Ah, porque ele queria." (O que os outros pensam dele?) "Uns pensa bem outros pensa mal." (O que vai acontecer com ele?). "Um dia ele muda, quero dizer já mudou." (O que ele sente?) "Sente arrependido de antes. E se orgulha no que pensa agora. Pensa em paz e sente amor ao próximo, não era como antes, só tinha maldade." (O que aconteceu para pensar em maldade?) "Ah, muitas amizades, pensava nas amizades. Ah, termina em paz, conseguir se livrar dos pensamentos maus que ele tinha e ficar com os bons." (Que maus pensamentos ele tinha?) "Todos de ruim. Pensava em matar e roubar." (Por quê?) "Sei lá. Influência dos amigos." (O que esse coração queria dos amigos?) "Como assim?... Queria bem! Queria mal às vezes." (O que buscava através dos amigos?) "O que buscava através dos amigos? Só ruindade." (O que esse coração pensa das pessoas?) "Agora?" (Você quer falar do agora?) "Quer viver em paz. Antes era tudo diferente, ele era melhor que os outros."

Título: Seria a maldade.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 5 (Vide Fig. 2.5)

Verbalização: "Aqui é uma igreja... dentro dela tinha um menino esperando voltar para casa... uma salvação, só!" (Tem mais gente dentro da Igreja?) "Minha mãe, meu pai. Tão comigo, torcendo para mim levar uma salvação de volta para casa." (Como eles se sentem dentro da Igreja?) "Se sentem bem. Só fico pensando em uma esperança." (O que mais desejam?) "Eles é... levar a salvação dentro de casa para que eu consiga sair dessa vida. Só."

Título: A salvação.

(Como você se sentiu fazendo a atividade?) "Bem, pude desabafar o que estava guardado aqui dentro."

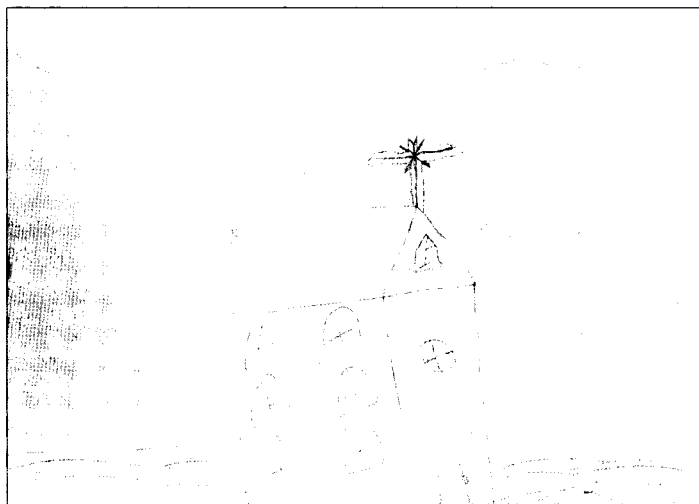


Fig. 2.5

Interpretação:

Na Unidade de Produção 1 faz alusão à história dele, de como cresceu, um menino solitário, sem pai, sem mãe, sem ninguém. Abandonado à própria sorte, marcado pelas adversidades, pelas privações, pela solidão. Sente a vida truncada. Quer se desenvolver, mas se sente impedido. Tem sentimentos de culpa, auto-acusa-se. É como se tivesse alguma percepção de que está distanciado e desfocado de si próprio. Ele gostaria que não fosse arrebatado mentalmente pelo lado sinistro da vida, que pudesse haver reparação e, também, amor. “Estranho... não consigo fazer”, ele acha estranho não conseguir fazer o desenho, pois ele está bastante disponível. Há alguma coisa dentro dele que está difícil de vir à tona, mas ele vence a barreira e se manifesta no D-E. Se sente “sem nada”, abandonado. Só tinha uma rede e uma árvore. Ele está deitado na rede não como quem está descansando, mas como alguém que está impedido, tolhido. Ele tem recursos “rosas”. “Pensando na escola”, embora a vida esteja truncada, ele quer se desenvolver, o que será que o está impedindo? A *rede* agora é a FEBEM, mas também toda uma vida truncada, impedida de se desenvolver. É inteligente. Ele tem sentimentos e está tentando

buscar alguma coisa que seja profunda, confia na psicóloga. O “crime hediondo” não é o caminho de escolha, está no ponto crucial. Ele não está desejando seguir o caminho sinistro, pois ele se distancia dele mesmo.

Winnicott, afirma que a pessoa que entra para a via anti-social tem um desenfoque em relação ao ser dele interior. O que fica no lugar é uma substituição por outros aspectos, que chama de sensorial, em que obtém satisfação com alguma coisa que não é dele. Uma pessoa que se deixa de lado, põe alguma coisa que não é ele e põe algo que não é dele: como o grupo, a crueldade.. Alimenta-se com outras fontes que causam prazer e poder. A internação vai se constituir em um momento importante, em que a Instituição pode auxiliá-lo, pois ele está nesse momento crucial de encruzilhada, pois se se auto-acusa é porque tem uma percepção de um outro caminho e de si próprio de um ponto de vista mais inteiro. Quando diz “na rede”, como se fosse um sonho, é uma percepção do outro lado, não gostaria de ser arrebatado por esse lado sinistro, para poder ir para o outro caminho. A outra escolha implica amor. Projeta a temática da solidão, em que o retorno à família é uma situação desejada. A menção de uma situação de crime na figura desenhada que justifica na estória a solidão. Não consegue ampliar a temática central especificando o estado do personagem “arrependido” do crime cometido.

Do ponto de vista gráfico, há uma árvore que ocupa a posição central da folha, não mencionada na estória, mas que parece ter a função de proteger o menino desenhado do sol. Pela desproporção desses dois elementos, pode-se dizer que há expectativa em *Mike* de entrar em uma situação muito protetora e que possa oferecer um apoio, como por meio de uma destacada linha de base. Há também uma linha de topo, claramente especificada. Indicadora de uma constrição, dificuldade de expansão no ambiente. Não há uso do lápis de cor. Discreto uso de sombreado é um indicador de ansiedade.

Na Unidade de Produção 2 o poço sem fundo representa a percepção de uma ruptura fundamental em relação a seu verdadeiro ser. Isso é intuído por ele como uma morte psíquica: a perda de contato com seu ser profundo. Deseja deter esse processo, retornar a si próprio, a ligações verdadeiras com a vida. As opções parecem-

lhe claras: romper consigo próprio (realizando uma morte psíquica na situação anti-social) ou reaproximar-se de si (levando a vida em frente). “Um poço sem fundo...”, cair num poço sem fundo é vivenciado como uma dissipação do *self* (si mesmo), como angústia de dissipação do *self*. A hipótese de que ele estava se distanciando de si, agora se confirma. Aparece uma ruptura fundamental do ser dele, não sente o fundo do poço porque rompeu, há muitos modos de se romper. Ele não cai no poço sem fundo porque enche o *self* de outra coisa, de sensoriedade destrutiva: como o fóbico. O fóbico cai no poço. Sentimentos de vácuo infinito, representa angústia de dissipação, de morte psíquica de contato com o ser. “Morrer”: ele pode fazer ou não fazer. Quer chegar na “sua casa”, dizendo-nos que deseja reter e deter esse processo. A casa representa alguma coisa que não é esse buraco sem fundo, mas retornar a si próprio, às ligações com a vida. Ir para escola é importante para ele. Aprender para ele, além de se conhecer, é importante. Sente-se muito ansioso. A “casa” representa que ele poderia deter o processo de distanciamento e ruptura com ele próprio. Quais são as opções: morte psíquica na situação social, do contato com ele ou se reaproximar dele. Ele retrata uma situação em que não há apoio e proteção, aparentemente disponível no contexto externo. Novamente, a família é trazida como elemento de apoio possível e desejado, que não é real. Com essa temática, expressa como não dispõe de recursos internos para lidar com a situação de conflito que a própria internação impõe. Menciona a morte como uma saída. Compensa a fragilidade expressa no D-E por meio da agressividade que ele manifesta.

Do ponto de vista gráfico, ocupa a folha como um todo, indicando grande ansiedade presente na projeção da temática. É um desenho acromático, feito com detalhes (intercalamento dos tijolos) e com cuidado na execução.

Na Unidade de Produção 3 projeta a “rosa-dos-ventos”. Ele sendo a rosa-dos-ventos necessita de marcar o rumo (os pontos cardeais), para se encontrar, senão estará perdido. Poderá se tornar bandido, ou então encontrar verdadeiro amor (de origem materna) dentro de si. Ele pode se perder ou encontrar o amor de mãe. No momento que marca o rumo encontra o amor de mãe. Ele está de fato num ponto crucial de escolha. Pouco consegue elaborar

alguma estória. O desenho também pode ser entendido como um estereótipo, e o tema está ligado a poder, luz, brilho, que é uma compensação à fragilidade expressa nas duas unidades. Há também elaboração de um sinal gráfico de tamanho pequeno “quina”, que é um símbolo de poder dentro da Instituição. De ambas as formas, como “rosa-dos-ventos” e como “quina”, ele projeta um lado dele que precisa se sentir poderoso, ocupando espaço e, até de forma retraída “como quina”, compensando a sua fragilidade. Reproduce um desenho acromático.

Na Unidade de Produção 4 a maldade diz respeito aos sentimentos de ódio e de vingança, que devem ser contidos por amor e por reparação. Vingança e ódio devido a privações, decepções, frustrações. Ele tem muito do que se lamentar, do que chorar em relação à vida. O comportamento anti-social pode estar associado a quando a pessoa se sente maltratado pela vida, sente ódio, vingança por ter sido espezinhado. Esse coração cheio de ódio quer se transformar num coração amoroso, mas é muito difícil, tem muita privação. É muito difícil entender a questão de quem se sente humilhado, maltratado, como ser humano. Como vai pôr amor aí? Ele projeta um lado dele que representa a manifestação da agressividade e outro de uma afetividade positiva. Esses dois lados estão dissociados. O lado negativo “da maldade” parece de fácil atuação. Enquanto o lado do afeto positivo “paz” sugere algo mais idealizado.

Graficamente o desenho tem o reforço no contorno e sinais de sombreamento que são indicadores de ansiedade. O desenho é de tamanho grande e ocupa todo o espaço na folha. Há também a representação da “quina” da unidade anterior, que reforça a necessidade de se expressar pelo poder. Embora tenha escrito “paz” e “amor”, a estória fala de “paz e maldade”, como se olhando para o desenho e lendo os sinais gráficos não se desse conta, talvez, de que o amor tenha características de “maldade”. Esse pode ser o motivo pelo qual, graficamente, ele denomina as duas partes como “paz” e “amor”.

Na Unidade de Produção 5 continua a haver conflitos psíquicos. De um lado, a “salvação” pelo vínculo amoroso, de outro, a dúvida de que se vai conseguir livrar do ódio. Está em um ponto do conflito que é favorável à predominância do amor. Necessita

ser ajudado para isso. Continua a esperança/conflito, esperando que vença o lado amoroso. Traz a temática do arrependimento e da busca de uma situação simbolizada pela "Igreja, que possa nele introduzir (a igreja vai pôr nele) conteúdos que permitam que o lado do "Amor e Paz", da Unidade de Produção 4, seja mais preponderante. A estória evidencia como esse recurso não se encontra dentro dele. Não tem condição interna para sair dessa situação. Depende de encontrar uma "salvação externa divina". O lado "mal" aparece e não tem condições. Precisa de apoio externo. Para não expressar sua fragilidade interna, faz qualquer coisa. Não deprime. Entra nos grupos.

No D-E, qual foi o movimento dele: ele realizou o movimento de entrada, de aprofundamento. Ele diante da vida dele, com solidão, abandono, tem um lado amoroso "rosa" que é pequeno, o resto é triste, sinistro, sozinho. Entra na angústia de dissipação, se desliga dele, adota uma conduta que ele sente que não é genuinamente ele. Procura a casa. A rosa-dos-ventos para poder se situar. Associa alguma coisa que mais dá uma configuração que vai situá-lo como ser. A mãe é o amor materno, introjetado, para poder se situar "ele tem que passar pelo ódio". Continua existindo amor. "Igreja" é o *self*. Ele próprio. Sozinho não dá conta.

Graficamente, nessa unidade, as linhas são de pressão mais leve em comparação às outras e com poucos detalhes. Há, novamente, a linha de base destacada, assim como a linha de teto. Não há uso da cor.

Obs.: Essa Unidade de Internação, em sua dinâmica, apresentou vários problemas no período de coleta de dados entre a 1.^a e a 2.^a fase: estupro de adolescentes do "seguro" por outros adolescentes; agressões entre os próprios adolescentes, formação de "bancas", agressões verbais a funcionários, tentativas de fuga e rebelião.

A respeito do adolescente, encontramos em seu Prontuário os seguintes dados quando de sua entrada na Instituição: "O adolescente nesse primeiro contato foi receptivo e flexível às orientações, deixou transparecer que está arrependido de sua conduta inadequada. O mesmo reconhece os malefícios que causou em sua vida. O jovem faz promessas de não mais se envolver em conflito com a lei. O adolescente foi informado da sentença a ele aplicada, o

mesmo recebeu as orientações calmamente. Deixou transparecer que irá cumprir o determinio judicial da melhor forma, uma vez que tem noção da gravidade da prática delitiva. Trabalhou como balconista um ano sem registro. Arma de fogo encontrada é de sua propriedade. (...). Apesar da pouca idade, quatorze anos, o jovem pareceu-nos provido de certa maturidade. Sobretudo, quando verbalizou que antes de possuir uma arma satisfazia-se com o dinheiro que recebia com seu trabalho e auxílio que recebia do padrasto e genitora, bem como, mostrando-se consciente de que a vida dentro dos padrões socialmente aceitos impõe certas privações materiais. Pareceu-nos arrependido do ato em que se envolveu, assim como não demonstra vivência infracional”.

2.^a FASE DA PESQUISA (realizada no Circuito Grave)

Na segunda fase da pesquisa, o adolescente foi transferido para uma Unidade do “Circuito Grave” – Complexo Tatuapé.

A respeito da transferência da UIB para a UID, a psicóloga obteve as informações constantes no Prontuário do adolescente: “aos 02.04, solicitou telefonema para família, pois estava com saudades da irmãzinha Bia. Aos (...), *Mike* desafiou e desacatou um funcionário devido a um jogo de baralho, que o jovem referiu ser de sua propriedade, mas não o agrediu. Como o jogo foi recolhido por não ser autorizado seu uso na Unidade, o jovem julgou-se no direito de pressionar o funcionário a devolvê-lo mediante ameaças. Este último foi orientado, sendo de comum acordo do funcionário e da equipe técnica de que o adolescente não seria submetido a sanção disciplinar. Aos (...), a mãe foi convocada a respeito do comportamento do filho. *Foi conversado por telefone* o comportamento do mesmo. Apesar de procurar a figura da mãe, tornou-se clara a falta de receptividade do jovem à orientação, bem como pareceu-nos que, em seu entendimento, a participação da mãe em discussões disciplinares é inadmissível, sendo um problema a ser resolvido sem a participação da mesma. Orientação prejudicada. Aos (...), participou de agressão a outro adolescente. *Mike* informou-nos que estavam ‘galinhando’, gíria institucional que significa fazer bagunça e não intencionava agredi-

lo. Pediu ligação para a mãe. Negada, devido ao seu comportamento. Anda em grupo que tem batido nos outros jovens chamados de pilantras ou seguro. Indagado a respeito, o mesmo negou seu envolvimento. Em *conversa com a genitora por telefone*, esta exaltou-se e falou que seu filho é bom, e seu comportamento é consequência do tratamento que dispensamos ao mesmo, referindo-se às nossas colocações e avisos, na reunião com famílias ocorrida em (...) sobre o risco de entrada da tropa de choque de PM, caso o desrespeito às normas continuassem, acarretando perda de controle e autoridade do funcionário na unidade. E.T.: Aos (...), nova briga com outro adolescente e desacato. Ressaltamos o fato do jovem não ter se envolvido em outras ocorrências indisciplinares durante o final de semana. O último demonstrou satisfação com a observação. Aos (...), desrespeito a normas de convivência, não levantou no horário para ir para a escola. Sanções: quinze dias sem piscina e dez dias sem futebol. Aos (...), o adolescente pediu orientações, informando uma melhora em seu comportamento e tal fato foi abordado com o mesmo. Aos (...), tem ameaçado e desrespeitado funcionário. Em orientação verbalizou que estes funcionários são 'muito folgados'. Tem apresentado uma postura bastante inadequada, mostrando-se arrogante e dono da verdade. Orientação prejudicada. Aos (...), envolveu-se em tentativas de rebelião sendo que foi transferido”.

Perguntamos a *Mike* como estava se sentindo nesta nova Unidade: “achava que estava louco, depois vi que era normal. Quando vim de bonde achava que tava ficando louco. Lá estava bem e de repente vim de bonde”. (Como se sente?) “Melhor que lá. Lá é diferente. Aqui é uma coisa e lá, outra. As atividades, escolar, monitor, comportamento dos menor, tudo mais. Aqui é diferente. Lá não tem união com os menor. Aqui tem união com os menor. Aqui não tem peixe. Todo mundo é igual. Me sinto bem nesse ambiente do que estava lá. Aqui tenho mais privacidade, tenho muita amizade, tem coletividade com os monitor, quer dizer isso eu tinha lá, mas não era com todos. Aqui eu tenho com todos”.

Nessa nova Unidade de Internação, ao passar por setor médico, diagnosticou-se que *Mike* teria que ser submetido a uma operação de hérnia.

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (2.^a fase)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

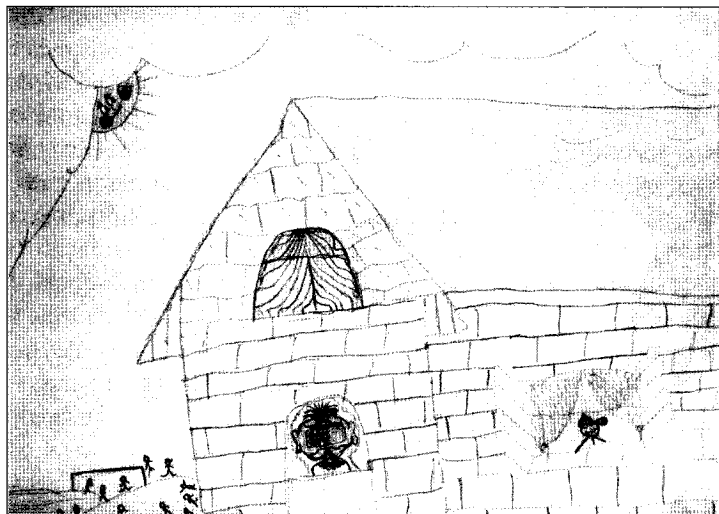
1.^a sessão (Vide Fig. 2.1.B)

Fig. 2.1.B

Verbalização: “Era a estória desse desenho que é minha casa. Aqui é um campo de futebol. Tem pouca gente dentro dela...”. (Acrescentou grades na porta e cortina na janela.) “Contar uma estória tá difícil... Contar uma estória desse desenho tá difícil. Não tenho mente para contar estória... Aqui é a estória de minha casa... esqueci algo aqui. Mas que estória vou imaginar nesse desenho?... Essa casa aqui é lá na UIB já que não é a minha. Aqui fora não pode ter muito moleque. Na janela tem outro (fala muito baixo)... Na janela tem outro adolescente. Ah, não sei inventar uma estória não.” (Então eu vou começar: era uma vez uma casa...) “de menor infrator... Como é o nome da casa? UIB lá tinha muito o que... muito... muito monitor... a metade deles... arrumava droga pros menor... no dia 02.05 aconteceu uma briga na UIB e a metade dos menores foram transferidos para outra casa. Aí os monitores lideraram a casa. Liberou couro, ficou o maior veneno... os adolescentes queriam melhora... em tudo. Arrumar os banheiros,

o assistente atender nós quando tivesse precisando, só!” (Como os adolescentes se sentem?) “Aí eu não sei... Aí quem sabe responder isso é só os meninos. A Senhora quer saber os que vieram de lá ou os que vieram de bonde? Se sentem bem pois saíram de lá. Pelo menos não ficaram lá pagando veneno, fazendo tudo o que os ‘funça’ (funcionários) quiser, na linha deles lá.” (O que é isso aqui?) “É um moleque... Ele é peixe, é Lafayette... Um moleque que teve que ficar lá na UIB na frente... limpando, todo dia, antes e depois da rebelião.” (O que é ser peixe?) “Para mim não é nada. Peixe dos funça. Com ele não acontece nada.” (É ruim assim ser peixe? Não respondeu de imediato...) “É.” (Por quê?) “Não sei. Só sei que é. Agora dizer por que não sei. Só. Só isso! Acabou a estória.”

Título: não sei não. Pode ser a rebelião! (Como você preferir). A rebelião. Só.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2 (Vide Fig. 2.2.B)

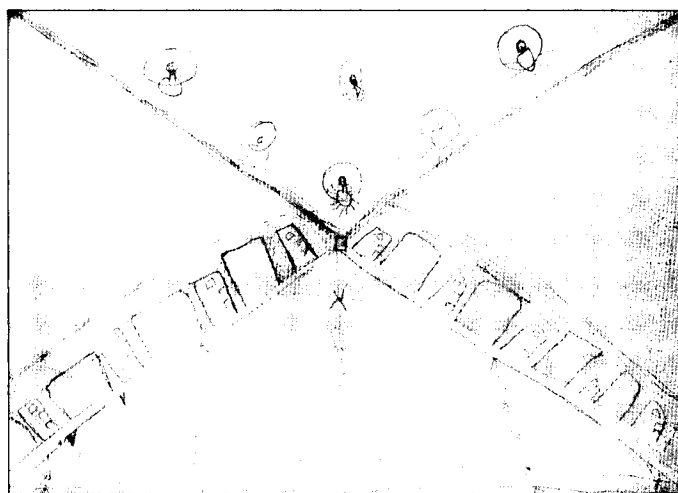


Fig. 2.2.B

Verbalização: “Aqui é depois que os meninos foram de bonde que é para onde foram para as trancas. Antes de ir eles pensaram

que era a UEB. Eles pensaram que ia ser ruim. Depois passou um tempo, ele viu que era melhor de lá aonde ele estava, apesar de ser tranca. Fazer o quê. Só". (Você está chorando? Pois ele estava de cabeça bem baixa e os olhos lagrimejando.) "Não. É que eu estou sem óculos. É só isso só!" (Isso é o quê?) "É a galeria... É aqui nessa unidade UED. Aqui, as luzes, os quartos, o piso." (Como se sentem os meninos?) "Sossegado ooé! Aqui é melhor que lá." (Mais alguma coisa?) "Nhum, nhunhum." (O que tem de melhor aqui que não tem lá?) "Tudo! Os monitores. Fazer atividade!" (Mais alguma coisa?) "Só."

Título: "Ah essa daqui eu não sei".

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3 (Vide Fig. 2.3.B)

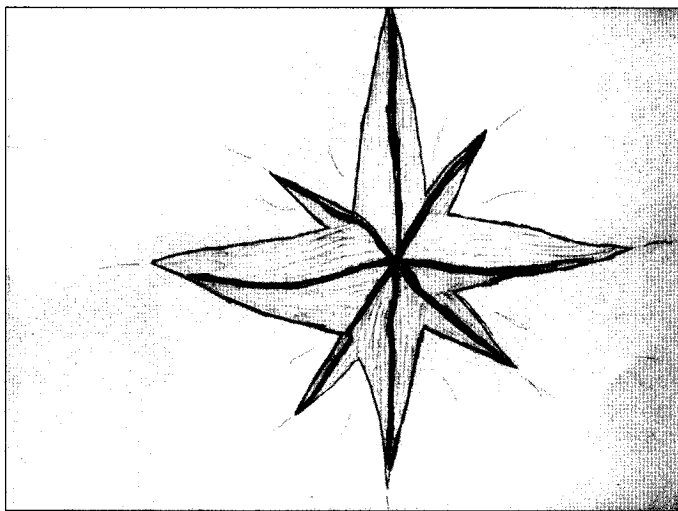


Fig. 2.3.B

Verbalização: "Ele não tem estória. Que hora é? Quanto tempo é a atividade? A Senhora faz faculdade na USP?" (Não, estou no mestrado. Por quê? Mike responde que foi lá para estudar handebol, mas não passou no teste, e possui um primo que trabalha na USP. Perguntamos em que lugar?) Responde: "Não sei, não. Num

negócio do Senna de Esporte. Pode guardar”. (*Mike*, comenta que estava com uma fotografia. Perguntou-nos se gostaríamos de vê-la. Trouxe duas fotos, uma delas quando estava com dez anos e a outra com dois primos e duas primas. As fotos foram feitas na viela onde morava. *Mike* verbaliza que a foto tinha sido tirada quando esteve na FEBEM. Os irmãos pequenos já tinham ido para adoção. Diz cada um dos personagens: suas primas e primos). Perguntamos sobre a *Bia*: “Ela ainda não havia nascido”. (Relata que sua prima já veio visitá-lo e diz a idade atual dos primos. Em outra foto, aparece um menino maior, é o primo. Comenta a viela e compara como é hoje.) “As casas foram construídas, as paredes estão pintadas, as janelas trocadas.” (Mostra o muro onde caiu *Bia* e se machucou. Ele diz que as casas foram sendo construídas. Comentamos que na foto ele parecia uma criança muito feliz, pois sorria muito. Ele sorriu. Falou que a irmã *Bia* vem visitá-lo, os demais irmãos não. Mas não quer que o bebê venha por ser muito pequeno. Enquanto continuávamos olhando as fotos, fez comentários sobre algumas meninas que apareceriam ao fundo da foto.) “Esses piolhos.” (Perguntamos o que era “piolhos”. Ele não respondeu. *Mike* diz que as meninas eram porcas. Estavam sujas e na foto não aparecia a sujeira. Mostra uma bola que o primo segura e fala que a bola era preta de sujeira, mas na foto está mais clara.)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4

2.^a Sessão (Vide Fig. 2.4.B)

O adolescente ainda estava dormindo. Era quase meio-dia. Tivemos que esperar ser acordado, se arrumar e tomar café. Compareceu com óculos. Comentamos que ele nos pareceu estar mais recolhido e mais quieto consigo mesmo. Perguntamos se foi por causa da foto de ontem. (Obs.: Um adolescente da Unidade ao lado foi violentamente espancado por um grupo de adolescentes, ficando com lesão cerebral grave. *Mike* relata estar com dor de garganta e iria passar mais tarde na enfermaria. Propomos uma elaboração da estória sobre o desenho anterior, que é a “rosa-dos-ventos”. Ele não quer.) “Não dá para pular para outro desenho?” Entretanto, realiza um novo desenho.



Fig. 2.4.B

Verbalização: “Ai, ai... Tem que inventar estória aqui também.” (Sim.). “A Senhora não quer começar a contar a estória?” (Era uma vez uma árvore... agora você continua.) “Uma árvore no meio de um bosque, só tinha felicidade. Nada de ruim acontecia lá. Só coisas boas. Tudo que tinha lá era bom e o pássaro, só natureza. Nada de mal acontecia lá, só coisas boas. Nem sei onde parei estou pintando aqui. Estou querendo pintar só. Deixa eu ver...” (Você parou na frase: tudo que tinha lá era só natureza...) “Nada de ruim. Só alegria. Todo mundo que ia lá não queria ir mais embora de tão bom que era. Com o tempo apareceram uns homens, uns homens maus lá. Queria acabar com a floresta. Aí apareceram uns homens bons também que não queria acabar com a natureza. Começaram a derrubar as árvores, sujar o rio, pôr fogo. Só que os homens maus tinha mais poder que os bons e os homens bons não tinha como se defender. E os outros tinha arma de fogo. Prá eles isso não era bom, porque eles nunca tinha visto né. E foram aparecendo mais gente, mais gente boa que não queria deixar eles acabar com a floresta... E foram conversando, conversando, ele só destruindo a mata, teve um tempo que ele não agüentava mais os homens bons. Quando escureceu, os homens bons foram até os homens maus e retiraram as armas. No outro dia, os homens bons

só estavam com um pau na mão. Aí os homens maus foram embora. Os homens bons construíram mais árvores e voltou tudo ao normal, tudo como era antes. Aí voltou tudo ao normal, aí todo mundo que ia lá, começou a frequentar de novo. Todo mundo que ia lá mais, mais alegria. Aí começou a morar gente. Ficou tudo mundo feliz e ninguém queria mais destruir o bosque deles lá...” (Como se sente essa árvore no meio do bosque?) “Ela! Se sente feliz, né! Porque ela ainda tá viva, ela ainda tem vida. Ela ainda tem vida. Precisa de natureza, de ar puro. De vida para viver... Eles pensa que quem quer destruir a mata vai lá, vão voltar. Que mais, deixa eu ver... Só.”

Título: O bosque.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 5

3.^a Sessão (Vide Fig. 2.5.B)

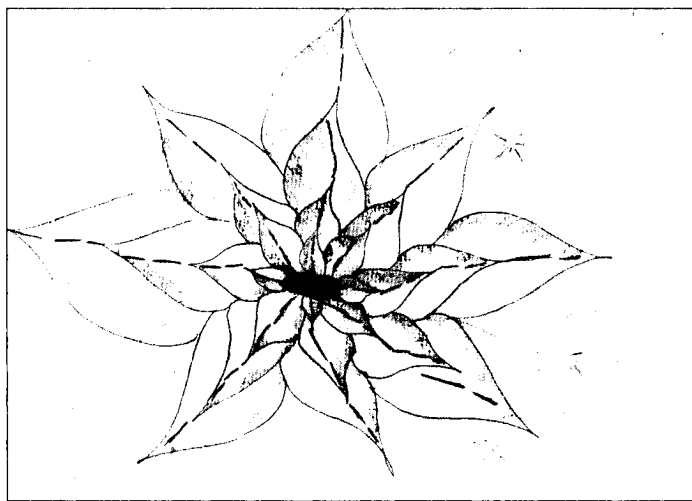


Fig. 2.5.B

Chegamos à Unidade às 12:30 horas e ele estava dormindo. Foi acordado. Tomou café. Estava mal vestido, com blusa furada.

Verbalização: “Contar uma estória sobre essa flor aqui... ri”. (Quer que eu comece? Ele balança a cabeça que sim.) “Só que eu não vejo uma estória nela. Só a flor. A senhora quer que eu conte a estória dela ou sobre ela?” (Você pergunta sobre ela ou dela é a mesma coisa?) “Não. Uma estória eu tenho que inventar e a outra aconteceu do nada.” (Qual você prefere?) “A dela mesma que aconteceu do nada. A estória é simples e pouca. Não tem muita coisa. Tava lá na UIB, aí a pedagógica falou que eu tinha que fazer um curso e ela falou para mim escolher um. Eu escolhi lapidação. Isso foi numa sexta e na segunda eu fui para o curso. Chegou lá tinha uma jarra com esse desenho lapidado. Aí o professor falou que eu tinha que fazer um pontinho. Eu fiz. Faltava duas folhas para acabar. Aí o negócio caiu no chão, quebrou. Aí ele falou que eu tinha que fazer outra para mim aprender o curso, eu falei que não sabia. Eu falei que não sabia. Ele ficou lá falando. Deu quatro horas eu fui embora. Só isso. Coitado do homem, fez o maior trampo para fazer uma flor no jarro e aí quebrou.” (Essa flor como se sente?) “Destruída. Porque ela caiu no chão e quebrou. Caiu de uma jarra. Agora não, agora ela se sente viva, se sente que tem vida.” (O que aconteceu que fez com que se sentisse viva?) “Eu pintei ela.” (O que ela precisa?) “Para viver? Ar puro, água e vida. Tá junto com as outras. Se sente feliz. Porque tem companhia para ficar ao lado dela, não está sozinha. O que ela mais quer é viver.” (O que acontecerá com ela?) “Com o tempo ela vai ficar mais feliz. Depois de um tempo ela vai se acostumando com os companheiros dele.” (Quem cuida dela?) “Eu. Ela se sente feliz né. Porque é eu que estou cuidando dela.” (Algo mais?) Balança a cabeça que não. (Você ficou com o olhar distante o que aconteceu, para onde você foi?) “Só.”

Título: A flor. (O que você pensou em desenhar aqui?) “Era para ser o sol.”

Interpretação:

Existe uma diferença nessa 2.^a fase. Na 1.^a fase, estava mais aberto e se expôs para ser ajudado. Na Unidade de Produção 1 se fecha e se coloca na defensiva. O adolescente expressa como ele se relaciona com a Instituição: “muito monitor arrumava

droga", para ele é a imagem que tem do funcionário, esse concebido como "infrator". Não é uma denúncia que ele faz, é uma emoção que ele traz. Para ele fica uma questão: como respeitar pessoas nessas condições. As cortinas na janela demonstram que ele procura se fechar mais ao contato com a psicóloga. Fechar mais, para não vir ameaça de fora, tenta se preservar. Protege, dessa forma, o que está fora e o que está dentro. Nesse momento, da Unidade de Produção 1, ele está trancado, sofrido e se volta contra a Instituição. Na 1.^a fase, estava em condições de ser ajudado. Nessa fase existe um processo de hostilidade contra a Instituição, envolvendo uma decisão contrária à Instituição, à sociedade. A Instituição representa a sociedade, uma decisão oposta a ele. Em seu ponto de vista aconteceu uma desgraça. Há uma agressividade contra a Instituição. Está mais trancado, existindo "uma supressão consciente de emoções que poderia comprometer. Ele se resguarda de mostrar os conteúdos internos. Todo o momento é oposto a poder se mostrar, a pedir ajuda. Ele entra no caminho inverso".

Deixa transparecer uma dificuldade maior em poder trazer associações verbais, do que na etapa anterior. Traz uma estória que expressa a percepção da Instituição em que ele está internado. A casa desenhada seria o elemento de abrigo. Assim como os funcionários, é sentida como ameaça e perigo. Da mesma forma, "os moleques" são retratados como "agressivos ou submissos", mas ambos estão diante de uma situação de autoridade, que é a Instituição por ele retratada. Na sua verbalização há muitos elementos da gíria, não esperado na 1.^a fase da pesquisa.

Graficamente, a casa é desenhada em tamanho grande e nela não está projetada a necessidade de proteção expressa na 1.^a fase. Diante da frustração, de não encontrar essa proteção da 1.^a fase, *Mike* mostrou que busca compensar essa fragilidade expressando o lado de "maldade" da Unidade de Produção 4 da 1.^a fase. Nessa Unidade de Produção 1, o desenho mostra um nível de detalhamento na representação do tema e há o uso da cor para assinalamento da linha de teto.

Na Unidade de Produção 2 continua se sentindo ameaçado. Está dentro de uma casa dos horrores. O tipo de vínculo com a psicóloga também mudou. Quando ela pergunta se ele está chorando, ele responde que não. Mas se for choro, a hipótese seria

pela perda dos vínculos, inclusive com a psicóloga. Ele tem que ser duro, inafetivo. Ele se recolhe do contato, tanto interno, consigo próprio, como externo. Outra hipótese a ser considerada é que chora porque perdeu o movimento de vínculos familiares, vínculo geral com as pessoas da Instituição e com a sociedade. Ele tem que ser duro e frio, mas no fundo não é. Foi buscar uma foto que retrata um período em que se sentia inserido na família.

Retrata novamente a Instituição na qual está internado. Destacando o contraponto entre as “trancas” e “portas” e o sentir-se “melhor”, incluindo a relação com os “monitores”. Portanto, *Mike* ratifica uma comunicação feita na 1.^a fase, quando está sob controle uma parte de seus conteúdos internos, como as “trancas e portas” (“maldade” da Unidade de Produção 4 da 1.^a fase). Há uma percepção de uma situação de menos conflito.

Graficamente o desenho tem reforço de linha e separação pelo uso da cor amarela, que com base na estória indica a dissociação novamente presente. Há novamente sombreamento, que é um indicador de ansiedade. Não há sinais gráficos de agressividade, que indiquem uma personalidade homicida.

Na próxima Unidade de Produção 3 aparece a “rosa-dos-ventos” agora mais nítida, mostrando que ainda precisa de rumo. Está à procura de seu norte, qual é o seu norte? Ainda tem uma dúvida, ainda não fez a opção de estar contra a Instituição, contra o crescimento mental e cair na “bandidagem”. Embora chore, a perda tem uma ligação central com a família. Ela traz o ponto de conexão com a afetividade dele demonstrada pelas fotos. Tem uma ligação forte com a família. Está ligado a essas pessoas da foto, mas tem um lado “sujeira”. Um lado ruim incrustado no bom. Tem um conflito de perder a ligação com a psicóloga “vou perder a ligação com ela e comigo também”, ele reluta. Continua brigando dentro dele a respeito desse afeto: o lado bom e mau.

Traz a “rosa-dos-ventos” desta vez com cor. Não consegue elaborar uma estória sobre o tema retratado. Mas mostrou umas fotos para a psicóloga numa idade anterior e acompanhado da família. Então, a estória dessa Unidade é a estória das fotos. Portanto, a temática é que a “rosa-dos-ventos” desenhada da Unidade de Produção 3 da 1.^a fase está também associada ao contexto onde está acompanhado, querido e até satisfeito. Acres-

centa uma percepção na Instituição atual. A estória de fragilidade contrasta com a estrela desenhada.

Na Unidade de Produção 4 faz alusão a uma fase em que está na oposição de totalmente bom ou totalmente mau. Não há meio-termo. Entra em uma atitude maniqueísta, entre bom e mau; é como se dissesse: "Eu não agüento mais estar do lado bom. Eles estão decepcionando. Eles têm as maldades deles". Então, se eles têm as maldades deles, é fácil conduzi-los. Existe uma ambivalência. Existe uma necessidade de ser reconhecido, amado pelos bons, mas os bons não estão à altura. Está num ponto crucial: "vale a penas estar inserido na sociedade. Uma sociedade que é corrupta, cheia de desamor, de rejeição". Aos olhos dele, é muita frustração, que provoca muito ódio. Para ter uma opção social e não anti-social precisaria ser muito ajudado. No início da internação estava aberto a essa ajuda, agora está fechado.

Executa o desenho mais elaborado de todos da 1.^a e 2.^a fases, em que a árvore é o elemento principal. Ele projeta novamente os dois lados: o da "maldade" e o da "paz" da 1.^a fase. *Mike* comunica que uma primeira percepção em que há "alegria", "harmonia", mas que facilmente essas qualidades se rompem e o lado mau se manifesta. Para o lado bom permanecer, há necessidade de um controle do lado mau, e, portanto, manter a dissociação, enquanto conduta defensiva.

Graficamente, nessa Unidade de Produção 4, há um uso intenso da cor e o desenho mostra um cuidado na sua elaboração.

Na Unidade de Produção 5 se repetem as mesmas questões da Unidade de Produção 4. Expressa ambivalência em um lado construtivo e destrutivo. Como no começo mostra-se muito ameaçado. O canal de comunicação fica dificultado. Em termos de movimentação esperada dentro de D-E, ele expressa que, quando a flor "quebrou", não queria fazer o que pediram, não estava dócil. O vaso não caiu por si. Ele desafiou como numa pequena guerra. Aqui no D-E ele ressuscitou a flor, pois está tentando reparar. É uma reparação que traz no presente com o professor. Lá caiu com o professor, a flor ficou em pedaços, aqui refaz a imagem da flor no papel. Lá há a emoção de ódio, raiva, vingança. Aqui, une os pedaços, faz a flor não sob império do ódio, mas com afetividade. Na cor, em vez de ser vermelho berrante, o ódio está suavizado.

O *self* pode ficar sob o império do ódio e ser reconectado. Ele tem um contato mais integrador com a psicóloga, trazendo uma reparação do *self* que pode estar ofuscado pelo ódio. “Ar puro” indica movimentos profundos, que é o núcleo de vida. Como se ele estivesse dentro de uma situação perigosa, como se pudesse esfaquear, mas faz um esforço para se reconectar com o núcleo mais profundo dele. Ele tenta manter sua afetividade. O ódio é uma força sensorial muito forte e substitui o contato mais real. Ele está a meio caminho entre a vida correta e a vida fora da lei; ele fica oscilante: “Uma história dele ou sobre ela” tem a ver com o criar. Ele pode inventar. Do verdadeiro *self*, Winnicott afirma que há uma força que dá o sentimento de continuidade de existência e algo de imaginação que cria. Ao criar dá uma expressão a si mesmo. Alguma coisa viva lá dentro que cria. De um lado está com medo de perder isso, de outro lado é tanta coisa ruim que acontece.

E projeta como uma flor destruída, como a árvore da unidade anterior se sente ameaçada. E que há necessidade de cuidar dessas partes quebradas, que caem no chão e que podem ser consertadas. Novamente, expressa uma necessidade de ser cuidado. “Ar puro, comida e água” são elementos importantes para que a “flor” se sinta cuidada. Nessa última unidade expressa o desejo de ser cuidado, alimentado, consertado e, portanto, finaliza a sequência manifestando o lado frágil. As rebeliões são eliciadoras do lado mau dele. Tem que fazer o lado bom dele se integrar. Não tem indicador de agressividade para personalidade homicida.¹

¹ A título de exemplo, apresentaremos uma história e a interpretação de um dos sujeitos estudado por Mazarro, em sua pesquisa com adolescentes homicidas e que ilustram a presença desses impulsos homicidas: “...era uma vez um carro tava passando na rua, aí o farol tava aceso e o rapaz tava bêbado, mas ele pensou que o farol estava apagado; mas realmente o farol estava aceso – ia passando uma menina: ele atropelou, ela morreu”. Na interpretação de Mazzaro “o homicídio ocorre durante um estado mental em que a mente fica confusa e atordoada e o ego não tem controles suficientes para conter os objetos assassinos, destrutivos; este estado é temporário, mas, enquanto dura, o indivíduo fica invadido pela parte psicótica e mata”.

A aplicação na 1.^a fase o D-E parece ter sido terapêutico, mas o mesmo não ocorre na 2.^a fase. Na Unidade de Produção 1 da 2.^a fase, deixa transparecer uma dificuldade maior em poder trazer associações verbais do que na etapa anterior.

A UID – Complexo Tatuapé é uma Unidade que até então não vinha participando das rebeliões, pois os adolescentes não queriam ser transferidos para Franco da Rocha. *Mike* se envolveu sem uso de violência física em um episódio que antecedeu a rebelião, mas não se envolveu na rebelião, sendo que ajudou as técnicas que estavam no pátio no momento da rebelião. No Cadeião de Pinheiros ficou em uma das alas do X. Nesse local a mãe continuava a visitá-lo mensalmente.

No início do mês de julho/2000, embora existissem unidades da FEBEM próximas ao seu local de moradia, foi transferido para o Complexo de Franco da Rocha. Nessa nova Unidade, após uma rebelião em uma das Unidades ao lado, onde um adolescente foi morto, seu coração arrancado pelos demais adolescentes e o corpo queimado, segundo informações da equipe dirigente, *Mike* envolveu-se em um episódio de agressão física a um educador, motivo pelo qual ficou no quarto de reflexão, por ocasião de nosso comparecimento àquela Unidade para entrevistá-lo. Com o consentimento do adolescente, discutimos os dados do diagnóstico com o novo Diretor da Unidade que também é psicólogo. Esse Diretor informou que estava há poucos dias na Unidade e precisava de “tempo para conhecer o caso de *Mike* e não cometer injustiça, pois o adolescente estava montando ‘banca’ (grupo), questionando que ali não tinha escola, curso profissionalizante e ficava na ociosidade... A ida do adolescente para o quarto de reflexão se deu pela própria segurança dele, pois os demais internos não o queriam mais na Unidade” (*sic*). Obtivemos a seguinte informação quanto à agressão ao funcionário: “não houve agressão física ao funcionário nessa nova Unidade, somente discussão, por esse motivo ele foi para o quarto de reflexão, mas tinham informações através de *boatos* que na Unidade anterior o adolescente havia agredido um funcionário”. Entretanto, nos dados da Unidade anterior tal fato não aconteceu.

Nessa Unidade, em específico, houve uma resistência quanto à realização da pesquisa, que não foi encontrada nas demais Unidades da Instituição.

Nessa nova Unidade, a genitora, por motivo de trabalho e distância, não estava comparecendo para visita ao filho, apenas a tia comparecia. Quanto ao adolescente, segundo informações dos técnicos, "este estava melhor na casa, não estava dando mais trabalho, pois estava resignado".

Realizado o Relatório Conclusivo, pedindo a desinternação de *Mike* e sua inserção na medida socioeducativa de Liberdade Assistida, a Instância Judiciária determina uma oitiva do adolescente e do psicólogo, responsável pelo caso na Unidade. Em muitos casos de relatórios conclusivos, a Instância Judiciária solicita que uma nova reavaliação seja realizada por meio de sua equipe técnica.

O adolescente foi desinternado sem que a Instituição tenha providenciado os encaminhamentos para a realização da cirurgia de hérnia.

Para esse adolescente, quanto a sua medida socioeducativa de internação, respondeu-nos: "Senhora, eu vi coisas aqui que nunca vi e não verei em outro lugar, só aqui. Tem coisas que acontece aqui, e só aqui e não em outro lugar".

Contratransferência: Com a autorização do adolescente, a psicóloga, frente aos dados do psicodiagnóstico, foi mobilizada a discutir esse estudo de caso com os técnicos responsáveis pelo caso de *Mike* na Instituição, os quais não quiseram participar, deixando transparecer não haver interesse nessa discussão.

SUJEITO 3

APRESENTAÇÃO

Nome: Davi

Idade: 15 anos

Nascimento: 10.84

Escolaridade: 5.^a série do 1.^o grau

Pai: Sr. Beto

Idade: 37 anos

Escolaridade: 2.^o grau

Profissão: Mecânico

Mãe: Sra. Luci

Idade: 42 anos

Escolaridade: 1.º grau incompleto

Profissão: Doméstica

Irmãos: Samanta (13 anos) e sarita (11 anos)

Unidade de internação: UEB

Tempo de internação: Seis meses

Apresentação

Davi encontrava-se, no início da pesquisa em 24.3.2000, há dois meses na FEBEM-SP, estando há 15 dias cumprindo sua medida socioeducativa de internação na UIB. Sua entrada na Instituição ocorreu no mês de janeiro/2000, na UAI-Brás. Foi transferido no início do mês de março para o Circuito Médio. Sua internação ocorreu no mesmo contexto institucional e período dos demais sujeitos da amostra: *Davi* e *Mike* são da mesma UI. Esse adolescente ficou marcado desde o início de sua Internação Provisória, na UIP-Cadeião de Pinheiros, como um adolescente do “seguro”. Dentro de sua UI continuou no “seguro” e a sofrer agressões por parte dos demais adolescentes, cumprindo sua medida socioeducativa do começo ao fim dentro da mesma Unidade. Não caracterizaremos os fatos ocorridos durante sua internação, pois já descrevemos a dinâmica de sua UI quando apresentamos o Sujeito 2 – *Mike*. *Davi* tentou fuga de sua Unidade quando foi levado a um Posto de Saúde, pois temia por sua vida (*sic*).

Histórico de vida: É o filho mais velho. Possui duas irmãs: *Samanta*, de treze anos, e *Sarita*, de onze anos. Os pais são separados há quatro anos, sendo que o adolescente reside com a mãe, em casa própria de oito cômodos. O pai construiu nova família e possui um filho, auxiliando na criação dos três filhos com R\$ 100,00 por mês. O lar é mantido pela mãe, que, após a separação do companheiro, passou a trabalhar como doméstica, ganhando R\$ 280,00 por mês, em uma casa, e em outra R\$ 160,00 para cuidar de uma senhora de oitenta anos. Para manter o lar é necessário o controle das despesas. A separação dos pais não é aceita por *Davi* nem por sua mãe, que espera voltar a conviver com o marido. *Davi* ingressou na Instituição por ter praticado um roubo de um carro Sprinter, à mão armada, sendo essa a sua primeira infração.

Os dados da anamnese revelam que a criança não foi planejada e nasceu um ano após o casamento, mas os pais se sentiram felizes com a gravidez. Segundo a mãe: “Desejava ser mãe... Eu me senti bem nos meus três partos. Nunca rejeitei meus filhos. Ele sempre foi bom pai, marido. Nasceu de cesária”.

A partir da adolescência, *Davi* fala, conversa, dormindo. Dorme em quarto separado dos pais desde pequeno. Mamou até um ano. Para desmamá-lo: “Fui disfarçando, foi fácil desmamá-lo”. Para tirar a mamadeira, levou-o ao pediatra. Andou com um ano e falou com um ano e seis meses. Controle dos esfíncteres: “Com um ano. Deixou as fraldas até dois anos. Foi tudo maravilhoso”.

Usou chupeta até seis meses; conforme orientação do pediatra, a mãe começou a tirar para não ficar com a boca para fora. Sempre brincava com os amigos. Fazia amigos facilmente, muito dado com outros, mais com o filho do vizinho. Adaptou-se bem à escola. A mãe escolhia os amigos, pois é evangélica e prefere que tenha convívio com crianças evangélicas: “Na escola já tinha turma e na igreja também. Não saía para a rua. Não gostava dos filhos na rua. Ficava assistindo televisão. Os filhos sempre ficaram trancados em casa. Hoje tem companheiros. Uns conheço e outros não conheço. Realmente foi esses companheiros que fizeram a cabeça dele e ele veio parar aqui. Não foi falta de orientação que ele veio parar aqui. Ele sempre sentiu a falta do pai. Não aceitou a separação, porque saiu e não vinha visitar como não veio, esqueceu. Isso criou dentro dele uma revolta. Eu sempre disse, seu pai abandonou, mas Jesus não. Dava conselho e ele não acatou e infelizmente veio parar aqui. Coloquei para ele que nosso filho está na FEBEM, por causa do abandono dele”.

Curiosidade sexual: Quando criança manifestou interesse em saber como as crianças nasciam. Foi explicado pela genitora. Não tinha dificuldades escolares, abandonando os estudos na 5.^a série. Não gostava de estudar. Só ia para a escola se: “eu pegasse a cinta e mostrasse para ele e dizia: vai ou não vai? Se não fosse assim, não ia”. A mãe estudava com a criança. Ele falava que quando crescesse queria ser mecânico de carro. É a profissão do pai. Quando tirava nota baixa, “o marido pegava duro. Não batia, mas pegava duro. Se você continuar tirando notas baixas e no fim de ano não passar, você não vai ganhar nenhum brinquedo. Tinha

difficuldade em leitura. Ele era uma criança que não levava desaforo para a casa. Sempre as professoras me chamavam: hoje ele brigou com outra criança. Uma vez ele estava de castigo. Respondeu para a professora. Não teve afastamento ou suspensão”.

O marido é nervoso: “tão nervoso que teve úlcera. Não batia nos filhos, conversava. Quando ele pegava... ele batia de cinta, ele descontava. Não ficava marca na criança. Não nunca! Batia porque era teimoso. Quando ele batia, eu não entrava no meio e quando eu batia, o pai não entrava no meio e nem abria a boca. Era assim que a gente vivia... quando aconteceu esse fato eu não acreditei. Ele se levantava de manhã, escovava os dentes, tomava banho, café, ficava vinte minutos e saía para trabalhar como cobrador de lotação. Meio-dia almoçava, às 10 ou 11 horas da noite, o perueiro trazia ele. Ele entrava, jantava e dormia. Não cheirava a pinga e a droga. Sempre me falava quanto ganhava. Contava tudo o que ganhava. Estranhei quando aconteceu esse fato com ele. Nunca abriu a minha bolsa para pegar dinheiro. Sempre pedia. Dia de lazer, não posso dizer como é, porque não saía com ele. Trabalhava no sábado e domingo em casa. Ele saía. Mas eu não sei dizer para a senhora, pois não ia com ele”.

A mãe freqüenta as obrigações religiosas todo domingo. As filhas participam de algumas atividades da Igreja.

Tem como expectativa de escolaridade para os filhos: “um grau muito elevado, quero ver formado, com bom cargo, que não dependa da mãe e dá para sobreviver. Ganhar bem e construir a família e ser independente. A filha de treze anos diz que quer ser médica e a outra pediatra. Eu falo: Glória Deus”.

Que tipo de relações os pais mantêm com as figuras de autoridade?: “Bem, *Davi* freqüentou a Igreja Batista, chegou a batizar”. Repetimos a pergunta, então respondeu: “Eu conversava com meu marido: Você concorda com o que foi falado esta noite. Eu e ele discutia sem chegar a um desacordo. Respeitava a palavra do pastor, mesmo que eu não gostava do que ele falava. Respeitava para não criar atrito entre ele, eu e o pastor, era assim que a gente vivia. Com os filhos, a autoridade não é gritar, é colocar uma disciplina, por exemplo: é falar com o filho, falar uma vez só. Não quero que você vá naquele lugar, pois não é bom para você. Não é gritar é ter autoridade no falar”.

Como os pais se sentem com a reclusão do filho? “Na semana passada o *Davi* foi agredido. Foi feito Corpo de Delito. Fiquei sabendo, pois insisti para falar com a Assistente Social, e aí ela me falou. Acho que a Assistente Social teria obrigação de chamar as mães e falar o que está acontecendo com os filhos. Conversei com o Diretor. Ele já falou que outros meninos foram transferidos e estão para transferir outros. O Diretor disse que ia tentar transferência de meu filho para um internato próximo de casa. Tenho medo que aconteça com o filho o que aconteceu com o jovem de Santo André, que foi morto com trinta e três estiletagens. São 90 internos, cada um com cabeça diferente, eu me preocupo com isso. A Assistente Social disse que essa unidade nunca teve rebelião e que os meninos estão atacando uns aos outros. Esses meninos têm que ser transferidos. Converso com monitores e Diretor, o *Davi* realmente não entra na bagunça, e ele apanha dos outros adolescentes! Não dá para entender isso. O *Davi* falou que precisou fingir que tinha desmaiado para os moleques não matar ele. Agora o relatório está indo, é o primeiro relatório. Eu estou esperando ele ser transferido, porque ficar desse jeito não tem condições. Foi um choque grande, o esposo não mora dentro de casa comigo, é o meu primeiro filho, eu estou pedindo ao Nosso Senhor. Muita graça. Oração. Eu estou aguardando que Nosso Deus é providência. O que aconteceu com *Davi* é para que ele conhecesse o que é esse lugar e saia daqui realmente com a cabeça de um homem. Gostando ou não, não estou satisfeita dele estar aqui, porque não o criei para estar nesse lugar. Eu criei ele com amor e carinho, carreguei ele nove meses. Fico angustiada de ver o sofrimento dele e dos outros também. Não passava na minha cabeça ele estar nesse lugar. Nesse momento ele precisa de todo apoio da mãe. Ele errou. Então você lembra que quando sair daqui, sai como homem. Aconselhava: não tenha pressa de arrumar um emprego. Você tem casa, fruta, não vai atrás de duzentos e dez reais. Muitas das vezes, Deus põe um adolescente aqui para ter um escape da morte. Ele saía, eu não sabia com quem ele estava andando. Quando a polícia chegou, minhas carnes tremeram. A palavra de Deus diz que ele escreve certo por linhas tortas. Ele errou, tem que pagar, e eu tenho que dar apoio ao meu filho. Quando sair mudado, para não ficar mais aqui dentro. Deixar um bom exemplo. Não estou gostando dele estar aqui, entro no quarto

dele e está tudo lá. Comprei um teclado para tocar na igreja. Tudo isso me faz lembrar dele. Prefiro ele comigo na igreja louvando o Senhor, do que ele estar aqui. O pai tem um pouco de culpa pelo abandono. Ele diz: realmente eu não dei carinho para eles. A carga toda ficou nas minhas costas, três adolescentes numa época dessas. Mas ele tem uma parte do bolo. Eu ponho minha cabeça no travesseiro e durmo, pois tudo o que pude fazer eu fiz, por isso não carrego a consciência pesada”.

A psicóloga, durante a entrevista com essa genitora, experimenta sentimentos de contratransferência como: angústia, medo, indignação, confusão, como se fosse difícil estabelecer uma ligação e uma organização entre os fatos.

Na entrevista com o adolescente, o jovem relata a respeito de sua vida: “Antes era boa. Morava com a minha família, auxiliava meu pai e minha mãe. Depois conheci uma pessoa que me levou para o mau caminho. Meus pais são separados e moro com minha mãe e irmãos. Acho ruim, não esperava que meu pai fosse se separar, ele fez isso com nós, foi ruim. A gente queria ele aí. A relação com minha família é boa, não tem briga. Vai-se respeitando um ao outro. Pai vai em casa e conversa com a mãe. Conversei com meu pai sobre o casamento, mas ele falou que não deu certo. Trabalhei em mecânica, lotação, ajudante de pedreiro. Recebia por dia. Gostava mais de trabalhar na lotação e ajudava a mãe a comprar algumas coisas dentro de casa. Roubei após quatro anos de separação de meus pais. A relação com a família depois da infração continua do mesmo jeito, só que está longe e não vejo o que está acontecendo na minha casa. Para mim é ruim, porque posso perder minha mãe e nem estou sabendo ou qualquer pessoa da minha família. Não tenho filhos. Sempre fui um menino direito, chega lá o pessoal vai dizer: roubou, tá preso. Coisa que mais me preocupa que é o dia que vou embora. Como posso sair daqui é três anos ou três meses. Quero ir para o Internato de... a senhora não poderia pedir para minha assistente para me transferir para lá?”.

Pessoa que mais confia: “Mãe, irmãos e pai... Um momento mau que passei, quando o meu pai se separou de minha mãe, que nunca ninguém esperava isso, não senhora! Um bom momento, quando eu trabalhava na rua e podia ajudar a mãe, dando dinheiro para ela trabalhar todo dia. Posso contar com minha mãe e pai. Aqui

a única pessoa que pode me ajudar, que pode tirar eu daqui é o Juiz, só. Me vejo como uma pessoa que, quando sair daqui, paro com isso aí. Voltar o que era, ser um cara trabalhador, voltar aos estudos, pois sei que vou precisar dele. Lá fora, até hoje não arrumei confusão. Roubei fora de meu bairro. Era a primeira vez. Conheci esse cara na rua. Ele trabalhava numa linha de lotação e fomos conversando tudo, ele tinha um carro roubado e me chamou para fazer isso aí e eu fui. Eu ia lá pegava o carro e ele fazia o dublê do carro: trocar placa e chassis. Ele falou que se eu fazia isso, ele e eu dividia o lucro. Mas acho que ele me cagüetou, pois tivemos umas brigas aí, fui pego depois que estava com o carro uma semana, estava trabalhando com o carro: um Sprinter da Mercedes Benz de lotação. A outra pessoa está solta. Eu não entendo, o cara tem uma pá de carro roubado e a polícia ia na casa dele, ele tá solto, só eu tô pagando. Meus colegas me aconselharam a devolver o carro, levar até a casa da pessoa e telefonar avisando, pois tinha o telefone dele, mas não deu tempo, fui preso. Eu quero sair daqui para ir no Internato, pois não tem como estudar. Estou no 'seguro', é quando uma pessoa faz uma coisa errada, e vai para o 'seguro' e os monitor tem que tomar conta. Soltei um 'pum' sem querer na hora da comida e tive que ir para o 'seguro'. Eu posso andar em todo o Quadrilátero sozinho e não vou fugir. Fui cortado por estilete, queimado de cigarro. Estava sentado quando a pessoa chegou, e me cortou. Fez estilete com arame arrancado de dentro do tijolo, e o esconde no chão, cavado no chão, no barraco das roupas. Eu estou com marcas, e ninguém fez BO nada, fiquei abatido. Por isso não posso fazer cursos. Pior que o Juiz exige curso profissionalizante e estudo, senão não libera. Agora por causa de um cara desses, eu vou ficar pagando. Todo dia falo com o Diretor, ele fala que não tem vaga para ir embora. Teve enquadramento de funcionário, ele foi furado. Se tiver rebelião lá embaixo (referindo-se ao Circuito Grave), essa Unidade tá perdida, pois não participa de rebelião. Se chegar até aqui pode ter morte. Eu não quero estar aqui se isso acontecer. No Internato não tem rebelião e dá para fazer curso. Aqui tem uns cursos bons, mas se sair para fora você morre. Meu relatório subiu. O Juiz olhou e mandou uma carta dizendo que não está fazendo curso. A Senhora se ver os outros 'seguros' dá dó, os braços cheios de corte. Os que estão no 'seguro' não podem fazer nada, tem que

ficar quieto. Se levantar a mão para um, vem uns trinta, quarenta e cinco em cima. Os caras daqui não têm dó. Se tiver rebelião vão cortar nosso pescoço e jogar para o choque. Os cara zoa nós e passa tudo abatido. O relacionamento com os funcionários é bom, trata com respeito. Se eles podem fazer um corre no 'mundão' (fora da Instituição) eles faz. Por exemplo: quem não tem visita e não recebe bolacha, eles trazem para nós. Não paga nada. Não cobra nada. Eles vão atrás da família, manda carta para o lugar se não pode ir, telefona, mas a assistente também faz. Aqui não é prisão perpétua, uma hora eu saio. Só que esse negócio de roubar é nunca mais. Se eu soubesse que ia passar esse sofrimento aqui tinha pedido para o policial me dar um tiro na cabeça. Aqui na Unidade não há maus-tratos físicos por funcionários. No Cadeião de Pinheiros tive maus-tratos físicos, na entrada e na saída. Eles fala que é a 'recepção'. Apanhei com um pedaço de madeira, negócio de ferro no meio do dedo. Na saída a mesma coisa. Você não pode falar nada, se você falar apanha mais, nunca meu pai e minha mãe relou a mão ni mim".

Relacionamento com os técnicos: "É bom. Me respeita, eu respeito eles. Não sei o que aconteceu com minha técnica, parece que ela está doente. Ela fazia correria. A única saída é minha mãe ir no Juiz com a advogada".

Como se sente em relação ao ato que cometeu: "Ah, Senhora, quando penso, se tivesse pensado um pouco não tinha feito isso. Quando sair daqui não vou fazer mais isso. Tem uns caras que só fala da boca para fora, mas eu é de dentro. Você tá preso, fica longe da família, aí tem que pagar com a liberdade".

Religião: "Tive participação nos cultos da Assembléia de Deus, no bairro. Aqui na FEBEM, ninguém tá sabendo de Deus. Quando acontece uma rebelião, eles fica pedindo pelo Amor de Deus para não deixar eles morrer. Não sei se a senhora ficou sabendo na Imigrantes e em Santo André que cortaram o pescoço deles. Por isso quero sair daqui".

No contato com o adolescente, o jovem deixa transparecer ser educado. É um adolescente que espera que as perguntas sejam feitas.

Entrevista familiar diagnóstica

Interpretação:

A mãe oferece e retira o que oferece. Para compreendermos o que ocorre nessa família, temos que olhar os dados de um ponto de vista mental. Temos que olhar o que se passa do lado da mãe: eu ofereço o “doce” para a criança e provoço seu desejo, mas no momento que a criança tem o impulso, eu retiro o “doce”, havendo uma provocação e uma repressão da provocação. Do lado do filho: existe um impulso forte que lhe diz que pode buscar o “doce”, esse impulso não pode ser tolerado pela mãe (superego) e tem que ser reprimido. O mecanismo predominante é o da repressão e como consequência existe cisão entre tudo o que seria de um ponto de vista superegótico do ideal de ego e de outro em relação aos desejos, estruturando um *implinting* entre o desejo e o ideal. O ideal é tudo aquilo que é maravilhoso. O real está lá longe, fora do alcance. Mas a mãe provoca na criança um crescente despertar de desejos, ao mesmo tempo em que reprime.

“Arrumou o guarda-roupa”, nos revela uma dinâmica marcada pela obrigação. No mundo psíquico do adolescente, se não tiver ali com o controle rígido do superego, tudo vira bagunça. Esse superego está tentando cuidar de tudo que está recalcado, que é o desejo de bagunça. Há rígido controle. Tem algo que não pode aparecer, quanto maior a força que vem dessa região, maior a força da repressão, devido a um superego taliônico (olho por olho, dente por dente). A mãe não tem contato com o filho. Está presa às coisas dela, em impor ao filho as coisas dela. No inconsciente da mãe há cobiça e um mecanismo proibitório e interditório da expressão dessa cobiça, então, ela faz do filho o projeto dela. Ele é nesse ponto um prolongamento dela para a realização dos desejos dela. Se ela tem os desejos recalcados, os impulsos, o filho constitui um lado duplo que é ao mesmo tempo instigado a ser realizado e impedido de realizar.

A mãe tem duas falas, no nível consciente e no nível inconsciente. No nível consciente, no papel de esposa, é ela quem educa o filho. No nível inconsciente, o filho é um prolongamento dela, não como alguém real. Ele tem que realizar o desejo dela. Como pessoa, a posição do filho é inexpressiva. Ele só é importante como

prolongamento dela. Ele não vai buscar um lugar próprio. Ele, o filho real, até chega a tentar, mas ela muda isso. Por trás de tanto recalçamento por parte da mãe, existe uma ambição de ter muito. A voracidade dos impulsos está em ter, e o filho representa esse lado voraz da mãe, que é o desejo recalçado dela.

Do lado consciente da mãe existe uma fala politicamente correta, baseada em um Deus. No lado inconsciente, existe ambição de possuir desmesuradamente. Na dinâmica psíquica da mãe, existe uma questão básica entre repressão *versus* impulso.

A mãe se apresenta com dupla mensagem: ao mesmo tempo em que recomenda a expressão dos desejos do filho e impõe uma repressão consciente, na qual deixa escapar uma expressão de tudo que é reprimido: a gula, a onipotência, quer riqueza e até ter um poder sobre Deus que está a serviço dela. É nítida a imposição sobre o filho. Se o sistema é correto, ele vai receber influências disso, vai ter um conflito entre o superego e o id, entre o desejo reprimido e a expressão desse desejo.

É um caso tipicamente freudiano de relações simbióticas e simbólicas: roubou um carro. O produto do crime tem uma relação com o concreto desejo de riqueza. O "Sprinter" faz parte do objeto deslumbrante do desejo da mãe.

A mãe representa para o filho um superego muito violento. No ato do filho há um impulso muito violento, sem o mecanismo contrário ao ato.

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS (1.^a fase)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

1.^a Sessão (Vide Fig. 3.1)



Fig. 3.1

Verbalização: “Quando eu estava com minha família... ah, eu não consigo”. (A psicóloga auxilia-o: Era uma vez...) “Era uma vez uma casa, uma linda tarde de domingo, o sol e os pássaros, um monte de pessoas andando no jardim da casa. Uma linda árvore de frutas e os pássaros voando no céu. Só isso!” (O que acontece aí?) “...aqui está todo mundo alegre... tipo assim, agora posso falar de mim. Vai ver que quando eu sair da FEBEM, minha família vai ficar alegre.” (Como as pessoas se sentem?) “Alegre, senhora.” (O que vai acontecer com elas?) “...Não sei não senhora. Era mais ou menos um parque.”

Título: Era um dia uma família feliz.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2 (Vide Fig. 3.2)

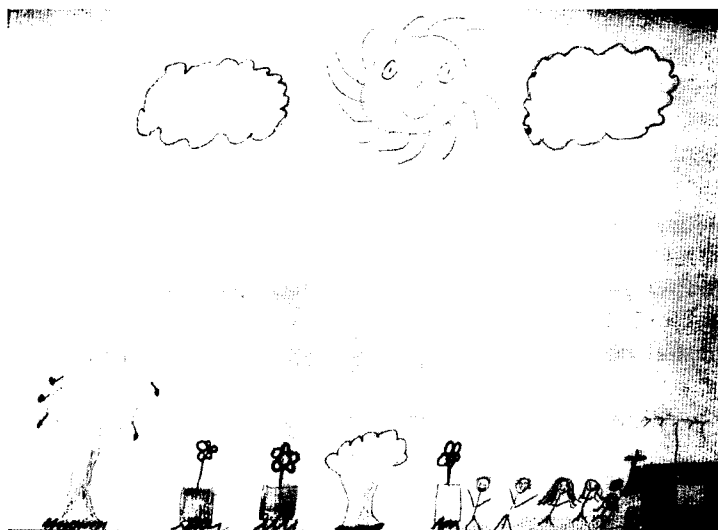


Fig. 3.2

Verbalização: “Era uma vez uma linda tarde de sábado, o sol estava muito lindo, as árvores muito bonitas e a minha família indo para a igreja. Só. Só”. (Por que essa família estaria indo para a Igreja?) “Porque quando Jesus vier eles não vão ficar. Vão pro céu... porque lá não tem sofrimento, não tem dor, nem choro... porque na Terra, Senhora, é muito triste, aqui as pessoas tira a vida de outra pessoa brincando, só!... no céu vão cantar, pregar a palavra de Deus. Não vai ter choro, não vai ter nada. As pessoas precisam aceitar Jesus como nosso Senhor Salvador... porque quando ele vier, ele vai subir com as igrejas deles... Porque quando Jesus vier, eles não tiver aceitado Jesus como seu salvador, eles vão para o inferno.” (O que as pessoas da Terra fazem que as levam para o inferno?) “Ah, bebe, mata... rouba. Porque as pessoas não tem controle. Que nem eu, na minha idade, fui de embalo como diz meu pai... às vezes a pessoa bebe porque gosta.” (Como é o inferno nessa estória?) “Um lugar cheio de larva, um par de escravos, só. As pessoas morrem queimadas, fica trabalhando para ele, fica sendo escravo dele. O diabo gosta de ver o mal dos outros.”

(O que as pessoas que estão no inferno precisam?) “Precisam de Jesus, mas é muito tarde.” (Como elas se sentem?) “Alegres as que estão com Jesus. Se sentem tristes, pois não estão com Jesus... Elas precisam de Deus... Porque Deus dá livramento, guarda, guarda as pessoas que aceita.” (O que essas pessoas pensam uma das outras?) “O que elas pensam... ah elas pensam que... (olha para o desenho) ah elas pensam que vão se encontrar lá no céu. Quando Jesus vier elas vão subir com Deus. Só”. (O que fazem essas flores no seu desenho?) “Essas flores significa os que vão para o céu, as árvores frutíferas e as rosas. Os que ficarem na terra vão para o inferno. O diabo se sente alegre, quantas pessoas ficarem melhor para ele. E Deus se sente alegre, porque as pessoas que serviram ele estão no céu com ele.”

Título: Era uma família feliz que foram a Igreja e aceitaram Jesus como seu Senhor Salvador.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3

2.^a Sessão (*Vide Fig. 3.3*)

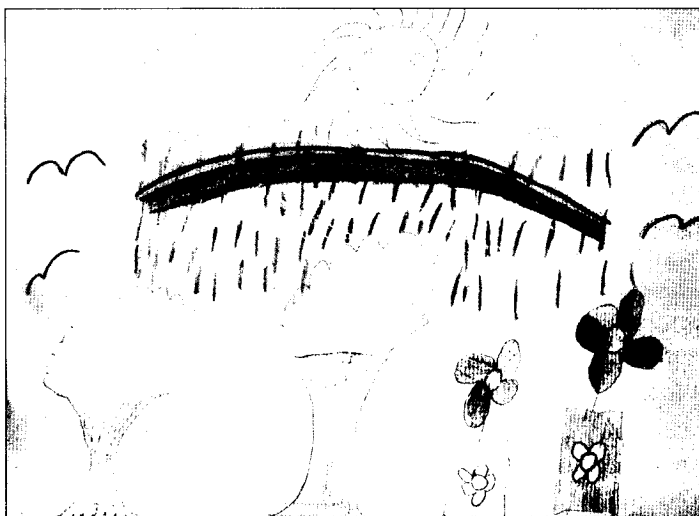


Fig. 3.3

Verbalização: “Era uma vez os pássaros voando pelo céu, chuva caindo. Um lindo arco-íris saindo. As árvores e as rosas crescendo. Só. Só isso!”. (Os pássaros que estão o no céu, aconteceu alguma coisa com eles?) “Quando a chuva começou a cair, eles estavam indo para debaixo das árvores. Aí o lindo arco-íris com as cores, amarelo, vermelho, verde, azul, roxo, acontecerá que quando eles saírem debaixo das árvores eles vão voar. Só. Se sente alegre, pois a chuva está caindo, está regando as flores e as árvores. Só.” (Como se sentem as árvores de seu desenho?) “As árvores se sentem alegres. A chuva está molhando elas... elas ficam muito alegres.”

Título: O arco-íris colorido.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4 (Vide Fig. 3.4)



Fig. 3.4

Verbalização: “Era uma vez uma casa colorida. As árvores muito linda. Um arco-íris cheio de cor. Um pote de ouro. O céu azul, lindo como a água, só”. (O que faz esse pote de ouro aí?)... “Quando sai o arco-íris, aí aparece um pote de ouro do lado da

casa de uma pessoa.” (Ele tem dono?) “Não.” (Quem cuida dele?) “O próprio arco-íris.” (Por que ele aparece em determinada casa?) “Porque ele só aparece na casa de pessoas que faz o bem.” (O que essas pessoas fizeram para receber o pote de ouro?) “Deram comida para as pessoas que não tem, deram roupa para as pessoas que não tem. O arco-íris não aparece nas casas onde as pessoas fazem o mal, e destrói a vida de outra pessoa, só.” (O que leva as pessoas a fazerem o mal?) “É o diabo que atenta as pessoas. O que se pode fazer é ajudar a pessoa, fazer o bem para quando o arco-íris vier, receber um pote de ouro. Só. Só isso!” (Como essas pessoas que fizeram o mal se sentem?) “Muito tristes, porque não receberam o pote de ouro.”

Título: O arco-íris colorido com um pote de ouro.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 5 (Vide Fig. 3.5)



Fig. 3.5

Verbalização: “Era uma vez os pássaros voando pelo céu, uma casa colorida e céu bem lindo. As rosas no jardim. As árvores bem

bonitas. Só.” (Está acontecendo alguma coisa?) “Está acontecendo que tem um monte de pássaros indo todos na mesma direção. Só.” (O que eles buscam?) “Eles buscam comida para se alimentar. Eles vão comer comida e vão voltar para suas casas. Só.” (Como se sentem longe de sua casa?) “Se sentem muito tristes e com fome porque têm que buscar comida muito longe. Só.” (Quem cuida deles?) “É a mãe deles. Buscando a comida para eles.” (Como a mãe deles é?) “Um pássaro muito lindo que faz boa ação. Se sente muito alegre vendo seus filhos crescerem e ficar muito forte os pássaros.” (O que os outros pássaros pensam deles?) “As pessoas?” (Isso!) “As pessoas pensam que eles é cheio de doenças. Só.” (O que os pássaros pensam deles mesmos?) “Eles pensam que não têm doença, são saudáveis e que um dia eles podem fazer boa ação.” (Como eles se sentem quando as pessoas acham que eles têm doenças?) “Eles se sentem tristes.” (Como acabará a história?) “Como ela vai acabar!?” (Isso.) “...(Davi balança a cabeça negativamente)... os pássaros vão se alimentar e vão para sua casa e acaba a história.”

Título: a mãe que alimentava seus pássaros

Obs.: Na aplicação do D-E, tanto na 1.^a como na 2.^a fase, foi necessário para esse adolescente a realização de perguntas para obtermos uma história. A respeito de sua produção, perguntamos para ele qual o desenho que mais gostou e história, e ele responde ser a Unidade de Produção 4. Quanto ao desenho e história que menos gostou, menciona a Unidade de Produção 5.

Interpretação:

Na Unidade de Produção 1 inicia falando de uma separação “quando eu estava com minha família”. Na pausa seguinte surge uma angústia muito intensa “não consigo”, cujo desenvolvimento da história foi possível com a sugestão da psicóloga. Ele reinicia narrando uma situação idealizada com beleza, harmonia, alegria que é uma conduta defensiva diante da temática da separação. Ele fala da separação. Expressa o desejo de reencontrar uma família que possa ser receptiva e aceitá-lo, já que na Instituição está um

horror. Existe uma dissociação entre o desenho e a estória, devido à intervenção da psicóloga. A cisão apresentada diz respeito a dois lados: um lado cindido em que não aparecem o sofrimento, a agressividade e a raiva. É um lado superficial e negro. Tudo fica bem. O outro lado tem colorido. Se existe alegria, onde está colocada a tristeza? Onde está o lado feio? Se existe a família unida, onde está a desunida? Ele apresenta um lado fictício, onde está o lado real? Há uma cisão, mas não é uma fraude. Existe cisão entre dois discursos: um para "inglês ver" e outro "real". O que ele apresenta é um arranjo superficial, um empobrecimento. O *eu* não aparece.

Do ponto de vista gráfico traz um desenho com linha de teto de $\frac{3}{4}$, que expressa uma situação de pressão sobre ele, e há também uma linha de base que sugere uma necessidade de apoio, proteção. Objetos desenhados em tamanhos pequenos, sugerem uma sensação de constrição atual. Fala que está só e carregando o mundo. Faz uma representação adequada do desenho.

Na Unidade de Produção 2 fala da família de novo. Na estória projeta uma dissociação em duas partes de céu e inferno. Projeta um lado que chama de céu e um lado que chama de inferno, com conteúdos bons e maus. Os conteúdos bons são expressos pela "felicidade" e os maus, pela "tristeza". O que desencadeia essa dissociação é o lidar com um imenso desprazer. Mesmo na estória relatada com "dor, choro e sofrimento". Ele tem um lado bom e mau. No lado bom traz uma situação idealizada, maravilhosa, onde não há espaço para o desprazer. Fala de Jesus, que é o lado bom. Do diabo que é o lado mau. Não há uma maneira de esses dois aspectos se integrarem: ou é ruim ou é bom.

Mudou as associações com as perguntas tristes (lado de lá da cisão). Traz uma fala politicamente correta. Cria um abismo entre o que pode mostrar para ele e para a psicóloga e o lado que não pode mostrar, está vivendo uma situação ameaçadora. Ele vive vários aspectos com que tem de lidar: aspecto institucional (ele na Instituição), ele consigo próprio, ele com a família e ele com a psicóloga.

Há uma cisão dos valores que recebe, falta alguma coisa. Fica um vazio de alguma coisa. Existe perseverança (repetição do desenho e temática em unidades de produção diferentes). Desam-

paro. Não sente seu próprio contorno. Não é sujeito. Tem uma fala de certo e errado. Ele se desliga e faz o discurso politicamente correto – aprendeu com a mãe a ser o “bom menino”. Vive uma ficção. Cisão com a vida real, não pode aparecer com a vida psíquica. Ele faz a cisão para se desligar do mundo interno e externo. Vive uma ficção. Ele apresenta duas falas: ele para com a mãe e ele para si mesmo, e o real não pode aparecer, pois é reprimido. No momento como sintoma o reprimido surge, aparece o aspecto delinqüencial. O reprimido aparece quando ele fala, pois é uma fala superegógica. Os impulsos do *id* estão reprimidos. Ele fala da manifestação do que deveria ser, mais não do que ele é. O que ele é não pode ser manifesto, nem para ele mesmo, é na forma de sintoma. O *self* é o falso, bem adaptado, conforme enunciado na teoria de Winnicott. O verdadeiro quando aparece surge na forma delinqüencial. A cisão não está deixando ele perceber o verdadeiro. Qual é o verdadeiro? O verdadeiro ainda não sabemos.

Graficamente centraliza figuras representadas na linha de base inferior, tamanho pequeno. Reforçando sinais de insegurança e retraimento. Ele está lidando com a situação mais enfraquecido.

Na Unidade de Produção 3 contando a idealização novamente. Tem o bom e tem o mau. Traz a estória com elementos da situação idealizada. Com o elemento chuva ele fala no sentido de prover, cuidar: “molha as plantas, elas estão alegres”. Portanto, há uma expectativa de um encontro de uma parte que o abasteça, para permitir que a “alegria” permaneça. Aparece o reprimido. Ele é o arco-íris colorido, é o lado visível para ele da expressão consciente do desejo materno, que é um lado da estória. Como vimos na EFD, a mãe reza. Diz que Deus vai ajudar. É uma mãe que entra em “êxtase”, sendo o filho o prolongamento disso. Sendo ele um prolongamento do desejo da mãe, apresenta uma cortina da repressão e da cisão. Essa cortina está nos impedindo de enxergar além. Não sabemos o que é o reprimido, seja ele com sua realidade não conhecida por ele mesmo e que o domina.

Graficamente há um aumento no tamanho dos objetos representados na linha de base, em que o elemento flor está mais colorido e mais trabalhado por parte de *Davi*. O arco-íris é a parte que mais se destaca pela localização central e pelas cores e que

constitui com o sol, luzes e gaivotas uma linha de topo que ocupa cerca da metade da folha. Esse detalhe sugere que quando no contexto há o encontro de um elemento com a característica de provedor, *Davi* pode ocupar mais espaço no ambiente mostrando-se de uma maneira mais clara e segura.

Na Unidade de Produção 4 repete o símbolo do arco-íris na característica do anterior da chuva de prover e premiar “dá um pote de ouro”. Se o lado bom (que é o da Unidade de Produção 2) é preponderante, não há espaço para expressão dos conteúdos do lado “mau”, que está anulado pela dissociação.

O reprimido, aparece nessa unidade de produção. É de fato constituído por impulsos de hostilidade, inveja, destrutividade, que é representado pelas religiões e pelo mal. É, também, o “pote de ouro”. É como se tivesse uma cobiça, mas ao mesmo tempo não pode ser falada, porque está impedido. Porque não pode ter esse desejo, mas o desejo esta lá e é todo ele. Ele funciona em uníssono com a mãe.

Graficamente os objetos têm um tamanho semelhante ao da Unidade de Produção 3. Maior destaque para o uso da cor. Elaboração da casa. Linha de teto permanece com o arco-íris ocupando localização central na folha, sugerindo necessidade de apoio e segurança.

Na Unidade de Produção 5 traz novamente a temática de ser provido para poder expressar-se de uma maneira que possa ser aceito no ambiente (na Instituição). A ausência do elemento que supre desencadeia o sentir “triste” e “com fome” e conseqüentemente todas as manifestações do desprazer, localizado no lado do “mau”. Mesmo ativando a dissociação, diante da angústia da separação (Unidade de Produção 1), não há muita garantia de que *Davi* não expresse os conteúdos do lado “mau”, bastando para isso ficar angustiado. Sensação de que não há permanência dos conteúdos internos, e o vazio é facilmente percebido.

Projeta a necessidade de ser mais livre e de ser capaz de ir em busca de algo em sua vida. Apresenta dependência materna e dificuldade de aproximação com o outro (doença). Confunde o que é dele e o que é do outro. Confunde quem é ele e o outro. Na cabeça dele continua colorido. Cria uma imagem de si próprio como se quisesse passar uma imagem de que está tudo bem; ele

é bom, só que isso não se mantém. Como se tivesse que passar uma imagem para a mãe. É isso que ela quer que ele seja: bom menino temente a Deus. A figura feminina é forte. Ele é dependente e tem que se mostrar um menino bacana. A expressão "triste... voltar para casa", expressa a ligação com a figura materna. Ele, o filho bom, quer passar uma imagem ótima de si próprio, e quer que os outros o vejam como uma boa figura, mas isso não se mantém, pois não é verdadeiro, isso cai logo a seguir. Está identificado com os pássaros, mas os outros os vêem cheio de doenças; a imagem não se mantém pois há uma projeção que os outros os vêem cheio de doença, corresponde ao lado feio dele. Porque ele não pode ver o lado feio dele, ele continua mantendo a convicção de que a imagem dele é ótima. Fica no superficial e não enxerga o que é ruim. Talvez seja um meio que ele está usando para lutar pela vida. Em situações difíceis, ele entra em uma estória e fica nela, que é a maneira de se sentir querido pela mãe e pelos outros e por ele próprio. Para se sentir querido não pode ver o feio dele, com o qual possa ter um contato profundo, fica na superficialidade, sem contato ou com contato superficial.

Evita um contato mais profundo com o que é horrroso para se sentir amado.

Esse estado faz com que fique ligado à mãe em um estado de dependência materna e infantilização, então não cresce. Os mecanismos de defesa utilizados são a cisão e a repressão.

Graficamente ele retrata de novo uma linha de teto que ocupa $\frac{3}{4}$, idêntica redução do tamanho dos objetos representados na linha de base, denotando necessidade de apoio e segurança.

A internação repete para *Davi* a privação afetiva vivida pela criança em seu desenvolvimento e pouco o auxilia a sair da situação em que se encontra, fixando-o a um lugar de "infrator".

A repressão é, em Freud (1915), o processo de exclusão da consciência que sofre uma determinada idéia. "Sua essência consiste, exclusivamente, em rechaçar e manter distantes da consciência determinados elementos".

Na repressão existe um esquecimento (amnésia), não só de fantasias, mas também da representação da realidade.

O retorno do reprimido reaparece como um substituto disfarçado para a consciência ou sob a forma de sintoma obsessivo.

A repressão implica em um não saber da consciência. Assim, a repressão separa o consciente do inconsciente. Na repressão a idéia é reprimida e os afetos são suprimidos. O sintoma obsessivo procura dominar a angústia.

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS

(2.^a etapa)

UNIDADE DE PRODUÇÃO 1

1.^a Sessão (Vide Fig. 3.1.C)

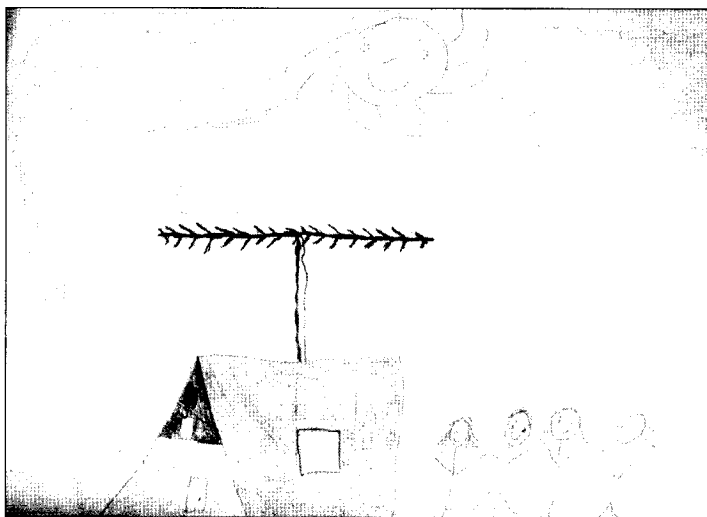


Fig. 3.1.C

Verbalização: “Era uma vez um domingo de sol. As pessoas estavam muito alegres, saíram de casa para tomar sol. Só”. (Por que saíram de casa para tomar sol?) “Porque na casa estava muito frio e o sol estava bem quente. Sentem frio na casa e precisam tomar sol. Isso é importante para elas para não pegar doença. Elas vão entrar para dentro da casa e vão dormir. Estão todos na casa. Não falta ninguém. Se sentem muito contentes, porque hoje elas tomaram sol.”

Título: Era um dia feliz.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 2 (Vide Fig. 3.2.C)

“Já era senhora!” (Gíria da Instituição que quer dizer acabou).

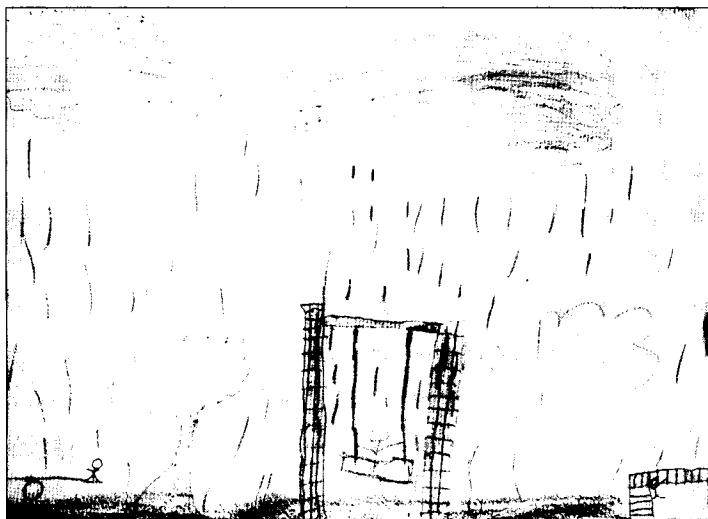


Fig. 3.2.C

Verbalização: “Era um dia em que uma pá de criança, um monte de criança brincava no parque. Aí começou a chover. Aí, daí começaram a brincar na lama. Só”. (Interrupção de uma funcionária que abre a janela da porta para ver o que é.) (Como se sentem?) “Se sentem contentes. Querem que a chuva pare. Senão elas vão ficar resfriadas. Elas precisam de sol. Elas precisam de sol, por que se ficarem na chuva. Vão ficar doentes. Elas vivem sozinha na rua.” (O que acontecerá com elas?) “Elas vão dormir no parque. Essa estória acabará com muita alegria.” (Fala em monólogo, devagar, esvaziada.) (Por quê?) “Porque está chovendo.”

Título:... As crianças feliz no parque de diversão.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 3 (Vide Fig. 3.3.C)

“Pode deixar sem frutas mesmo senhora?” (Como você preferir.)

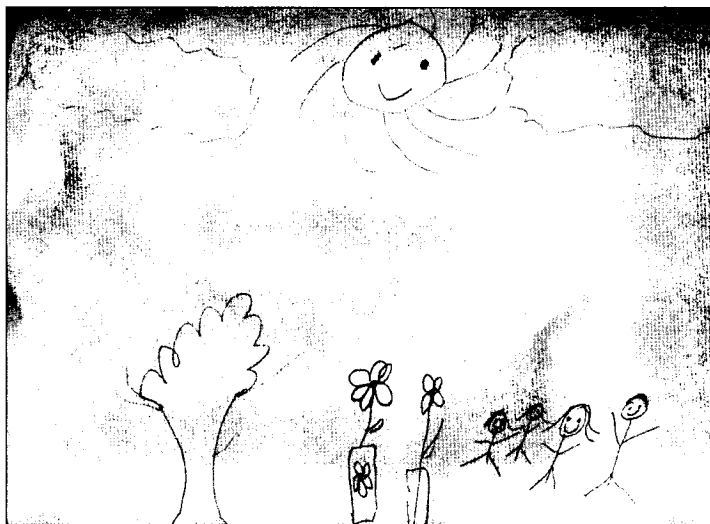


Fig. 3.3.C

Verbalização: “Uma família feliz, estava no jardim. Viu as plantas. Elas foram embora porque o sol estava muito quente. Quando elas chegaram perto de sua casa, tinha um pé de maçã carregado e eles sentaram embaixo do pé de maçã carregado e comeram as maçãs. Só.” (Como se sentem?) “Muito felizes... ah, elas vê que as outras estão feliz, aí elas ficam feliz também. Só. Estão todos os membros. Mais tarde eles vão passear na floresta, porque eles quer conhecer os bichos. Para eles estarem aprendendo alguma coisa da natureza. A estória acabará feliz, porque eles vão para a floresta.”

Título: Uma família que foi no jardim passear.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 4 (Vide Fig. 3.4.C).

“Ah, senhora me desculpe, mas não estou agüentando fazer desenho.” (O que está acontecendo?) “Não está acontecendo nada. Eu estou cansado. Dormi tarde, às onze horas eles pagam banho (gíria que quer dizer olhar os adolescentes durante o banho), depois de tomar café, às dez horas, mas eles dão um tempo para fumar cigarro. Acordei às seis horas da manhã.” (Quer que eu volte amanhã?) “Sim. Só que eu não sei se vou estar aqui, pois meu relatório de desinternação já subiu.”

Retornamos à Unidade para dar continuidade com o adolescente. Não havia salas disponíveis. Foi utilizada uma outra sala que não a anterior.



Fig. 3.4.C

Verbalização: “Era uma vez um menino e uma menina numa ilha. Olha a ilha estava deserta. E o sol estava muito quente. Só.” (Como foram parar na ilha?) “Eles estava nadando no mar e aí de repente uma baleia engoliu eles e soltou eles na ilha. Se sentem muito triste porque estão longe de sua família.” (Por que a baleia os engoliu?) “Porque a baleia estava com fome.” (Por que soltou

eles na ilha?) “Porque ela já estava se sentindo mal.” (O que estava acontecendo com a baleia que ela estava se sentindo mal?) “A baleia foi ao fundo do mar. Aí ela começou a passar mal e morreu. Ela bateu a cabeça em uma pedra. Só.” (O que pensam as famílias das crianças?) “Pensam que eles morreu.” (O que acontecerá?) “Eles vão dormir lá, e vão tentar nadar até sua casa.” (Algo mais?) “Não.”

Título: Dois meninos numa ilha deserta.

UNIDADE DE PRODUÇÃO 5 (Vide Fig. 3.5.D)

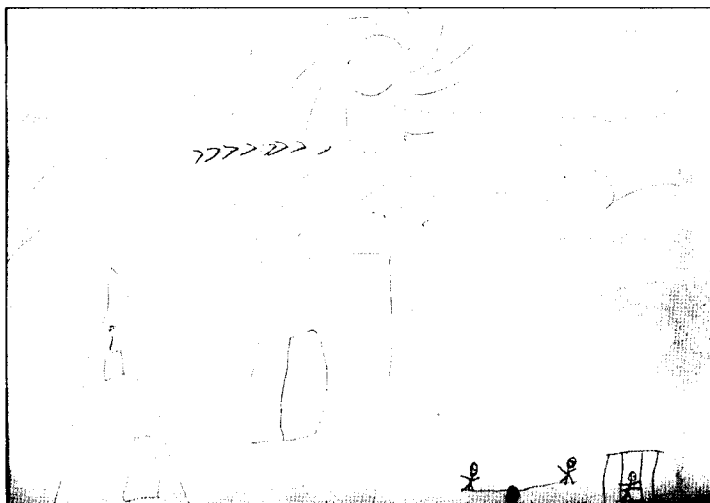


Fig. 3.5.C

Verbalização: “Era uma vez um sábado ensolarado. Os pássaros voando e as crianças brincando no jardim. Só.” (A casa possui pessoas?) “A casa era dos três meninos que estavam brincando no fundo da casa. Não reside mais ninguém na casa.” (Por que só eles que moram na casa?) “O que aconteceu que só eles moram na casa? Porque a mãe deles deixou eles. Porque ela não tinha condições de cuidar.” (O que acontecerá com elas?) “Elas vão crescer e construir as suas famílias. Elas mesma que cuida delas.”

(O que acontecerá com a mãe?) "... a mãe delas vão arrumar um serviço e vai voltar a ficar com os filhos delas." (As crianças têm pai?) "Tem. Ele está trabalhando. Ele também mora na casa. Ele vê as crianças." (O que elas mais querem?) "Ter sua mãe de volta. Que ela volte para casa deles. Do pai, que ele chegue logo do serviço." (O que acontecerá com eles?) "Vão crescer, trabalhar e ajudar a família. Só." (Como acabará a estória?) "A mãe deles vão voltar para a casa deles. Só."

Título: Os três filhos que a mãe abandonou.

Interpretação:

Na Unidade de Produção 1 ele expressa uma dissociação em termos de um lado frio e um lado quente, esses com características positivas que é o quente. Para encontrar esse último ele precisa "sair de casa", afastar-se da Instituição, aqui agindo pela internação e dirigir-se em direção a um "sol" externo a esse contexto. Estar no lado frio implica em adoecer e para suportá-lo a saída é "dormir" e, portanto, desconectar-se do ambiente. Esses sinais revelam que *Davi* busca internamente, de novo, a negação "dorme" e a dissociação com condutas defensivas diante da internação.

O contato com ele é superficial; mais fora para o mundo externo e pouco dentro para o mundo interno. A antena expressa uma necessidade de melhorar a comunicação e as imagens, de sintonizar para a obter uma nitidez dessas imagens.

Solicita contato, comunicação, mas dentro, a casa, que representa ele mesmo, é fria. Essa frieza é quando não há contato, não há troca. Essa frieza ele teria de resolver de algum modo. Se ele fica dentro da frieza primeiro vem a solidão, depois a repressão. Ele precisa se ativar, algo que o ative, ele procura o sol. Traz nessa unidade de produção a questão do contato, pois as pessoas são representadas com forma de palito e com lápis preto. Não é só o contato consigo mesmo que está deficitário, mas mais o contato com os outros. O sol significa vida que se contrapõe a esse frio interior. Agora fica mais claro essa cisão e superficialidade, o vazio, o nada, a indecisão. A estória de procurar uma estimulação externa vem preencher o vazio.

Graficamente o detalhe que se destaca é a antena sobre a casa pelo tamanho e pela cor preta utilizada, que sugere a necessidade de estar ligado ao contexto externo. A representação da casa é apenas pelo telhado, não tendo, portanto, as paredes que correspondem a um elemento de sustentação interna.

Essa forma de retratar a casa já estava presente na 1.^a fase dos desenhos.

Na Unidade de Produção 2 ele traz o elemento chuva como de separação e de adiamento de uma situação de prazer, sugerida pelas crianças umas com as outras. Novamente o sol é colocado como elemento de proteção e não integrado à chuva. Ou é a chuva ou o sol. Novamente usa da dissociação. As crianças da estória estão sozinhas e quando é perguntado sobre o final da estória ele diz “elas vão dormir”, estabelecendo uma fuga da situação conflitiva que é estar sozinho.

Na Unidade de Produção 2 há a continuação do mesmo problema. Na “lama” não é um lugar de brincadeira. A “chuva traz doença”, é uma extensão da casa fria, ele precisa de sol, chuva. Vem a depressão. Apresenta um vazio de que: embora tenha ligação com a mãe, ele não tem uma ligação afetiva profunda. Essa ausência de ligação profunda traz o sentimento de abandono, de solidão, de sensação de frio, de deserto na verdadeira relação humana. Com a mãe o contato é deficitário. Ele está querendo a mãe, a proximidade da mãe, de uma mãe contingente.

Graficamente esta unidade contém elementos de integração de linhas mais frágeis no desenho quando comparado com a Unidade de Produção 1 e com os desenhos da outra fase (desenhos melhores). Novamente há um destaque para a linha de base realçada pela cor, embora com leve pressão.

Na Unidade de Produção 3 comunica que se de fato tiver a garantia de uma situação provedora, “família feliz” e “pé de maçã carregado”, pode se distanciar do sol “novamente um elemento de proteção e energia”. Apenas ratifica a importância da garantia de uma situação na qual se sente protegido e abastecido. Essa temática já estava retratada na 1.^a fase, mas nesta unidade de produção ela está duplamente sinalizada ou pelo “sol” ou “a família e a árvore de maçãs”. Reforça, portanto, que essa é a maneira inconsciente

de ter aplacado dentro de si a angústia da separação. Se der “colo” para ele, ele funciona.

Graficamente há uma maior fragilidade na integração das linhas com as quais retrata o desenho sem uso do lápis de cor. No final dessa unidade manifestou extremo cansaço, razão pela qual a psicóloga optou por marcar outra data.

Na Unidade de Produção 4 retrata uma relação de três partes, onde há uma “baleia faminta” e outro “um menino e uma menina”, que correspondem ao alimento possível. A estória é de uma baleia que ataca os objetos consumindo-os, mas é posteriormente destruída por esses mesmos elementos, “morre”. Portanto, expressa que tem um lado dele que tem uma baleia, é o maior mamífero, mas que não consegue com o seu poder sobreviver, porque assimila maus conteúdos. O sentimento atual é de fragilidade e vazio, com pouca perspectiva de êxito. Projetar-se como baleia pode ser uma tentativa de enfrentar uma situação conflitiva, em que *Davi* buscou ser “cuidado, acolhido, aquecido”, que corresponde às temáticas das unidades anteriores. Portanto quando ele tenta sozinho dar conta da situação encontra-se com a morte, desfalece.

Baleia expele os conteúdos dele, ficando num vazio. A baleia como sendo a instituição que o pega sozinho e solto em uma condição ruim.

Ele traz a relação de objetos com os quais se relaciona. Objetos que o deixaram em estado de abandono e solidão na “ilha deserta”. Esses objetos são de dois tipos: objetos inafetivos e os objetos ameaçadores; por causa desse tipo de relação de objeto, a condição mental fica muito desfavorável. “Sol quente” e “ilha deserta.” são expressões inconscientes desta condição mental desfavorável, dentro da baleia (inconsciente). Os vínculos afetivos ficam interrompidos, distantes de si mesmo. Busca-se a si mesmo, mas tem dificuldade de se localizar. “Sol quente”, estado em que ele vive. “Solidão” na mesma ilha, mesmo estando juntos ainda estão separados. Ele traz a ausência como presença (deserto). Fala de vínculos afetivos interrompidos, na verdade não estão totalmente interrompidos, pois ele busca os vínculos. É uma interrupção que não se completou totalmente. Se os objetos são inafetivos e ameaçadores, ele se coloca distante de uma relação boa com os objetos bons. Ele busca os vínculos, pois vai tentar nadar até sua casa. Vínculo com a mãe:

não é ligado pelo que ele é, mas pelo desejo da mãe. Ele é desejo da mãe. Ele não pode ver a si mesmo.

Graficamente as figuras são representadas em tamanho pequeno. Maior destaque para a linha de base que é a ilha. Há também a projeção de um lado que fica como que perdido no meio de um oceano.

Na Unidade de Produção 5 ele traz a temática do abandono e o desejo do encontro de um casal parental que o proteja. Há também como saída mágica o crescer e cuidar sozinho de si, "crescer, ter família", mas no final da estória destaca a certeza do retorno da mãe, da figura materna. A temática do abandono surgiu de imediato na Unidade de Produção 1 na 1.^a fase, indicando que Davi a expressou no início e após o tempo de internação.

Tem o sentimento de solidão e expectativa dele estar próximo. Há sentimento de abandono, de ausência materna, ao mesmo tempo existe a esperança que isto vai passar, existe tristeza e esperança. Desenho que menos gostou é o mais depressivo, fala do abandono da mãe. Mais próximo da consciência. Já está em contato mais profundo com ele, onde ele sofre a relação com a figura materna que não o vê. Busca a mãe. O vazio dentro dele é de privação afetiva. Pode ser que todo esse prolongamento da mãe seja um meio de ele vencer a privação afetiva e recuperar a mãe interna. Corolário desta: se ele percebe que a mãe tem desejos vorazes intensos por ex.: bens, dinheiro, poder, ele tenta reconquistar a mãe, pelo meio mais fácil, ou seja, ele mesmo tendo que preencher o vazio. Na 2.^a fase, existe a continuação do mesmo problema. Na lama não é um lugar de brincadeira. A chuva traz doença, é uma extensão da casa fria, ele precisa de sol. Apresenta depressão. Vazio de que: embora tenha ligação com a mãe, ele não tem uma ligação afetiva profunda. Sente abandono, sentimento de solidão, sensação de frio, de deserto na verdadeira relação humana. Com a mãe o contato é deficitário. Está querendo a "mãe".

A representação gráfica é de qualidade mais empobrecida na sequência com linhas frágeis e irregulares. Essas características já estavam presentes na Unidade de Produção 3 na 2.^a fase.

A Instituição reinscreve para ele a mesma situação vivida com a mãe, em vez de trazer uma re-significação pelo encontro genuíno.

Na ausência de contato consigo mesmo, busca um preenchimento deste vazio por meio do roubo.

Se considerarmos a dinâmica do aparelho psíquico, suas leis e funcionamento, podemos no caso de *Davi* compreender sua dinâmica psíquica a partir dos conceitos psicanalíticos. No artigo *A Técnica da Psicanálise*, a respeito da questão do método, Freud alude que a transferência é a *regra fundamental* para que o sujeito possa realizar um *insight* de seu mundo emocional (Freud, p. 201). Isso quer dizer que, para auxiliar o sujeito na tomada de consciência, é necessário tanto pelo sujeito, como aquele que se propõe a auxiliar esse sujeito, estarem atentos ao que está implícito e inconsciente no ato. Como afirma Winnicott, o ato delinquente é um pedido de ajuda, uma busca de esperança.

Nesse sentido esse outro que se propõe a auxiliar o adolescente autor de ato infracional em sua *ressocialização* é a Instituição por meio de seus profissionais. Uma ressocialização que entendemos implica em uma nova moldagem do superego, na medida em que a ressocialização é aqui expressa pelos valores da cultura e o superego é uma expressão da cultura oferecida à criança por seus pais.

A Instituição está, pelo menos durante um período de tempo, no lugar do pai ou da mãe simbólicos. Assim como na análise, e como afirma Freud em seu artigo *A Técnica da Psicanálise*: “o novo superego dispõe agora de uma oportunidade para uma espécie de *pós-educação* do neurótico; ele pode corrigir erros pelos quais os pais foram responsáveis ao educá-lo” (p. 202).

Não podemos esquecer que a cultura a delinquência, enquanto sintoma do social, está inscrita na forma de relações sociais que são transmitidas na formação do superego da criança.

A Instituição, ao ter como tarefa a ressocialização da criança, se propõe a ocupar um “lugar”, de autoridade e substituição aos pais, propondo-se um papel socioeducativo, que no entanto falha em elevar os processos mentais a um nível normal, transformando o que se tornou inconsciente e reprimido para o sujeito em material, pré-consciente, e levá-lo à assimilação.

O funcionamento da Instituição nas condições de truculência, violência e ameaçadora, direciona o sujeito, não para a assimilação de seus conflitos inconscientes, mas para a dissociação do ego.

Ao inserir todos os adolescentes em um modelo e ideal, semelhante à própria imagem da Instituição, sem a consideração da individualidade de cada um dos seus integrantes, os profissionais que compõem o corpo funcional da Instituição repetem os equívocos da cultura que atravessou os pais desses adolescentes na educação de seus filhos.

Então, podemos entender que os equívocos dos pais na educação dos filhos são os equívocos da cultura na educação ou moldagem de seus cidadãos.

A Instituição, ao repetir os equívocos da cultura, estará esmagando a subjetividade do adolescente por meio de sua influência e substituindo a primitiva dependência por uma nova, ou seja, ao sujeito resta-lhe a introjeção dos valores estabelecidos por ela, e não por aqueles que instauraram a partir de sua própria ética e reflexão.

Desse modo, a Instituição reinscreve para o sujeito a privação emocional e o mantém como um estrangeiro de seu desejo, impossibilitando-o de realizar sua própria síntese e estabelecer sua própria ética. Como na análise, a Instituição, se quiser auxiliar o sujeito na assunção do nascimento do sujeito do desejo, deve tomar o cuidado para que a hostilidade em seu contexto, quer por profissionais ou internos, não atinja um grau extremo, que impossibilite a manifestação das pulsões de vida, a realização de um trabalho intelectual e o ego não seja tolhido e encurralado pelas normas sociais que não fazem sentido e não possibilitam novas significações ao sujeito para sua libertação de figuras mentais obstrutivas ao seu desenvolvimento e ao autoconhecimento. A Instituição ao reinscrever a estória vivida pela criança encontra-se fora de seus objetivos, assim como o adolescente neurótico que se encontra apreendido pela delinquência, em quem o instinto de autopreservação foi invertido “eles parecem visar nada a mais que à autolesão e à autodestruição” (Freud, ob. cit., p. 208), acrescentamos que, no caso a Instituição, ao reinscrever a privação durante o momento da adolescência, que é o momento de escolhas e decisões, parece visar a nada mais que a heterodestruição do outro.

A Instituição, ao favorecer a predominância dos impulsos destrutivos e da pulsão de morte em seu contexto durante o período de ressocialização, deveria compreender que as rebeliões são consequências da liberação de quantidades excessivas do instinto

destrutivo voltado para dentro desse contexto. A cisão apresentada pelos adolescentes, decorrente do ambiente institucional durante o período de internação, não traz auxílio ao ego no desvio das exigências das pulsões de morte, pois sua organização acha-se danificada, impossibilitando a elaboração de qualquer síntese correta, devido aos impulsos opostos e conflitos não resolvidos.

Tanto *Davi* como sua mãe necessitam de auxílio psicoterápico.

Davi, a respeito de sua internação, expressou-nos: “tinha medo do choque, medo dos meninos, pois não sabe se o cara está na maldade com a pessoa, se tiver, desconta no dia da rebelião”.

Agressões dentro da Instituição: “por outros adolescentes e fui queimado por vários com ponta de cigarro, pois estava no seguro e podia sair para cuidar do jardim que fica fora da Unidade. Tentei fuga do PS, pois estava com medo dos adolescentes. Estar na FEBEM-SP foi muito ruim senhora. Aqui é um lugar que não serve para ninguém. Ah, não serve senhora”. (Mudou alguma coisa na sua vida?) “Mudou senhora.” (O que foi?) “Ah. Mudou muitas coisas.” (Por exemplo?) “... não sei não. Tipo uma escola, nunca tinha passado por aqui. Agora já conheço e sei o que é FEBEM. Tenho fé em Deus que não vou aprontar de novo, mas se um dia eu chegar... já nem faço porque sei o que é FEBEM. Agora eu aprendi, não volto mais.”

Quanto a ter estado no “seguro”: “Foi ruim. Aqui tem os menor que têm as leis deles”. (Por que acha que eles fazem essas leis? Ou o que os levam a fazer essas leis?) “Aí não sei senhora.”

Como se sente em relação à sua família: “Minha família se sente triste porque nunca ninguém ia pensar que eu ia...” (Ficou com o olhar bem distante, a psicóloga chama-o para o presente.) “Senhora!” (Você ficou distante, foi para bem longe agora. Como sua família se sente?) “Ah, se sente triste também né, senhora.”

Se pudesse mudar a FEBEM, o que mudaria: “Tirar as ‘trancas’.² O cara vê a mesma grade, isso deixa o cara revoltado.

² Cella cuja porta possui apenas um pequeno quadrado na altura dos olhos para avistar o interior. É trancada pelo lado de fora. Também utilizada para isolar o indivíduo do grupo quando ele transgredir uma norma da Instituição, ou quando corre risco de vida em relação aos demais internos.

Quando cheguei aqui vi o pátio. Pude fazer passeio. Lá no Cadeião de Pinheiros via a grade sempre, aquilo deixava revoltado. Aqui fui no passeio para Simba Safari, igreja... para ir ao passeio precisa ter bom comportamento e não dar problemas. Sempre foi assim desde que cheguei nessa Unidade. Às vezes saio lá fora e fico sentando vendo o dia inteiro a rua”.

Durante o período na UI, foi incluído nos cursos: “elétrica não cheguei a terminar. Não gostava do curso. Artesanato. Circo. Pintura e horta”.

OBS.: Dois meses depois, *Davi* retorna para a FEBEM-SP, pois voltou a infracionar. Quanto ao roubo, para sua técnica disse ter comprado uma moto e não pagou, por isso foi roubar. Para a psicóloga disse que não sabe o que se passou que o levou a infracionar: “Desde que comecei a trabalhar na lotação gostei desse carro. Minha mãe fala para não aprontar de novo”. O pai não tem vindo visitá-lo. *Davi*, quanto ao fato de o pai não visitá-lo: “é ruim, pois preciso dele para dar uma força para mim e minha mãe”. Que tipo de força: “parar com isso aí senhora, parar de roubar senhora”. Você fez isso para agradar você ou alguém? “Nem sei senhora tem uma menina que ela tem um carro desses que o pai dela deu para ela”. Nessa reinternação não está no seguro e faz atividades: tapeçaria, computação, bijuteria. Deixa transparecer que apresentava um quadro de despersonalização mais acentuado que na primeira internação. Quanto ao seu ato deu três versões diferentes para o motivo do roubo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

SUMÁRIO: 5.1. O uso do Procedimento Desenhos-Estórias (D-E) com os adolescentes reclusos – 5.2. Entrevista Familiar Diagnóstica.

Partindo do material obtido por meio da análise dos dados, elaboramos um quadro – Tabela 1 – com os indicadores presentes e ausentes em cada unidade de produção do D-E, tanto na 1.^a quanto na 2.^a fase, para cada sujeito. Discutiremos neste Capítulo os resultados obtidos em sete grandes áreas nucleares – que chamaremos categorias –, que nos parecem aglutinar importantes aspectos da relação do sujeito consigo mesmo e de sua relação com o mundo. Para a visualização dos resultados no conjunto de sete categorias apresentamos, na Tabela 1, os resultados de cada sujeito.

A classificação por categorias foi feita pela autora da pesquisa e os indicadores foram discutidos com outro psicólogo clínico, também experiente em avaliação psicológica. Os indicadores foram selecionados em consenso entre os dois avaliadores.

A análise dos resultados por categorias permite algumas aproximações interpretativas, porém não são definitivas.

Para a visualização dos resultados no conjunto de sete categorias, utilizou-se o referencial de Trinca (1987, p. 36), revisado por Tardivo num total de 32 traços, que foram os parâmetros de análise psicológica apresentada a seguir.

Em relação ao indicador *I – Atitude Básica*, o traço *oposição* está presente numa maior quantidade na 2.^a fase de aplicação, principalmente em *Alex* e *Mike*, que não sentem o ambiente como

acolhedor, mas como ameaçador, perseguidor, violento, portanto um ambiente que não oferece um *holding* e facilitador da incontinência dos impulsos violentos. A *identificação negativa*, embora presente nos três sujeitos, apareceu de forma marcante em *Alex*, que no nível subjetivo identificou-se com o agressor, passando a identificar-se com um objeto que no mundo interno é sentido como algo que não é bom: a Instituição.

É interessante notar que houve um maior número do traço *oposição* na 2.^a fase, que envolve características como: desprezo, hostilidade, competição, negativismo, não aceitação, desconsideração e rejeição de outros. Embora, esses resultados não sejam conclusivos, a Tabela 1 indica ser a oposição o traço que foi marcante e observado na 2.^a aplicação.

Sugere-se uma ampliação da amostra para a realização de um estudo correlacional entre o tempo de internação e o aumento do traço de oposição. Quanto aos traços *insegurança* e *identificação negativa*, a frequência observada pode ser decorrente do impacto da internação e pouco variaram por ocasião da 2.^a aplicação.

É importante destacar que em *Davi*, o traço *aceitação* apareceu em ambas as fases em detrimento dos outros traços, o que pode ser correlacionado com o fato de que ele procura passar uma imagem de “bom menino”, dissociando-se das demais características de sua personalidade para obter amor. Esse jovem retornou para a FEBEM-SP após dois meses de desinternação. *Davi* foi o único que apontou o traço *aceitação* nas dez unidades de produção. Levantase aqui a possibilidade de o traço *aceitação* ter sido tão enfatizado como uma forma de compensar os de *oposição* e *segurança*.

No indicador II – *Figuras significativas*. A figura que foi mais apontada nos três casos foi a *fraterna* e *outras negativas*. Nas projeções dos adolescentes houve uma menção da presença dos educadores na vida diária dos jovens, podendo ser eles as figuras negativas: “As autoridades não passaram mais a dominar eles mesmos. As autoridades, hoje em dia que espanca as pessoas, que passaram a transmitir a violência, vende armas aos menores”; “muito monitor... a metade deles... arrumava drogas pros menor”; “com o tempo apareceram uns homens, uns homens maus lá”.

A *figura materna positiva* houve uma indicação, apresentada por *Mike*, em que essa figura parece ter conteúdo positivo com relação

à sua vida emocional: “uma quina (...) Três ladrão e um polícia, pode significar formação de quadrilha, pode se transformar em um M de mãe”. Esta expressão de *Mike* é sugestiva de que o amor de mãe introjetado permite a contenção dos impulsos destrutivos. No caso de *Alex*, nas dez unidades de produção, não há menção de uma figura materna quer seja percebida como positiva ou negativa, demonstrando a perda do objeto amoroso interno, pelo menos ali no ambiente institucional. No caso de *Davi* a figura materna é percebida como negativa, como aquela que abandona e não cuida: “porque a mãe deles deixou eles. Porque ela não tinha condições de cuidar”.

No tocante à *figura materna*, os dados apresentam uma incapacidade dessa figura em satisfazer as necessidades de afeto e atenção.

Quanto à *figura paterna* não há referência em *Alex* e em *Mike* nas histórias. Apenas *Davi* faz menção a ela em uma das histórias como sendo uma figura distante afetivamente, mas provedora nos aspectos materiais.

Utilizamos o conceito de *Figura Paterna, Figura Materna e Figura Fraterna*, citado em Lapanche e Pontalis (1970, p. 305): “protótipo inconsciente elaborado a partir das primeiras relações reais e fantasmáticas com o ambiente familiar, de personagens que orientam o modo pelo qual o sujeito apreende o outro”.

No indicador *III – Sentimentos Expressos*: Esse indicador esteve presente nos três sujeitos e nas duas fases. Os sentimentos revelam forte intensidade, com características como: “Tristes por estarem sendo dominados por alguém”; “Pensam em viver feliz, para isso, precisam de paz”; “As pessoas tinham medo de passar por aquela estrada”; “Coração cheio de maldade”; “Ele se sente arrependido”. “Em relação ao traço *sentimentos derivados da pulsão de vida*, apenas em *Mike* e em *Davi* estão presentes os derivados da pulsão de vida nas duas fases de aplicação. *Alex* apresentou esse indicador apenas na 1.^a fase: “Querem o título vital”; “Pensam em viver felizes”. Nos três sujeitos estão presentes os indicadores *pulsão de morte e derivados do conflito*: “Com o tempo a cidade foi ficando abandonada”; “não tinha alegria na cidade”; “cheio de maldade, só pensava em fazer a coisa errada”; “Todos de ruim. Pensava em matar e roubar”; “Queria bem! Queria mal às vezes”.

Percebemos que a manifestação da *pulsão de morte* passa a predominar à medida que o ambiente é sentido como perseguidor,

as figuras de identificação vão sendo introjetadas como agressoras, havendo no ego um esvaziamento decorrente da ausência de relações de trocas entre internos e profissionais da Instituição.

Além disso o ambiente institucional não oferece atividades que possibilitem a reparação e a sublimação dos aspectos destrutivos presentes na personalidade.

No indicador IV – *Tendências e Desejos: A necessidade de suprir faltas básicas* é o traço mais freqüente que os demais. Sendo que no caso de *Davi*, foi o traço escolhido de forma absoluta pelo adolescente. Tal fato reflete duas questões: a necessidade de ser aceito e ter o amor da mãe e ao lugar de “seguro”¹ que ocupa dentro da Instituição, conseqüentemente sendo rejeitado e excluído por seus grupos de pares. As respostas à categoria *Tendências e Desejos* surgem nos três sujeitos, ligadas prioritariamente à instituição e às figuras parentais.

Há a presença de *ansiedade paranóide* nos três sujeitos, nas duas fases, denotando que o ambiente institucional é percebido pelos adolescentes como um ambiente de risco de vida e não de ressocialização.

As *tendências destrutivas e construtivas* só aparecem de forma ambígua em *Mike*, mostrando a ação dos impulsos amorosos e as tentativas de reparação dos objetos destruídos. As *tendências destrutivas* aparecem em *Alex* e *Mike* em ambas as fases, entretanto mais acentuadas em *Alex*. *Davi* apresenta forte repressão na expressão dessas tendências, pois tenta manter a imagem de “bom menino”.

A *ambivalência* refere-se à “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, por excelência o amor ligado à pulsão de vida e o ódio ligado à pulsão de autoconservação”. (Lapanche e Pontalis, 1970, p. 49).

No indicador V – *Impulsos do tipo destrutivo* apareceram nos três sujeitos, em ambas as fases de elaboração das unidades. No caso de *Alex*, durante seu tempo de internação tornou-se líder de grupo.

Quanto ao controle dos impulsos, o material obtido sugere a predominância dos impulsos destrutivos, principalmente na 2.^a fase e a debilidade dos recursos egóicos para fazer frente à intensidade dos impulsos destrutivos.

¹ Seguro significa aquele que necessita ser isolado do grupo para protegê-lo desse mesmo grupo contra possíveis retaliações.

As *características das relações objetais* indicam uma cisão entre bons e maus objetos, com a predominância de maus objetos internos. Apenas em um dos sujeitos – *Mike*, há a presença de objetos bons internalizados, facilitando a ação reparadora.

A presença no mundo psíquico de objetos maus e a característica predominante do ambiente institucional como punitivo dificultam a simbolização desses aspectos por meio de uma ação facilitadora da articulação entre os impulsos originados pelas pulsões de vida e de morte.

A predominância dos impulsos destrutivos na 2.^a fase pode estar relacionada tanto às dificuldades na inibição desses impulsos quanto aos problemas relacionados à capacidade de reparação. Há de se considerar o ambiente institucional como facilitador da incontinência dos impulsos destrutivos. No ambiente institucional os impulsos destrutivos presentes na 1.^a fase parecem se dirigir aos objetos externos substitutos, como atos infracionais. No entanto, no decorrer da internação, *Alex* canalizou a destrutividade para a Instituição.

Podemos observar que ao lado da intensidade dos impulsos destrutivos, os sujeitos revelam necessidades afetivas muito intensas e uma abertura psíquica em ser ajudado pela Instituição, principalmente na 1.^a fase.

Dessa forma, o adolescente, devido a essas necessidades afetivas muito intensas, cria um espaço facilitador para sua inscrição na cultura. Um espaço dentro do qual o potencial de atuação dos impulsos amorosos (pulsão de vida) pode ser ampliado, criando condições para a reparação dos objetos destruídos. *Alex* permite visualizar com mais nitidez essa questão. Na 1.^a fase dos desenhos, as análises revelam uma perda na confiança dos objetos amorosos internos, vivida pelo adolescente no início do processo de reclusão, entregando-se à violência para recuperar algo dessa figura amorosa. Essa violência reflete um estado de abandono interno, sem condições para conter-se a partir desse mundo interno, diante da qual a violência irrompe como ato. Paradoxalmente, a violência apresentada representa um pedido de auxílio ao mesmo tempo em que há uma agressão contra a Instituição.

Para *Alex*, as possibilidades de destruição dos objetos se manifestam quando os adolescentes não são cuidados, despoten-

cializando as forças reparadoras e capazes de restituir a vida e a confiança nos impulsos amorosos.

No de *Mike*, as histórias do D-E evidenciam um conflito interno vivenciado pelo sujeito, entre os impulsos amorosos (pulsão de vida) e os impulsos hostis (pulsão de morte). Esse conflito se manifesta em ter de escolher um caminho entre a vida do crime, que para ele é sentida inconscientemente como morte da vida psíquica, ou confiar na sociedade, como um lugar possível de seu vir-a-ser. As ações reparadoras são tentadas e buscadas. Embora se constate a presença de impulsos destrutivos dirigidos aos objetos externos, há indicadores de sentimento de culpa e censura a si mesmo.

A oposição entre os impulsos amorosos (bem) e os impulsos destrutivos (mal), presentes nos desenhos, parece ser um indicador de que no inconsciente desses sujeitos existe um estado de tensão decorrente da tentativa de manejo dos impulsos destrutivos e amorosos e das dificuldades para tal ação. No inconsciente, quando os impulsos destrutivos invadem as partes sadias e os recursos egóticos, a continência a esses impulsos destrutivos fica fragilizada.

No de *Alex*, no final da internação, as possibilidades de controle e reparação parecem ser inexistentes pelo exame do D-E. A avaliação indica uma maior intensidade com menor controle desses impulsos.

No tocante aos impulsos amorosos, os dados demonstram que os sujeitos durante a situação de internação tendem a reprimi-los por meio de um endurecimento e não manifestá-los para suportar as pressões da dinâmica institucional, cujas relações estão marcadas pela insígnia da punição.

No indicador VI – *Ansiedades*, a *ansiedade persecutória* esteve presente em todas as unidades para todos os sujeitos. Interessante notar que na 2.^a fase de aplicação não estiveram presentes indicadores de traços depressivos. A presença de ansiedade persecutória é um aspecto que impede o contato consigo mesmo e com a realidade, uma vez que a energia que poderia ser canalizada para a simbolização, e a construtividade é utilizada para a organização das defesas do ego, em face desse ambiente que é sentido no mundo interno dos sujeitos como um “lugar dos horrores”.

No indicador VII – *Mecanismo de Defesa*, a *cisão* e a *idealização* foram os mecanismos mais característicos. Embora não se possa tirar conclusões genéricas pois se trata da apresentação de três casos, e também o fato de os dados não permitirem o direcionamento para caracterizar um perfil psicológico de estrutura de personalidade, permitem observarmos os processos de defesa do ego instaurados durante o período de reclusão.

Usamos como conceito de defesa “o conjunto das manifestações de proteção do eu contra as agressões internas (de ordem pulsional) e externas, suscetíveis de constituir fontes de excitação e, por conseguinte, de serem fatores de desprazer” (p. 141).

Entretanto os dados permitem algumas observações: indica ser a FEBEM-SP um lugar que não possibilitou para esses adolescentes a re-significação de uma das características básicas da constituição do sujeito que apresenta atos anti-sociais, que é a privação emocional sofrida pela criança em seu desenvolvimento, ao contrário, complicou ainda mais o estado emocional desses adolescentes.

Embora o objetivo do trabalho não tenha sido o de identificar o perfil psicológico e suas modificações em função do tempo de internação, há uma sugestão para que o psicólogo possa observar com mais atenção os desejos que indicam atitude básica de aceitação, suprir faltas básicas, os impulsos destrutivos, a *cisão* e a *idealização* como mecanismos de defesa, afinal essas características estão no caso de *Davi*, que retornou à Instituição após dois meses de desinternação, acrescentando ainda que ele cometeu o mesmo delito. Em entrevista realizada com o adolescente no reingresso à Instituição, o jovem apresentava uma estrutura de pensamento com curso desorganizado e pobreza de conteúdo, indicando estarem essas características mais acentuadas do que em relação à 1.^a internação.

A *dissociação* ou *cisão* apareceu com frequência tanto no grafismo (desenhos), com duplicidade de elementos desenhos e nas estórias dos três sujeitos, quanto na produção verbal (temático). Esses aspectos na produção pareceram ser indícios de divisão interna ou dissociação. No grafismo podemos citar, a título de exemplo, em *Davi* nas Figuras 4.1.D e 4.5; em *Mike* nas Figuras 2.2.B e 2.5, e em *Alex* nas Figuras 1.2.A e 1.6, como a duplicidade de elementos, aspectos opostos. No verbal (temático) apareceram

aspectos “bons” e “maus” relatados nas histórias. Em *Alex*, na 2.^a fase, além da cisão apresentou defesas maníacas ligadas à onipotência. A cisão é um mecanismo regredido, divide o mundo em bons e maus, como nas histórias infantis. Quando essas defesas predominam não há recursos internos para mediar as relações sociais e a adaptação à realidade.

As referências à *Figura Paterna* estão ausentes nos três sujeitos, o que coincide com os dados da realidade, uma vez que os pais reais estão ausentes do lar. Vale ressaltar que tal fato é marcante: nada impediria que esses pais fossem presentes na vida psíquica desses adolescentes, o que nos sugere uma manobra psíquica a nada restar daquele que simboliza a lei, o limite, a interdição.

No tocante à *Figura Materna*, as referências, de um modo geral, fazem menção à incapacidade dessa figura satisfazer anseios afetivos de contenção e cuidados. Embora os sujeitos estejam sob cuidados da mãe, essa presença parece não ser eficaz para prover as necessidades de afeto e atenção.

É presente, como um dos aspectos relativos ao contexto institucional, a necessidade inconsciente por melhores condições, como receber afeto, ser reconhecido, ser auxiliado, ter segurança, estabelecer relações de trocas satisfatórias para poder crescer satisfatoriamente no aspecto mental e emocional.

Nas histórias relatadas não há alusões quanto ao delito cometido, tanto na 1.^a como na 2.^a fase. No entanto, o D-E, no exame de processos mentais subjacentes, permitiu o acesso aos conteúdos inconscientes relacionados à vida delitiva do sujeito, no sentido de esclarecimento das motivações para o cometimento desse tipo de ato anti-social.

Apesar do predomínio dos impulsos destrutivos, o material apresentado não sugere a presença preponderante de impulsos homicidas.

Observa-se uma diferença entre a 1.^a e a 2.^a fase comum nos três sujeitos. No início da internação estão disponíveis, abertos e pedem inconscientemente para serem auxiliados, havendo um fechamento dessa abertura de comunicação e pedido de auxílio na 2.^a fase.

Além disso, observa-se na 2.^a fase um aumento de uso de gírias próprias do meio infracional, denotando que no decorrer da internação os adolescentes vão introjetando e assimilando valores ligados a esse meio, organizando modos de funcionamento que não estavam presentes na 1.^a fase.

Essas mesmas gírias são utilizadas comumente pelos educadores durante suas interações com os adolescentes e suas famílias, que utilizam expressões como: “tereza” (corda feita de lençóis utilizada para fuga); “jumbo” (alimentos trazidos pela família); “quebrada” (bairro de moradia do adolescente); “ladrão” (referindo-se ao sujeito adolescente); “boi de piranha” (adolescente que articula rebelião).

Não é raro os adolescentes serem chamados por apelidos que substituem seus nomes como: “sarninha”, “baianinho”, “perninha” e outros com conotações de fundo pejorativo.

Observamos que essas gírias passaram a ser mais utilizadas pelos membros da família do adolescente interno na 2.^a fase da pesquisa, estando ausentes na 1.^a fase, como um processo de incorporação de valores veiculados pela Instituição durante o processo de ressocialização do adolescente e de intervenção na família.

A Instituição foi percebida por todos os sujeitos como um lugar ameaçador, “uma casa dos horrores”, dentro da qual eles têm de se defender, e para isso têm de ser duros, frios e inafetivos. A ameaça presente no ambiente institucional é vivida na psique como aniquilamento do sujeito. Para se defender dessa ameaça, o ego utiliza mecanismos regredidos de defesa como a idealização e a cisão.

Além disso a Instituição, à medida que não possibilita o estabelecimento de relações de trocas e do encontro genuíno entre todos os integrantes, gera uma alta sensoriedade (concretude) neste contexto, trazendo como consequência o predomínio da sensoriedade na mente dos adolescentes.

Uma sensoriedade que é voltada para a vida do crime. Essa sensoriedade, presente no contexto institucional, percebe-se pela arquitetura específica às Instituições do tipo total como as prisões, pela utilização de gírias e de ações que não possibilitam o descolamento da nomeação “ladrão”.

Nesse sentido, a FEBEM-SP apresenta semelhanças com o sistema prisional para adultos, na medida em que sofre a importação e transposição de modelos de um sistema para o outro.

Essa importação de formas de funcionamento do sistema prisional adulto para outro sistema, como aquele voltado para a ressocialização de adolescentes com condutas anti-sociais, traz consequência na forma de organização desse contexto institucional semelhante ao modelo adulto.

Ao contrário do que se supõe, a estrutura funcional da FEBEM-SP e a dinâmica interna de muitas de suas Unidades não são tão somente consequências de um estilo de vida do interno e sua filiação ao crime antes de seu ingresso na Instituição. É também uma consequência de que existem “educadores” que trabalham no sistema penitenciário para adultos. Esses são agentes “hospedeiros” e “transmissores” de um modelo prisional cristalizado para adultos, sobrepondo os valores de um sistema sobre o outro.

Dessa forma, esse profissional perde sua identidade de “educador” e a dimensão de que os internos da FEBEM-SP são sujeitos em desenvolvimento.

A FEBEM-SP, caracterizada como uma Instituição do tipo “total” no período da pesquisa, permitiu-nos perceber que em alguns aspectos não correspondera à caracterização realizada por Goffman.

Como exemplo, podemos citar as atividades diárias de caráter pedagógico que não estão bem estabelecidas dentro da FEBEM-SP. Ao contrário, a ausência de atividades organizadas, o respeito aos limites, horários e à individualidade, quer pelo corpo profissional, quer pelos adolescentes, dentre outros fatores, estavam organizando a dinâmica institucional e geravam um “caos”.

Dentro desse ambiente, sem referências e sem a colocação de uma autoridade potente que respeitasse os limites da ética à qual todos nós estamos submetidos, os adolescentes foram estabelecendo as “bancas” (grupos) e suas regras, como formas de dar um ordenamento ao caos reinante e o estabelecimento de uma pertença.

Do ponto de vista dos adolescentes, esses não encontram na Instituição durante sua internação os referenciais que fortalecem seu sentimento de inclusão na cultura. Os adolescentes passaram

a criar formas alternativas de pertencimento como as “bancas”, que simbolicamente são formações grupais para defesa de seus integrantes diante de ameaças ou mediante ameaças.

Para *Alex* a internação não ajudou, mas veio complicar ainda mais seu estado emocional. Ao encontrar um ambiente turbulento, truculento, isso reinscreve para ele não somente as privações sofridas durante seu desenvolvimento, mas também suas perdas antigas e atuais. Sem a presença do objeto amoroso interno, a pulsão de vida não domina a vida psíquica.

Seu estado emocional na 1.^a fase apresenta uma deficiência em ser ele mesmo e com a internação ele vai perdendo ainda mais o contato consigo mesmo, se sentindo ameaçado e percebendo que não é o senhor de seu destino, ficando então preso ao desejo do outro. Havendo também um esvaziamento no mundo interno, que é sentido como aniquilamento.

Um esvaziamento que ele tenta dar um preenchimento pelo ato anti-social. Em decorrência da cisão de ego passa a expressar uma atitude violenta, para compensar a fragilidade apresentada e tudo fica absolutizado. Ele se identifica com o agressor e essa identificação fica no lugar do ideal de ego. Com a internação ele não pode encontrar sua dignidade perdida, por meio de um apoio grupal sadio, de uma valorização humana.

Mike tem uma estória de vida marcada pela miséria. Ele sente a vida truncada, mas no plano mental quer se desenvolver. Está bastante disponível para ser auxiliado.

A internação vai se constituir em um momento importante para auxiliá-lo, pois diante de seu ato depara-se com a necessidade de fazer escolhas: seguir pela via do crime que é sentida como morte psíquica, já que em seu mundo interno não é essa a opção, ou continuar acreditando na sociedade.

Entretanto, na 2.^a fase, ele se fecha, se protege, se volta contra a Instituição devido às intensas privações sofridas e expressa como ele se relaciona com a Instituição: “muito monitor arrumava droga” é a imagem que tem do funcionário. Não é uma denúncia que ele faz, é uma emoção que ele traz: como respeitar pessoas nessas condições? Ele se volta contra a Instituição, envolvendo uma decisão contrária a ela, à sociedade.

Em seu ponto de vista, a Instituição representa a sociedade, uma decisão oposta a ele mesmo. Tem muita privação e, ao ser maltratado como ser humano, o ódio toma conta. A internação é sentida como um aniquilamento do ego. Para ser auxiliado precisa de apoio externo que não encontra nos profissionais da Instituição, por isso entra nas "bancas" que passam a ser seu referencial para proteção e obtenção de poder. A Instituição e funcionários são percebidos como ameaça e perigo. Ele sente que tem que ser duro, frio e inafetivo.

A Instituição é percebida como a "casa dos horrores". Ele sente nesta 2.^a fase com mais intensidade a perda dos vínculos e a perda do pertencimento à família. As rebeliões são eliciadoras do lado violento dele.

5.1. O USO DO PROCEDIMENTO DESENHOS-ESTÓRIAS (D-E) COM OS ADOLESCENTES RECLUSOS

Quando ao relato de estórias houve a necessidade para alguns sujeitos de realizarmos uma estimulação através do "inquérito" para obtermos maiores detalhes nas estórias para os desenhos de cada unidade. Principalmente no caso de *Davi*, em que houve a necessidade constante de perguntas, o que denota na fala do sujeito uma forte presença do mecanismo da repressão e a introjeção de valores presentes na vida institucional como a "lei do silêncio", que impede ao adolescente a expressão espontânea de seus conflitos e a tomada de consciência desses conflitos pelo sujeito para uma elaboração. A não expressão desses conflitos por meio da repressão aumenta os índices de tensão no psiquismo para sua descarga, obrigando o sujeito a passar para a ação.

Algumas estórias foram pobres e com dados fragmentados. Houve a necessidade, durante o processo de avaliação, de relacionar esses dados fragmentados aos demais dados do processo diagnóstico, para construirmos, passo a passo, o sentido latente presente nas estórias e seu significado.

As resistências surgiram com as pausas, e a dificuldade foi apresentada no relato de estórias, mesmo assim o D-E foi sensível e mobilizador. Assinalamos que as condutas defensivas foram,

em parte, ultrapassadas por alguns sujeitos nas últimas unidades, ao contrário do que é esperado na clínica, em que a conduta defensiva e o aprofundamento do conflito são esperados a partir da segunda unidade de produção, como já mencionado por Gonçalves (1997, p. 91).

A insegurança quanto à capacidade de realização da tarefa e a auto-estima diminuída podem ser observadas pelo comentário: "não sei desenhar".

A consciência do examinador e da situação de exame foi expressa pelos sujeitos por: olhar para o examinador; sorrisos; respostas verbais ou não verbais à estimulação do examinador; solicitações de ajuda manifestadas por comentários: "A Senhora poderia começar a estória". A necessidade de intervenção do examinador em relação às estórias pode revelar defesas muito estruturadas, quer sejam neuróticas ou psicóticas. Os tempos mais longos apresentados durante os relatos das estórias pelos adolescentes correspondem a um reforçamento de resistência e às inibições e barreiras na expressão de seu mundo psíquico.

O Procedimento de Desenhos-Estórias permitiu esclarecer aspectos da vida mental inconsciente e possibilitou o acesso à subjetividade. Permitiu perceber o tipo de reação dos adolescentes em um determinado momento, em uma situação toda que está montada, que consideramos ser o contexto institucional. Proporcionou a manifestação dos sentimentos dos adolescentes durante seu processo de internação, bem como o acesso ao foco nodal dos conflitos. Além disso, permitiu a expressão de uma cultura institucional e como o sujeito está frente a tudo isso.

Utilizado dentro do contexto institucional o Procedimento de Desenhos-Estórias não perdeu a característica própria dele. Possibilitou conhecermos a angústia focal de toda uma situação. A expressão das angústias conscientes e inconscientes do momento. O aspecto relacional dos sujeitos com a cultura institucional e como está vivendo as angústias no momento.

O D-E, no caso de *Mike*, demonstrou ser um meio de contato do próprio sujeito com suas questões psíquicas, favorecendo a elaboração desses conteúdos durante a elaboração da estória. Nesse sentido, durante a aplicação do D-E esta revelou ser uma atividade de valor terapêutico para esse sujeito.

É fato conhecido que existem dificuldades para a realização de um exame psicológico na área da delinquência juvenil. Os obstáculos na realização da Entrevista Psicológica podem ser sentidos por mais bem conduzida que ela seja pelo profissional, pois os sujeitos podem fornecer poucas informações sobre os aspectos que acreditam possam comprometê-los perante o sistema de justiça.

No relato verbal nas entrevistas percebemos o uso da idealização como conduta defensiva frente à expressão de fatores relacionados à vida delitiva e vida familiar. Isso quer dizer que a Instituição não favorece o contato com esses aspectos para sua re-significação, além de haver o risco de tais expressões serem manejadas de forma punitiva pelos profissionais.

A reação dos adolescentes frente ao D-E foi bem aceita, demonstrando interesse em realizá-lo, não havendo recusas.

No D-E, tivemos que realizar uma adaptação da técnica, no sentido de proporcionar um maior número de sessões e em termos de estimulação. Na 2.^a fase, realizamos o D-E após o envio do Relatório Conclusivo, o qual sugere a desinternação do adolescente, para minimizar fantasias relacionadas à situação do exame e sua soltura pela instância judiciária.

O bloqueio manifestado pela resistência revela dois fatores: um que diz respeito ao temor de entrar em contato com o mundo interno e um outro referente a uma conduta defensiva em decorrência da forte ansiedade persecutória em relação ao contexto institucional. Principalmente, observamos na 2.^a fase uma maior dificuldade na elaboração das histórias, no contato com a psicóloga e o incremento da ansiedade persecutória.

5.2. ENTREVISTA FAMILIAR DIAGNÓSTICA

Na Entrevista Familiar Diagnóstica, apesar de ser até então utilizada na Clínica com crianças, constatamos que essa técnica mostrou-se sensível na elucidação de aspectos da dinâmica familiar de adolescentes reclusos. As reações dos adolescentes e de suas famílias em relação a EFD foram bem aceitas.

Observamos que todos os sujeitos colocam-se como sozinhos, não vistos, solitários, com medo da perda do vínculo, e sentem o ambiente desfavorável para o seu desenvolvimento.

Vimos que há uma tendência nos sujeitos em utilizar a cisão como mecanismo de defesa.

Na EFD foi marcante a dificuldade de comunicação entre os membros, sendo que as pessoas permanecem isoladas umas das outras. Não realizam trocas entre si, fazendo cada um uma atividade isolada e não constroem uma estória em comum. A pobreza das interações familiares pode ser percebida pela não expressão dos participantes de seus próprios sentimentos. A família não consegue perceber as relações existentes entre sua atitude e o sintoma apresentado pelo filho.

Por vezes o adolescente autor de ato infracional não se sente pertencendo àquele grupo familiar. As figuras parentais são insatisfatórias para dar o suporte necessário ao desenvolvimento dos filhos. São figuras que estão presentes apenas fisicamente e não conseguem uma ligação mais profunda com os filhos.

Algumas vezes os filhos são o prolongamento do desejo dessas figuras parentais, ou seja, podem apresentar um sintoma como o cometimento de ato infracional para responder a um desejo inconsciente de uma das figuras parentais, como é o caso de *Davi*.

Davi não é visto como uma pessoa separada de sua mãe, estabelecendo uma relação simbiótica que escapa às demais nomeações.

Nesse sentido, os filhos, ao não serem nomeados, aceitos e reconhecidos por seus pais correm o risco de perder o sentimento de continuidade de sua existência, ou seja, não se sentem enquanto individualidade e ser separado do desejo do outro.

Os dados da EFD corroboraram os dados do D-E dos sujeitos e vice-versa.

CONCLUSÕES

Levantamos, no início deste trabalho, algumas hipóteses, e os resultados que obtivemos possibilitaram algumas respostas.

Trabalhamos com a hipótese de que a internação contribui para um agravamento de aspectos emocionais de adolescentes autores de ato infracional, presentes no início da internação.

Para responder a essa questão, buscamos os elementos em comum nos sujeitos e encontramos uma ausência de re-significação quanto ao delito cometido, além disso a internação complicou ainda mais os estados emocionais dos adolescentes.

A reclusão é uma marca simbólica que “pune” o sujeito, por um crime contra a sociedade, mas, paradoxalmente, acaba por incentivar e reforçar as causas que impulsionaram o ato, ou seja, é uma medida que contribui para o aumento do nível de pressão e revolta interna, tornando insuportáveis os níveis de violência.

O trabalho com os adolescentes que cometem delitos, articula-se com a consideração de seus afetos, se quisermos levar em conta seu sofrimento e auxiliá-los no encontro de sua subjetividade.

Observamos que após um tempo de internação há um excesso da pulsão de morte em detrimento da pulsão de vida, operando dentro do aparelho psíquico. Esse excesso de pulsão de morte invade e predomina a vida psíquica dificultando a sublimação dos impulsos destrutivos.

Os sofrimentos apresentados pelos adolescentes internos estão ligados aos destinos da ação e articulados aos destinos do desejo, na medida em que este está presente na vida desses sujeitos: o desejo de serem reconhecidos em sua alteridade por um outro e

de sua inscrição na cultura, ou seja, algo que concerne a seu laço social.

Pelo ato esses sujeitos buscam se fazer reconhecer por esse outro semelhante e fundar uma pertença.

Como vimos, durante o período de internação, a psique fica marcada pela sensoriedade (concretude). Uma sensoriedade presente também no ambiente institucional, por meio das relações estabelecidas entre a Instituição e sua clientela, na medida em que oferece a esses sujeitos um ambiente que reproduz, em suas relações, as marcas da violência. Reinscreve suas vivências anteriores como algo da ordem do real e forclui a possibilidade de uma articulação que lhe permita ter uma relação organizada com os objetos por meio da troca simbólica. Uma sensoriedade marcada pela ausência de relações de trocas viabilizadas pela linguagem e escuta, na qual seria possível ao adolescente sua inscrição no Outro e na Nação.

Na Instituição, os adolescentes e os profissionais, por vezes, assumem uma posição na qual a dimensão da alteridade encontra-se esvaziada, desinvestida de trocas e de encontro genuíno interhumano. As relações humanas estabelecidas estão no registro da ordem da punição, fato que contribui para a implosão e a explosão da violência.

Observamos que o caráter punitivo estabelecido na Instituição direciona a intensidade e as manifestações da pulsão de morte, dificultando ao sujeito adolescente o manejo dessa pulsão e em estabelecer uma relação adaptativa com a realidade pelo uso da pulsão de vida.

A pulsão de vida está ligada aos desejos de inclusão, afiliação, da passagem do Nome-do-Pai para os Nomes-do-Pai oferecidos pela cultura, do estabelecimento de laços sociais articulados por relações de solidariedade fundamentadas na alteridade, na liberdade de crescimento, no desligamento da tutela paterna e no estabelecimento de ideais do *eu*.

Para isso, é necessário que cada sujeito, dentro da economia de trocas e no manejo de suas pulsões, reconheça no outro a *diferença e singularidade*, atributos da alteridade e do encontro genuíno. É no tempo da adolescência que a inscrição ou forclusão do Nome-do-Pai é decisiva e conclusiva para o sujeito.

A adolescência é um momento de escolha em que o sujeito poderá assumir papéis e a ocupar um lugar na comunidade, submeter-se às regras e aos limites por ela impostos, integrando-se dessa forma à cultura, ou ainda formular algo de uma "recusa" trilhando caminhos fora dos limites instituídos.

É durante o tempo da adolescência que o sujeito vê-se às voltas com múltiplas possibilidades e situações, como o lidar com as forças construtivas e destrutivas presentes em sua personalidade. Para isso as condições e as relações intrínsecas fornecidas pelo ambiente desempenham papéis fundamentais na medida em que é da sociedade a qual pertence que o adolescente retirará seus modelos identificatórios para sua determinação e pertença dentro da cultura.

A adolescência é um período de desenvolvimento marcado pela fragilidade egóica, pela predominância de mecanismos primitivos, que diminuem as possibilidades do adolescente em postergar, substituir ou inibir a satisfação dos desejos. A perda da confiança nos objetos internos de amor prejudica o adolescente nessa fase de desenvolvimento, pois dificulta o contato com os aspectos agressivos, rejeitados e não assimilados pelo ego. Com o apagamento das interdições, o sujeito não tem como se defender da onipotência que toma conta do ego e da passagem ao ato. Quando a pulsão de morte se sobrepõe à pulsão de vida, inibe-se qualquer tentativa de crescimento, e o sujeito tem que ser bruto, como reflexo da brutalidade introjetada.

Nesse sentido um ambiente institucional truculento é um fator de risco para os adolescentes em ressocialização na medida em que há predomínio da pulsão de morte. Já que não consegue atingir seus objetivos, a ressocialização, com a finalidade de recuperação, torna-se símbolo de uma falta de inscrição simbólica que permita ao delinquente doar significados ao seu existir.

Junto com Winnicott observamos que a delinquência é consequência de falhas ambientais, durante as primeiras relações objetais da criança e da ausência de um sentimento de continuidade de ser. Nesse sentido a delinquência expressa uma necessidade de resgate da capacidade de busca e de esperança perdida para a criança. Nessa busca, para definir-se a criança estabelecerá seus modelos identificatórios a partir das figuras significativas de seu meio.

A reinscrição ou o fortalecimento da inscrição do nome “ladrão” ocorre com a internação, remetendo o sujeito enredado na delinquência a uma posição frente ao outro, a partir dessa nomeação, perpetuando uma marca simbólica que o situa dentro da cultura.

A impossibilidade de poder perceber o adolescente autor de ato infracional em seus atributos essenciais e inalienáveis como pessoa, enquanto educadores que somos e representantes “reais” das interdições simbólicas, leis e tradições da cultura, nos insere no registro da eliminação do outro, uma vez que, como educadores, assumimos a função de mediadores do adolescente na construção de novos ideais, do compartilhar valores e laços sociais.

Somos co-autores e co-responsáveis pelas experiências que marcam as inscrições do adolescente durante o processo de internação. Como efeito das relações estabelecidas, essas inscrições para cada sujeito poderão ser da ordem da recusa ou do pertencimento à cultura.

Podemos levar em consideração, de que como sociedade, somos todos sujeitos históricos e somos capazes de criar um ambiente salutar que favoreça ao delinquente sua inscrição na cultura e, que uma seqüência de acontecimentos poderá ser alterada através de nossa influência como educadores.

Não podemos esquecer que a violência, presente na sociedade e na Instituição em muitas de suas ações punitivas como forma de ressocialização, está fazendo parte dos modelos identificatórios como padrão de conduta e de auto-afirmação. Isso porque o sujeito se constitui e se transforma por meio da assimilação ou apropriação de aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam.

Assim, a violência presente na Instituição reproduz a violência da sociedade mais ampla, a violência de uma classe social sobre a dominação da outra. A não consideração da subjetividade do adolescente introduz nas relações institucionais uma forma de violência psíquica, que reinscreve e repete para ele algumas experiências traumáticas de sua história de vida, como a privação de autêntica relação humana.

Como educadores e co-responsável no processo de ressocialização, faz-se necessário uma discriminação, pois em geral dentro da Instituição existe uma clivagem a respeito da categoria “grupo”,

que é estendida somente ao adolescente enredado na delinquência e seu meio social, excluindo-se nessa composição grupal a figura do educador.

No entanto, o "grupo" é composto por todos os sujeitos que fazem parte e configuram um determinado contexto. Assim, os profissionais da Instituição são um dos elementos estruturantes da dinâmica grupal. Eles são os modelos de identificação, e as consequências de suas ações fazem-se sentir por efeitos de reinscrições de experiências adaptativas ou inadaptativas vividas pelos adolescentes antes da internação ou pela re-significação dessas experiências através de novos significados e sentidos. Disso decorre que os profissionais são elementos co-autores na estruturação e funcionamento do ambiente institucional, influenciando-se uns aos outros.

A instituição falha em sua função adaptativa e integrativa do delinquente em sua ressocialização, na medida em que não o auxilia a sair da nomeação instituída dentro desse grupo, e a circular pelos diversos dispositivos sociais oferecidos pela comunidade, como sujeito de criação, portanto capaz de sublimação. Os adolescentes vivem internamente uma experiência de solidão, esvaziamento e dissociação interna, sem que encontrem no contexto institucional e nas relações aí estabelecidas as possibilidades integradoras e de sua inscrição na cultura.

A ansiedade persecutória presente nos adolescentes deste estudo revela que, durante a internação, o ego passa a utilizar massivamente as defesas primitivas para interagir com esse tipo de ambiente e relações, restando pouco espaço para a organização das demais defesas que poderiam ser eficazes para a assunção do princípio da realidade, ampliando o contato dos sujeitos consigo mesmos, no aqui e agora. Dessa forma, vai-se cristalizando no ego um tipo específico de defesas ligado ao processo primário. As defesas primitivas, por exemplo a idealização, afastam o sujeito do princípio de realidade. Sem o contato consigo mesmo e sem o deslizamento dos significantes para sua determinação, o sujeito sofre sucessivas escansões que o fixam a um lugar e não conseguem mudar sua posição frente ao outro.

No caso dos internos da Instituição, esse lugar é um lugar de abjeto e dejetado dentro da cultura, ou seja, de "infrator". Para provar

o quanto esse modelo é insatisfatório tem havido fugas, rebeliões e, não raro, reincidências.

A reincidência na delinquência apresentada pelos adolescentes é uma repetição ao acesso ao objeto, não por seu valor simbólico (trocas ou substituições reguladas por uma lei), mas organizado pelo rapto, pela tomada à força na realidade. O objeto tem valor apenas pela forma de sua aquisição, demarcando uma relação particular do ato delinqüente com a lei, ou seja, a conduta do delinqüente passa a ter um valor simbólico: a da falta de inscrição no Outro e de pertença.

Ou seja, a falta de inscrição no Outro e de pertença coloca-o numa posição de estrangeiro de seu desejo. Veta-lhe o acesso aos demais significantes oferecidos pela cultura para sua determinação e subjetivação, fixando-o apenas em uma determinada nomeação doada pelo Outro, dentro da qual não pode alterar seu lugar frente a esse Outro.

Esta nomeação quando revestida por características que o remetem a ordem de abjeto tem a função de exilá-lo, não só perante a cultura, mas perante si mesmo.

Dessa forma, é o sujeito que se encontra forcluído do Nome-do-Pai, sem que esse esteja negado, isso quer dizer que ele está em uma posição em que não pôde ser reconhecido e inscrito na Nação como cidadão.

Por isso a conduta do delinqüente é uma conduta simbólica que nos diz algo. Sua conduta corresponde a uma mensagem a ser decifrada pela coletividade. O adolescente rouba para si algo que deduz que a coletividade faltou para com ele, e sua ação é uma expressão simbólica dessa falta, dessa omissão do Outro.

Paradoxalmente, sua conduta é uma expressão de busca de asilo em sua coletividade.

Podemos considerar que a não re-significação por parte dos sujeitos diante de suas vivências está ligada a alguns fatores: *primeiro*, a "recusa" do sujeito perante um ambiente que é percebido como persecutório, ameaçador e aniquilador. *Segundo*, a ausência de uma escuta que os considere como *sujeito*. *Terceiro* esse tipo de ambiente de caráter prisional que institui algo da ordem da subjugação do outro, da "lei do silêncio" semelhante a um

mandato para “calar-se”, em que o adolescente não pode mais dizer e saber de si senão pelo desejo do outro.

Alienado em sua própria “palavra” não consegue uma articulação entre as vivências do mundo interno e externo, pela evolução das defesas primárias como a onipotência, idealização e cisão, e pela falta de desenvolvimento de uma relação simbólica, garantida pela inscrição de novos significantes, que possibilite ao sujeito uma mudança de posição frente ao Outro. Essas condições oferecidas pelo ambiente institucional impõem uma impossibilidade ao sujeito em poder contar com seus próprios recursos simbolizantes.

A energia psíquica que poderia ser utilizada para a evolução de seus conflitos básicos em direção ao desenvolvimento e ressocialização encontra-se apreendida pelo ambiente institucional por meio da repressão e punição. O que se vê, por meio dos sintomas, é que não há uma articulação do sujeito ao laço social, mas, sim, um foque de luz sobre aspectos anti-sociais do sujeito, levando ao recrudescimento desses traços adotados pelo sujeito como forma de sobrevivência psíquica.

O tempo da internação deveria ser um tempo de reinscrição do sujeito na cultura. Mas o que se vê é que o tempo de internação é um tempo para ficar louco, para quebrar o raciocínio do sujeito, empurrando-o para saídas escapatórias para não ver o dia-a-dia da Instituição. Nesse circuito do tempo, nos casos observados, o sujeito ficou preso no desejo do outro, não pôde modificar sua posição frente ao outro, ficando num “tempo vazio”, pois não há nada que o auxilie em seus conflitos internos. Nesse tempo vazio, o sujeito sofre um curto-circuito. Se ele tenta acelerar, tenta curto-circuitar o tempo por meio da passagem ao ato, como as fugas, rebeliões, confrontos, brigas e outros. Algo que o faça sair da letargia do tempo. Ele espera que o tempo de internação acabe magicamente.

A sentença com tempo indeterminado faz que o sujeito tente acelerar esse tempo ou que esse tempo seja tomado pelo tédio. Quando é tomado pelo tédio é a morte se arrastando, porque o tempo é indefinido.

Se o Sistema Judiciário determinasse, com certeza, o tempo de internação – como na Colômbia –, o adolescente diante desse tempo poderia criar expectativas, inserindo-o na construção de

insígnias dos Nomes-do-Pai, em grupos saudáveis de trabalho, oferecendo condições para assumir a responsabilidade por seu ato.

A escuta pelo psicólogo da Instituição pode ser um tempo que auxilie o adolescente a aceder à culpa fundamental para deixar de reincidir, ou seja, a fazer novas passagens ao ato. As etapas de trabalho com o adolescente poderão ser fases montadas pelo profissional psicólogo desde o ingresso do adolescente na Instituição, em vez de desempenhar papéis do assistente social. Cabe ao profissional psicólogo realizar um diagnóstico para clarificar as dificuldades presentes na vida desses adolescentes, suas relações com si próprios e com seu meio social, refletir sobre esse material com o objetivo de oferecer possíveis caminhos de vida e sua inscrição no Outro. Encontrar junto com o adolescente um momento de contato e de busca de discernimento do conteúdo emocional, para então interpretá-lo.

Mesmo tendo entrado na FEBEM-SP, funcionando de acordo com os dispositivos institucionais que foram discutidos nesse estudo ou em outra medida socioeducativa, o sujeito pode ter a possibilidade de uma outra saída que não a desses aqui.

A Instituição é total, mas não é total o ser humano, que possui outras dimensões do ser, que não somente a saída pelo ato perverso. Como Primo Levi (2000), em *É isto um homem?*, em que retrata parte de sua vida em um campo de concentração em Auschwitz, dos quais dos 650 judeus deportados com ele apenas três sobreviveram. Ele viveu uma situação extrema. A saída encontrada para não entrar na loucura ou no ato perverso foi criar.

Todorov (1993), em *Nós e os outros*, por meio dos relatos de sua vivência no regime stalinista, retrata um fenômeno humano característico de sistemas totalitários, a saber: "Jamais fui vítima do regime porque minha reação, como, aliás, a de muitos de meus compatriotas, não foi protestar ou entrar em conflito, mas dotar-me de duas personalidades: uma pública e submissa, outra privada (...). No entanto, em outro sentido da palavra, eu era vítima apesar de tudo, assim como qualquer habitante de meu país; e minha personalidade privada não era, como eu imaginava, o puro fruto de minha vontade, já que ela se formava em reação ao que me cercava. Foi aí que adquiri meu conhecimento do mal" (p. 10). A adoção de um falso *self* encontra expressão nos relatos não só

de Todorov, mas também de outros sujeitos que foram submetidos a ambientes antagônicos e obstrutivos ao desenvolvimento mental. A experiência de Todorov parece ser similar às experiências vividas de maneira inconsciente pelos adolescentes desse estudo durante o processo de reclusão em uma Instituição total.

Nesse sentido, os adolescentes, quando são desconsiderados como sujeito de saber, tornam-se alienados ao outro ficando inscritos apenas na dimensão de instrumento. É um outro que controla seu processo de subjetivação, portanto, a dimensão da escolha para sua determinação e estabelecimento da ética. Assim a possibilidade de que este sujeito venha a se responsabilizar pelos seus atos fica afastada, pois que segue as determinações do seu “amo” e “senhor”.

Também hipotetizamos que era possível, a partir do psicodiagnóstico do tipo compreensivo, verificarmos a dinâmica psíquica dos sujeitos internos da FEBEM-SP. Os dados decorrentes do exame psicológico, a partir dos instrumentais utilizados, indicam que as práticas diagnósticas ligadas ao diagnóstico do tipo compreensivo, que contextualize a dor psíquica e mal-estar individual de que sofrem os adolescentes autores de ato infracional, podem auxiliar na elucidação de processos psíquicos, possibilitando a prevenção do surgimento de patologias psíquicas em decorrência de uma medida socioeducativa inadequadamente aplicada pela instância judiciária e inadequadamente executada pela Instituição FEBEM-SP.

Entretanto encontramos na aplicação da medida de Internação uma assimetria de classes sociais. Embora adolescentes das classes favorecidas cheguem ao Judiciário em razão de seu ato infracional, nota-se que a medida de internação ainda tem sua maior incidência nos adolescentes oriundos de classes sociais desprivilegiadas. Em geral, a instância judiciária evita a internação de adolescentes das elites, pois considera que esses possuem família estruturada, passando então a aplicar uma medida socioeducativa em meio aberto. Dessa forma, entre o sistema prisional para adolescentes e o sistema prisional para adultos, encontramos similaridades, no tocante a sentenças que impliquem em privação de liberdade em uma determinada classe social. Conforme o censo de 2000 realizado com os presos adultos, 95% dessa população no nível nacional são oriundos da massa empobrecida do país, os delitos, em 70% dessa população, são contra o patrimônio.

A medida socioeducativa deveria implicar em conhecimento da singularidade de cada adolescente, rupturas com as práticas repressivas e uniformizadas. Desvelar sem estigmas e preconceito quem é esse sujeito que se encontra enredado, nesse momento de vida, dentro da delinquência e submetido a reclusão. A ação educativa deve estar voltada para sua singularização e a criação de laços sociais construtivos e amorosos com sua coletividade, sua verdadeira inserção aos bens da cultura, da Nação e construção de autocritica para que uma tomada de posição possa fazer parte de suas atitudes e elaboração de um projeto de vida.

Para a evolução de um trabalho com essa população é importante o estabelecimento de um vínculo autêntico entre o profissional, o adolescente e sua família. À medida que um contato verdadeiro é estabelecido entre o profissional – assistente social e psicólogo –, o adolescente e sua família, é possível ampliar as fronteiras de trabalho, principalmente porque a barreira impeditiva de uma comunicação, por exemplo: “vejo-o pelo delito cometido, é um ladrão, ele é mau...”, é transposta por meio do estabelecimento de um vínculo de confiança, em que o profissional seja capaz de dialogar e de escutar um sujeito que sofre, mais além do delito que o marcou.

Porque o “entre ambos” é uma relação a ser construída a dois, onde de um lado há um sujeito que se encontra dentro de um momento de seu desenvolvimento em conflito consigo mesmo e com a Lei, enredado na delinquência e, de outro, um profissional que possui um conhecimento e técnicas, que se coloca a serviço desse sujeito e sua família, para uma “segunda aprendizagem”. Esta é necessária para observar, perceber e refletir sobre os acontecimentos de suas vidas e encontrar um sentido, seus efeitos e integrações.

Uma dificuldade que pode tornar-se um impedimento para o trabalho na Instituição relaciona-se com o manejo da transferência e contratransferência. Dependendo do tipo de contratransferência¹

¹ Em *A dinâmica da transferência* (Freud, 1912), distinguiu transferência positiva, feita de ternura e de amor, da transferência negativa, feita de sentimentos hostis e agressivos. Também podem surgir, no mesmo sujeito, transferências mistas, que reproduzem os sentimentos ambivalentes da criança em relação aos pais.

presente nessa relação, o profissional pode entrar no registro da ordem da recusa e nada querer saber sobre aquele adolescente e sua família. Passando, então, a ficar em um nível superficial de comunicação, evitando entrar em contato com conteúdos mais profundos. Como resultado poderá ocorrer que cada um dos integrantes dessa relação estabeleceria um discurso que acredita que o outro queria ouvir. Além de o adolescente e seus membros familiares aprenderem a ler a linguagem não-verbal e perceberem os sinais de desagrado e a falta de afeto na face de seu interlocutor. Com efeito, algo que consideramos importante ao trabalhar com esses adolescentes e suas famílias é, em primeiro lugar, o profissional estar centrado em si mesmo, tendo consciência de suas expectativas frente aquele caso, conhecer seus valores, potencialidade, limites e estar instrumentalizado com um embasamento teórico para servir de diretriz em seu trabalho. Como o analista, o desejo do profissional é desatar o nó sintomático presente na vida dessas pessoas.

É comum para muitos profissionais da FEBEM-SP, diante de problemas decorrentes do comportamento do adolescente na Instituição e a impotência gerada por esse comportamento, dizerem: "a prática é diferente da teoria". Isso é verdade, até certo ponto. Sem nenhum referencial teórico também não conseguimos fazer uma leitura mais fidedigna do fenômeno humano com que estamos lidando, por outro lado a teoria é revista e ampliada com os dados de nossa prática.

A indagação e a ação são fatores intrínsecos que se enriquecem durante o processo da práxis, utilizando-se do conhecimento do funcionamento psíquico que rege a conduta dos seres humanos e sua organização social. Indagamos se muitos dos problemas apresentados na Instituição já não são conseqüências da ausência de uma concepção de homem consistente, visto que toda teoria implica uma concepção de homem e de mundo. A concepção de homem, presente na Instituição pela grande maioria dos profissionais institucionais perante o adolescente e sua família, está cristalizada na nomeação "É um ladrão", e uma questão se faz: seria teoria o suporte para melhoria do atendimento na FEBEM-SP?

A capacidade de entrar em contato empaticamente com as vivências do outro é algo que os livros não fornecem, é uma

característica que corresponde à personalidade do profissional, ao seu próprio *ethos*. Entretanto, manter proximidade e distância que permitam o discernimento e a reflexão de um determinado dado, é algo que pode ser aprimorado pela experiência e pelo investimento em sua formação, muitas vezes incluindo um percurso de análise pessoal.

Esse conjunto de informações de diversas áreas, somado a uma atitude de escuta, permite ao profissional o acesso a determinados aspectos desse sujeito e sua vida social. Exemplificando: saber que as pessoas do bairro "X" residiam em casas de madeira e ao longo dos anos conseguiram reformar suas casas e construí-las em blocos, são indicadores do nível de organização dessa comunidade e da família que, mesmo em condições adversas e de exclusão social, possuem recursos internos para a superação de entraves colocados por seu meio externo. Importa saber como essa família lida com esses fatores, superando-os ou negando-os etc. Nesse caso, a exclusão social é o fator limitante para todos os membros não só dessa família mas também para essa comunidade local.

Todos nós estamos expostos às condições socialmente dadas e determinantes de um lugar na sociedade. Culpabilizar as famílias e interagir com elas, a partir de sua determinação social com preconceito, com uma relação perpassada pela diferença de classe social, traz um ponto cego para essa relação peculiar que se dá fora do âmbito clínico, mas inserida em um outro campo que é o social e sua realidade concreta, através de suas instituições, atuando em problemas sociais e na condição de vida desses seres humanos.

Trabalhar com essa população impõe a interligação constante de fatores da vida psíquica do sujeito no seu grupo familiar e do grupo social. Há que se considerar que em toda família fatores internos ligados à dinâmica familiar e externos ao meio social estão presentes, independente de sua situação econômica. Fatores esses que podem facilitar ou impedir o desenvolvimento satisfatório de seus membros, já constitui a primeira ultrapassagem da desconstrução desse imaginário social que divide as famílias dentro dos registros da dicotomia: se for pobre, "a família é desestruturada, inadequada", se for rica, "a família é estruturada, adequada". Nessa concepção o profissional ficará paralisado e prisioneiro de seus

próprios enunciados, pois a palavra proferida transforma-se em profecia realizada.

E não podemos esquecer que dentro da família estão presentes vários jogos de força, que determinam lugares, posições, mas também sintomas, aspectos de saúde e forças construtivas, que determinam o destino das pulsões. Esse jogo de forças não é o ponto final. Consiste em algo dinâmico que se reconfigura ou que se fixa rigidamente em algum ponto, que vai se constituindo em um nó, onde os demais fatos são organizados.

O cometimento de delitos por adolescentes não significa que esse seja, em absoluto, um “criminoso ou perigoso”, como faz crer o imaginário social, que compreende que um jovem “errou” por descuidos básicos da sociedade como um todo. É sabido que os adolescentes autores de ato infracional, perversos ou psicóticos, são a minoria da população na Instituição. A psicologia, como campos de saberes, vem continuamente construindo novos conhecimentos, ampliando a desconstrução de discursos instituídos a respeito dessa população e da população excluída dos bens gerados pela cultura.

Para respondermos a uma de nossas indagações elaboradas no corpo deste trabalho a respeito de como interceder na criação de interditos e do estabelecimento das regras sociais, como um produto resultante desse processo de ressocialização, temos, entre outros fatores, que considerar o papel do psicólogo.

A função do psicólogo é discriminar os fenômenos com a máxima precisão possível, pois somos capazes de separar as funções do Juiz e do psicólogo.

O papel da psicologia como ciência neste contexto institucional está além do fato de subsidiar a leitura dos fatos que os profissionais da Justiça já têm por meio dos relatórios técnicos. A fundamentação científica tem como objetivo principal criar uma nova leitura e compreensão da situação, sem que o próprio profissional de psicologia esteja identificado com as normas institucionais, mas diferenciado do sistema que compõe a Instituição, em uma escuta que permita ao adolescente doar um sentido à sua existência e uma consequência de seus atos.

Caberiam, pois, as indagações: Qual a contribuição da psicologia possível dentro das instituições totais? Como auxiliar o sujeito

na constituição de sua saúde, entendida aqui no seu sentido mais amplo?

Contribuindo para que as pessoas que trabalham na Instituição exerçam suas tarefas sem abusar ou exceder do poder de sua atribuição, ou seja, a punição não pode ir além da medida socioeducativa instituída.

Entendemos que, enquanto lugar, as instituições podem concorrer para o nascimento do sujeito do desejo e não o da morte do sujeito desejante suportar as diferenças como um atributo da alteridade, e não podemos esquecer de que o adolescente é *a priori* um ser desejante, que necessita fazer escolhas para a sua autoterminação.

BIBLIOGRAFIA ■

- ABERASTURY, Arminda. *Adolescência normal*. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ALVES, Alda Judite. *O planejamento de pesquisas qualitativas em educação*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo (77): 53-61, maio 1991.
- ANASTASI, Anne. *Testes psicológicos*. 2.^a ed. Trad. de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1977.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Trad. de Dulce Duque Estrada. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Diagrama & Texto, 1983.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*. A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BLEICHMAR Hugo. *Introdução ao estudo das perversões: A teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Trad. de Emília de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BRUYNE, Paul de. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. Trad. de Ruth Joffily, prefácio de Jean Ladrière. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- CASTRO, Claudio de Moura. *A prática da pesquisa*. São Paulo: MacGraw-Hill do Brasil, 1977.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *Democracia aos pedaços, direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. 3.^a ed. Trad. e supervisão geral de Cláudia Corbisier. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ETKIN, Gustavo Ezequiel. *Uma introdução a Lacan: o real e metáfora paterna*. Salvador: Mathesis, 1996.

- FEBEM-SP. *Portaria Gabinete da Presidência n. 351/96 – Febem de criação da Unidade de Atendimento Técnico Inicial*. Procedimentos Técnicos do Atendimento. Proposta Inicial para a Medida de Internação, 1999.
- FEFFERMANN, Marisa. *Na fronteira da lei do fora-da-lei*: Um estudo sobre o discurso de crianças e adolescentes da periferia do município de São Paulo. Tese (Doutorado), USP, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id e outros trabalhos*. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. 2.^a ed. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. 19.
- _____. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. 1989, v. 12.
- _____. (1913 [1912]). *Totem e tabu*. S.d., v. 13.
- _____. (1915). *Instintos e vicissitudes*. 1974. v. 14.
- _____. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. 1976. v. 18.
- _____. (1924). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. 1989. v. 19.
- _____. (1926 [1925]). *Inibição, sintoma e angústia*. 1976, v. 20.
- _____. (1930 [1929]). *Mal-estar na civilização*. 1974. v. 21.
- FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado., 1993.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. de Dante Moreira. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Adolescentes em conflito com a lei*. Diretrizes de Ação Governamental. 1999.
- GUIRADO, Marlene. *A criança e a instituição FEBEM* – considerações feitas a partir de alguns casos de internação. São Paulo. 1979. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo: Instituto de Psicologia, 1979.
- _____. *Instituição e relações afetivas*: Um estudo feito na FEBEM-SP. São Paulo. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1985.
- _____. *Instituições e relações afetivas*: o vínculo com o Abandono. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Batiste. *Vocabulário de psicanálise*. 10.^a ed. Trad. e direção de Daniel Lagache. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LIMA, R. P. Reflexões sobre as práticas diagnósticas dos profissionais das equipes interdisciplinares da Febem do Estado de São Paulo. In: *O*

- discurso do profissional do social: contradições e contribuições*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Criança e o Adolescente-NCA, 1996.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MELMAN, Charles. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. Trad. de Rosane Pereira. Organização e revisão técnica e Contardo Calligaris. São Paulo: Escuta, 1992.
- NASIO, Juan-David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- OCAMPO, Maria Luísa Siquier de. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. Trad. de Miriam Felzenszwalb. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *C.I.D. 10*. Tradução Centro de Colaborador da OMS para classificação de doenças em Português. 2.^a ed. São Paulo: EDUSP, 1995.
- ORTIGUES, Marie-Cécile. *O Édipo africano*. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1989.
- REVISTA VEJA. Edição 1.616, ano 32, n. 38, Editora Abril, 22 de setembro de 1999.
- SOUZA, Audrey Setton Lopes de. *Pensando a inibição intelectual: perspectiva psicanalítica à proposta diagnóstica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes Tresser. *Liberdade assistida: uma polêmica em aberto*. Série Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Caderno 1. IEE-Instituto de Estudos Especiais da PUC-SP, 1994.
- TODOROV, Teodor. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Trad. de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TRINCA, Walter. *Diagnóstico psicológico. A prática clínica*. São Paulo: EPU, 1984.
- . *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias*. São Paulo: Vetor, 1997.
- . *O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WINNICOTT, D.W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZIZEK, S. *O mais sublime dos histéricos*. Hegel com Lacan. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.